

ANDRÉA MARISTELA BAUER TAMANINE

CURITIBA DA GENTE : UM ESTUDO SOBRE A VARIAÇÃO PRONOMINAL *NÓS/A GENTE* E A GRAMATICALIZAÇÃO DE *A GENTE* NA CIDADE DE CURITIBA - PR

CURITIBA

2010

ANDRÉA M. BAUER TAMANINE

CURITIBA DA GENTE: UM ESTUDO SOBRE A VARIAÇÃO PRONOMINAL *NÓS/A GENTE* E A GRAMATICALIZAÇÃO DE *A GENTE* NA CIDADE DE CURITIBA - PR

Tese apresentada como requisito parcial à obtenção do título de Doutora em Letras ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Paraná.

Área de Concentração: Estudos Lingüísticos

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Odete P. da S. Menon

CURITIBA

2010

Tamanine, Andréa Maristela Bauer

T153r Curitiba da gente: um estudo sobre a variação pronominal NÓS/A GENTE.e a gramaticalização de A GENTE na cidade de Curitiba -PR / Andréa Maristela Bauer Tamanine ; orient. Dr.<sup>a</sup> Odete P. da S. Menon – Curitiba : UFPR, 2010.

222f. ;il.: 30cm

Orientador: Odete P. da S. Menon  
Tese (Doutorado – em Letras na área de Concentração:  
Estudos Lingüísticos Universidade Federal do Paraná)

1.Língua portuguesa -Gramática. 2. Língua portuguesa  
Pronomes. I. Menon, Odete P. da S. II. Título.

CDD 469.5



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
 SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
 COORDENAÇÃO DO CURSO DE PÓS GRADUAÇÃO EM LETRAS

## PARECER

Defesa de tese da doutoranda ANDRÉA MARISTELA BAUER TAMANINE para obtenção do título de **Doutora em Letras**.

Os abaixo assinados ODETE PEREIRA DA SILVA MENON, EDAIR MARIA GÖRSKI, LOREMI LOREGIAN-PENKAL, IARA BEMQUERER COSTA, e JOSÉ LUIZ DA VEIGA MERCER arguíram, nesta data, a candidata, a qual apresentou a tese:

“CURITIBA DA GENTE: UM ESTUDO SOBRE A VARIAÇÃO PRONOMINAL NÓS/A GENTE E A GRAMATICALIZAÇÃO DE A GENTE NA CIDADE DE CURITIBA-PR”

Procedida a arguição segundo o protocolo que foi aprovado pelo Colegiado do Curso, a Banca é de parecer que a candidata está apta ao título de **Doutora em Letras**, tendo merecido os conceitos abaixo:

Banca	Assinatura	APROVADA Não APROVADA
ODETE PEREIRA DA S. MENON		Aprovada
EDAIR MARIA GÖRSKI		Aprovada
LOREMI LOREGIAN-PENKAL		Aprovada
IARA BEMQUERER COSTA		Aprovada
JOSÉ LUIZ DA VEIGA MERCER		Aprovada

Curitiba, 31 de março de 2010

Prof. Dr. Maria José Foltran  
 Coordenadora

Profª Drª Maria José Foltran  
 Coordenadora  
 Matrícula SIAPE: 0344084



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ**  
**SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES**  
 COORDENAÇÃO DO CURSO DE PÓS GRADUAÇÃO EM LETRAS

Ata quadringentésima sexagésima nona, referente à sessão pública de defesa de tese para a obtenção de título de doutor a que se submeteu a doutoranda **ANDRÉA MARISTELA BAUER TAMANINE**. No dia trinta e um de março de dois mil e dez, às quatorze horas, na sala 1005-B, 10.º andar, no Edifício Dom Pedro I, do Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná, foram instalados os trabalhos da Banca Examinadora, constituída pelos seguintes Professores Doutores: **ODETE PEREIRA DA SILVA MENON**, PRESIDENTE, **EDAIR MARIA GÖRSKI**, **LOREMI LOREGIAN-PENKAL**, **IARA BEMQUERER COSTA** E **JOSÉ LUIZ DA VEIGA MERCER**, designados pelo Colegiado do Curso de Pós-Graduação em Letras, para a sessão pública de defesa de tese intitulada “**CURITIBA DA GENTE: UM ESTUDO SOBRE A VARIAÇÃO PRONOMINAL NÓS / A GENTE E A GRAMATICALIZAÇÃO DE A GENTE NA CIDADE DE CURITIBA - PR**”, apresentada por **ANDRÉA MARISTELA BAUER TAMANINE**. A sessão teve início com a apresentação oral da doutoranda sobre o estudo desenvolvido. Logo após a senhora presidente dos trabalhos concedeu a palavra a cada um dos Examinadores para as suas arguições. Em seguida, a candidata apresentou sua defesa. Na sequência, a Professora **ODETE PEREIRA DA SILVA MENON** retomou a palavra para as considerações finais. Na continuação, a Banca Examinadora, reunida sigilosamente, decidiu pela aprovação da candidata. Em seguida, a senhora Presidente declarou **APROVADA** a candidata, que recebeu o título de **Doutora em Letras**, área de concentração **Estudos Linguísticos**, devendo encaminhar à Coordenação, em até 60 dias, a versão final da tese. Encerrada a sessão, lavrou-se a presente ata, que vai assinada pela Banca Examinadora e pela candidata. Feita em Curitiba, no dia trinta e um de março de dois mil e dez.

XX

Dr.ª Odete Pereira da Silva Menon

Dr.ª Eclair Maria Görski

Dr.ª Loremi Loregian-Penkhal

Dr.ª Iara Bemquerer Costa

Dr. José Luiz da Veiga Mercer

Andréa Maristela Bauer Tamanine

Para Sandra.

## AGRADECIMENTOS

A Deus, pela presença sentida em todas as etapas do caminho trilhado;  
à Sandra, onde estiver, sei que sabe o quanto é responsável por essa conquista;  
ao meu marido Lauro e meu filho Lauro Henrique, meus maiores amores, pela paciência e renúncias em razão de meus objetivos;  
ao “Lauro aprendiz de lingüista”, que me auxiliou em tarefas de digitação, que jamais compreendeu, sem reclamar;  
aos meus pais, Alfeu e Eluir, pelo apoio incondicional;  
aos meus irmãos, em especial Lenara e Jefferson, companheiros incansáveis e indispensáveis em minha vida;  
à Simone e Giucélia, amigas acima de tudo;  
à Prof.<sup>a</sup> Maria da Graça, responsável pela oportunidade que tive de ingressar na carreira acadêmica e ainda apoiadora constante;  
aos colegas de trabalho pelas palavras e ações de incentivo, assim como ao apoio financeiro dado pela Univille;  
à UFPR, por meio do Programa de Pós-Graduação em Letras, pela excelência de seu trabalho e, em especial, ao competente e atencioso Odair;  
aos avaliadores deste trabalho em suas etapas pré-defesa e defesa pelas considerações preciosas, em especial à Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Edair Görski e ao Prof. Dr. José L. da V. Mercer.

Agradeço de maneira especialíssima à Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Odete P. da S. Menon, verdadeira mestra que soube dividir seu conhecimento para multiplicar a minha capacidade de aprendizado: não há como mensurar na palavra “obrigada” tudo o que significou tê-la como mentora. Espero que *a gente* possa realizar outros trabalhos juntas e que, com eles, *nós* tragamos à tona outras contribuições para o estudo do Português Brasileiro.

## ABSTRACT

The main objective of this work was investigating the variational process *nós/ a gente* in the position of the subject and the grammaticalization of *a gente* from the linguistic and social variables analysis in an oral set of data of informants of Curitiba, capital of Parana. The data were provided by the VARSUL project – Urban Linguistic Variation of the South Region of Brazil. The analysis included 32 interviews equally divided among schooling levels, age and sex of the informants. The theoretical and methodological basis of the investigation was, especially, centered in the presuppositions of the grammaticalization and the Variationist Theory (WEINREICH, LABOV & HERZOG, 1968). The quantitative technical procedures used in the data analysis related to the favoring contexts of the alternation of the pronominal forms *nós/ a gente* and of the grammaticalization of *a gente* investigated had as basis the package of programs that the pronoun *a gente*, in variation with *nós*, presented higher tendency of use among the younger Curitiba women and that the descriptive text, as well as the stative verbs, are contexts of the use of *nós* retention among the informants. The expressive occurrence of *a gente* in the function of subject indicates its specialization, advanced degree of grammaticalization according to Hopper (1991), and its use in this function pointed out significant presence in determined contexts, before mainly occupied by *nós*, important facts for the certification of the continuous flow in the process of change of *a gente*. In the case of the phonetic reduction *a gente* > *a 'ente*, the reduced data represented only 15% among the occurrences of *a gente*, what can even be considered a small number of affirmations, but the fact need to be treated like a display that the phenomena occurs that must deserve deeper observation.

Keywords: Variationist sociolinguistics; pronominal variation *nós/ a gente*; grammaticalization of *a gente*.



## RESUMO

O objetivo central deste trabalho foi investigar a variação entre *nós/ a gente* na posição de sujeito e a gramaticalização de *a gente* a partir da análise das variáveis lingüísticas e sociais em um conjunto de dados orais de informantes de Curitiba, capital do Paraná. Os dados foram disponibilizados pelo Projeto VARSUL - Variação Lingüística Urbana da Região Sul do Brasil, sendo que a análise contemplou 32 entrevistas divididas igualmente entre níveis de escolaridade, faixa etária e sexo dos informantes. A base teórica e metodológica da investigação centrou-se, especialmente, nos pressupostos da gramaticalização e da Teoria Variacionista (WEINREICH, LABOV & HERZOG, 1968). Os procedimentos técnicos quantitativos utilizados na análise dos dados relativos aos contextos favorecedores da alternância das formas pronominais *nós/ a gente* e da gramaticalização de *a gente* investigados tiveram por base o pacote de programas estatísticos VARBRUL (PINTZUK, 1988). Entre os resultados obtidos na amostra, destaca-se que o pronome *a gente*, em variação com *nós*, apresentou maior tendência de uso entre as curitibanas mais jovens e que o *texto descritivo* e os *verbos estativos* são contextos de retenção do uso de *nós* entre os informantes. A expressiva ocorrência de *a gente* na função de sujeito indica sua *especialização*, estágio avançado da gramaticalização segundo Hopper (1991), e o seu uso nesta função apontou significativa presença como *determinador*, sentido preferencialmente representado pelo uso de *nós* até então, fatos importantes para constatação do fluxo contínuo no processo de mudança de *a gente*. No caso da redução fonética *a gente* > *a 'ente*, os dados reduzidos representaram apenas 15% entre as ocorrências de *a gente*, o que se considera um número pequeno para afirmações seguras, mas fato que precisa ser tratado como mostra de que o fenômeno ocorre e que deve merecer observação mais aprofundada.

Palavras-chave: sociolingüística variacionista; variação pronominal *nós/ a gente*, gramaticalização de *a gente*.

## LISTA DE TABELAS

<b>TABELA 1</b> - Seleção de Perífrases de uso comum entre <i>nós e a gente</i> no <i>corpus</i> .....	129
<b>TABELA 2</b> – Os 10 verbos mais recorrentes de uso comum entre <i>nós e a gente</i> no <i>corpus</i> .....	131
<b>TABELA 3</b> - Distribuição geral de ocorrências nos grupos de fatores testados em Curitiba.....	206
<b>TABELA 4</b> – Resultados probabilísticos de <i>nós</i> e de <i>a gente</i> na posição de sujeito – aplicação <i>a gente - morfofonologia - input .64</i> .....	156
<b>TABELA 5</b> – Resultados probabilísticos de <i>nós</i> e de <i>a gente</i> na posição de sujeito – aplicação <i>a gente - estilo/discurso - input .64</i> .....	164
<b>TABELA 6</b> – Resultados probabilísticos de <i>nós</i> e de <i>a gente</i> na posição de sujeito – aplicação <i>a gente - variáveis sociais - input .64</i> .....	168
<b>TABELA 7</b> – Realizações fonéticas de <i>a gente</i> em Curitiba – aplicação <i>Variante 1 - input .90</i> .....	173
<b>TABELA 8</b> – Distribuição das realizações fonéticas de <i>a gente</i> nos fatores <i>determinação/indeterminação</i> – total 1.085 ocorrências.....	184
<b>TABELA 9</b> - Distribuição de ocorrências de <i>nós</i> e de <i>a gente</i> quanto à função sintática na frase.....	187
<b>TABELA 10</b> – Distribuição das realizações fonéticas de <i>a gente</i> nos fatores <i>determinação/indeterminação</i> – total 1.085 ocorrências.....	189
<b>TABELA 11</b> – Distribuição de ocorrências de <i>nós</i> e de <i>a gente</i> quanto à função sintática na frase – total 2.432 dados.....	190
<b>TABELA 12</b> - Levantamento geral de verbos junto a <i>nós</i> e <i>a gente</i> nos dados de Curitiba.....	189
<b>TABELA 13</b> - Levantamento de formas verbais e perífrases não-comuns a <i>nós</i> e <i>a gente</i> nos dados de Curitiba.....	213
<b>TABELA 14</b> – Rodadas com casos de <i>nós</i> e de <i>a gente</i> exclusivamente em contextos de <i>determinação</i> e exclusivamente em contextos de <i>indeterminação</i> nos dados de Curitiba.....	221
<b>TABELA 15</b> - Perífrases verbais comuns a <i>nós</i> e <i>a gente</i> nos dados de Curitiba.....	209
<b>TABELA 16</b> - Verbos comuns a <i>nós</i> e <i>a gente</i> nos dados de Curitiba.....	210

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

QUADRO 1 - Representação da cadeia de transformação sofrida no processo de gramaticalização de <i>a gente</i> de acordo com Menon (1995) .....	24
QUADRO 2 - Representação da cadeia de transformação fonética sofrida no processo de gramaticalização de <i>a gente</i> segundo Menon.....	26
QUADRO 3 - Traços morfo-semânticos de gênero, número e pessoa de <i>gente</i> e <i>a gente</i> segundo Lopes (2004) .....	29
QUADRO 4 - Variantes fonéticas da realização de <i>a gente</i> segundo Zilles (2002).....	30
QUADRO 5 - Codificação geral das ocorrências de <i>nós</i> e de <i>a gente</i> no corpus.....	142
QUADRO 6 - Resultado das rodadas para testagem da interferência dos grupos de fatores tonicidade e tempo verbal na rodada geral dos dados de Curitiba.....	161
QUADRO 7 - Resultado da rodada probabilística com dados de <i>nós</i> e de <i>a gente</i> em Curitiba – aplicação indeterminação .....	167
QUADRO 8 - Resultado das rodadas para testagem da interferência do fator descrição na rodada geral dos dados de Curitiba.....	169
QUADRO 9 - Resultado comparativo entre as rodadas com casos de <i>nós</i> e de <i>a gente</i> exclusivamente em contextos de <i>determinação</i> e exclusivamente de <i>indeterminação</i> nos dados de Curitiba.....	171
QUADRO 10 - Resultado da rodada geral sem paralelismos X resultado da 1. <sup>a</sup> rodada geral com paralelismos nos dados de Curitiba.....	179
QUADRO 11 – Variantes consideradas na rodada com dados de redução fonética de <i>a gente</i> nos dados de Curitiba.....	184
GRÁFICO 1 – Distribuição geral dos dados de <i>nós e a gente</i> em Curitiba, na posição de sujeito, entre ocorrências isoladas, seqüências binárias e seqüências ternárias.....	150
GRÁFICO 2 – Distribuição geral dos dados de <i>nós</i> e de <i>a gente</i> na posição de sujeito preenchido e não-preenchido.....	153
GRÁFICO 3 – Percentuais da distribuição de <i>nós</i> e de <i>a gente</i> na posição de sujeito entre <i>sexo</i> e <i>escolaridade</i> .....	175

## SUMÁRIO

ABSTRACT .....	8
RESUMO .....	9
LISTA DE TABELAS .....	10
LISTA DE ILUSTRAÇÕES .....	10
INTRODUÇÃO.....	14
1. OS FENÔMENOS EM ESTUDO.....	21
1.1 A cidade de Curitiba.....	21
1.1.1 Curitiba <i>da gente</i> .....	22
1.2 A gramaticalização de <i>a gente</i> .....	23
1.3 <i>Nós e a gente</i> : definições e usos apresentados em dicionários e gramáticas.....	31
1.4 Antecedentes no estudo da alternância <i>nós/ a gente</i> .....	52
2. FUNDAMENTOS TEÓRICOS DA GRAMATICALIZAÇÃO, VARIAÇÃO E MUDANÇA .....	71
2.1 A gramaticalização .....	71
2.2 A sociolinguística variacionista, a variação e a mudança linguística.....	78
3. METODOLOGIA.....	82
3.1 A unidade de análise: o tópico discursivo .....	833
3.2 Sobre a classificação semântica de referentes .....	89
3.3 O envelope de variação.....	101
3.3.1 Variáveis linguísticas em análise: <i>nós /a gente</i> .....	101
3.3.1.1 As variáveis dependentes.....	102
3.3.2 Variáveis independentes para análise dos pronomes-sujeito.....	106
3.3.2.1 Determinação do referente.....	1066
3.3.2.2 Discurso relatado .....	114
3.3.2.3 Tipo de texto.....	116
3.3.2.4 Verbo: par de variáveis.....	121
3.3.2.5 Tempo verbal.....	133
3.3.2.6 Concordância verbal .....	1355
3.3.2.7 Tonicidade .....	13636
3.3.2.8 Paralelismos.....	137
3.4 Variáveis linguísticas envolvendo <i>nós/ a gente</i> em funções sintáticas não sujeito.....	1411
3.5 Variáveis sociais .....	1422
3.6 Dados desconsiderados na análise.....	145
3.7 O VARSUL e a amostra utilizada .....	1466
3.8 O pacote estatístico VARBRUL.....	1477
4. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS .....	1499
4.1 Resultados percentuais relativos à variação pronominal <i>nós/ a gente</i> .....	1499
4.2 Resultados relativos à variação pronominal <i>nós/ a gente</i> em rodada geral no VARBRUL	

.....	1544
4.3 Resultados da rodada com os pronomes nós e a gente em paralelismo .....	1777
4.4 Resultados da distribuição entre as variantes da realização fonética de a gente no corpus de Curitiba .....	1833
4.5 Resultados probabilísticos entre as variantes da realização fonética de a gente no corpus de Curitiba .....	1866
4.6 Resultados da distribuição de nós e de a gente em diferentes funções sintáticas em Curitiba .....	19090
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	19292
REFERÊNCIAS.....	196
ANEXO 1 - Artigo: "A casa da gente", publicado na Gazeta do Povo, em abril de 2005, por Beto Richa .....	2055
ANEXO 2 - Tabela 3 - Distribuição geral de ocorrências nos grupos de fatores testados em Curitiba.....	2066
ANEXO 3 - Tabela 15 - Perífrases verbais comuns a nós e a gente nos dados de Curitiba.....	209
ANEXO 4 - Tabela 16 - Verbos comuns a nós e a gente nos dados de Curitiba.....	21010
ANEXO 5 - Tabela 12 - Levantamento geral de verbos junto a nós e a gente nos dados de Curitiba.....	2133
ANEXO 6 - Tabela 13 - Levantamento de formas verbais e perífrases não-comuns a nós e a gente nos dados de Curitiba.....	2188
ANEXO 7 - Tabela 14 - Rodadas com casos de <i>nós</i> e de <i>a gente</i> exclusivamente em contextos de <i>determinação</i> e exclusivamente de <i>indeterminação</i> nos dados de Curitiba.....	221

## INTRODUÇÃO

O nosso contato direto com o tema variação *nós/a gente* no português brasileiro<sup>1</sup> teve início enquanto aluna do Programa de Mestrado em Letras da Universidade Federal do Paraná - UFPR, em 2000, quando utilizava, para trabalho de disciplina, o banco de dados de entrevistas do VARSUL - Variação Lingüística Urbana da Região Sul do Brasil - para levantamento do uso dos pronomes *nós* e *a gente* em dados da cidade de Londrina – PR (DIÓRIO JR.; TAMANINE; DA SILVA, 2000). Depois, o VARSUL foi usado para a dissertação, com recorte que envolveu as cidades catarinenses de Blumenau, Lages e Chapecó (TAMANINE, 2002). Nos dois casos, atuamos sob orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Odete Menon.

Em 2005, então aluna ingressante do Programa de Doutorado da UFPR, novamente sob a orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Odete Menon, o tema da variação *nós/a gente* foi retomado – assim como o Banco de Dados do VARSUL - para análise das entrevistas de Curitiba, capital do Paraná. Os dois pronomes já haviam sido tratados por Borba (1993) e Setti (1997) com dados da capital curitibana, porém em abordagens diferenciadas daquela aqui apresentada. Neste caso, foi abordada a variação entre *nós* e *a gente* e a gramaticalização de *a gente*, além do fato de que os estudos anteriores sobre Curitiba não tiveram acesso à integralidade dos dados ora analisados, conforme explicado a seguir.

A primeira fase de composição do VARSUL<sup>2</sup> realizou a gravação de 24 entrevistas como *corpus* para cada cidade selecionada nos três estados do Sul. Dez anos após, nova coleta foi feita para as capitais, somando 20 novas entrevistas, divididas para composição de duas novas variáveis sociais: informantes universitários (8 entrevistas) e informantes de faixa etária entre 16 e 25 anos (12 entrevistas). O total de entrevistas nas três capitais, portanto, chegou a 44. No caso de Curitiba, essas 20 novas entrevistas ainda não haviam sido incluídas em pesquisas anteriores por não estarem completamente selecionadas entre o rol de gravações

---

<sup>1</sup> A definição *português brasileiro*, doravante PB, se deve à distinção deste com o *português europeu* – PE.

<sup>2</sup> A constituição do Banco de Dados VARSUL iniciou-se com três escolaridades (primário, ginásio e secundário) e duas faixas etárias (25 a 49 anos e 50 anos ou mais) e será apresentada em detalhes no capítulo 3, que trata da metodologia utilizada, acrescida a escolaridade universitária.

realizadas e, esta seleção, totalmente transcrita. Neste trabalho de tese, somaram-se esforços para a transcrição de entrevistas a fim de oportunizar a análise das “novas” gravações.

No entanto, das 12 entrevistas da faixa etária mais jovem, apenas oito foram transcritas e codificadas de acordo com as variáveis testadas nesta investigação, portanto não se completando de forma equânime a composição de células das variáveis sociais e, por conseguinte, impedindo a análise estatística dessa faixa etária nesta investigação. Isso ocorreu em razão de imprevisto na disponibilidade de gravações em condições para transcrição, fato somado ao tempo reduzido disponível para o término da pesquisa quando dessa constatação. Acredita-se que, em breve, o problema será solucionado e os dados serão incorporados na análise, porém em trabalho complementar à tese.

Assim sendo, o *corpus* total analisado e discutido nesta investigação foi composto por 32 entrevistas de falantes curitibanos em que estão contempladas duas faixas etárias (A - 25 a 49 anos e B - 50 anos ou mais), *sexo* masculino e feminino e quatro escolaridades: *primário*, *ginásio*, *secundário* e *ensino superior* (universitário), em conformidade com a organização do VARSUL.

Voltando a falar de Borba (1993) e Setti (1997), autoras dos trabalhos anteriores que tiveram os dados de Curitiba como material de análise para estudo de variação sobre os pronomes *nós* e *a gente*, ambos originaram-se de pesquisa acadêmica desenvolvida na UFPR, com uso do VARSUL, sob orientação das professoras doutoras Iara Benquerer Costa (o trabalho de Borba) e Odete Menon (o trabalho de Setti). Borba (1993), em trabalho de iniciação científica, tratou do *corpus* com dados coletados em 04 entrevistas (entre as 24 que posteriormente foram disponibilizadas), a título de projeto-piloto para realização de análise futura. O trabalho foi centrado sobre o uso de *nós* e *a gente* como pronomes sujeito em contextos sociais e lingüísticos.

A dissertação de Setti (1997) tratou da indeterminação do sujeito nas três capitais do sul do Brasil. Setti analisou 72 entrevistas do VARSUL, divididas igualmente entre as cidades de Florianópolis, Porto Alegre e Curitiba, sendo que nesta localidade utilizou as 24 entrevistas da primeira coleta do VARSUL nas capitais. No trabalho, os pronomes *nós* e *a gente* foram considerados como possibilidades, entre outros fatores listados, de indeterminação do sujeito (SETTI, 1997, teve como parâmetro para seleção das variantes o trabalho de MENON, 1994, feito com dados do Banco Norma Lingüística Urbana Culta - NURC -SP. SETTI acresceu ao grupo de variantes definidas por MENON a variante *tu*, não encontrada no NURC-SP, mas presente no VARSUL).

Tanto o trabalho de Setti (1997) quanto o de Borba (1993) foram contribuições importantes ao desenvolvimento deste estudo e serão tratados em maiores detalhes na revisão da literatura. Conforme destaque anterior, as abordagens dos trabalhos já realizados com dados de fala dos curitibanos tiveram características diferenciadas do estudo aqui desenvolvido, mas, na medida do possível, resultados que puderam sofrer comparação foram tratados a fim de ampliar a contribuição de todos os pesquisadores envolvidos.

Sobre a investigação do fenômeno de variação *nós/a gente* em diferentes contextos do cenário nacional, destacam-se como referências as investigações realizadas por Omena, em investigação realizada em 1978 e publicada em 1996 - com dados do Projeto Censo Lingüístico do Rio de Janeiro; Menon (1994 e 2006), com dados do NURC/São Paulo; Menon (1995, 1996 e 2006); Zilles (2002) com dados de Porto Alegre e Lopes (2003), com base em *corpora* de escrita (século XIII ao XX) e de fala (século XX), e *corpus* constituído por entrevistas do Projeto NURC-RJ feitas na década de 70 e na década de 90.

Entre outros trabalhos relacionados aos fenômenos de gramaticalização de *a gente* no paradigma dos pronomes no PB, são utilizados na discussão os resultados de Albán e Freitas (1991, 1991a, 1991b), que trabalharam com dados do NURC de Salvador; Lopes (1993), com dados do NURC das cidades do Rio de Janeiro, Porto Alegre e Salvador e, em 1999, com dados do Rio de Janeiro em estudo de tendência; Monteiro (1994), que analisou dados das cinco regiões que compõem o NURC; Seara (2000), com análise realizada sobre dados do VARSUL de Florianópolis; Zilles (2002) que tratou da gramaticalização de *a gente* em Porto Alegre com dados do VARSUL; Tamanine (2002), que estudou a variação *nós/a gente* em dados oriundos do VARSUL das cidades de Lages, Blumenau e Chapecó; Silva (2004) sobre *nós* e *a gente* como estratégias de designação referencial e Borges (2004), que analisou a variação entre *nós* e *a gente* e a gramaticalização de *a gente* em dados escritos oriundos de peças de teatro gaúchas produzidas entre os anos de 1896 e 1995, e em dados de fala pertencentes ao BDS Pampa – Banco de Dados Sociolingüísticos da Fronteira e Campanha Sul-Rio-Grandense, cidade de Jaguarão, e VarX – Banco de Dados por Classe Social, da cidade de Pelotas.

A investigação subsidiou-se na contribuição dos estudos já mencionados para tratar da variação entre *nós* e *a gente* como pronomes-sujeito, assim como para focalizar aspectos da gramaticalização de *a gente* presentes nos dados de fala dos curitibanos. Adota-se como verdade que, em contextos determinados de interlocução, *nós* e *a gente* podem assumir a mesma função com o mesmo sentido referencial, portanto concorrem quando, em um



enunciado, o uso de uma forma se sobrepõe ao uso da outra para a mesma função e com a mesma referência – assim, ambos concorrem como pronomes de 1.<sup>a</sup> pessoa indeterminadores e concorrem também como pronomes de 1.<sup>a</sup> pessoa determinadores. Ao mesmo tempo, também co-ocorrem, já que as duas formas podem ser usadas para a mesma função, porém com sentido referencial distinto: indeterminador ou determinador.

Também parte-se do princípio de que a entrada de *a gente* no paradigma dos pronomes pessoais do PB e sua convivência e concorrência com *nós* é fruto de uma série de mudanças inter-relacionadas, um *continuum* provocado pela sua gramaticalização como pronome. Neste estudo, a concepção do processo de gramaticalização está baseada especialmente em estudos de Meillet (1965 [1912]), Traugott & Heine (1991), Hopper (1991) e Hopper & Traugott (1993) e Givón e, em linhas gerais, compreende a passagem de itens lexicais a gramaticais e destes, quando gramaticalizados, a passagem de níveis “menos” gramaticais para “mais” gramaticais.

No estudo da variação e mudança, é a Sociolinguística Laboviana que sustenta a discussão, conforme Weinreich, Labov & Herzog (1968). Outros modelos teóricos foram utilizados para realização da análise a partir das hipóteses formuladas – como o Funcionalismo e a Linguística Textual – compondo o que Lopes (2003) defendeu como “proposta teórico-metodológica eclética”, afirmando que “flexibilizar a aplicação de diferentes correntes lingüísticas (Funcionalismo, Gerativismo e Teoria da Variação) pode contribuir, no que tange à inserção de novas formas no sistema pronominal, para uma descrição mais eficaz da gramática do português” (idem, p. 4).

Adotou-se a definição de linguagem como “atividade de interação social e a conseqüente eleição do produto dessa interação - o texto - como objeto de estudo”, portanto o olhar sobre *nós* e *a gente* implicou no envolvimento de componentes lingüísticos e pragmáticos. Nesse olhar, o componente pragmático foi visto por meio das marcas do processamento formulativo-interacional materializadas linguisticamente no texto (JUBRAN, 2006, p.29). A partir desse posicionamento, definiu-se como unidade analítica o *tópico discursivo*. O *tópico* vai além do nível oracional e de turnos de conversação e é orientado pelo processo colaborativo entre “os participantes do ato interacional na construção da conversação, assentada em um complexo de fatores contextuais” conforme definição de Jubran (2006, p. 90).

Para efeitos desta análise, o *tópico discursivo* foi observado a partir de *segmentos tópicos*, recortes feitos pelo analista em termos do reconhecimento de traços que compõem o

princípio de *centração* e “eventual e complementarmente, serem delimitados por marcas lingüístico-discursivas de abertura e fecho tópicos” (idem, p. 90), possibilitando de maneira objetiva a demarcação interna de segmentos tópicos em um texto falado. A unidade analítica é explicada em maiores detalhes no capítulo da metodologia (capítulo 3).

Então, visando oportunizar complementaridade e avanços nas discussões em andamento na literatura sobre o uso de *nós* e *a gente* no PB, dois objetivos centrais foram definidos quanto ao processo de variação *nós/a gente* na função de sujeito:

1) investigar os usos desses pronomes em contextos de *ocorrência isolada e ocorrências em paralelismo pronominal binário, ternário ou eneário*, assim como em *tipos textuais*, a saber, *narração, descrição, dissertação e injunção*;

2) no âmbito da gramaticalização de *a gente*, investigar o processo de redução fonética representado pela variação *a gente > a 'ente > 'ente > 'te* e outras realizações reduzidas que porventura forem encontradas.

A análise dos pronomes contemplará condicionamentos lingüísticos tais *como preenchimento e não-preenchimento das formas; determinação e indeterminação do referente; tipo de verbo; tipos de perífrases, tempo e concordância verbal, tipo de discurso e tipos de texto*. Nos condicionamentos sociais, *sexo, faixa etária e escolaridade dos informantes* serão as variáveis controladas.

As hipóteses serão detalhadas no capítulo 3, durante a descrição da metodologia, mas a título de indicação dos nortes considerados na análise do *corpus*, são apresentadas as principais postulações feitas no âmbito dos condicionamentos lingüísticos da variação entre *nós* e *a gente* na fala dos curitibanos:

1. a alternância entre *nós* e *a gente* se dará em maior número no sentido de substituição de *nós* por *a gente*;

2. entre *nós* e *a gente*, o uso de *a gente* apresentará avanço significativo na *determinação*, enquanto que o uso de *nós* será representativo na *indeterminação*;

3. em relação à concordância verbal, a maior frequência será constatada para a concordância esperada “*a gente* com  $\emptyset$ ”. Casos de concordância “*a gente* com *-mos*” ocorrerão com frequência pouco significativa se comparada ao número de casos da primeira concordância mencionada. Quanto ao uso de *nós*, a concordância “*nós* com *-mos*” será a mais freqüente no *corpus*;

4. os verbos estativos reterão o uso de *nós*;

5. as perífrases representarão contexto lingüístico significativo favorável ao uso de *nós*;

6. o tipo de texto *narrativo* será o mais freqüente na amostra e condicionará a presença de *a gente*.

Em relação aos fatores sociais, acredita-se que a variação entre o uso dos pronomes *nós* e *a gente* na fala dos curitibanos apresentará os seguintes contextos:

1. será a faixa etária mais jovem que mais condicionará a alternância para o uso de *a gente*;

2. serão as mulheres curitibanas que estarão na liderança geral do uso de *a gente*;

3. os informantes mais escolarizados da amostra usarão *a gente* com mais freqüência do que usarão *nós*.

Quanto ao estudo da gramaticalização de *a gente* e ao fenômeno de variação representado pelo processo de redução fonética de *a gente*, a hipótese considerada é de que:

1. a realização plena de *a gente* será mais freqüente do que suas realizações reduzidas;

2. serão as mulheres da faixa etária mais jovem que mais reduzirão foneticamente a realização de *a gente*;

3. entre as formas reduzidas de *a gente*, o uso do pronome com referência determinada será favorecido entre as formas reduzidas.

Além das ocorrências de *nós* e de *a gente* na posição de sujeito, outras funções sintáticas em que as formas ocorram, como adjunto adverbial, adjunto adnominal e complemento, serão levantadas. Neste caso, a expectativa é de que:

1. haverá maior ocorrência de *nós* e de *a gente* na função sintática de sujeito, sendo que nesta função *a gente* será mais recorrente. Em outras funções sintáticas, *nós* e *a gente* serão mais freqüentes na função de adjunto adverbial (OMENA, 1996).

Com vistas a facilitar a leitura e compreensão do trabalho, esta introdução apresentou justificativas para a escolha do tema, assim como aspectos que dão relevância ao estudo da fala dos curitibanos. O *corpus* utilizado, decisões metodológicas e os objetivos centrais da pesquisa foram expostos em linhas gerais a fim de oferecer, juntamente com menção das hipóteses, uma visão geral do que se pretende nesta investigação.

As demais etapas da investigação estão assim organizadas: no capítulo primeiro, para apresentar os objetos de estudo - a variação *nós/a gente* e a gramaticalização de *a gente* - são informados inicialmente dados gerais sobre a cidade de Curitiba, a fim de proporcionar

melhor caracterização da origem dos dados. Depois, trata-se da gramaticalização de *a gente*, contextualizando sua entrada como concorrente do pronome *nós* no PB. Para auxiliar na construção do cenário sobre os dois pronomes no PB, é verificada a maneira como *nós* e *a gente* são mencionados/avaliados em alguns dicionários e gramáticas.

A revisão de diferentes estudos sobre os fenômenos em tela é apresentada no segundo capítulo para dar sustentação aos caminhos percorridos nesta investigação. A revisão teve como objetivo mostrar o cenário atual de pesquisas no PB sobre o tema abordado, permitir cotejos entre os resultados disponíveis e os dados de Curitiba e oportunizar a avaliação de avanços quando da análise dos resultados.

A orientação teórica é acrescida, no terceiro capítulo, por alguns dos conceitos que norteiam as discussões sobre a gramaticalização e a sociolingüística variacionista.

No capítulo quatro, é descrita a metodologia de realização do estudo. São destaques o banco de dados construído pelo projeto VARSUL e a forma de composição das entrevistas, os programas estatísticos que deram suporte à obtenção dos dados quantitativos e os métodos de análise. Neste capítulo são apresentadas as variáveis independentes e dependentes consideradas na pesquisa.

Os resultados obtidos e sua discussão são o foco do capítulo cinco, seguido das considerações finais sobre os principais resultados encontrados a partir das hipóteses e objetivos inicialmente levantados.

## 1. OS FENÔMENOS EM ESTUDO

Neste capítulo, a fim de apresentar os objetos em estudo, a variação entre os usos de *nós* – doravante também tratado por forma mais antiga, canônica ou conservadora - e de *a gente* – por vezes aqui denominada de forma mais recente, nova ou inovadora – e a gramaticalização de *a gente* na fala de informantes da cidade de Curitiba, inicialmente será contextualizada a localidade envolvida por meio de informações referentes às características de sua formação histórica, a composição étnica de sua população e dados econômicos atuais. Entendeu-se que essas informações da cidade poderão ajudar na melhor caracterização dos informantes e, por consequência, permitir visão mais abrangente sobre os dados de fala.

Depois, apresenta-se a descrição do caminho pelo qual *a gente* pode ter seguido para se tornar concorrente de *nós* como pronome pessoal (MENON 1995 e 1996 e LOPES, 1999) e, em um segundo momento, de sua gramaticalização e processo de redução fonética (MENON, 1995 e 1996 e ZILLES, 2002).

Apresentada a entrada de *a gente* no paradigma dos pronomes pessoais do PB, são tratados os resultados de consulta realizada a alguns dicionários e gramáticas para verificar se haveria a menção de *a gente* como sujeito e/ou expressão pronominal de valor possessivo (*da gente* formada pela locução nominal *de + pronome*) e, caso houvesse, de que maneira foi feita. A intenção foi descobrir nesses materiais até que ponto *a gente* é reconhecido como pronome pessoal ou como pronome possessivo.

### 1.1 A cidade de Curitiba

Curitiba foi fundada em 29 de março de 1693 e, durante o século XVII, a mineração e a agricultura de subsistência eram as principais atividades econômicas. Novo marco econômico se estabeleceu entre os séculos XVIII e XIX com a atividade tropeira derivada da pecuária. Em razão do trajeto entre Viamão, no Rio Grande do Sul, e a Feira de Sorocaba, em São Paulo, os tropeiros – condutores de gado – tinham passagem pelos “campos de Curitiba”. Com os invernos rigorosos e as dificuldades do tempo, as fazendas nesses campos se tornavam locais para “invernada”, ou seja, paradas estratégicas para espera da melhora do

tempo e seqüência da viagem. Essa necessidade de permanência e de abertura de novos caminhos de passagem acabou por contribuir na formação de povoados.

Outro ciclo econômico se inicia ao final do século XIX, com a extração da erva-mate e da madeira. Nessa época ocorre a chegada em massa de imigrantes europeus e a construção da Estrada de Ferro Paranaguá-Curitiba, ligando o Litoral ao Primeiro Planalto paranaense. Entre as etnias que povoaram a cidade, destacam-se os árabes, que chegaram a constituir cerca de 10% da população logo após a Segunda Guerra Mundial; os italianos, que contribuíram na indústria e na formação de associações trabalhistas e culturais; os poloneses, que fundaram várias colônias que hoje são os bairros Santa Cândida e Abranches; os alemães e japoneses.

Por todo o século XX, os imigrantes europeus e de outros continentes marcaram sua presença em Curitiba por meio da língua, religião, culinária e costumes, criando um cenário cultural variado. No mesmo século, a indústria se desenvolveu com força, agregando mais poder econômico aos tradicionais setores do comércio e prestação de serviços. A década de 70 foi marcada por urbanização acelerada. Este processo foi provocado, em grande parte, pelas migrações do campo, já que a tecnologia aplicada à produção agrícola gerou a busca de emprego na cidade. A busca de oportunidade também trouxe catarinenses, gaúchos, paulistas e mineiros à Curitiba, que cresceu e se desenvolveu cada vez mais. (texto adaptado de CURITIBA-PARANA, web, 2009)

Atualmente, Curitiba é considerada uma metrópole - segundo estimativa do IBGE em 2004, a população de Curitiba se aproximava dos 2 milhões de pessoas (1.727.010).

Além de ter destaque natural pela posição de capital do estado do Paraná, Curitiba é referência cultural, científica e econômica no Sul do Brasil. No estado do Paraná, certamente a cidade de Curitiba tem todas as características necessárias para se constituir como pólo irradiador de mudanças lingüísticas e influenciador do comportamento de outras comunidades. Pelos motivos já citados, se poderia supor que a fala dos curitibanos seria referência de prestígio social para as demais localidades, mas somente uma coleta de dados sobre a questão certificaria essa hipótese, levantamento não realizado neste estudo.

### **1.1.1 Curitiba “da gente”**

Utilizou-se o slogan de uma campanha política para compor o título desta seção e parte do título da tese: “Curitiba *da gente*”<sup>3</sup>. Essa escolha se deu em razão de, entre os anos de 2005 e 2008, período em que foram cumpridas as disciplinas do doutoramento em Curitiba, terem chamado nossa atenção placas e *outdoors* do governo municipal com a frase “Curitiba a cidade da gente”.

Investigando sobre o assunto em 2009, obtiveram-se algumas informações da assessoria de relações públicas da prefeitura de Curitiba sobre a origem da frase. O slogan “Curitiba a cidade da gente” foi criado para a campanha da candidatura de Beto Richa à prefeitura de Curitiba em 2004 e foi retirado do CD “Curitiba da gente”, contendo a música “Cidade da gente”, de Paulo Vitola e Marinho Galera, cujo direito de uso foi autorizado para a campanha política. Após a campanha, com a eleição de Richa, o slogan permaneceu durante aquela gestão (Vide Anexo 01). O slogan foi usado até outubro de 2008, quando foi adotada a frase “Prefeitura da Cidade”. Além disso, encontrou-se outro uso do possessivo “*da gente*” em títulos de projetos públicos no Paraná. No site PRDAGENTE (2009) é informado que, em 1993, em gestão do governador Roberto Requião, instituiu-se o projeto *Paraná da Gente*, desenvolvido pela Secretaria de Estado de Cultura. Considerou-se, portanto, a escolha do título da tese como acertada, pois já se pode considerá-la contextualizada entre os curitibanos.

Após ter sido apresentada a localidade da investigação e informada a razão da escolha da expressão “Curitiba *da gente*” para o título da tese, a fim de melhor conduzir a discussão sobre o uso das formas *nós* e *a gente*, será tratada a descrição diacrônica da entrada de *a gente* como pronome pessoal do PB e sua atual condição de variação com o uso de *nós*. Para tal, os resultados dos estudos de Menon (1995 e 1996), Lopes (1999) e Zilles (2002) são as contribuições utilizadas.

## 1.2 A gramaticalização de *a gente*

Os estudos tratados nesta seção tratam do percurso histórico do substantivo *gente* até sua pronominalização como *a gente* - e atual concorrência/co-ocorrência com os pronomes de 1.<sup>a</sup> pessoa canônicos *eu* e *nós* - subsidiam-se nos postulados teóricos da *gramaticalização*. A *gramaticalização* é aqui entendida como um processo sofrido por itens lexicais que, em

---

<sup>3</sup> Grifo nosso.

determinados contextos, passam a assumir funções gramaticais e, após gramaticalizados, podem continuar a sofrer transformações (HOPPER & TRAUGOTT, 1993). A apresentação em maior detalhamento de alguns dos fundamentos teóricos da gramaticalização encontra-se no capítulo 2, inclusive os princípios de Hopper (1991), portanto, recomenda-se a leitura prévia daqueles conteúdos caso não seja tema de conhecimento do leitor.

Os primeiros estudos são de Menon (1995 e 1996), dois artigos que traçam discussão, de maneira complementar, entre fases e efeitos da gramaticalização; depois as contribuições de Lopes (1999) são apresentadas e, por último, as de Zilles (2002).

Menon (1995 e 1996) propõe as fases pelas quais o substantivo *gente* passa até constituir uma locução nominal (LN) composta com o artigo *a* e, depois, como teria se transformado até chegar à concorrência com *nós* como pronome pessoal no PB. A pesquisadora parte da noção de gramaticalização proposta por Meillet (1912), Reighard (1978) e Hopper & Traugott (1993). Nessa perspectiva, apresenta uma cadeia de transformação, descrevendo o processo que *a gente* pode ter sofrido até ser gramaticalizado (1995, p. 398<sup>4</sup>):

QUADRO 1. Representação da cadeia de transformação sofrida no processo de gramaticalização de *a gente* de acordo com Menon (1995)

<b>LNPlena</b>	>	<b>LNEspecial</b>	>	<b>LNInvariável</b>	>	<b>pron.indet.</b>	>	<b>pron. pessoal 1 (P &gt; S)</b>
<b>...gente...</b>	>	<b>a gente</b>	>	<b>[a gente]</b>	>	<b>a gente</b>	>	<b>a gente = nós, eu</b>
<b>LNP</b>		<b>LNE</b>		<b>LNI</b>		<b>pr. indet.</b>		<b>pr.pes. pl.~ sing.</b>

Fonte: Menon, 1995, p. 398.

Ao iniciar a descrição da gramaticalização de *a gente*, Menon (1996) esclarece que, apesar de Hopper & Traugott (1993) e Reighard (1978 *apud* MENON, 1996) mencionarem a

---

<sup>4</sup> Utilizou-se o quadro apresentado por Menon no artigo “A gente, eu, nós: sintomas de uma mudança em curso no português do Brasil?”, publicado em MOURA, M. D. (org.). *Anais do II ELFE*. UFAL, Maceió, 1995. Um quadro similar é apresentado em artigo de Menon, em 1996, “A gente: um processo de gramaticalização”, publicado em *Anais do GEL* em 1996, porém preferiu-se, pelo maior número de detalhes, referenciar o quadro apresentado no artigo publicado pela pesquisadora em 1995.



possibilidade de a gramaticalização ocorrer em níveis superiores ao dos itens lexicais, o nível item lexical é usado por eles como marco inicial da descrição do processo. No entanto, na perspectiva diacrônica com a qual Menon desenvolve sua proposta, fez-se necessário o estudo do fenômeno “no nível acima dos vocábulos, na estrutura dos constituintes: o da locução (ou sintagma) nominal” (MENON, 1996, p. 624). A pesquisadora explica a opção em razão de *a gente* ser abordado por muitos autores de maneira equivocada ao ser tratado no mesmo nível do substantivo “gente”, ainda usado no PB, ou seja, a especialização de *a gente* como pronome ainda não foi “bem compreendida ou percebida” (p. 624).

As fases de gramaticalização de *a gente* são descritas por Menon (1995 e 1996) da seguinte maneira:

1. **Fase LNP** - conforme registrado por Menon (1996), em latim *gens, gentis* apresentava significados como “raça, estirpe, linhagem, família; raça de povo, povo (em ordem decrescente: gente, nação, cidade); o povo de uma cidade; país, região, lugar; pl. gentes, ‘bárbaros’; gênero: a raça humana, o gênero humano” (GAFFIOT, 1934, p. 708 *apud* MENON, 1996, p. 624). Já em português, as acepções para o substantivo *gente*, originado de *gentem*, são as mesmas do latim. Estando na categoria de nome, *gente* admite flexão de número e constituição de locução nominal quando acompanhado de artigos ou outros determinantes, assim como poderia receber determinação através de orações relativas. Menon (1995, p.397) descreve esta fase como “a etapa de autonomia do substantivo *gente*” o que significa que poderia compor qualquer locução nominal (LN), ser precedido de artigos, demonstrativos, numerais, possessivos, ou seguido de adjetivos (“locução nominal expandida, à direita e à esquerda”). Além disso, segundo ela, *gente* “poderia ser seguido de construção relativa ou receber a concordância de predicativo, no gênero feminino” (idem, p. 397), tal como *a gente, as gentes, nossa gente, essa gente, gente destacada, gente honrada*.

2. **Fase LNE** - nesta fase, a pesquisadora destaca que o traço semântico de coletividade, de conjunto de seres humanos com características comuns entre si, permaneceu nas “camadas” surgidas no domínio do substantivo *gente*, mas o momento em que, entre as várias possibilidades de uso, a locução formada por artigo *a* + substantivo *gente* se especializou para referência a um conjunto genérico de pessoas ainda não foi estudado “em profundidade ou extensão” (MENON, 1996, p. 625). Menon (1995, p.397) descreve como *a gente* forma uma locução nominal especial, pois perde a possibilidade de variação de número, também perdendo a condição de concordar com adjetivos no feminino no caso de predicativo

do sujeito. Assim, surgem significados diferentes para o uso do substantivo *gente* e para a locução nominal *a gente*.

3. **Fase LNI** – A partir do momento em que a LNE perde a capacidade de flexão de número, mas mantém o sentido genérico, ou seja, o traço da forma original *gente* permanece na nova função e esta passa a integrar o rol de possibilidades na língua para “expressar sujeito indeterminado”, Menon (1996, p. 625-626) levanta a hipótese de que seria essa condição que possibilitou ao falante incluir-se na indeterminação e dar à locução nominal invariável *a gente* atributo de 1.<sup>a</sup> pessoa do plural, vindo a ser usada no lugar de *nós* (1.<sup>a</sup> pessoa indeterminada), e posteriormente de 1.<sup>a</sup> pessoa do singular, podendo ser usada no lugar de *eu* e, portanto, constituindo-se como pronome (1.<sup>a</sup> pessoa determinada).

Menon (1996, p. 626 e 2006a, p. 103) chama a atenção para a mudança sofrida por *a gente* em aspectos fonológicos e afirma que, ao se fixar em LNI, a locução teve comportamento idêntico ao dos itens lexicais quando considerados os padrões acentuais do português, pois de forma isolada “não recebe mais intensidade 2 (‘), característica de locução; passa a ter intensidade 1 (‘), de vocábulo” e descreve o processo, conforme exposto no Quadro 2.

QUADRO 2 - Representação da cadeia de transformação fonética sofrida no processo de gramaticalização de *a gente* segundo Menon

a. LN >	N(ome)	>	b. P(ronome)
[a'ʒ e t̃ "d □ p □]	> [ a "ʒ ã t̃ □]	>	[ a 'ʒ ã t̃ □]
		>	[ a e' t̃ □]
		>	[ e' t̃ □]
		>	[ 'aen t̃ □]
		>	[ 'n t̃ □]
		>	[ a . 'ẽ . t̃ □]
		>	[ ã . t̃ □]

Fonte: Menon (2006).

A autora explica que, sob o aspecto prosódico:

[...] no primeiro momento **a gente** faz parte de uma locução de intensidade 2 ['], portanto (o acento de **locução** recai sobre a última palavra acentuada): **a 'gente de "pé<sup>5</sup>**, essa intensidade se mantém quando a locução é constituída de artigo mais substantivo **a "gente** e desaparece quando se transforma em pronome **a 'gente**, quando passa a ter intensidade de grau 1 ['], característica

<sup>5</sup> Nota inserida por Menon (2006, p. 104): “Como se denominava a **infantaria** – os guerreiros que iam para as batalhas – nos textos antigos”.

do vocábulo ou palavra. Nessa escala, de Back e Mattos (1972)<sup>6</sup>, o período (a oração da GT) tem intensidade de grau 3 [""'] e o período jussivo (o imperativo da GT) tem intensidade 4 ["""]. Na seqüência de alterações fonéticas, vemos uma redução progressiva da massa vocabular, com a síncope<sup>7</sup> da consoante palatal sonora [ʒ ] e diferentes realizações da nasalidade da primeira sílaba. No entanto, podem coexistir diferentes pronúncias numa mesma variedade da língua. (MENON, 2006, p. 103-104)

O processo de composição fonética apresentado é possivelmente originado na frequência de uso de *a gente* como pronome pessoal, pois isso lhe causaria novas modificações (novos processos de gramaticalização), incluindo a redução de massa fonética. A redução fonética apontada por Menon (1995; 1996 e 2006) representa um novo fenômeno em variação, verificado em trabalhos como de Zilles (2002) e Borges (2004) - feitos com base em dados de fala do Rio Grande do Sul e apresentados na seção 1.4.

4. Fase **PRONOME INDETERMINADO > PRONOME PESSOAL** - no trabalho de Menon (1996) esta fase da gramaticalização de *a gente* corresponde ao momento em que o falante pode se incluir naquele genérico indeterminador *a gente*, e a inclusão de *eu* no coletivo genérico possibilita a interpretação *nós* [eu + x = nós], passando a ser possível a interpretação de *a gente* como *nós* (cf. MENON, 1995). Recategorizado como pronome pessoal, a concordância varia como variam as funções assumidas pela forma. Como gênero neutro, não-marcado, a concordância no masculino pode ter sido usada para expressar o genérico, equivalendo ao uso de *se* indeterminador. Ao assumir o significado de 1.<sup>a</sup> pessoa, a concordância do predicativo é feita em conformidade com o sexo do referente extralingüístico, pois o pronome pessoal *a gente*, como outros pronomes pessoais dêiticos, não possui gênero inerente.

Outro estudo interessante sobre a trajetória histórica desenvolvida pela forma *a gente* no português (este no PB e português europeu – PE) foi realizado por Lopes (1999, 2003, 2004). Sobre o processo de mudança *gente > a gente* a pesquisadora considera que:

---

<sup>6</sup> BACK, E.; MATTOS, G. *Gramática construtural da língua portuguesa*. São Paulo: FTD, 1972 citado por MENON, 2006, p. 104.

<sup>7</sup> Ver nota inserida por MENON (2006, p. 104) sobre a observação pessoal de “gama razoável de pronúncias” de *a gente* em diferentes dialetos e observação dessa variedade no VARSUL das cidades paranaenses de Curitiba, Londrina, Irati e Pato Branco, Porto Alegre e Florianópolis e anúncio de trabalho sobre essas realizações de *a gente* e *você* por Bizol & Menon.

A pronominalização de *a gente* não foi um processo isolado, mas uma conseqüência de uma mudança encaixada lingüística e socialmente. Há uma emergência gradativa de formas nominais de tratamento que passam a substituir o tratamento cortês universal *vós*, num primeiro momento pela ascensão da nobreza e mais tarde pela burguesia que exigia um tratamento diferenciado. Esta propagação, que começa de *cima para baixo*, se dissemina pela comunidade como um todo, e as formas perdem sua concepção semântica inicial, gramaticalizando-se – algumas de forma mais acelerada que outras, como é o caso de *Vossa Mercê* > *vosmecê* > *ocê*. (LOPES, 2003, p. 148).

Lopes analisa dados do século XIII ao XX e aponta um processo gradual envolvendo perdas e ganhos formais e semânticos analisados pelos traços de gênero, número e pessoa do substantivo *gente* até o pronome *a gente*. A partir das definições de Rooryck (1994, *apud* LOPES, 1999, p. 37) - traços variáveis [ $\alpha$ ] admitem valor positivo '+' ou negativo '-' para cada atributo e os não-variáveis [ $\emptyset$ ] encobrem um atributo com nenhum valor - Lopes desenvolve uma matriz pela qual identifica e analisa os traços que configuram a evolução *gente* > *a gente* a fim de caracterizar quando “o substantivo *gente*, cristalizado na forma *a gente*, passou a fazer parte do sistema pronominal do português como indicador de 1.<sup>a</sup> pessoa, em variação com o pronome *nós*” (p. 01).

Segundo Lopes, a passagem do substantivo *gente* para o pronome *a gente* ocorreu em razão da perda da especificação do traço formal de gênero [+fem] presente no substantivo *gente* e perda do traço [ $\phi$ fem] no pronome. “No processo de mudança, o gênero semântico de *a gente* se torna subespecificado [ $\alpha$ FEM], porque formas pronominais como *eu*, *tu/você*, *ele/ela* tendem a combinar-se com adjetivos no masculino e/ou feminino, dependendo do sexo do referente.” (LOPES, 1999, p. 84-5).

Lopes (2004) apresenta um quadro com a síntese do sistema de traços que sofreram modificações na passagem de *gente* para *a gente*, aqui reproduzido no Quadro 3.

QUADRO 3 – Traços morfo-semânticos de gênero, número e pessoa de *gente* e *a gente* segundo Lopes (2004)

TRAÇOS		GENTE	A GENTE
NÚMERO	FORMAL	[αpl]	[-pl]
	SEMÂNTICO	[+ PL]	[+ PL]
GÊNERO	FORMAL	[+fem]	[φfem]
	SEMÂNTICO	[φFEM]	[αFEM]
PESSOA	FORMAL	[φeu]	[φeu]
	SEMÂNTICO	[φEU]	[+ EU]

Fonte: LOPES, 2004.

Na divisão dos seus resultados por século, Lopes verificou que entre os séculos XVII (início do período de transição) e XVIII, o processo de pronominalização do substantivo *gente* é desencadeado, mas a frequência dos dados é baixa. Nesse período, cresce o número de casos ambíguos sobre inclusão ou não do falante na interpretação de *a gente* e decresce a utilização de *a gente* com sentido de *peessoa*. Somente a partir do século XVIII é que o emprego de *a gente* é atestado como pronome (2%). Em textos do século XIX, considerado como crucial na gramaticalização de *a gente* - não há possibilidade de leituras ambíguas na interpretação da forma. No século XIX, 14% das formas são pronomes e, no século XX – quando a mudança efetivamente ocorre – o percentual salta para 59% (.84). A pesquisadora destaca que a fase histórica na qual a gramaticalização de *a gente* se efetiva é a mesma para o Brasil e para Portugal, porém com comportamentos distintos: os textos portugueses se apresentaram mais conservadores em relação à implementação da mudança e os brasileiros mais inovadores (LOPES, 2003, p. 148).

Na investigação realizada por Zilles (2002), outra contribuição interessante sobre a gramaticalização de *a gente*, dois aspectos foram tratados: primeiramente a recategorização de *a gente* como pronome pessoal e, após, a gramaticalização de *a gente* considerando reduções fonéticas<sup>8</sup>. Em razão de Zilles se utilizar de dados dos estudos de Menon (1996) e de Lopes (1999) para ilustrar e discutir o primeiro aspecto e como estes dados já foram apresentados neste capítulo a partir dos textos originais, a descrição do trabalho de Zilles (2002) foi focalizada no que se refere ao segundo aspecto tratado pela pesquisadora.

---

<sup>8</sup> A redução fonética de *a gente* já havia sido tratada em trabalho de Menon (1995), conforme apresentado no Quadro 2, seção 1.2.

Zilles dá ênfase ao processo de redução e, para isso, analisa dados de 32 informantes do VARSUL/ Porto Alegre<sup>9</sup>, divididos por gênero (masculino e feminino), duas faixas etárias (menos de 50 e mais de 50 anos), classe social<sup>10</sup> (trabalhadora baixa, trabalhadora alta, média-baixa e média-alta) e escolaridade (primário, ginásio, 2º. grau e formação universitária). A definição das variantes por Zilles (2002, p. 305) está apresentada no Quadro 4.

QUADRO 4 – Variantes fonéticas da realização de *a gente* segundo Zilles (2002)

Variante 1 = <i>a gente</i> - com fricativa ou aspirada em todas as realizações				
a gente	gente	agen	gen	a hente
Variante 2 = <i>a 'ente</i> – sem a fricativa em todas as realizações				
a 'ente	'ente	'en	'te	

Fonte: Zilles, 2002.

As variáveis lingüísticas consideradas por Zilles na análise foram: *função sintática* (considerou sujeito, objeto e objeto preposicionado); *tipo de referência* (genérica, específica 1ª pessoa e específica grupo); *tipo de discurso* (não-reportado, reportado direto, reportado indireto); *tipo de fala* (rápida, lenta ou natural); *posição do sujeito em relação ao verbo* (adjacente, não-adjacente, com clítico e não adjacente com outras palavras).

A análise das 1.289 ocorrências de *a gente* encontradas por Zilles apresentou os seguintes resultados: 85% das ocorrências apresentaram realização da fricativa: *a gente* (1090/1289), registrando-se apenas um caso de *a hente* (fricativa aspirada). As realizações de *a gente* com apagamento da fricativa - *a 'ente* - representaram 15% dos dados, com 198 ocorrências. Destas, 190 foram na posição de sujeito (.54), duas de objeto preposicionado (.13) e nenhuma na posição de objeto. Os contextos de referência analisados apresentaram .74 para uso da forma *a 'ente*, referência específica associada à 1.ª pessoa.

<sup>9</sup> O Projeto VARSUL e outros bancos de dados mencionados neste trabalho estão descritos no item 1.4.

<sup>10</sup> A variável classe social foi construída por Zilles a partir da ocupação dos informantes descrita na ficha social armazenada no VARSUL. No entanto, Menon (2009), em informação verbal, citou que este banco de dados não utiliza essa variável oficialmente em sua composição por ser um tipo de informação complexa de ser definida, pois o contexto econômico das famílias brasileiras é instável ou facilmente modificável.

Nos resultados das variáveis sociais, os homens, independentemente da classe social, aparecem na vanguarda da mudança (considerando *a 'ente* como um “avanço” nas etapas da gramaticalização de *a gente*) ao apresentarem probabilidade favorável à forma reduzida *a 'ente* (.66 e .42 para as mulheres). Zilles faz um destaque para a novidade desse resultado, já que, em pesquisas como de Omena (1986, 1996) e Seara (2000), a liderança foi das mulheres.

A diferença entre homens e mulheres, a partir da divisão das regras variáveis feita por Zilles (*a gente X nós* e *a gente X a 'ente*), ofereceu um avanço importante na pesquisa do fenômeno a partir do momento em que analisou dois processos de mudança simultâneos com interferências distintas. Além de serem os homens o destaque para maior uso de *a 'ente*, foi a escolaridade universitária - no grupo masculino - que favoreceu o uso da variante 1 (0,64 – 79/321).

Apresentados os processos que podem explicar a presença de *a gente* no paradigma dos pronomes pessoais do PB e, por extensão, que podem auxiliar o entendimento das conseqüências dessa presença, tais como o surgimento de outras funções gramaticais ou de transformações fonéticas e semânticas desse pronome, parte-se para a discussão do conteúdo de alguns dicionários e gramáticas, referências padronizadoras do PB. O objetivo da abordagem é verificar se há e como se dá o tratamento para *a gente* - e a relação entre *a gente* e *nós* - nessas fontes de consulta.

### **1.3 Nós e a gente: definições e usos apresentados em dicionários e gramáticas**

Em busca da definição/tratamento de *a gente* e da identificação de relações entre o uso de *a gente* e *nós* como pronomes pessoais, e também como possessivos, abordaram-se alguns dicionários e gramáticas do português. Além de obras com datas de publicação diferenciadas (de 1958 a 2008), no caso das gramáticas a escolha foi também conduzida pelo objetivo das obras, se de caráter histórico, descritivo, normativo (ou tradicional – GT) ou pedagógico. Na apresentação das obras consultadas, a ordem observada foi do ano de publicação, do mais antigo para o mais recente. Quando verificada a mesma obra com edições diferentes, manteve-se a seqüência crescente do número da edição.

No dicionário de Caldas Aulette (1958), no verbete *gente* registra-se *a gente* indicando a possibilidade do significado *nós* e explica-se, na referência à *expressão a gente*, que o povo é quem usa “este nome singular” fazendo a concordância no plural, ex.: *a gente*

*fomos ali*. O dicionarista considera a concordância feita neste exemplo (*a gente* com *-mos*) como “contra o bom senso gramatical”. Em edição da mesma obra, publicada seis anos após, em 1964, a mudança já traz a relação de *a gente* com *nós*, na complementação no verbete *gente*, ao mencionar o uso de *a gente* como o mesmo que *nós*: “[...] nesse sentido o povo emprega este nome no singular, fazendo-o concordar com o verbo no plural: *a gente fomos: a gente mandamos [...]*”, novamente salientando que tal uso não concerne à norma-padrão. No verbete *nós* o uso de *a gente* não é mencionado.

Em Ferreira (1986) – um acréscimo de 22 anos sobre a publicação do dicionário de Caldas Aulette (1964) - no verbete *gente* está o registro da “*forma a gente*” significando “[...] a(s) pessoa(s) que fala(m): *eu, nós [...]*”, portanto interpretável como um pronome (mesmo sem a denominação pelo dicionarista). Em versão de Ferreira (2008) - mais 22 anos adiante - muda-se o conteúdo pela inserção no verbete *gente*, ao tratar de *a gente*, da recomendação de que a concordância do verbo deve ser feita na 3.<sup>a</sup> pessoa. Nas duas edições de Ferreira consultadas, no verbete *nós* não há menção de *a gente* como sinônimo possível.

Informação diferente foi encontrada no dicionário de Houaiss e Villar (2001), pois além de no verbete *gente* haver referência para *a gente*, no verbete *nós* houve menção de *a gente* como significado possível (p. 2.028), portanto uma menção explícita da condição de *nós* e de *a gente* como variantes de uma variável. No possessivo *nosso*, a relação semântica com a forma *da gente* não é possibilidade citada.

Em dicionário publicado pela Academia Brasileira de Letras (2008), a definição de *a gente* citada na entrada *gente* tem redação praticamente idêntica àquela encontrada em Ferreira (1986 e 2008), sendo que *a gente* é interpretável como pronome pessoal, porém não aparece como intercambiável no verbete *nós* e nem recebe a denominação de pronome.

As informações obtidas nas obras permitem concluir, a partir da intenção definida ao verificar estes materiais que, neles, da segunda metade do século XX até obras atuais, que o registro de *a gente* no verbete *gente* ainda é o mais comum - e não a menção de *a gente* no verbete *nós* - e que a identificação do uso de *a gente* como referência a 1.<sup>a</sup> pessoa do plural é explícita, mesmo que indireta. Porém, é possível depreender que o significado de *a gente* permanece correlacionado à categoria e ao significado do substantivo *gente*, mesmo que *a gente* seja exemplificado como referência à 1.<sup>a</sup> pessoa do plural e com o mesmo sentido de *nós*, portanto, um pronome.

A denominação de *pronome* não é utilizada nos materiais, mas denominações como “*a expressão*” ou “*a forma*” *a gente*. É possível deduzir que isso ocorra porque, mesmo



havendo vários estudos que comprovam o uso de *a gente* como pronome, não seja conhecido/reconhecido ou compreendido como tal, conforme alertava Menon (1995), ou porque as edições não são verdadeiramente atualizadas ou porque não são integralmente revisadas.

A indicação de que o uso de *a gente* é pertinente à *fala popular*, conforme terminologia usada nas obras, aparece nas obras consultadas mais antigas – publicadas em 1958 e 1964. Nas obras mais atuais (2001 e 2008), há recomendação de que o verbo que acompanha *a gente* seja flexionado na 3.<sup>a</sup> pessoa. Neste caso, seria possível depreender que o uso de *a gente* está disseminado e reconhecido em diferentes níveis de linguagem (além do popular), tanto na oralidade quanto na escrita e, portanto, a necessidade da advertência normativa para que se mantenha a concordância na terceira pessoa.

Já o uso de *a gente* com verbo flexionado na 1.<sup>a</sup> pessoa do plural (*-mos*) é claramente estigmatizado. Leve-se em conta que, quando há exemplos do uso de *a gente*, sabe-se sua origem como ‘recortes’ de tipos de texto (romances, peças de teatro, etc.), porém não há identificação (nem discussão) de quem (classe social, idade, grau de escolaridade) e em que contexto (formal ou informal) de fala os diálogos reproduzidos ocorrem, ficando a interpretação (ou não) por conta do leitor. Uma melhor caracterização dos exemplos, entre outras informações, poderia implicar em maior compreensão do uso da forma inovadora e influenciar sua menção como pronome pessoal no PB em outros materiais que tenham cunho de “referências padronizadoras” da língua.

Apenas uma das obras consultadas, Houaiss e Villar (2001), além de explicitar a origem de *a gente* do substantivo *gente*, apresenta o pronome inovador no verbete *nós*, indicando sua relação como pronomes de mesmo sentido. Especialmente o trabalho de Houaiss, segundo Faraco (2002, p. 44), procurou, em grande parte, “[...] flexibilizar as referências padronizadoras, incorporando mudanças que já se generalizaram [...]”, sendo, portanto, não só entre as consultas feitas neste trabalho, mas entre demais materiais do gênero, uma exceção.

Após a verificação nos dicionários, diferentes gramáticas do PB foram consultadas para saber se *a gente* seria mencionado e, caso fosse, se seria como pronome pessoal. Também se observou, nos casos em que houvesse a menção ou uso de *a gente* como pronome de 1.<sup>a</sup> pessoa, se a expressão pronominal de valor possessivo *da gente* (formada pela locução nominal *de + pronome*), também apareceria. Para apresentar os resultados, se manteve a ordem cronológica das publicações abordadas.

Na “Gramática Histórica” de Eduardo Carlos Pereira (1935), logo após exposição sobre “certo número de pronomes ou expressões de tratamento”, o autor, em subtítulo “outros pronomes” (p. 452), apresenta a explicação sobre a utilização de substantivos como pronomes e, entre eles, relaciona *homem* - cujo declínio como indeterminador de sentido genérico pode ter ocasionado a expansão do uso de *gente*:

[...] empregou sempre a língua certos substantivos com o caráter de pronome indefinido, tais são: *fuão, fulano, beltrano, sicrano, homem, coisa* (arch. ren.), *um, outro, gente, uma pessoa*. Os quatro primeiros são empregados exclusivamente como pronomes, e os outros o são acidentalmente.

Pereira trata o substantivo *gente* como pronome *acidental* em construções retiradas da literatura, e, em todas elas, o substantivo *gente* já está acompanhado pelo artigo *a*: “*O que lhe póde fazer a gente ?* (R.da S., Od. 57); “*A’ gente que lhe importa que a roubassem ou não...É que a gente estava no quintal* (A. C., O doente, 4,5) (PEREIRA, 1935, p.463).

O mesmo autor, na “Gramática Expositiva” (1943), na apresentação da seção de pronomes pessoais, subtítulo “O reflexivo *se*”, lista os mesmos substantivos da citação exposta em Pereira (1935, p.452), reproduzida acima, no entanto registra *a gente* (*a* + substantivo) e não mais *gente*, e explicita a relação com a 3.<sup>a</sup> pessoa “todos esses pronomes são gramaticalmente da 3.<sup>a</sup> pessoa, embora os de reverência se refiram logicamente à pessoa com quem se fala (2.<sup>a</sup>)” (PEREIRA, 1943, p.329).

Pereira registra dois exemplos de uso (p. 329), não de fonte literária: (1) “*A gente não sabe que fazer*”; (2) “*Venha com a gente (= conosco)*”<sup>11</sup>. No primeiro exemplo é possível interpretar dois sentidos: *a gente* = *a* + substantivo *gente*, coletivo) e *a gente* = *nós*. Dessa forma, no exemplo (1) a referência pode ser genérica em ambos os casos, já que no aspecto formal a flexão verbal permanece na 3.<sup>a</sup> pessoa. No entanto, haveria possibilidade de, no discurso, interpretar-se *a gente* como referência determinada à 1.<sup>a</sup> pessoa. No exemplo (2), a relação de equivalência feita pelo autor entre *com a gente* e *conosco* remete diretamente à interpretação de *a gente* como *nós*, referência determinada de 1.<sup>a</sup> pessoa.

---

<sup>11</sup> Nossa numeração.

Em outra gramática histórica da Língua Portuguesa, de Said Ali (1971)<sup>12</sup>, *a gente* é tratado por pronome, foco de análise juntamente com *homem*. O autor vincula para *a gente* e *homem* a mesma origem, como substantivos: “nomes que assumem caráter pronominal quando usados, não já na acepção própria, mas para indicar agente vago e indeterminado” (idem, p. 116), já identificando mudança de função e de sentido para *a + gente*. Destaca, ainda, que *a gente* tem seu uso mais freqüente na linguagem familiar “da atualidade” – a última revisão realizada na obra, comentada na apresentação da edição de 1971, não deixa claro se a expressão “atualidade” foi acrescentada ou não pelo revisor Maximiano de Carvalho e Silva, em 1964. Haja vista a menção das adequações feitas tratarem de questões de ortografia e pontuação, é possível deduzir que a expressão *atualidade* tenha sido utilizada pelo próprio Said Ali, em 1931. Se assim fosse, a maneira como Said Ali se refere ao uso de *a gente* pode mostrar que, nos anos 30, *a gente* já co-ocorria com *nós*, já era uma nova forma de indeterminação do sujeito em uso (dedução feita pela apresentação *vago, indeterminado* feita na obra, pois de fato se poderia ter também uso de *a gente determinado*), pois a mudança é percebida quando já ocorreu. Portanto, não era uma “novidade”. O autor revela que o uso de *a gente* era percebido de forma mais acentuada “no âmbito familiar”, então se pode inferir que o uso se dava na modalidade informal (popular?) da língua.

Na 2.<sup>a</sup> edição da gramática de Cunha & Cintra (1985, p. 269), segundo eles “uma tentativa de descrição do português atual na sua forma culta” (p. XIV) os autores explicam que os pronomes pessoais caracterizam-se por denotarem as três pessoas gramaticais, isto é, por terem a capacidade de indicar no colóquio: a) quem fala (1.<sup>a</sup> pessoa: *eu* (sing), *nós* (plural)); b) com quem se fala (2.<sup>a</sup> pessoa: *tu* (sing.), *vós* (plural)); c) de quem se fala (3.<sup>a</sup> pessoa: *ele, ela* (sing.); *eles, elas* (plural)). O substantivo *gente* é mencionado, acompanhado de artigo definido, no capítulo das Figuras de Sintaxe (p. 602), na exemplificação de silepse (p. 614): *Já toda a gente estava indignada. Queriam ouvir. (M. Torga)*, significando um “sujeito coletivo”. Não houve nenhuma referência de *a gente* como pronome.

Cegalla (1998, p.170), em sua 41.<sup>a</sup> edição, versão publicada 13 anos após a 2.<sup>a</sup> edição da gramática de Cunha e Cintra (em 1985, Cegalla publicou sua 26.<sup>a</sup> edição. Não houve alterações para a edição 41.<sup>a</sup> no que se refere a não menção de *a gente*), define pronomes pessoais como palavras que substituem os nomes e representam as pessoas do

---

<sup>12</sup> 1931 é a data da 1.<sup>a</sup> versão e 1964 da última revisão, segundo prefácio da 7.<sup>a</sup> edição, de 1971.

discurso e, igualmente a Cunha e Cintra, define três: 1.<sup>a</sup> pessoa: a que fala: *eu, nós*; 2.<sup>a</sup> pessoa; a com quem se fala: *tu, vós*; 3.<sup>a</sup> pessoa: a de quem se fala: *ele, ela, eles, elas*. O pronome *a gente* não é mencionado neste rol. *A gente* aparece no capítulo sobre estilística, na figura da silepse de gênero, onde está o seguinte exemplo: *Quando a gente é novo, gosta de fazer bonito*. (Guimarães Rosa, idem, p.551). Se analisado o exemplo tomando como parâmetro a definição de pronome pessoal dada pelo próprio gramático, uma das possíveis afirmações sobre a função de *a gente* na frase é “representar”, determinando ou indeterminando, a 1.<sup>a</sup> pessoa do discurso sendo, portanto, um pronome.

A abordagem feita por Almeida (1999), na 44.<sup>a</sup> edição da “Gramática metódica da Língua Portuguesa”, define pronome como “a palavra que ou substitui ou pode substituir um substantivo” (p. 170) e, em subtítulo “Pronomes de tratamento” define: “chamam-se pronomes de tratamento as palavras e expressões que substituem a 3.<sup>a</sup> pessoa gramatical: *fulano, beltrano, sicrano, a gente, você, vossa mercê, vossa excelência [...]*”. (p. 172). Logo após, seguindo tabela de formas de tratamento, suas abreviaturas e indicações de uso, segue extensa lista de “notas” de recomendação. Entre elas, encontra-se a seguinte identificação de *a gente* como pronome: “*Como pronome*<sup>13</sup>, deve-se escrever *a gente* com os elementos separados: ‘*A gente* não faz isso por gosto’. Com os elementos ligados, o sentido torna-se outro – *operante, comissário, emissário: agente químico, agente policial, agente diplomático*” (p.174).

Na gramática de Faraco e Moura (2000, p. 284)<sup>14</sup>, os autores identificam as três pessoas gramaticais: “1.<sup>a</sup> pessoa: *eu/nós*: quem fala ou escreve, de quem parte o discurso; 2.<sup>a</sup> pessoa: *tu/vós*: pessoa a quem se dirige a primeira pessoa; 3.<sup>a</sup> pessoa: *ele, ela/eles, elas*: pessoa ou coisa que não é *eu* ou *tu*. É a pessoa de que ou de quem se fala, ou seja, é o assunto”. Neste mesmo capítulo sobre pronomes pessoais, após os subtítulos “Pronomes de tratamento” e “O pronome você”, há uma nova subdivisão do capítulo intitulada “A expressão *a gente*” – essa divisão chamou a atenção nesta análise, portanto esta obra é tratada de forma mais extensa do que as demais gramáticas consultadas – com exceção da Gramática do

---

<sup>13</sup> Grifo meu.

<sup>14</sup> Gramática pedagógica já abordada em Tamanine (2002).

português culto falado no Brasil. Também se repetem nesta obra os esclarecimentos sobre a classificação “coloquial”.

Após título “A expressão *a gente*”, a apresentação de *a gente* assim se inicia: “Na linguagem coloquial<sup>15</sup>, o pronome *nós* é freqüentemente substituído por *a gente*”. A designação *pronome* para *a gente* não é dada literalmente, mesmo sendo possível sua interpretação como tal a partir da definição de pronomes que abre o capítulo e dos exemplos dados (p.287)<sup>16</sup>: a) *Um segurança nos xingou e queria nos agredir para que **a gente** saísse da estação. (Folha de São Paulo)*. Neste exemplo, ao se substituir *a gente* por *nós*, verifica-se que a referência à 1.<sup>a</sup> pessoa do plural permanece: b) *Um segurança nos xingou e queria nos agredir para que **nós** saíssemos da estação*, portando a função das duas formas é a mesma (considera-se aqui a possibilidade de interpretação determinação/indeterminação), confirmando a adequação da definição de pronome para *a gente*.

Outros exemplos são dados para o uso de *a gente* como forma referente à primeira pessoa do singular: d) *Se **a gente** ganhar a luta, tudo na minha vida será diferente – disse o pugilista* (idem, p. 287); e com valor impessoal, indeterminado: e) “*Eu sabia os riscos que estava correndo. **A gente** sempre pensa: comigo não vai acontecer. Aí aconteceu*”, diz. (Folha de São Paulo) (idem, p. 287). Em (e), exemplo dado para o valor impessoal e indeterminado da “expressão *a gente*”, os autores fazem equivaler *a gente pensa* com *pensa-se*, ou seja, fazem a “adequação” de *a gente* aos critérios da GT para indeterminação<sup>17</sup>, a saber: 1º - emprego da forma verbal na 3.<sup>a</sup> pessoa do singular + pronome *se*, denominado neste caso de *índice de indeterminação do sujeito*; 2º - utilização do verbo flexionado na 3.<sup>a</sup> pessoa do plural, sem referente anterior expresso.

Mesmo que os autores tenham declarado que o uso de *a gente* ocorre na linguagem não-padrão (oral, presume-se), eles não identificam ou não permitem ao leitor identificar, nos

---

<sup>15</sup> Pelos exemplos dados durante os capítulos e explicações oferecidas pelos autores sobre como procederam na abordagem do material, dados encontrados na introdução e durante a obra, compreende-se que o termo *coloquial* utilizado pelos autores pode ser entendido de duas formas, em momentos distintos: como colóquio (oralidade, diálogo) e como registro oral não-padrão.

<sup>16</sup> Exemplo *b* é de minha autoria.

<sup>17</sup> Sobre indeterminação do sujeito no PB, ver discussão aprofundada em Menon, 1994 e 2006.

exemplos que utilizam, quaisquer características sociais (tais como escolaridade, sexo e idade) dos enunciadores das frases (a) e (e), exemplos retirados da Folha de São Paulo. Essas características poderiam ser relacionadas às escolhas lingüísticas feitas nas frases a fim de se identificar quem é o falante (será que quem usa “*nos xingou [...] queria nos agredir*” o faz em um contexto em se utiliza de linguagem não-padrão? Não é um falante culto? Ver adiante AS considerações de FARACO, 2002 e MERCER, 2010). Há exceção no exemplo (d), em que o locutor é identificado como um pugilista (homem), interpretado, muitas vezes, no senso comum, como alguém de baixa escolaridade, não usuário da língua considerada culta. Faraco e Moura (idem, p. 287), quando finalizam o texto, reiteram a identificação de *a gente* como não padrão: “A norma culta da língua tende a rejeitar essas construções, comuns na fala coloquial”.

Sobre níveis de fala, ao iniciarem sua gramática, os autores explicam “o que é gramática” (idem, p. 18). Nesse momento, dividem gramática normativa – “que estabelece as regras a serem obedecidas por todos aqueles que querem falar e escrever corretamente” (idem, p.19); e descritiva – “que tem por objetivo descrever e analisar a língua utilizada por um determinado grupo de pessoas em um dado momento histórico”. Para a normativa, acrescentam que só o nível culto da língua – “aquele empregado, geralmente, pela imprensa escrita, pelos escritores, pela elite social e econômica” - é valorizado (pressume-se *padrão*).

Falares regionais são considerados errados e também é “desprezado o nível coloquial, aquele que empregamos informalmente no dia-a-dia, com gírias e expressões populares” (idem, p. 19). Quando os autores exemplificam formas não-padrão, utilizam como exemplo “*a gente vamos*”, mas informam, logo abaixo, que do ponto de vista descritivo, o exemplo (entre outros), é adequado em determinadas variedades lingüísticas (nenhum dos exemplos está contextualizado como parte de jornais ou revistas, parecem exemplos criados pelos gramáticos). Depois disso, declaram como objetivo “apresentar não só regras básicas de gramática normativa, mas também exemplos em que o uso efetivo da língua em jornais, revistas e obras literárias não segue essas normas”. No entanto, a adequação aos indicativos acima não parece ser seguida, causando dúvidas (confusões) freqüentes sobre as afirmações dos autores.

Ao verificar os demais exemplos no capítulo sobre pronomes, todos considerados na obra como norma-padrão, há diversos casos de enunciados retirados da Folha de São Paulo sem considerações quanto ao que pudesse ser entendido como “formal” ou “coloquial” a partir do que os autores definiram, ou até que ponto os autores estariam sendo descritivos ou

normativos ao utilizar esses exemplos em suas explicações. Nesses moldes, vagando sem clareza entre descrição e normatização, entre modalidades formal e informal, entre representações da oralidade que não são contextualizadas adequadamente, o efeito sobre o leitor deve ser de desorientação.

A forma como o uso de *a gente* é definido é mais um ponto obscuro para quem busca nesta gramática alguma orientação, pois a classificação de “expressão” obviamente não se encaixa nas 10 categorias gramaticais tratadas na obra, evidenciando a incerteza da classificação por parte dos gramáticos e estendendo essa incerteza para o leitor.

Voltando a tratar da verificação de *a gente* em gramáticas do PB, foi adicionada a esta seção a *Gramática de usos do português*, de Neves (2000), pela proposta de apresentar estruturas da língua em uso “[...] mostra como está sendo usada a língua portuguesa atualmente no Brasil” (p. 13). Neves salienta que, embora apresente uma gramática em princípio não normativa, é pela utilidade ao leitor comum que “a norma de uso é invocada comparativamente de modo a informar sobre as restrições que tradicionalmente se fazem a determinados usos atestados e vivos” (p.14). A fonte dos dados apresentados pela autora está armazenada no Centro de Estudos Lexicográficos da Universidade Estadual de São Paulo – UNESP, *campus* de Araraquara. Segundo ela, são 70 milhões de ocorrências em um *corpus* que compreende:

[...] textos escritos de literaturas romanescas, técnica, oratória, jornalística e dramática o que garante diversidade de gêneros e permite a abrangência de diferentes situações de enunciação, incluindo a interação, **sendo notável a representatividade da língua falada, encontrada na simulação que dela fazem as peças teatrais**. Infelizmente, como se sabe, não há disponível, no Brasil, nenhum banco de dados representativo da língua falada contemporânea” (grifo nosso). (NEVES, 2000, p. 14)<sup>18</sup>

A expectativa que se cria pela declaração de Neves sobre o banco de Estudos Lexicográficos é de que este servirá, mesmo sendo fonte de dados escritos, de certa forma como representação da oralidade por meio dos textos de peças teatrais e, portanto,

---

<sup>18</sup> Com relação à afirmação de Neves - generalizada por “como se sabe” – de que não há bancos de dados orais representativos do PB não parece pertinente a partir dos diferentes projetos existentes nesse sentido, como o NURC. Apesar da discordância, não entrarei no mérito da questão neste trabalho.

comentados com essa relação (escrito/oral). Nas peças há personagens cuja identificação de características como idade, sexo, classe social – fora a identificação de contextos discursivos – pode ser realizada, dados relevantes quando se analisa linguagem “em uso”. No entanto, essa abordagem não foi encontrada na obra de Neves.

Neves (2000, p.469- 470) trata do uso de *a gente* em capítulo sobre pronomes pessoais, classificando-o como pertinente à linguagem coloquial e oferecendo exemplos de sua equivalência de sentido com *nós* e de suas características de pluralidade e indeterminação de referentes.

Na linguagem coloquial o sintagma nominal A GENTE é empregado como um pronome pessoal: a) para referência à primeira pessoa do plural (= NÓS): É. Vamos... mais adiante, A GENTE toma um táxi e manda rumar para o Marrocos. (Angela ou as areias do mundo. FÁRIA, O.) Depois A GENTE conversa. (Agosto. FONSECA R.) Não sei que espécie de negócio o senhor vai poder fazer com A GENTE. (Além dos marimbus. SALLES, H.)

[...]

# Chega a fazer concordância plural com *a gente*:

Vou montar uma casa pra você e A GENTE vai ficar sempre juntos. (Estrela Solitária. CASTRO R.)

b) para referência genérica, incluindo todas as pessoas do discurso: ‘Dizem que A GENTE se habitua a tudo, que é só questão de vontade, ou melhor: de força de vontade’, ‘Não se pode falar desse assunto com Carlinho. A GENTE quer fazer um bem, vira pecado mortal’. (AF).

Observe-se, neste último exemplo, que as duas construções: *não SE pode falar desse assunto com Carlinhos* e *A GENTE quer fazer um bem, vira pecado mortal* têm praticamente as mesmas características quanto à indeterminação do sujeito, embora a forma A GENTE sempre deixe indicado o envolvimento da primeira pessoa no conjunto.

Os exemplos apresentam o uso de *a gente* apenas em sentido pluralizado (*eu + não eu*), a possibilidade do uso de *a gente* como 1.<sup>a</sup> pessoa do singular (*eu*) não é considerada pela autora nesses casos. Quanto à indeterminação, a autora equivale *se* e *a gente* como recursos de indeterminação do sujeito, e acrescenta, no caso de *a gente*, a inclusão do próprio enunciador no contexto indeterminado.

Neves não considera a possibilidade de que o uso de *a gente* nem sempre será feito pelo falante com o desejo de se incluir, ou seja, mesmo contrário por definição, o processo ocorre porque mesmo que o falante use um recurso relacionado à 1.<sup>a</sup> pessoa, não se auto-referencia, apenas generaliza. O uso de *você* pode deixar a questão mais clara: quando o falante usa *você* com sentido indeterminado, não quer, necessariamente, incluir o seu interlocutor como referente. A mesma possibilidade existe no uso de *a gente*. Em exemplo retirado de Silva (2004, p. 65) é possível perceber a situação. Caso o falante tenha uma



alimentação saudável e utilize *a gente* em: “Aqui no Brasil *a gente* come mal”, poderia dizer que usa da forma para generalizar que os brasileiros ou residentes no Brasil comem mal sem, na verdade, incluir-se. Basso e Ilari (2006), ao refletirem sobre a capacidade do pronome *você* em passar do sentido de identificador do interlocutor para deslocá-lo para situações irreais, afirmam que essa capacidade vale para qualquer pronome. Criar uma situação irreal, “passar por uma situação não vivida tirando as conseqüências dessa experiência vale, em princípio, para qualquer indivíduo, independentemente de como se situa na interlocução”. (Idem, p. 237-238).

Ainda tratando da citação de Neves (idem, p.469- 470), a identificação do uso de *a gente* como próprio da linguagem coloquial, retomado por ela como “popular”, chama a atenção no exemplo - *Não sei que espécie de negócio o senhor vai poder fazer com A GENTE*. (Além dos marimbus. SALLES, H.) - pois é interpretável que “o senhor”, uma forma de tratamento formal usada pela personagem, permita a leitura de um contexto de distanciamento entre o falante e seu interlocutor. Nesse caso, o nível de linguagem utilizado foi popular ou “familiar”? Difícil responder com certeza. A relação de equivalência entre *nós/a gente* exemplificada na mesma frase é outra situação que, sem identificação dos personagens, impossibilita ao leitor da gramática interpretar a relação de referência existente no contexto, pois *com a gente* é substituível também por *comigo (eu)* e não somente por *conosco (nós)*.

Neves faz relação a outros “sintagmas nominais” que são usados com referência genérica, destacando novamente que ocorrem na linguagem coloquial (p. 470), como *o cara*, *o cidadão*, *o pessoal*. Estes, segundo ela, têm estatuto diferenciado de *a gente*, não podendo ser categorizados como pronomes pessoais, já que seus núcleos são substantivos de aplicação “muito generalizada” (ela distingue o uso genérico de um pronome pessoal - *você* - e o uso de um sintagma nominal genérico – *a pessoa*).

Quanto aos pronomes possessivos, foi verificado se haveria alguma indicação sobre o uso de “da gente” e o que Neves (2000, p. 473) explica é que há possibilidade da relação possessiva não ser, necessariamente, expressa pelo elemento *formalmente* considerado possessivo, mas por expressões como *de + substantivo*, *de + pronome pessoal* (só de 3.<sup>a</sup> pessoa) e *de + pronome de tratamento* – com a observação de que “já incluída a forma de + *você*”. A possibilidade de expressões formadas por *de + substantivo* ou *pronome pessoal* são consideradas interessantes apenas para serem desfeitas possíveis ambigüidades (*seu + dele*,

*sua + dela*). O possessivo *de + a gente* não é mencionado, porém sua condição de uso é sinalizada.

Ao consultar a gramática de usos de Neves (2000), havia a expectativa de encontrar referência ao uso de *a gente* além do escopo das variedades não-padrão da língua, mas o uso foi referenciado apenas como pertinente à “linguagem popular”, sem maiores explicações do ponto de vista da lingüística.

Vilela e Koch (2001) apresentam sua gramática com o subtítulo “gramática da palavra, gramática da frase, gramática do texto/discurso”. No capítulo “Gramática da palavra”, em subtítulo dedicado aos pronomes, os definem como pertencentes à categoria dos ‘sinsemânticos’: não nomeiam, mas estabelecem a ‘*deixis*’, a ‘mostração’, a ‘orientação’ (p. 212). Na seqüência, especificam nos pronomes três subclasses: uma em que apenas funcionam como *substantivos* (fulano, sicrano, etc.), a segunda, em que diferenciam seres vivos e seres não vivos (quem, alguém, etc.), e a terceira “pronomes que só funcionam como *substitutos dos nomes* (p. 212)”, citando então alguém, ninguém, quem, nada, você e *a gente*. Na lista dos pronomes pessoais da página seguinte, indicando formas e funções dos pronomes, apenas as formas canônicas estão registradas. No entanto, mais adiante, *a gente* volta a ser mencionado e é denominado pronome. As referências exemplificadas, segundo os autores, são para *eu + nós* (plural) e para *eu* (singular):

*A gente* funciona, sobretudo na língua falada, como pronome e exige a terceira pessoa do singular, designando normalmente um grupo em que o falante também se inclui: ‘*A gente* tem que olhar pelo nosso futuro: ninguém o vai fazer por *nós*’ podendo, contudo, referir-se a uma única pessoa: ‘Você não acredita como *a gente* é tratada lá na aula: sou tratada de cão para baixo!’ (VILELA E KOCH, 2001, p. 216).

Na observação do exemplo para referência à 1.<sup>a</sup> pessoa do singular, a retomada de *a gente* por *eu* é questionável, haja vista o uso de *a gente* poder ser interpretado como *a turma toda* ou *todas as meninas* (inferível pela concordância no feminino em *tratad(a)*) e a pausa marcada pelo sinal de dois pontos (:) marca a mudança de referência dando destaque ao enunciador.<sup>19</sup>

No trato dos pronomes possessivos, foi considerada a possibilidade de encontrar referência à forma “*da gente*”, porém nenhuma observação nesse sentido é feita.

---

<sup>19</sup> Observação feita pelo Prof. José Luiz da Veiga Mercer em análise deste trabalho na versão para qualificação.

Bechara (2001), na 37ª. edição (revista e ampliada) da sua gramática, em seção dedicada à categoria dos pronomes, a define como classe de palavras categoremáticas<sup>20</sup>, “que reúne unidades em número limitado e que se refere a um significado léxico pela situação ou por outras palavras do contexto. De modo geral, esta referência é feita a um objeto substantivo considerando-o apenas como pessoa localizada do discurso.” (p. 162). Bechara, em nota de rodapé, ao tratar das pessoas do discurso, alerta para o uso da 2.ª pessoa, pois o uso de *tu* ou *you* pode, na verdade, estar se referindo ao próprio falante, mesmo na situação em que haja um ouvinte. Há o seguinte exemplo:

“Daniel, a situação comigo está difícil. Chega um momento que você (= ‘eu’, ‘**a gente**’, impessoalizador) não sabe o que fazer”. Você já vinha conhecendo que o tempo passava danadamente rápido por causa de uns indícios sutis. Por exemplo: quando um desconhecido fala a seu respeito e não diz mais ‘aquela moça’, e sim ‘aquela senhora’ (...). Sem falar nos que morreram, porque morrem muitos à medida que **a gente** fica mais velha” [RQ. 1, 108] (BECHARA, 2001, p. 162)<sup>21</sup> (grifo nosso).

É possível perceber claramente a referência ao uso de *a gente* como pronome de 1ª pessoa nas ocorrências no exemplo dado, assim como a sua função de indeterminador e determinador. Ao apresentar os pronomes pessoais, o autor reproduz a lista *eu, tu, ele, nós, vós, eles*. (p. 164). Duas páginas à frente, quando se refere a formas de tratamento, inclui *a gente* em lista de “observações”, considerando-o de emprego informal:

O substantivo *gente*, precedido do artigo *a* e em referência a um grupo de pessoas em que se inclui a que fala, ou a esta sozinha, passa pronome e se emprega **fora da linguagem cerimoniosa**. Em ambos os casos o verbo fica na terceira pessoa do singular. “É verdade que *a gente*, às vezes, tem cá as suas birras” [AH.4,II, 158]. (BECHARA, 2001, p. 166). (grifo nosso)<sup>22</sup>

---

<sup>20</sup> Conforme explicação dada em Bechara (2001, p. 112) [...] unidades categoremáticas, os pronomes, que são “formas sem substância”, isto porque apresentam apenas ou em primeiro lugar um significado categorial, sem representar nenhuma matéria extralingüística.

<sup>21</sup> RQ. 1, 108 = Raquel de Queiroz “O brasileiro perplexo” Rio de Janeiro, Editora do Autor, 1963.

<sup>22</sup> AH.4 = Alexandre Herculano “Lendas e narrativas”, 2 vols. Lisboa, 1876.

Nos pronomes possessivos, no subitem “O possessivo em referência a um possuidor de sentido indefinido”, Bechara retoma o mesmo exemplo de Alexandre Herculano, usado na citação que destacamos acima (p. 166), para ilustrar a seguinte prescrição: “Se o possessivo faz referência à pessoa de sentido indefinido expresso ou sugerido pelo significado da oração, emprega-se o pronome de 3.<sup>a</sup> pessoa: ‘É verdade que *a gente*, às vezes, tem cá as *suas* birras – disse ele, com certo ar que seria ser fino e saía parvo’ [AH. 4, II, 158].” (p. 185). E acresce (p. 185): “Se o falante se inclui no termo ou expressão indefinida, usar-se-á o possessivo de 1.<sup>a</sup> pessoa do plural: ‘*A gente* compreende como estas cousas acontecem em *nossas* vidas’ [cf. CBr. 1]”<sup>23</sup>. A forma possessiva “*da gente*” não é citada.

Azeredo (2008) insere a seguinte observação ao tratar de pronomes pessoais (idem, p. 176): “Obs. 3 – Os brasileiros empregam em geral a forma *a gente*, especialmente na língua falada semiformal e informal, como equivalente a *nós*, seja com um valor genérico/indeterminado (como o do pronome *se*: não *se* sabe/ *a gente* não sabe), seja para referência dêitica situacionalmente identificada”. Neste caso, já se pode observar a identificação do uso de *a gente* em estilo oral (e escrito, pois entende-se que *especialmente* não quer dizer exclusivamente) com maior formalidade – uso não considerado por nenhum dos autores de gramática aqui investigados, além da referência às possibilidades de determinação ou indeterminação, conforme ocorre com o uso de *nós*. Na apresentação dos pronomes possessivos, não houve referência ao uso de *da gente*.

Em Bechara (2009, p.166), o comentário e o exemplo sobre *a gente* na lista de “observações” são os mesmos da gramática de 2001. O mesmo ocorre para as considerações sobre uso do possessivo (p. 184), conforme exposto acima. No subtítulo “O possessivo em referência a um possuidor de sentido indefinido”, o autor explica que se o possessivo fizer referência a pessoa de sentido indefinido – seja expresso, ou seja, sugerido pelo sentido da oração – o pronome a ser empregado é de 3.<sup>a</sup> pessoa, mas, se o falante “Se inclui [...]” e repete explicação em que *nossas* é a forma possessiva de 1.<sup>a</sup> pessoa considerada (p.185).

O que se pôde verificar é que na maior parte das gramáticas observadas – a maioria normativa - as contradições se iniciam pela própria definição do que é *pronome*, quando considerado *substituto do nome*, pois o caráter substitutivo e a substituição apenas de substantivos são noções equivocadas, conforme destaca Monteiro (2004, p. 29) quando

---

<sup>23</sup> CBr. 1 – Camilo Castelo Branco “A queda de um anjo”, Ed. De P. A. Pinto. Rio de Janeiro,Org. Simões,1953.

considera que “Em primeiro lugar, nem todos os pronomes funcionam como substitutos. Em segundo, os que exercem essa função nem sempre substituem nomes. E, por fim, há expressões substitutivas que não se classificam necessariamente como pronomes”.

Outra contradição se dá na noção de pessoa. Conforme Faraco e Moura (2000, p. 284) “pessoa refere-se aos diferentes papéis que pessoas e coisas desempenham numa situação de comunicação verbal”, constituindo, pois, um conceito gramatical que envolve três pessoas do discurso: primeira pessoa (quem fala); segunda pessoa (com quem se fala); e terceira pessoa (de quem se fala). Percebe-se que não se considera que o ato comunicativo envolve apenas duas pessoas: aquela que fala (quem fala) e aquela que ouve (com quem se fala).

A personalidade é discutida por Benveniste (1976), para quem se constitui pessoa o *eu* e o *não-eu*, tratados por ele como participantes do diálogo. Diferentemente da tradição gramatical, Benveniste considera que a ligação entre locutor e interlocutor durante o processo de comunicação é o discurso, e que este comporta apenas duas pessoas: a primeira pessoa, o *eu* (locutor) e a segunda pessoa, o *não-eu* (interlocutor). Porém, há circunstâncias do discurso que remetem a *não-pessoa*, que não é locutor nem interlocutor e que compreende tanto seres vivos quanto objetos - a chamada terceira pessoa do discurso (*ele*). Assim, *eu* e *não-eu* são marcados quanto à pessoa representada pelo locutor e pelo interlocutor na enunciação, enquanto que a *não-pessoa* não é marcada pela relação de personalidade, o que possibilita a sua pluralização. Já o *eu* e o *não-eu* não sofrem pluralização (multiplicação), mas ampliação, isto é, aumentam seu conteúdo e sua abrangência. (não se pode pluralizar *eu + eu nem tu + tu* sem mudar de pessoa). *Nós* representa o caso do *eu ampliado*: o *eu* abrange o *não-eu* e/ou a *não-pessoa*.

A perspectiva de Benveniste sobre *pessoa* autoriza os casos de indeterminação com pronome pessoal expresso, fato que as gramáticas normativas omitem, pois ignoram que o pronome pessoal *nós* possa ser indeterminador. No caso de *a gente*, é reconhecido seu traço indeterminador, mas desconsideradas sua possibilidade de determinação e a sua função de pronome - *a gente* é uma “expressão” com valor indeterminado. Talvez isso se deva ao fato de ainda se relacionar *a gente* com o substantivo *gente* (aspecto reforçado pelos dicionaristas), ou seja, a maioria não manifesta conhecimento ou entendimento de sua gramaticalização como pronome desde o século passado.

Outra questão a ser discutida pela apresentação feita sobre o conteúdo de dicionários e gramáticas é a relação de concordância de *a gente*, pronome de 1ª pessoa, ser incluída na

explicação dos pronomes de tratamento como 3.<sup>a</sup> pessoa, certamente pela identificação das formas de tratamento como substitutas da 3.<sup>a</sup> pessoa gramatical. Esse problema poderia ser tratado pela explicação do fenômeno de neutralização, pois este afeta o esquema de conjugação das formas verbais, simplificando-o, e dando aos pronomes pessoais cada vez menos redundância, pois “quase só a eles cabe a indicação da categoria de pessoa” (MONTEIRO, 2004, p. 36).

Também chamou a atenção o fato de que em nenhuma das obras verificadas o uso de *a gente* é considerado adequado para a variedade padrão da língua - oral ou escrita. O trato de *a gente* nos manuais é feito em espaços distintos dos pronomes canônicos, aparentemente para deixar claro seu *status* de exceção, o que poderia ser interpretado como “de uso restrito, de ocorrência rara ou mencionado apenas para ser registrado o alerta de que deve ser evitado por quem quer falar/escrever corretamente”. Considerando a natureza normativa da maior parte das gramáticas abordadas, não foi nenhuma surpresa não encontrar *a gente* como pronome pessoal considerado no quadro pronominal canônico. No entanto, nas gramáticas descritivas e históricas consultadas já se indicava o uso da forma com sentido pronominal, oferecendo aos (futuros) gramáticos um material de consulta válido. Infelizmente, parece que as “modernas gramáticas” são apenas cópias ligeiramente modificadas, desprovidas de reflexões atualizadas sobre a língua e/ou envolvidas por uma cultura elitista da língua, em que a diferença lingüística é vista como erro ou desvio.

Faraco (2002) faz discussão interessante sobre a definição de *norma lingüística*. Segundo o autor, “[...] grupos sociais se distinguem pelas formas de língua que lhes são de uso comum. Esse uso comum caracteriza o que se chama de *a norma lingüística* de determinado grupo” (idem, p. 38). Neste sentido, Faraco explica que haveria tantas normas quanto grupos sociais: comunidades de área rural, de periferias urbanas, a classe média urbana, cada um teria sua norma característica. Ele enfatiza que a *norma* não trata apenas de “um conjunto de formas lingüísticas; ela também é (e principalmente) um agregado de valores socioculturais articulados com aquelas formas” (idem, p. 39). Sob essa perspectiva, salienta o inevitável o intercâmbio social entre normas e as “múltiplas interinfluências” que ocasionam normas hibridizadas e, por vezes, mudanças lingüísticas.

Entre as normas existentes em uma sociedade, existe aquela especificamente utilizada pela parcela da população mais exposta à cultura escrita. Essa norma, relativa a esse grupo que historicamente detém maior controle e poder, é chamada de *norma culta*, diferenciada pelo autor do conceito de *norma-padrão ou língua-padrão*.

[...] *norma culta* deve ser entendida como designando a norma lingüística praticada, em determinadas situações (aquelas que envolvem certo grau de formalidade), por aqueles grupos sociais mais diretamente relacionados com a cultura escrita, em especial por aquela legitimada historicamente pelos grupos que controlam o poder social. (FARACO, 2002, p. 41).

Para o autor, o qualitativo *culto* está relacionado diretamente à dimensão da cultura escrita desses grupos e o poder que lhes é dado pela posição econômica e social. Isso acaba por fazê-los entender a si próprios como “superiores”, dominantes em relação aos demais grupos, e a levar a mesma perspectiva para a norma por eles utilizada, estabelecida como a “melhor”.

Uma das conseqüências dessa situação é uma histórica força unificadora voltada à manutenção de uma relativa estabilização lingüística, “buscando neutralizar a variação e controlar a mudança” (p. 40). Faraco estabelece então, para a “norma estabilizada” que se origina desse processo, o conceito de *norma-padrão* ou *língua padrão*. As implicações da norma-padrão entre as demais normas lingüísticas são várias, mas destaca-se a sustentação institucional criada para a disseminação da cultura letrada, contexto em que atua a Escola, um dos aparelhos ideológicos do Estado de maior eficácia na inculcação da ideologia dominante.

Destacam-se, nesse trabalho de manutenção da hegemonia, gramáticas, dicionários e formulários ortográficos, instrumentos cuja codificação, de acordo com o autor, teve como referência o modelo lusitano de escrita.

A questão exposta por Faraco salienta, ainda, a inevitável tendência histórica de se criar um “fosso” entre a norma culta e a língua padrão até que se chegue ao momento em que o padrão se torne “cada vez mais artificial e anacrônico, se não houver mecanismos socioculturais para realizar os necessários ajustes” (p. 42). Registram-se aqui considerações feitas pelo Prof. Luiz da Veiga Mercer, quando do exame de qualificação desta investigação e da defesa da tese, sobre os conceitos *língua-padrão* ou *norma-padrão*. Mercer instiga uma visão mais cuidadosa sobre os termos alertando que “norma-padrão não é uma norma, como o é a norma culta ou norma popular. Melhor mesmo chamar de *uso recomendado, referencial...*”. (MERCER, 2009 - anotação). Mercer ainda faz outra contribuição sobre o cuidado com a “classificação” de norma popular e culta considerando que:

[...] norma popular e norma culta são usualmente empregadas de forma dessimétrica. A primeira expressão abrange todos os estilos - oral, escrito, coloquial, formal -, ao passo que a segunda expressão é usada para designar

apenas as variedades escritas formais. Isso cria um problema evidente: que norma utilizam professores e estudantes universitários quando conversam na cantina? Entendo que seria melhor empregar norma culta para designar todo o leque de estilos usados pelas camadas escolarizadas, do “eu o vi” até “eu vi ele”. Um segundo ponto: acho que o Faraco tem razão ao isolar língua-padrão de norma culta. Embora próxima da variedade escrita formal da norma culta, a língua-padrão é uma entidade virtual, modelada por um ideal de língua cultivado por uma elite que detém certo poder cultural. Não é propriamente uma norma. (MERCER, 2010 – informação verbal/anotação)

Para finalizar o trato com gramáticas do português, a abordagem sobre pronomes vem de outra proposta de trabalho, a “Gramática do português culto falado no Brasil”. A obra é uma publicação de 2008, de abordagem funcionalista, originada do Projeto Gramática do Português Falado desenvolvido durante as décadas de 80 e 90, cuja base de análise foi o *corpus* do Projeto NURC – Projeto de Estudo da Norma Urbana Lingüística Culta do Português Brasileiro. Nele, as discussões ocorrem sobre um *corpus* oral constituído por entrevistas realizadas com informantes de nível universitário, denominados cultos, com entrevistas divididas entre níveis mais e menos formais de interlocução. Portanto, todas as considerações feitas sobre dados de fala no material pertencem, segundo a classificação do banco de dados, à norma culta da língua.

O capítulo sobre pronomes é outro trabalho de Neves (2008). Após introdução sobre o estatuto categorial dos pronomes, a autora orienta que, em razão das formas dos pronomes pessoais apresentarem significativa variação, se torna produtivo para análise considerá-los a partir de uma divisão em três grupos: um que incluiria todas as possibilidades de referência a 1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup> pessoa e o reflexivo *se*, casos em que as formas latinas de origem já eram pronomes; outro que reuniria todos os demais pronomes pessoais de 3.<sup>a</sup> pessoa, “formas de antigos demonstrativos”; e um terceiro grupo formado por duas “criações vernáculas”: *você* (s) e *a gente* (p. 512). A autora apresenta como pronomes pessoais usados pelos falantes cultos<sup>24</sup> do NURC: para a 1.<sup>a</sup> pessoa: eu/nós/*a gente*; para a 2.<sup>a</sup> pessoa: tu/você/ o senhor/ a senhora; para a 3.<sup>a</sup> pessoa: ele/eles/ela/elas (p. 519). Tanto *nós* quanto *a gente* (assim como eles(s), ela(s), você(s)) são formas tônicas que podem ser tanto pronomes- sujeito quanto pronomes preposicionados.

---

<sup>24</sup> Como já dito, “falantes cultos” no NURC correspondem aos possuidores de curso universitário.



A pesquisadora destaca como origem de *a gente* uma expressão lexical de 3.<sup>a</sup> pessoa, origem esta ainda perceptível em características como o fato de *a gente* ser forma tônica e, quando na função de sujeito, levar o verbo para a 3.<sup>a</sup> pessoa (p. 515). Quanto à pluralidade, *a gente* “representa em geral um plural que soma *eu + não eu* (1.<sup>a</sup> + 2.<sup>a</sup> e/ou 3.<sup>a</sup>) [...] da mesma forma que *nós*, a expressão *a gente* também pode se referir ao indivíduo que fala (*a gente = eu*)” (p. 529). A propriedade de *a gente* ser usado na indeterminação do sujeito é colocada em contraste com o uso de *nós* em exemplos do inquérito D2 SP 360 do NURC, escolhido por Neves em razão de apresentar o dobro entre as formas: 30 casos de *a gente* e 14 de *nós*. Nessas ocorrências, *nós* é usado para referência mais determinada, enquanto *a gente* é usado para indeterminar, mesmo com a inclusão da 1.<sup>a</sup> pessoa. Segundo ela, *a gente* “pode chegar a um grau de indeterminação que resvala para a própria dispensa da referência à primeira pessoa (*a gente = as pessoas*)” (p. 531). Neves (2008, p. 538) levanta a hipótese de que existiriam “zonas de maior ou menor indeterminação do sujeito”, organizadas de maneira fluida, e relacionadas a dois processos “contrários e complementares”, um de inclusão e outro de exclusão.

A **inclusão** necessária de uma das três pessoas gramaticais, que é uma forma de determinação; um exemplo é o emprego de *a gente*, e, principalmente, *nós*, que implicam a primeira pessoa;

A **exclusão** necessária de uma das três pessoas gramaticais, que também é uma forma de determinação; um exemplo é o do pronome *eles*, ou, mesmo, do uso da 3.<sup>a</sup> pessoa do plural sem sujeito expresso. (grifo nosso) (NEVES, 2008, p. 538).

Como exemplo desses movimentos “contrários e complementares” é citada como situação de alto grau de indeterminação de referência o uso indeterminador de pronomes de 1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup> pessoa do singular, por excelência determinadores das pessoas a que se referem. Outro caso é de ocorrências na 3.<sup>a</sup> pessoa do singular sem sujeito expresso – no caso de alguns verbos com o “acoplamento do pronome *se*” – que apresentam grau máximo de indeterminação por não “implicar nem incluir, necessariamente, nenhuma das três pessoas do discurso” (idem, p. 538).

Na breve inserção de dados sobre a forma possessiva *da gente*, Neves afirma que, no *corpus* estudado, como referência possessiva à 1.<sup>a</sup> pessoa do singular, o uso categórico foi de *meu* e suas flexões; no plural o uso mais freqüente foi de *nosso* (8,5% do total das formas possessivas), mas a forma *da gente* também foi registrada (1%), exceto nos dados de Recife. A pesquisadora chama a atenção, a partir do exemplo: *A gente recebia o seu castiguiño* [DID

POA 45] (idem, p. 576), para a permanência do valor de *gente* como substantivo em *a gente* (incluído o falante), pois a interpretação do possessivo *seu* remete à uma 3.<sup>a</sup> pessoa “que está representada no substantivo *gente*”. Observa-se aqui que, sobre o exemplo de Neves, não é o caso do substantivo *gente* remeter à 3.<sup>a</sup> pessoa, mas é o caso de uso de *se* indeterminador com sentido de “*a gente* fazia arte e *se* recebia o castiguinho”. Apesar dos exemplos dados, a possibilidade do uso de *a gente* determinador e *nós* indeterminador não fica clara.

Diante das reflexões feitas, é fundamental se discutir o conteúdo das referências padronizadoras, em especial as comumente usadas nas escolas, com a consciência de que atitudes puristas e normativistas não se constituem “ensino de português”, mas manutenção de ideologias dominantes e, como alerta Faraco, “discriminação e exclusão sociocultural” (2002, p. 43). A incorporação do uso de *a gente* é um dos exemplos de necessidade de atualização e flexibilização dos materiais uniformizadores, pois se trata de uma mudança generalizada, conforme atestam os estudos sobre o tema, assim como os resultados apresentados neste trabalho.

Ao verificar a concepção equivocada de pronome *e*, em específico, da abordagem confusa de *a gente* em gramáticas como a de Faraco e Moura (2000), que pode ser definida como pedagógica, ou seja, voltada ao ensino da língua, por extensão se poderia deduzir que a problemática se estenderia para os livros didáticos. Em Tamanine (2002) verificou-se a presença da variação *nós/a gente* em diversos textos direcionados à interpretação pelos alunos, mas nas atividades que envolveram utilização de pronomes - ou mesmo na apresentação da classe dos pronomes - o uso de *a gente* não foi mencionado. Em apenas uma das obras foi encontrado exercício de substituição de *a gente* por *nós*, porém direcionado pelo mesmo molde da apresentação normativa em que *a gente* foi mencionado: salientar que o uso *nós* é pertinente à norma-padrão e de *a gente* à não-padrão, este, portanto, devendo ser evitado.

No aspecto do ensino de língua materna e uso dos pronomes pessoais no PB, entre outros trabalhos, destaca-se a abordagem de Freitas (1991) que, através do projeto “Da pesquisa científica à gramática pedagógica – uma incursão no campo dos pronomes pessoais sujeito e paradigmas verbais com base no *corpus* do projeto NURC”, levou os resultados das pesquisas lingüísticas sobre as atuais mudanças no paradigma pronominal do PB até o ensino de 1.<sup>o</sup> e 2.<sup>o</sup> graus, partindo da reflexão lingüística junto aos professores.

Com a elaboração de manuais, o projeto visa orientar o professor sobre aspectos da língua materna a serem ensinados, o que sempre é precedido de uma orientação teórica e seguido de uma orientação pedagógica, de maneira adequada ao nível de ensino praticado.

O manual do 1.º grau elaborado pela pesquisadora apresenta assim os pronomes pessoais sujeito na norma culta falada e escrita do PB:

1.ª pessoa: *eu / nós e a gente*: a pessoa que fala, o emissor<sup>25</sup> em um diálogo;

*nós/a gente*: combinação variada entre emissor, receptor e outros:

1.ª combinação: emissor + receptor

2.ª combinação: emissor + receptor + outros

3.ª combinação: emissor + outros

2.ª pessoa: *você, tu / vocês, vós / o senhor, a senhora / os senhores, as senhoras*: a pessoa com quem se fala, o receptor em um diálogo;

3.ª pessoa: *ele, ela / eles, elas*: a pessoa de quem se fala, a que está fora do diálogo, o outro, a outra.

A proposta da autora se mostra importante, pois, além de eliminar a segmentação da GT entre pronomes pessoais e de tratamento, apresenta *eu, nós e a gente* co-ocorrendo como pronomes de 1.ª pessoa em diferentes combinações, conforme o *eu ampliado* definido por Benveniste (1976), exceto por excluir a *não-pessoa*. O mesmo acontece na definição da 3.ª pessoa, a *não-pessoa*, que não é marcada pela relação de pessoalidade<sup>26</sup>, conforme as possibilidades determinadas por Freitas - a pessoa de quem se fala, a que está fora do diálogo, o outro, a outra - não contemplarem objeto ou assunto.

Depois da composição de um cenário sobre a forma como *a gente* é apresentada em dicionários e diferentes tipos de gramáticas – *referências padronizadoras*, como dito por Faraco (2002), o foco se volta para a construção de um panorama diferente sobre o uso de *nós* e de *a gente* no PB, originado de resultados de pesquisas científicas realizadas com fundamento na sociolinguística, na teoria da variação e nos pressupostos teóricos da gramaticalização.

---

<sup>25</sup> É usada neste momento a terminologia adotada por Freitas (1991): emissor/receptor.

<sup>26</sup> Segundo Benveniste (1988), a correlação de subjetividade se dá quando, na interação, *eu* e *tu* “trocam” de lugar e se atualizam como novos *eu* e *tu*, ou seja, a correlação de subjetividade é uma ligação entre eles que permite esse tipo de alternância. Correlação de pessoalidade diz respeito à condição de *pessoa* ou *não-pessoa*.

#### 1.4 Antecedentes no estudo da alternância *nós/ a gente*

O objetivo central desta seção é apresentar resultados de trabalhos já realizados sobre o processo de variação *nós/ a gente* que possam servir de base para a discussão nesta pesquisa sobre o fenômeno na fala dos curitibanos. Dessa forma, foram abordados trabalhos antecedentes que trataram da concorrência entre *nós* e *a gente*, e/ou da gramaticalização de *a gente*, em diferentes localidades do Brasil e que se utilizaram de material disponibilizado pelos principais bancos de dados lingüísticos do PB.

Entre os bancos de dados mencionados está o Projeto NURC – Projeto de Estudo da Norma Lingüística Urbana Culta no Brasil. O NURC iniciou suas atividades em 1969 e envolveu coleta de dados de fala em cinco cidades-capitais brasileiras: São Paulo (SP), Salvador (SSA), Recife (RE), Rio de Janeiro (RJ) e Porto Alegre (POA). O *corpus* do NURC possui 1870 entrevistas divididas entre elocuições formais (EF), diálogos entre informante e documentador (DID) e diálogo entre dois informantes (D2). Os entrevistados apresentam nível de escolaridade superior (curso universitário completo) e estão divididos em três faixas etárias (25 a 35 anos, 36 a 55 anos e 56 anos ou mais).

Outro banco de dados citado é o do Projeto CENSO – Censo da Variação lingüística no Estado do Rio de Janeiro. O projeto se desenvolveu a partir do final de 1980, compondo amostra oral de 48 entrevistas de adultos. A composição do *corpus* levou em conta, no município do Rio de Janeiro, três zonas urbanas: zona norte, zona sul e zona suburbana; sexo masculino e feminino, três faixas etárias (15 a 25, 26 a 49, 50 anos ou mais) e três níveis de escolaridade (primário, ginásio e 2º. Grau). Em 1981, o *corpus* foi ampliado em mais 16 entrevistas, com informantes entre 7 e 14 anos (crianças). Nesse mesmo ambiente, em 1982, foi criado o projeto “Subsídios Lingüísticos do Projeto ‘Censo’ à Educação”, posteriormente chamado de “Programa de Estudos sobre o Uso da Língua”, o PEUL.

Também são apresentados trabalhos realizados com dados do Projeto VARSUL – Variação Lingüística Urbana da Região Sul, capitaneado pelas universidades federais do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. A Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul integrou-se ao projeto em 1993. O VARSUL dispõe de entrevistas distribuídas igualmente entre quatro cidades de cada estado (capital mais três cidades do interior) e considerou em sua distribuição os fatores escolaridade (primário, ginásio, 2º. grau e, em fase

posterior, nas capitais, ensino superior); faixa etária (A - 25 a 50 e B - mais de 50, com acréscimo posterior de informantes de menos de 25 anos nas capitais), sexo (masculino e feminino) e variedades lingüísticas (capitais e localidades com grupos étnicos ou sociolingüísticos culturalmente representativos de cada um dos estados). Mais detalhes sobre o VARSUL/Paraná serão apresentados no capítulo da Metodologia, haja vista o projeto constituir a fonte dos dados utilizados nesta pesquisa.

O projeto BDS Pampa – Banco de Dados Sociolingüísticos da Fronteira e Campanha Sul-Rio-Grandense, também representado nesta seção, originou-se do trabalho integrado entre a Universidade Federal de Pelotas e a Universidade Católica de Pelotas. O projeto foi iniciado em 1998 e previu 600 gravações realizadas em municípios que fazem parte da faixa de fronteira e campanha gaúcha. O banco de dados contém 24 entrevistas coletadas por cidade, sendo que, em Pelotas, há 48 gravações. O *corpus* apresenta divisão entre as faixas etárias de 16 a 25 anos, 26 a 49 anos e de 50 ou mais; três classes sociais (baixa, média-baixa e média-alta), sexo masculino e feminino e dois níveis de escolaridade: indivíduos analfabetos ou que tenham estudado, no máximo, até a 5ª série e indivíduos que estejam cursando a partir do 1º ano do ensino médio.

Ainda relacionado à fala dos rio-grandenses, apresenta-se trabalho que utilizou dados do VarX – Banco de dados por Classe Social. O *corpus* é representado por 90 entrevistas realizadas em Pelotas, no Rio Grande do Sul. A distribuição da amostra está dividida por três zonas residenciais: central, periférica e de arrebalde. São fatores controlados a faixa etária – 16 a 20 anos, 21 a 25 anos, 26 a 37 anos, 38 a 49 anos, 50 a 64 anos, mais de 65 anos; o sexo – masculino e feminino, a classe social – baixa, média-baixa e média-alta; e a escolaridade – indivíduos analfabetos ou que tenham estudado, no máximo, até a 5ª série e indivíduos que estejam cursando a partir do 1º ano do Ensino Médio.

Ressalta-se que, em alguns trabalhos, motivada pela abrangência ou importância relacionada à análise dos dados de Curitiba, a apresentação dos resultados é mais detalhada como, por exemplo, o trabalho de Omena (1996 [1978]). Pesquisas não menos importantes, porém em escopo menos abrangente ou menos pertinente no que se refere à possibilidade de cotejo/discussão com os resultados aqui apresentados, tiveram descrições mais sucintas quando comparadas a outras tratadas nesta seção. Outrossim, haverá informações trazidas pelas pesquisas citadas que serão tratadas em maior detalhe nas análises feitas no capítulo de discussão dos resultados, pois foi naquele momento que trouxeram maior qualidade às discussões realizadas.

Divide-se a apresentação das pesquisas sobre *nós/ a gente* em três momentos. No primeiro apresentam-se análises realizadas sobre dados do projeto CENSO: a pesquisa de Omena (1996 [1978]), por ser a pioneira no estudo da variação *nós/a gente*; do projeto VARSUL/ Paraná: os trabalhos de Borba (1993), Setti (1997) e Godoy (1999), os dois primeiros com dados de Curitiba - Borba sobre *nós e a gente* e Setti sobre indeterminação do sujeito - Godoy tratou da indeterminação do sujeito na fala das cidades paranaenses de Irati, Londrina e Pato Branco; do VARSUL/ Santa Catarina: o trabalho de Seara (2000) em Florianópolis e de Tamanine (2002) nas cidades catarinenses de Blumenau, Chapecó e Lages.

No segundo momento, apresentam-se análises que envolveram *nós e a gente* em dados pertencentes ao projeto NURC/Salvador, por Albán e Freitas (1991) e Freitas (1991); ao NURC/Porto Alegre, Rio de Janeiro e Salvador, por Lopes (1993); NURC/São Paulo por Menon (1994); NURC das cinco cidades-capitais, por Monteiro (1994) e do NURC/Rio de Janeiro, por Lopes (1999).

Os três últimos trabalhos apresentados se utilizaram de dois bancos de dados: do VARSUL de Porto Alegre, o trabalho de Zilles (2002), do BDS Pampa e VarX a pesquisa de Borges (2004) e Menon (2006), que faz contrastes entre dados do NURC-SP, abordados em sua tese de 1994, com resultados de Setti (1997) e Godoy (1999), originados de dados do VARSUL do Paraná.

O trabalho pioneiro sobre a alternância entre o uso de *nós* ou de *a gente* é de Omena (realizado em 1978, publicado em 1996). Segundo ela, o uso de *a gente* no lugar de *nós* caracteriza, no PB, um processo de mudança lingüística numa espécie de *continuum*, que começa em contextos onde não há variação e vai até a substituição completa de uma forma pela outra. Omena analisou amostra de fala popular pertencente ao banco de dados do Projeto Censo Lingüístico do Rio de Janeiro (CENSO) envolvendo 64 entrevistas de informantes cariocas. O *corpus* está dividido em três faixas etárias (15-25 anos, 26-49 anos e 50 anos ou mais); três níveis de instrução (1.<sup>a</sup> a 4.<sup>a</sup> série do primário, 5.<sup>a</sup> a 8.<sup>a</sup> série do ginásio e 2.<sup>o</sup> grau), sexo (masculino e feminino).

A pesquisa de Omena (1996 [1978]) é centrada na alternância do uso de *nós* e *a gente* considerando comuns entre as formas os traços de [+ 1<sup>a</sup> pessoa gramatical] e [+ pluralidade], observada também a possibilidade de *nós* e *a gente* serem consideradas formas ambíguas de referência à primeira pessoa do plural e à primeira pessoa do singular em contextos determinados. Segundo ela, a origem de *a gente* pode ser relacionada à

“necessidade de, na primeira pessoa do discurso no plural, contrapor uma referência precisa a uma imprecisa” (idem, p. 190), o que se considera como motivação altamente relevante.

Das 64 entrevistas analisadas por Omena, entre os 3.301 dados de *nós* e de *a gente* encontrados, cerca de 600 não ocorreram na posição de sujeito. No âmbito geral dos dados computados, as ocorrências de *a gente* representaram 69% comparadas às ocorrências de *nós*. As ocorrências de *a gente* foram mais frequentes na função gramatical de adjunto adverbial (84%), seguida da função de sujeito (73%), de complemento (72%) e, por último, de adjunto adnominal (14%).

Com o total de dados (todas as funções) dividido entre adultos e crianças, o percentual de uso de *a gente* foi maior entre as crianças (80% contra 65% pelos adultos). Em relação aos adultos, o uso de *a gente* foi maior tanto na função de sujeito como de complementos. Os dados relativos às crianças revelaram que a predominância de *a gente* se deu na função de complemento (90%), enquanto que *a gente* na função de sujeito representou 82%. O fato das crianças não apresentarem variação no uso - houve 100% de realizações de *a gente* nas funções de objeto indireto, complemento nominal, adjunto adverbial e predicativo do sujeito - fez com que a pesquisadora retirasse esses dados das rodadas probabilísticas.

Na função de sujeito, os resultados de Omena (1996) na análise das variantes *nós* e *a gente* foi feito a partir das variáveis lingüísticas 1. *disposição das formas na seqüência do discurso*, 2. *saliência fônica* e 3. *Indeterminação*. Para variável 1, o resultado probabilístico apontou para maior tendência do uso de *a gente* quando o antecedente formal também era *a gente* e a referência era igual à anterior (.81 adultos e .78 crianças). O mesmo se aplicou ao uso de *nós* – se era o antecedente usado e se era mantida a referência, a probabilidade de manutenção da forma foi alta (.86 adultos e .75 crianças). Mudando-se a referência, houve redução da tendência de manutenção da forma antecedente entre os adultos (.42 para *a gente*) e as crianças não apresentaram queda, mas os dados não ocorreram em frequência significativa para uma análise confiável, segundo Omena (1996, p. 196). Na variável 2, os verbos de maior saliência fônica apresentaram maior probabilidade de uso de *nós*, enquanto os de menor saliência o uso de *a gente*, nos casos de gerúndio o uso de *a gente* foi categórico e com verbos no infinito o uso ficou distribuído entre *a gente* e  $\emptyset$  (não-realização). Omena deixa uma questão aberta sobre o fato de que os resultados evidenciam “um efeito a indicar que a desinência do verbo seleciona a forma do sujeito. Ou será que o falante aprende a construção como um todo?” (idem, p. 201). Sobre a variável 3, a autora faz uma relação entre indeterminação e número maior ou menor de referentes e analisa o resultado obtido com o que

considerou *grupo grande e indeterminado* (.72 para o uso de *a gente*) e *grupo grande e determinado* (.72 para o uso de *nós*). Entre os grupos considerados *pequeno ou intermediário e indeterminado* e *pequeno ou intermediário e determinado* os resultados indicam uma neutralização (.55 e .50) que, de acordo com Omena, pode significar que *a gente* estaria “perdendo a marca de indeterminação, como aconteceu com *on* em francês, que na alternância com *nous* é caracterizado por Laberge (1977)<sup>27</sup> como definido” (idem, p. 204).

No estudo da variação *nós/a gente* na função de sujeito sob perspectiva dos fatores sociais, destaco os resultados das variáveis *faixa etária* e *escolaridade*. Na sua pesquisa, Omena verificou que o uso de *a gente* apresentou maior probabilidade na faixa etária mais jovem, um forte indicativo, segundo a Teoria Sociolinguística, de um processo de mudança linguística em curso (7 a 14 anos - .74 e 15 a 25 - .67 para *a gente* / 26 a 49 anos - .64 e 50 a 71 anos - .78 para o uso de *nós*). No fator escolarização, o índice de .78 de uso de *nós* pelos adultos e .52 pelas crianças com nível de escolaridade ginásial (crianças com primário apresentam probabilidade de 0,9 para uso de *nós*) é explicado por Omena como possível reflexo desse nível de escolaridade em que se estudam as conjugações verbais. O uso do pronome *nós*, quando testado entre falantes com escolaridade primária e secundária, apresentou, respectivamente, os pesos relativos de .66 e .61. Essa diferença entre os níveis primário e secundário - de apenas 5 pontos - foi considerada não relevante pela pesquisadora. Omena atribui o uso elevado de *nós* pelos adultos com escolaridade primária também pela razão de que, no 4º ano, inicia-se o estudo sistemático das conjugações verbais. Quanto ao 2.º grau, o uso elevado de *a gente* foi atribuído ao uso da gíria e de mais formas de tratamento informais.

Os resultados de probabilidade obtidos na análise das variáveis linguísticas na fala dos adultos (o uso quase que categórico de *a gente* pelas crianças condicionou a retirada dos dados das rodadas), apontaram nos dados de Omena o fator “seqüência do discurso” como o mais significativo no uso das formas (.77 para *a gente* no contexto antecedente). O sentido de indeterminação do sujeito, o traço semântico mais significativo no uso de *a gente* no *corpus*, de acordo com Omena, apresenta resultado diferenciado (+ determinado) no contexto das funções **não-sujeito**.

---

<sup>27</sup> LABERGE, S. *Étude de la variation des pronomes sujets définis et indéfinis dans le français parlé à Montréal*. Montréal, Faculté des Études Supérieures, 1977. Thèse de Doctorat, inédito.



[...] mais do que na [função] de sujeito, ela [a forma *a gente*] está perdendo o traço semântico da indeterminação. Mesmo assim quando a forma é ambígua quanto ao fato do referente ser *eu* (1.<sup>a</sup> p. sing.) ou *nós* (1.<sup>a</sup> p. pl.), a tendência é para se utilizar *a gente* (.69). Há aí uma tendência para se usar *nós*, quando o referente inclui o falante e um número reduzido de pessoas.

Ainda relativamente às funções não-sujeito, o destaque para o uso de *a gente* entre os fatores extralingüísticos analisados foi a variável faixa etária, pois na distribuição dos dados os informantes mais jovens usaram mais do que os adultos e estes mais do que os mais velhos. Na análise de probabilidade, as maiores tendências de uso de *a gente* também se apresentaram entre os informantes das duas faixas etárias mais jovens, a saber .81 na faixa dos 7 aos 14 anos e .66 entre os 15 e 25 anos, contra .48 na faixa dos 26 aos 49 e .12 para os 50 em diante (p. 211). Tais resultados fortaleceram o que Omena havia verificado na variável faixa etária quando da análise de *a gente* na função de sujeito: a maior tendência de uso da forma inovadora apresentada pela faixa etária mais jovem é sinal de processo de mudança lingüística em curso.

Borba (1993) foi a primeira a analisar a variação entre *nós* e *a gente* em entrevistas do VARSUL/Paraná, da cidade de Curitiba. A fim de verificar ocorrências na função de sujeito, Borba analisou quatro entrevistas, duas de informantes do sexo masculino e duas do feminino, divididos igualmente entre as faixas etárias A (25 a 49 anos) e B (50 anos ou mais), todos com escolaridade secundária. A proposta de Borba ao fazer o recorte seria construir um “projeto-piloto para futuro trabalho no qual poderemos aumentar o *corpus* e a profundidade da análise” (idem, p.66).

A distribuição geral entre as formas encontrada por Borba (1993) foi de 227 ocorrências de *a gente* (64%) e 125 de *nós* (36%), expressos e não expressos. Nos resultados em pesos relativos, *a gente* apresentou .37 para não-preenchimento, enquanto *nós*, para o mesmo fator, apresentou .63. Borba analisa este resultado pela marca verbal, pois a flexão –*mos* marca o uso de *nós*, portanto, favorece a ausência, enquanto a 3.<sup>a</sup> pessoa do singular pode se referir a outros pronomes além de *a gente*, por isso o preenchimento é necessário para esclarecer a referência. No fator tempo verbal, Borba aponta o pretérito perfeito como o tempo em que, em percentuais, houve maior favorecimento da variação, mas, no cálculo de probabilidade, a maior tendência de uso de pronome foi de *nós* (.70).

Quanto à análise da distribuição da concordância verbal, no uso de *nós*, 91% dos casos apresentaram a concordância esperada (-*mos*) (BORBA, 1993). Na verificação da

concordância, *a gente* com flexão na 3.<sup>a</sup> pessoa representou 100% das ocorrências e, sobre este resultado, a pesquisadora lança questionamento sobre o que se considera “concordância prevista ou não prevista”, destacando a possibilidade de observação do fenômeno de maneira mais ampla, conforme Amaral (1920)<sup>28</sup> e Costa (1990)<sup>29</sup>, ao se considerar o processo relacionado a uma mudança que envolve todo o sistema de marcação verbal da língua falada.

Nos fatores sociais analisados, o destaque ficou para os resultados da faixa etária. Em percentuais, na faixa etária mais jovem houve 89% de ocorrências de *a gente* e, entre os mais velhos, 22%. Em pesos relativos, a tendência dos falantes mais jovens usarem *a gente* foi de .80, enquanto que o uso de *nós* pelos mais velhos apresentou peso ainda mais alto, .92.

A pesquisa de Setti (1997) versou sobre formas de indeterminação do sujeito em dados de fala popular das três capitais dos estados do sul do Brasil: Curitiba, Florianópolis e Porto Alegre. Setti analisou 72 entrevistas do VARSUL, divididas igualmente entre as cidades de Curitiba, Florianópolis e Porto Alegre. Na pesquisa foram envolvidas 13 variantes possíveis para indeterminação do sujeito (SETTI, 1997, teve como parâmetro para seleção das variantes o trabalho de MENON, 1994, produzido com dados do Banco Norma Lingüística Urbana Culta - NURC –SP. SETTI acresceu ao grupo de variantes definidas por MENON a variante *tu*, não encontrada no NURC-SP, mas presente no VARSUL). Entre as variantes abordadas no trabalho de Setti, serão tratados os resultados relativos aos pronomes *nós* e *a gente* e à cidade de Curitiba quando da possibilidade de comparação e análise com os resultados ora apresentados.

Em cômputo geral sobre as 8.812 formas de indeterminação do sujeito estudadas, de acordo com os resultados probabilísticos de Setti (1997), apesar da pouca diferença em relação ao ponto neutro, foram as mulheres de Curitiba que apresentaram o maior peso relativo para o uso de formas de indeterminação (.55)<sup>30</sup>. A distribuição geral dos dados de *nós* e de *a gente* em Setti foi a seguinte: 1.395 dados de *a gente* e 355 de *nós*. Curitiba foi a

---

<sup>28</sup> AMARAL, Amadeu. *O dialeto caipira: gramática e vocabulário*. São Paulo: O livro, 227 p., 1920.

<sup>29</sup> COSTA, Iara Bemquerer. *O verbo na fala de camponeses – um estudo de variação*. Tese de Doutorado, Campinas, SP. UNICAMP, 224 p., 1990. (inédito)

<sup>30</sup> Em Florianópolis (.53) e Porto Alegre (.54) foram os homens que mais usaram formas de indeterminação do sujeito.

localidade que menos usou *a gente* (385/1.395) e que mais apresentou ocorrências de *nós* (183/355).

Setti (1997, p. 90) utilizou a variável *sexo* para realizar as rodadas e obter resultados probabilísticos binários, pois a variável dependente com 13 variantes não pode ser utilizada pelo VARBRUL<sup>31</sup>. Na análise contrastiva de pesos relativos entre *nós* e *a gente* nas três capitais do sul, para obter resultados binários Setti destacou que, no fator *sexo*, há um contexto de oposição: as mulheres apresentam tendência de uso de *a gente* (.63), e no uso de *nós* a liderança é dos homens (.62)<sup>32</sup>.

Foram os informantes mais velhos de Curitiba que apresentaram maior tendência de uso de *nós* (.67) nos dados de Setti (1997). Em rodadas no TVARB, programa que faz parte do pacote de análise estatística VARBRUL, Setti efetivou análise de três variantes na variável dependente, portanto são apresentados resultados em três algarismos. Neste caso, foram registrados os resultados da variável escolaridade sobre o uso de *nós* e de *a gente*, a saber, .279 no primário e .380 no ginásio para o uso de *a gente*. No fator escolaridade de 2º. grau, *nós* apresenta o peso relativo maior (.481). O peso mais baixo e o peso mais alto coincidem com nível mais baixo e mais alto de escolaridade da amostra, indicando a possibilidade de interferência do tempo de exposição ao ensino formal no uso dos pronomes, apesar das discussões já feitas sobre a problemática do fator escolaridade em trabalhos variacionistas aqui abordados.

Essa questão da interferência da escolaridade nos usos do falante, conforme levantada por Setti e outros autores, merece discussão mais aprofundada. No caso de Setti (2007), ao se verificar que não havia nenhum caso de uso de *tu* em Curitiba, mas categoricamente de *você* para referência a 2.ª pessoa do singular - caso houvesse a mínima possibilidade de haver interferência do ensino dos pronomes pela escola - poderia-se pensar que se *você* não faz parte do elenco formal dos pronomes, então a influência da escola deveria, em tese, subsidiar o uso de *tu* entre os informantes com maior escolaridade. Porém, ocorre exatamente o contrário. Não se considera, ingenuamente, que a escola seja fator fundamental ou isolado que interfere neste tipo de caso, mas se considera relevante relacionar

---

<sup>31</sup> Maiores detalhes sobre o Programa VARBRUL serão tratados no capítulo da metodologia.

<sup>32</sup> No cômputo das 13 variantes nas três cidades estudadas, *a gente* apresenta o maior peso relativo entre as mulheres mais velhas (.63). Entre os homens *você é* a maior tendência de uso para indeterminação do sujeito (.67 entre homens mais jovens).

o ensino da norma – com base na modalidade escrita – e as modalidades orais – relegadas a segundo plano – como conteúdos com “dosagens” a serem repensadas na escola, justamente em razão do distanciamento entre o que é programático no ensino da língua e o que é realidade no uso efetivo da língua.

Setti (1997) chama a atenção para um contexto diferenciado no uso de recursos de indeterminação em Curitiba quando comparado às outras duas capitais, o que reforça quando apresenta os resultados entre as cidades para uso de *nós* e *a gente*: “o peso relativo maior em Curitiba é do pronome *nós* (.818) e, apesar dos baixos índices, em Florianópolis e Porto Alegre os pesos relativos maiores são para a variante *a gente* (.228) e (.168) respectivamente. A aproximação nos costumes lingüísticos entre Florianópolis e Porto Alegre, em oposição a Curitiba, novamente se esboçou [...]”. (idem, p. 92).

Entre os 6.826 dados analisados por Godoy (1999) no interior do Paraná, a distribuição por número de ocorrências entre as 11 variantes de indeterminação do sujeito apresentou o pronome *a gente* como a 4ª. forma mais usada, com 667 casos (9,8%) e *nós* como a 9ª., com 142 (2,1%). Entre as 667 ocorrências de *a gente*, o maior número de ocorrências se deu em Irati (269/40%), localidade que também apresentou o maior número de ocorrências de *nós* (70/49%). Os informantes com primário apresentaram maior número de ocorrências de *a gente* (667/260) e também a maior tendência de uso da forma com peso relativo de .434<sup>33</sup>. Com o uso de *nós* a situação foi a mesma: mais ocorrências (667/62) e maior resultado de tendência (.419) na escolaridade ginásial. Na variável faixa etária, destacou-se *nós* como o segundo recurso de indeterminação com maior probabilidade de uso entre os informantes acima dos 50 anos (86/.65). No caso de *a gente*, os mais velhos lideraram o uso, pois foi o quinto recurso com maior tendência de uso na faixa etária de mais de 50 anos (332/.54) e, entre os informantes de 25 a 50 anos, *a gente* foi o sexto recurso, com peso relativo de .46 (335/.46). Os homens apresentaram peso relativo maior para uso de *nós* (.74) e as mulheres para uso de *a gente* (.58).

Em Santa Catarina, Seara (2000) realizou pesquisa com dados de 12 entrevistas do VARSUL de Florianópolis. Na distribuição geral entre *nós* e *a gente*, o uso de *a gente*

---

<sup>33</sup> Em rodadas no TVARB, programa que faz parte do pacote de análise estatística VARBRUL, realiza-se análise de três variantes na variável dependente, portanto apresentam-se resultados em três algarismos. Maiores detalhes sobre o Programa VARBRUL serão tratados no capítulo da metodologia.

representou 72% das ocorrências. Em seus resultados destacaram-se como fatores significativos para aplicação de *a gente*: o *tempo verbal* (pretérito imperfeito, 82% e 0.68, associado a menor saliência fônica); sexo (80% e 0,66 entre as mulheres); *traço semântico do sujeito* (expressão de sujeitos indeterminados 78% e 0.68) e *faixa etária* (primeira faixa etária, 15 a 24 anos, 76% e 0.69).

Em variável denominada “graus de conexão do discurso”, o resultado obtido por Seara (2000) apontou para a maior ocorrência de *a gente* quando há inserção de sujeito diferente entre os dados (86% e 0.69). Segundo a pesquisadora, a “conexão discursiva é mais afetada, pois entra em cena outro sujeito, representando um interferente potencial, levando a uma ruptura na seqüência discursiva” (idem, p. 187), ou seja, uma ruptura causada pela entrada de outro sujeito levaria o falante a retomar o referente inicial, neste caso *a gente*.

Com dados do VARSUL/Santa Catarina, são destacados os principais resultados da análise sobre o uso de *nós* e de *a gente* realizada em Tamanine (2002), nas cidades de Blumenau, Lages e Chapecó. A soma geral das ocorrências de *nós* e de *a gente* gerou 6.930 realizações expressas ou não expressas que sofreram análise sob a perspectiva de três categorias: *ocorrência isolada*, *seqüência binária* e *seqüência ternária*. Nessa perspectiva, as *seqüências binárias* apresentaram duas ocorrências codificadas em relação às variáveis controladas, mas apenas uma continha a codificação como *binária*. O mesmo se deu nas *seqüências ternárias*, levando-se em conta uma seqüência com três ocorrências das formas pronominais. Dessa forma, outra leitura da divisão de ocorrências pode ser feita da seguinte maneira: 1.333 dados de *ocorrência isolada* (55% de uso de *a gente*); 1.001 (multiplicado por 2) dados em *seqüência binária* (57% de uso de *a gente*) e 347 (multiplicado por 3) dados em *seqüência ternária* (54% de uso de *nós*), perfazendo o total de 5.235 dados de análise.

Nos resultados probabilísticos obtidos através do VARBRUL, em Tamanine (2002), consideraram-se rodadas distintas em que as três categorias de dados definidas foram testadas. Duas rodadas serão aqui comentadas: a primeira referente às *ocorrências isoladas* e a segunda somando os dados das *seqüências binárias* e *ternárias*.

No caso da rodada com dados de *ocorrência isolada* (número de ocorrências mais significativo entre as três categorias em que foi dividido o *corpus*), o fator *faixa etária* foi o primeiro selecionado com .59 de probabilidade para o uso de *a gente* pelos mais jovens. Entre as localidades pesquisadas em Tamanine (2002), Blumenau apresentou maior peso para aplicação de *a gente* (.55) e Chapecó o maior peso relativo para o uso de *nós* (.58) nesse tipo de ocorrência.

Nos dados de *ocorrência isolada*, reforçou-se a tendência geral vista em outros trabalhos aqui tratados, pois o fator *sexo* foi o quinto resultado selecionado pelo programa estatístico e indicou que as mulheres estão à frente da mudança, apresentando .52 de probabilidade de uso de *a gente* contra .42 pelos homens.

Na mesma rodada entre dados de *ocorrência isolada*, na variável *tipo de verbo*, o fator *verbo dicendi* apresentou maior peso relativo para o uso de *a gente* (.57). Favorecendo a ocorrência de *nós* destacou-se o fator *verbo de estado*, com .61. No fator *determinação do referente*, a tendência de *a gente* ser usado como indeterminador do sujeito foi de .64, indicando um favorecimento discreto. No uso para determinação do referente, o peso relativo de .49 mostrou invariabilidade para ocorrência de *a gente*, indicando ambiente em plena variação.

A apresentação dos resultados obtidos na segunda rodada, soma das *seqüências binárias e ternárias* – mostrou que praticamente os mesmos fatores da rodada com *ocorrências isoladas* foram selecionados como relevantes pelo programa estatístico, excetuando-se a seleção da variável *sexo*, ocorrida na rodada das isoladas. Como os pesos relativos também foram praticamente os mesmos da primeira rodada apresentada, expõe-se apenas os resultados do 5º. fator selecionado no ambiente das formas em seqüência, a *escolaridade*. Nesta variável, os resultados do *primário* e *ginásio* ficaram muito próximos ao ponto neutro (.48 e .52 respectivamente), e o *secundário* apresentou peso relativo exato de .50, ou seja, a tendência de uso aleatório entre *nós* e *a gente* foi geral nas seqüências, especialmente entre os informantes com o nível de instrução mais alto da amostra.

Albán e Freitas (1991) testaram as variáveis *faixa etária*, *momento de elocução* e *atitude do locutor* como possíveis condicionantes do uso de *nós* ou de *a gente* em dados de fala culta provenientes do NURC/Salvador<sup>34</sup>. O recorte utilizado no artigo compreendeu “inquéritos de número 156 – informantes 197 (F3) e 198 (F1), 208 – informantes 273 (F3) e 274 (F1) e 234 – informantes 305 (F3) e 306 (F1)” (ALBÁN E FREITAS, 1991, p.87). Dos três inquéritos investigados, dois (número 208 e 234) tinham por informantes pessoas que não se conheciam antes da entrevista e um (número 156) envolveu dois professores de uma

---

<sup>34</sup> Lembrando descrição dos critérios de organização do NURC em faixa etária (F1- 25-35, F2- 36-55 e F3- 56 anos), tipo de entrevista (EFs.- elocuições formais, DIDs. – diálogos entre informante e documentador e D2 – diálogo entre dois informantes, que constituíram a variável *estilo*) e sexo (masculino e feminino).

mesma unidade universitária. Em aspectos gerais, os resultados obtidos revelaram que a faixa etária foi a variável social mais significativa, sendo que os mais jovens, F1 (25 a 35 anos), demonstraram preferência por *a gente*, enquanto que os informantes F3 (56 anos em diante), usaram mais a forma *nós*.

O maior uso de *a gente* pelos jovens confirmou, nos dados investigados por Albán e Freitas (1991), a possibilidade de mudança em curso. Sobre as outras duas variáveis testadas, *momento da elocução* mostrou maiores resultados em informantes mais velhos (F3), usuários de *nós* no primeiro terço das gravações (para fins de análise dessa variável, as gravações de 1h e 20 min foram divididas em três momentos, pressupondo-se que o início da gravação seria o momento de maior formalidade). Em F1 não houve escala definida para distribuição de *nós/a gente* entre os terços de gravação, mas o uso de *a gente* foi mais recorrente.

A variável *atitude do locutor* não foi significativa sobre a seleção de *nós* ou *a gente*. Albán e Freitas (1991) salientaram, ao final do artigo, o uso expressivo, pelos informantes mais jovens, da forma *a gente* e a inserção crescente dessa forma no discurso dos informantes mais velhos, o que demonstra “a vitalidade do uso em diálogos informais de *a gente* como forma pronominal no PB, ainda não devidamente incorporada em dicionários e gramáticas” (ALBÁN E FREITAS, 1991b, p.86).

Lopes (1993) realizou pesquisa sobre *nós/a gente* como pronomes sujeito com dados do NURC das capitais Porto Alegre (POA), Recife (RE), Rio de Janeiro (RJ), São Paulo (SP) e Salvador (SSA). Do *corpus* do NURC, Lopes utilizou um recorte de 18 entrevistas (seis por cidade) do tipo DID (diálogo entre informante e documentador), o que poderia ser considerado um número não representativo para conclusões mais efetivas. Os dados de *nós/a gente* encontrados pela pesquisadora - coletados nos anos 70 - revelaram uma distribuição percentual geral para um maior uso de *nós* nas cidades de Porto Alegre, Rio de Janeiro e Salvador. Em se tratando de cada capital, os resultados de Porto Alegre apresentaram maior uso de *nós* (72%) e do Rio de Janeiro maior índice para *a gente* (59%). Salvador apresentou posição intermediária, mas ainda com percentual mais alto para uso de *nós* (63%). Outros resultados que dizem respeito às ocorrências de *a gente*: os falantes mais jovens (71%) e as mulheres (54%) usaram mais a forma inovadora; a referência indeterminada, o tempo presente e os tempos verbais “não-marcados” também foram favoráveis ao uso de *a gente*.

Menon, em pesquisa de tese realizada em 1994, utilizou 68 entrevistas do NURC/São Paulo em extensa e minuciosa pesquisa sobre 12 formas de indeterminação do sujeito (8.150 dados), entre elas *nós* e *a gente*. Sua principal hipótese foi a existência de diferentes formas de

referenciar o sujeito de maneira indeterminada, além das duas consideradas pela GT. Para seleção das variantes, Menon desenvolveu diferentes “testes”: a intercambialidade das formas; os pares mínimos; os tempos verbais; os advérbios e as preposições; as completivas; o distanciamento ou destaque do locutor<sup>35</sup>.

Para análise dos resultados, a pesquisadora utilizou o pacote de programas estatísticos VARBRUL. Além de comprovar sua hipótese central (10 formas de indeterminação foram levantadas pela pesquisadora além das previstas na GT), Menon mostrou que muitas dessas formas estão na língua há muito tempo, na fala e na literatura antiga. Sobre *a gente*, Menon afirma que estaria se tornando um pronome, inicialmente de caráter genérico, passando a indeterminado, e, mais tarde, usado no lugar de *eu* e especialmente no lugar de *nós*. Segundo ela, o espaço deixado pela forma *a gente* poderá ser ocupado por *a pessoa*.

O trabalho de Monteiro (1994) envolveu as cidades do Rio de Janeiro, Salvador, Recife, São Paulo e Porto Alegre com dados do NURC. Para cada cidade, doze informantes compuseram o agrupamento de 60 entrevistas divididas entre DID (45) e EF (15), vinte informantes para cada uma das três faixas etárias - 30 do gênero masculino e 30 do feminino para análise dos pronomes pessoais no PB, em especial para verificar a pertinência de se considerar o PB uma língua de sujeito nulo. Entre os números absolutos encontrados em 6.986 dados distribuídos entre os pronomes sujeito *eu*, *ele*, *eles*, *se*, *você*, *vocês*, *nós* e *a gente*, os dois últimos, respectivamente, ocorreram 765 (11%) e 461 (7%) vezes. Entre *nós* e *a gente*, os percentuais distribuídos entre todas as variáveis sociais apresentaram a maior ocorrência de *nós* (no cômputo geral 62% para *nós* e 38% para *a gente*). Esse resultado é interpretado por Monteiro como o fato de que “a substituição de *nós* por *a gente* ainda não atingiu na norma culta o mesmo nível de aceitação que se verifica na fala popular” (idem, p. 150).

Na pesquisa de Monteiro (1994), Porto Alegre foi a cidade que apresentou maior uso de *nós* (66%) e o Rio de Janeiro o maior uso de *a gente* (46%). As mulheres (40%) e os informantes da segunda faixa etária (42%) lideraram o uso de *a gente*. No que se refere ao estilo, o contraste entre *nós* e *a gente* foi mais saliente, visto que o uso de *nós* representou

---

<sup>35</sup> Os testes desenvolvidos por Menon foram por mim utilizados na análise das ocorrências de *nós* e de *a gente* na fala dos curitibanos. Na descrição da metodologia utilizada na tese, trato com maiores detalhes de cada um desses testes.



82% em elocuições formais, mas *a gente* teve representação de 54% nas DIDs. (diálogos entre informante e documentador).

Sobre a ocorrência dos possessivos *nosso/da gente*, Monteiro (1994, p. 210) aponta quatro combinações possíveis: *nós/ nosso*; *nós/da gente*; *a gente/nosso* e *a gente/da gente* salientando que “[...] tais esquemas são esporádicos, já que o sujeito, talvez com mais frequência, aparece em outras pessoas gramaticais [...]”. Segundo ele, ao contrário de *nosso*, que concorda com seu referente em gênero e número, *da gente* é invariável, tendo a idéia de plural expressada pelo traço de coletividade mantido de sua origem como nome coletivo genérico (*gente*).

Lopes (1999) faz uma análise comparativa entre duas amostras coletadas em tempos distintos entre si, 10 entrevistas coletadas em 1970 com recontato em 1990, e uma nova amostra obtida entre 1992 e 1996 (08 entrevistas). Desse material, em resultados de rodadas distintas, a substituição de *nós* por *a gente* se evidencia de maneira progressiva pelos percentuais e pesos relativos encontrados para o uso de *a gente*: 42% /.15 (1970); 54% / .61 (1990 – recontato) e 75% / .83 nos dados coletados nas 08 entrevistas mais recentes. O fato de os informantes mais jovens liderarem os índices de uso da forma inovadora em todos os resultados subsidiou a afirmação da pesquisadora de que se constatou em seus dados a perspectiva de mudança em progresso a favor de *a gente*.

Para apresentar resultados sobre *nós/a gente* obtidos por Menon no *corpus* do NURC/São Paulo, será utilizada publicação feita por ela em 2006, incluindo a descrição do trabalho nesta seção, pois Menon coteja seus resultados do NURC-SP com resultados de Setti (1997) e Godoy (1999) oriundos do VARSUL. A análise contrastiva é realizada na medida do possível em razão das diferenças entre os trabalhos e, além disso, Menon retrabalha resultados apresentados na tese em 1994, obtidos a partir de rodadas com a variável *sexo* (variável social), no programa TVARB, parte do pacote estatístico VARBRUL, envolvendo as 12 variantes da variável lingüística dependente. A nova análise vem das rodadas no VARB2000, em que Menon trabalha as variantes uma contra todas as outras<sup>36</sup> e confirma os resultados anteriormente encontrados.

---

<sup>36</sup> As novas rodadas foram motivadas pela impossibilidade de o pacote VARBRUL rodar simultaneamente as 12 variantes, tendo a variável social cumprido o papel de possibilitar a visualização dos dados em conjunto. Com o Varb2000, possibilitou-se realizar as rodadas das doze variantes, uma contra todas as outras.

Na abordagem do artigo de Menon (2006), serão focalizados apenas os resultados relativos a *nós* e *a gente*. A amostra utilizada envolveu informantes universitários (critério de classificação do *corpus* como representativo da fala culta e única escolaridade que compõe o NURC), e considerou quatro entrevistados para cada faixa etária (F1- 25-35, F2- 36-55 e F3- 56 anos), quatro para cada tipo de entrevista (EFs.- elocuições formais, DIDs. – diálogos entre informante e documentador e D2 – diálogo entre dois informantes, que constituíram a variável *estilo*) e quatro de cada sexo (masculino e feminino).

Entre os resultados que Menon (2006 [1994]) apresenta sobre *a gente* e *nós* em três diferentes rodadas com as variáveis sociais, são destacados os pesos relativos obtidos a partir da variável *sexo* no IVARB: para *a gente*, favorecimento de uso pelas mulheres com .64 de probabilidade; o uso de *nós*, praticamente no ponto neutro, apresentou .51 pelos homens. No TVARB, os resultados da variável *faixa etária* foram significativos para *a gente* com peso relativo de .403 para uso dos mais jovens (F1), apenas 4 pontos acima dos mais velhos (F3) com .399. O uso de *nós* apresentou favorecimento pelos mais velhos (F3), com .510 e maior desfavorecimento de uso pelos mais jovens (F1), com .215 de probabilidade. No *estilo*, para o uso de *a gente* destacou-se o contexto das D2 com peso de .475 - quase o dobro outros fatores da variável. O contexto com maior peso relativo para o uso de *nós* foi das EFs. com .617 de probabilidade de ocorrência.

Na comparação - refinada por critérios que a permitissem - de seus resultados com os de Setti (1997) e Godoy (1999), Menon (2006) conclui que a questão geográfica não foi critério que oportunizasse maiores discussões, mas chama a atenção para a grande proximidade entre os resultados da variável *sexo*. Na faixa etária, Menon aproxima “minimamente” (p. 151) os bancos de dados por meio da faixa etária 1 e 2 do NURC e a faixa mais jovem do VARSUL, contexto em que encontrou diferenças – e problemas. No NURC, a divisão das faixas etárias apresenta resultados que impedem a projeção de existência ou não do processo de mudança em curso, pois entre resultados que favorecem o uso de formas pelos mais jovens e desfavorecem dos mais velhos ou vice-versa, a faixa etária intermediária apresenta resultados que “cortam” essas projeções e não possibilitam explicações precisas (se a diferença ocorre em razão da faixa etária corresponder à fase de permanência no mercado de trabalho e que isso influenciaria o uso mais “cuidado” da língua).

Menon estende a reflexão para a escolaridade no VARSUL, variável composta de três variantes com comportamento semelhante no que tange à escolaridade intermediária (*ginásio*), cujos resultados, em muitas pesquisas, provocam “desvios” sem possibilidade de

estabelecimento de causas seguras. A solução para esses problemas está sendo discutida entre os pesquisadores da área, e, segundo ela, a busca de confiança nos resultados tem feito os pesquisadores testarem diferentes possibilidades, como não considerar esses fatores intermediários, mas orienta que testá-los e comparar seus resultados com rodadas em que sejam excluídos deve ser a tônica enquanto essas soluções não chegam.

Sobre a proximidade entre os resultados na variável *sexo*, Menon se refere aos dados em geral, não só a *nós* e *a gente*. No entanto, os resultados de *a gente* são convergentes, segundo a pesquisadora, estando acima do ponto neutro (NURC –SP .64, VARSUL capitais – Setti (1997) .63, VARSUL interior .58). O destaque do uso de *a gente* fica por conta das mulheres (peso superior ao uso das outras formas nominais (FNs.) analisadas – com uso liderado pelos homens) e Menon considera o fato como indício de que *a gente* é forma “não-marcada” em relação às outras FNs.

Entre os homens, os resultados encontrados apontam que apresentam o uso de *eu* no NURC-SP com resultado semelhante (.77) ao das ocorrências de *nós* nos dados de Godoy (1999), .74. No trabalho de Setti (1999) entre as capitais do sul, o uso de *nós* teve probabilidade de ocorrência de .62, levemente superior ao uso de *eu*, com .59. Sobre esses resultados relativos ao uso de *eu* e de *nós*, a reflexão deixada por Menon para ser discutida em outra oportunidade é de que uma questão interessante, mas pertinente à análise do discurso, poderia ser suscitada para explicar porque os homens alternam, para primeira pessoa, a forma singular e plural.

Zilles (2002) analisou dados de 33 informantes do VARSUL/Porto Alegre, computando 1.483 ocorrências de *nós/a gente* na função de sujeito. O *corpus* envolveu quatro graus de escolaridade: primário, ginásio, 2º. grau e informantes com nível universitário. A pesquisadora constatou número freqüencial expressivo de 70% para o uso de *a gente* (1041/1483). Entre os resultados probabilísticos, foram os informantes mais jovens (25 a 50 anos) que apresentaram peso relativo mais alto para o uso de *a gente* (.65), para os mais velhos (mais de 50 anos), o peso foi de .40. O resultado reforça outros já apresentados em que os mais jovens lideraram o uso da forma considerada “inovadora”, neste caso *a gente*, fato considerado como indicador de mudança em progresso.

Em Zilles (2002), os pesos relativos para o fator escolaridade foram os seguintes para aplicação de *a gente*: .31 para o primário, .55 para o ginásio, .54 para o 2º. grau e .53 para universitários, portanto o resultado menos favorável ao uso de *a gente* foi dos informantes do primário (.69 para uso de *nós*). Os demais pesos estão muito próximos entre si, além de

próximos em relação ao ponto neutro, revelando plena variação entre as formas. Em Porto Alegre, segundo análise de Zilles (2002), as mulheres lideram a mudança com .56 de probabilidade de uso de *a gente* contra .41 para os homens.

Outro trabalho sobre o uso de *nós* e de *a gente* utilizando dados de fala culta e popular na fala do Rio Grande do Sul foi realizado por Borges (2004). Os dados utilizados pelo pesquisador fazem parte do BDS Pampa – Banco de Dados Sociolinguísticos da Fronteira e Campanha Sul-Rio-Grandense, cidade de Jaguarão, e VarX – Banco de Dados por Classe Social, da cidade de Pelotas.

As 60 entrevistas analisadas por Borges (2004), 24 entrevistas de Jaguarão e 36 de Pelotas, tiveram controlados os fatores sociais gênero, faixa etária e classe social. Na variável classe social, de acordo com metodologia do projeto VarX, os níveis médio-alto, médio-baixo e baixo foram determinados através da conjugação dos seguintes aspectos: nível educacional: fundamental, médio ou superior; profissão: manual (pedreiro, por ex.), técnica (auxiliar de enfermagem, por ex.) e intelectual (professor, por ex.); renda: até dois salários mínimos, de dois a cinco salários mínimos, acima de dez salários mínimos; local da moradia: arrabalde, periferia e centro, calculados através de um escala numérica especialmente desenvolvida.

Na distribuição geral de dados, em Jaguarão foram registradas 1.869 ocorrências dos pronomes (26% *nós* expresso e 21% não-expresso; 51% *a gente* expresso e 1% não-expresso). Em Pelotas, a distribuição de 2.057 ocorrências ficou assim dividida: 21% *nós* expresso e 7% não-expresso; 64% *a gente* expresso e 9% não-expresso). Esses resultados indicaram em Jaguarão, de acordo com o autor, um contexto mais conservador em relação ao uso de *nós*. Borges, ao investigar esse contexto, identificou a manutenção de *nós* não-expresso pelos falantes acima de 50 anos e pelos falantes com escolaridade média e superior, nestes o uso foi independente da faixa etária (p. 122).

Na amostra analisada por Borges, são os homens de Pelotas, relacionados principalmente à classe média-alta, que lideraram o uso de *a gente*, revelando o que o autor chamou de “prestígio aberto”, resultado diferenciado de Jaguarão, onde a classe média-alta foi mais conservadora, apresentando percentual menor de *a gente* comparativamente ao resultado de Pelotas. Quanto às variáveis linguísticas, no *paralelismo formal*, o uso de *a gente* foi favorecido, nas duas localidades, pelo uso de “*a gente na oração anterior*”, independente do referente. Em cruzamento entre as variáveis *referência específica* e *tempo verbal*, Borges verificou que com pretérito perfeito (96% Pelotas e 94% Jaguarão) o uso de *a gente* para

referência específica é mais favorecido. Segundo ele, o pretérito perfeito é um dos contextos que favorece a presença de *a gente* determinado.

No pretérito perfeito é justamente o tempo verbal que o uso de *a gente* específico apresenta os maiores percentuais, nos momentos de maior ‘especificação’ e ‘focalização’ da narrativa, segundo Borges (2004). O uso de *a gente* com referência específica, principalmente em contextos verbais mais “pontuais” em termos semânticos, como nos casos mais avançados da escala de saliência fônica’ (principalmente graus 6 e 7), reforça a hipótese aqui defendida de que há um movimento, quanto ao uso de *a gente*, em direção aos contextos antes preferencialmente utilizados pela forma *nós*, o que demonstra sua especialização e o fluxo contínuo da mudança. (BORGES, 2004, p. 162-163). Borges também defende, conforme Omena (1996) e Tamanine (2002), que há um avanço de *a gente* sobre o domínio semântico anteriormente ocupado por *nós*, uma das características das formas em processo de gramaticalização.

Ao analisar a presença de *nós* e de *a gente* em diferentes funções sintáticas na frase, Borges verificou maior número de ocorrências na função de sujeito em Jaguarão (794/1695-47% *nós* e 901/1695 – 53% *a gente*) e Pelotas (494/1886- 26% - *nós* e 1392/1886 – 74% *a gente*). Nas demais funções registradas, para o uso de *a gente* em Jaguarão os destaques foram objeto preposicionado (40/73 - 55%) e adjunto adverbial (9/ 16 - 56%). Em Pelotas, destacaram-se as funções de adjunto adverbial (17/29) e objeto preposicionado (29/49), que apresentaram o mesmo percentual, 59%. Outras funções encontradas para *nós* e *a gente* foram objeto direto e adjunto adnominal.

A redução de *a gente* para *a ‘ente* foi investigada por Borges unicamente em Pelotas. A forma reduzida ocorreu entre informantes com menos de 50 anos (.64), mas foi favorecida especialmente na faixa etária mais jovem (16 a 25 anos). Outro fator que se mostrou relevante para a redução fonética de *a gente* foi a classe social, sendo que a média-baixa favoreceu mais o fenômeno. No fator *sexo*, os homens apresentaram leve liderança no contexto de redução fonética, com .54 de peso relativo. De acordo com Borges, os 4% de ocorrência da forma reduzida não foram significativos, mas o importante foi a constatação de que o processo de mudança é distinto da variação *nós/a gente*, ou seja, confirma-se a existência de duas regras variáveis diferentes. Maiores detalhes desta parte do trabalho de Borges serão tratados na seção 4.2.

A tentativa de reunir os mais importantes trabalhos sobre a variável *nós/a gente* almejada neste capítulo talvez não tenha sido completamente exitosa, pois certamente não se

teve alcance sobre todas as investigações realizadas, porém as informações trazidas permitem uma avaliação abrangente da forte presença de *a gente* nos falares de norte a sul do Brasil.

Os bancos de dados de fala envolvidos, importantes sem dúvida, infelizmente deixam uma situação um tanto quanto incômoda para uma análise geral - para a construção de um quadro sinóptico, por exemplo - de todos os resultados tratados neste capítulo porque apresentam ou uma significativa falta de uniformidade entre as variáveis sociais contempladas, ou diferença entre os períodos de coleta dos dados ou, ainda, no caso das investigações realizadas por meio desses bancos, grande diversidade de grupos de fatores controlados. Essas circunstâncias trazem dois efeitos contrários, mas até certo ponto complementares entre si: de um lado uma variedade de abordagens que permite avanços na análise do fenômeno; de outro a impossibilidade quase geral de cotejos diretos.

Dessa forma, os trabalhos antecedentes tratados que puderam ser objeto de contraste e/ou base para a discussão dos resultados de Curitiba aqui apresentados, serão retomados no capítulo 3, durante a apresentação das hipóteses e dos grupos de fatores controlados, assim como no capítulo da análise dos resultados.

Na seqüência, serão tratados alguns dos conceitos teóricos fundamentais da gramaticalização e da variação e mudança.

## 2. FUNDAMENTOS TEÓRICOS DA GRAMATICALIZAÇÃO, VARIAÇÃO E MUDANÇA

Neste capítulo, são apresentados alguns dos pressupostos teóricos para tratar da gramaticalização de *a gente*, em especial aqueles que se mostraram mais relevantes para compreensão do fenômeno de inovação lingüística - como os princípios de Hopper (1991). Também é tratado do modelo da Sociolingüística Laboviana, em especial da Teoria da Variação e Mudança Lingüística (cf. WEINREICH, LABOV & HERZOG, 1968).

Estes fundamentos balizam as discussões sobre os fenômenos aqui estudados, pois o poder explicativo da teoria da gramaticalização conjugado ao da teoria variacionista pode potencializar a capacidade de análise dos dados de Curitiba e identificar, com maior precisão, quais os fatores funcionais, estruturais, discursivos e sociais que influenciam na gramaticalização de *a gente* e na variação entre *nós* e *a gente*, conforme as hipóteses levantadas neste trabalho.

### 2.1 A gramaticalização

Em geral, os postulados da *gramaticalização* (LEHMANN, 1982, 1985; CROF, 1990; HEINE *et alii.*, 1991; TRAUGOTT & HEINE, 1991; HOPPER & TRAUGOTT, 1993; HEINE, 2003 e CASTILHO, 1997) sustentam que a mudança lingüística teria como força motriz a regularização do uso da língua, pois sendo a língua atividade discursiva em tempo real, sofre pressões não-lingüísticas pelas quais o falante torna-se livre para “criar” modos de dizer que atendam aos seus propósitos comunicativos. Para Heine *et alii* (1991) o processo de gramaticalização ocorre devido às necessidades de comunicação não satisfeitas pelas formas existentes no sistema lingüístico e à existência de conteúdos cognitivos para os quais não existem designações lingüísticas adequadas. Assim, a necessidade comunicativa aciona a criatividade, expressa por formas lingüísticas novas ou rearranjadas que, a partir do momento em que saem do casual e passam a ter uso freqüente, sofrem restrições gramaticais e fixam-se, ou seja, *gramaticalizam-se*.

A gramaticalização é fenômeno enquadrado nos processos de mudança lingüística, cuja definição original de Meillet ([1912] 1965) é de “transformação por que passa um item

lexical, autônomo, para um item gramatical, preso ou funcional”. De acordo com Heine *et alii* (1991), a gramaticalização era vista como um meio de analisar a evolução lingüística, de reconstituir a história de uma língua ou relacionar as estruturas lingüísticas do momento com os padrões anteriores do uso lingüístico. Hopper & Traugott (1993, p. 2) apontam duas perspectivas de estudo da gramaticalização: a *histórica*, pela qual a origem das formas gramaticais e as mudanças típicas que as afetam são estudadas; a *sincrônica*, que estuda a gramaticalização sob o ponto de vista de padrões em uso lingüístico.

Lichtenberk (1991, p.38) afirma que as gramáticas das línguas naturais são “produtos de desenvolvimento histórico, entre eles a gramaticalização”. Três são as conseqüências procedentes desse processo destacadas por Lichtenberk: a) *Emergência de uma nova categoria gramatical* - quando elementos lingüísticos adquirem novas propriedades, começam a se tornar membros de uma nova categoria; b) *Perda de uma categoria existente* – há uma gradual perda de suas características e ocorre a coexistência de formas novas e antigas no sistema. A forma nova começa a ser usada mais freqüentemente, até suprimir a forma antiga; c) *Mudança no conjunto de membros que pertencem a uma categoria gramatical*.

Lehmann (1991, p. 493) aponta três importantes efeitos da gramaticalização: a) passagem de um elemento menos gramatical para um elemento mais gramatical; b) perda de característica fonológica e semântica; c) diminuição de liberdade da manipulação do elemento (quando este se integra em um paradigma e torna-se cada vez mais obrigatório em certas construções e ocupa uma posição cada vez mais fixa).

Concentra-se em Hopper (1991) e nos 05 princípios essenciais da gramaticalização por ele propostos a reflexão sobre a gramaticalização de *a gente*. Hopper alerta para o fato de que os princípios que propõe não devem ser considerados os termos definidores do que constitui a gramática de uma língua, mas sim princípios heurísticos, e que gramaticalização será sempre uma questão de grau e não de valores absolutos, sendo que os critérios que regulam esta graduação não estão restritos à gramaticalização, mas são simplesmente critérios gerais de mudança. Os princípios hopperianos são *layering*, *divergence*, *specialization*, *persistence* e *de-categorialization*, traduzidos por *estratificação (camadas)*, *divergência*, *especialização*, *persistência* e *descategorização*.

Hopper inicia a apresentação dos princípios pela *estratificação (layering)*, que corresponderia ao fato de que, dentro de um amplo domínio funcional de um item lexical novas “camadas”, ou níveis, emergem continuamente e, enquanto isso acontece, níveis anteriores não são necessariamente descartados. Assim, diferentes “camadas” coexistem,



integram-se, existindo funções parecidas ou até idênticas em um mesmo domínio, ou seja, pode haver diferentes formas para uma mesma função. Assim, o princípio postula a coexistência entre o novo e o velho em um domínio funcional amplo. Não há o descarte imediato da forma mais antiga em detrimento da forma emergente, mas um período de transição, de convivência das diversas camadas, que configurariam uma fase de convivência entre as duas estratégias. A variação entre *nós* e *a gente* é exemplo dessa coexistência, conforme pode ser visto no exemplo (1-2)<sup>37</sup>:

(1-2)

*F - É a gente ia pro Centro, nós íamos muito pro Centro eu e minha sobrinha, quando eles não tinham as crianças, então a gente via uma bolsa, um sapato, alguma coisa, gostava e comprava, levava o dinheiro pra ter um dinheirinho junto com a gente, e dava o dinheiro pra você comprar isso. (CBA 22, sexo feminino, faixa etária mais velha, escolaridade ginásial)*

Neste caso se pode observar o uso de *nós* e de *a gente* como possuidores do “mesmo valor funcional”, indicando EU + NÃO PESSOA (cf. BENVENISTE, 1976).

A *divergência* (*divergence*) é considerada por Hopper como uma possível derivação do princípio da estratificação, ou um caso especial desta. Neste caso, o item lexical que sofre o processo de gramaticalização pode manter-se autônomo e não perder suas propriedades originais, portanto estando sujeito às mudanças relacionadas à sua classe e a sofrer novos processos de gramaticalização. Dessa forma, podem coexistir diferentes graus de gramaticalização para um mesmo item lexical, sendo até possível considerar o fenômeno como polissemia, ou homonímia, num contínuo movimento ao longo de contextos diferentes, focalizando os extremos dessa trajetória. Em síntese, no caso da *divergência*, mesmo que sejam funcionalmente divergentes, há permanência do item lexical original convivendo de forma autônoma ao lado da forma gramaticalizada, como é possível verificar no exemplo (2-2) com a co-ocorrência de *gente* (nome) e *a gente* (pronome), usados pela informante sem problemas de suscitar interpretação duvidosa:

(2-2)

*Tem divertimento. Aqui vem bastante gente (NOME). Nossa! No domingo, né? Nossa! Enche de gente (NOME) diferente, gente (NOME) que a gente (PRONOME) nunca viu na vida aparece aí. (CBA 08, sexo feminino, faixa etária mais jovem, escolaridade primária)*

---

<sup>37</sup> Exemplo 1 no capítulo 2. Esse tipo de identificação será utilizado em outros capítulos da tese.

O terceiro princípio apresentado por Hopper (1991) é a *especialização*, este se associa à limitação das opções que ocorre quando há um estreitamento da variedade de escolhas, fazendo com que uma das formas se torne, em alguns contextos, praticamente obrigatória. O autor ressalta que este princípio corresponde bastante de perto à obrigatoriedade estabelecida por Lehmann (1982), a perda da escolha quando uma forma é completamente gramaticalizada (entre as opções de variantes para uso de uma mesma função, uma delas torna-se mais usada, mais especializada, portanto gramaticalizada, e sobrepõe-se às demais). No PB, um exemplo de *especialização* é o de *vossa mercê* > *você*, no qual *você* passou gradativamente a ocorrer em contextos lingüísticos específicos e diferentes dos contextos favorecedores da expressão original, que, neste caso, acabou em desuso.

O princípio da *persistência* (*persistence*) trata da coexistência, principalmente nos estágios iniciais de gramaticalização de um item lexical, entre novos usos ao lado dos antigos e a permanência de propriedades lexicais nas formas gramaticalizadas. O caso da gramaticalização de *gente* (*nome*) > *a gente* (*pronome*) exemplifica esse princípio, pois nem todas as propriedades formais do nome *gente* foram apagadas, assim como não foram introduzidas todas as propriedades relativas ao funcionamento dos pronomes pessoais. A forma gramaticalizada retém do nome *gente* o traço formal de 3.<sup>a</sup> pessoa, mas aciona uma interpretação semântico-discursiva de 1.<sup>a</sup> pessoa (+EU). Mesmo que o verbo em concordância com *a gente* permaneça na 3.<sup>a</sup> pessoa do singular, pode ser presumida a existência do enunciador mais outra(s) pessoa(s), como ilustra o exemplo (2-3) em que o informante relata o comportamento de grupo na fase de sua adolescência e se pode presumir que fala de si e dos amigos (EU + NÃO-PESSOA):

(2-3)

[...]E **a gente** bagunçava, Ø bebia, Ø fazia bagunça, Ø mexia com as professoras, com as meninas, Ø fazia tudo para provocar as meninas, Ø fazia sacanagem com as meninas direto. (CBA 11 sexo masculino, faixa etária mais jovem, escolaridade secundária)

Assim, *a gente* enquanto forma gramaticalizada herdou ainda a referência indeterminadora, genérica e a noção coletiva do substantivo *gente*, noção que também pode ser expressa pelo pronome *nós*, configurando o cerne da variação de uso entre os pronomes. Essa característica semântica, com o avanço da gramaticalização de *a gente*, apresenta-se em processo de mudança, tendo *nós* e *a gente* concorrendo também na *determinação* (OMENA, 1996; TAMANINE, 2002; BORGES, 2004, TAMANINE, 2010).

O último princípio tratado pelo autor é da *de categorização*<sup>38</sup> (*de-categorialization*). Este se refere à trajetória pela qual passam as formas pertencentes a uma determinada categoria original (prototípica) durante o processo de gramaticalização. Esta categoria, não determinada com antecedência para uma forma, mas secundária ao desenvolvimento da forma no discurso, não apresenta margens claramente definidas, mas “graus de categorização”, seja na interseção entre duas categorias ou na configuração de uma nova categoria.

Assim, para a forma, a perda da autonomia do discurso seria uma contrapartida funcional: quando uma forma se gramaticaliza, pode perder ou tornar desnecessárias marcas morfológicas e características sintáticas de categorias essenciais (*nomes, verbos*), vindo a assumir traços de categorias secundárias (*pronomes, preposições, advérbios, clíticos, afixos e, até mesmo, desaparecer*). Consiste, no caso de *gente > a gente*, na neutralização das marcas morfológicas e propriedades sintáticas da categoria-origem (nome) e adoção dos atributos da categoria-destino (forma pronominal).

A forma *a gente*, diferentemente da forma original *gente*, passou a se correlacionar a adjetivos no masculino ou feminino em estruturas predicativas a depender do gênero do referente (*a gente está cansada* – referência exclusiva a mulheres /*a gente está cansado* – referência mista, genérica ou a homens). Em (2-4) a concordância é feita em relação à própria informante, do sexo feminino, *a gente/boa*:

(2-4)

*Mas, daí não sei se é Deus ou é o próprio espírito, o próprio- Dá tanto conforto pra gente, né? Não sei se porque a gente foi boa, ou se a gente, né? não faz mal pra ninguém. Sei lá, e a gente aceitou. (CBA 04, sexo feminino, faixa etária mais velha, escolaridade ginásial)*

Em (2-5), a mesma informante, em segmento tópico seguinte ao contido no exemplo (2-4), faz concordância que pode ser interpretada como de *referência mista*, pois aparentemente se trata da família que estava no velório *a gente/aliviado*:

(2-5)

*Eu não sei se com o passar do tempo você vê... depois a gente foi pra capela, ficamos lá, velando, [depois eles] - foi sepultado, né? Quando a gente voltou, a gente voltou assim tão aliviado...Não tinha mais aquela angústia que a gente saiu daqui com o corpo, sabe?(CBA 04, sexo feminino, faixa etária mais velha, escolaridade ginásial)*

---

<sup>38</sup> Tradução encontrada na maioria das obras em português observadas foi *de categorização* e não *descategorização*, portanto, a fim de uniformização do tratamento, optou-se pela primeira forma.

Os outros pronomes pessoais também se comportam assim. Embora não tenham traço de gênero formal, os pronomes pessoais primitivos *eu, tu, nós, vós* estabelecem uma concordância semântica em estruturas predicativas (*eu sou casada, nós estamos perdidos*). O nome *gente* só admite a concordância no feminino, mesmo que o referente seja do gênero masculino, como pode ser visto em (2-6) *gente/exilada*:

(2-6)

*Tudo esse lance, né? de lutar pela democracia, né? e muita gente foi exilada e era uma peça que queriam encenar, sabe? (CBA 8, sexo feminino, faixa etária mais jovem, escolaridade primária)*

De acordo com Lopes (1999, 2003, 2004), no processo de gramaticalização *gente* > *gente*, por um lado o nome *gente* poderia ser determinado de diferentes formas: por anteposição (*aquela gente permaneceu*), posposição (*gente inquieta permaneceu*) ou anteposição-posposição simultânea de determinantes no SN (*esta gente inquieta permaneceu*); por outro, *a gente* assumiu um dos atributos característicos dos pronomes pessoais que é o de não poder ser determinado no sintagma nominal, ocorrendo preferencialmente isolado (*a gente permaneceu*). Segundo ela, o principal fator que oporia o nome *gente* ao pronome *a gente* é a sua *referenciabilidade*, ou seja, a condição de determinação do nome, ao lado da condição de indeterminação do pronome pessoal.

Para reforçar a relação entre os princípios de gramaticalização propostos por Hopper (1991) e a gramaticalização de *a gente*, são apresentadas as considerações de Omena e Braga (1996) sobre a gramaticalização de *a gente* e os princípios hopperianos.

Para ilustrar o princípio de *estratificação*, Omena e Braga (1996) ressaltam a convivência entre a forma pronominalizada *a gente, nós* e *eu*, quando “formas novas e formas antigas” permanecem em uso em um domínio funcional amplo.

Na concorrência entre *nós* e *a gente*, conforme Omena e Braga (1996), a *especialização* pode ser percebida na forma como os dois pronomes se distribuem em diferentes funções sintáticas, pois aí se revelam os contextos de maior resistência e de maior aceitação da nova forma. No caso de *a gente*, afirmam que a forma se especializa, pois avança até mesmo em contextos que não lhe são favoráveis. Sobre essa distribuição por função, *a gente* (segundo revisão da literatura feita na seção 1.4), ainda se destaca pela frequência na função sintática de pronome sujeito (na competição entre *nós* e *a gente*).

De acordo com Omena e Braga (1996), o fato do item lexical *gente*, que deu origem ao pronome *a gente*, não ter sofrido nenhuma mudança fonológica e ter permanecido como substantivo e a forma gramaticalizada ter sofrido alterações e restrição quanto ao domínio funcional, é evidência, além da *estratificação*, de atuação do princípio da *divergência*. As duas formas coexistem, porém em domínios funcionais diferentes.

O princípio da *persistência* é relacionado por Omena e Braga ao traço semântico da indeterminação presente em *a gente*, característica herdada da forma original *gente*, que trazia o sentido de coletividade. O princípio da *decatégorização* é percebido pela variação sintática – *a gente vamos* – que demonstra maior integração da nova forma ao sistema pronominal ao concordar com a primeira pessoa do plural.

Pode-se verificar, portanto, que dois princípios hopperianos se destacam na análise da gramaticalização de *a gente*: a *estratificação*, pois a coexistência entre *a gente* e *nós* implica a persistência da forma original (*nós*); e a *divergência*, pois a variação entre *nós* e *a gente* implica na especialização (*a gente* especializou-se na indeterminação). Não se percebeu, no entanto, que as gradações semânticas, como aquelas que envolvem a pessoalização de *a gente* (ver BORGES, 2004), sejam explicadas pelos princípios estabelecidos por Hopper (1991). Portanto, para se discutir a gramaticalização de *a gente* sob o viés semântico, se precisaria buscar outras abordagens que melhor explicassem processos de mudança (semântica), o que não foi aqui realizado por não ser um dos objetivos propostos.

Diante do exposto nesta seção, fica claro que os processos envolvidos no *continuum* da gramaticalização trazem caminhos importantes para a discussão das transformações sofridas pelo pronome *a gente* no PB. A forma gradual como a gramaticalização ocorre, ou seja, a mudança feita em etapas, permite observar essa caminhada desde a mudança de *gente* (nome) > *a gente* (pronome) e sua disputa com *nós* na indeterminação - e atual variação como co-ocorrente de *nós* na determinação - inclusive podendo afetar outras funções, como é o caso da variação entre os possessivos *nosso/ da gente*.

Dessa forma, a gramaticalização implica na existência da variação lingüística como uma das etapas do processo de mudança, assim como a mudança implica em variação como parte de seu processo cíclico. Castilho (1997, p. 55) observa que aparentemente não há “contradição em afirmar que a variação é ao mesmo tempo o ponto de partida e o ponto de chegada da mudança lingüística”, chamando a atenção para a relação entre os dois conceitos.

A partir do entendimento dos postulados teóricos da gramaticalização sob enfoque da língua em uso, as situações reais de interação mostraram-se contextos ideais de abordagem do

estudo da língua. Assim sendo, a natureza heterogênea da língua implicará na variação e na mudança lingüística que, como já dito anteriormente, são o termômetro da análise dos processos de gramaticalização. Segundo Borges (2004, p.29), a variabilidade de concordância de número e gênero encontrada por Lopes (1999) em relação ao uso de *a gente* “[...] poderia estar indicando a existência de um processo inserido em um *continuum* lingüístico que, nesse caso específico resultaria na própria gramaticalização envolvendo a forma *a gente*”, ou seja, a variação configuraria o início do processo de mudança que levou *a gente* à categoria de pronome e esta variação teria condicionamentos lingüístico-sociais.

Se a variação faz parte dos processos de mudança e a mudança é fator presente na gramaticalização, será necessário tratar desses conceitos a fim de melhor compreender a relação entre eles.

## 2.2 A sociolingüística variacionista, a variação e a mudança lingüística

Segundo a Teoria Sociolingüística, as línguas apresentam diversidade em todos os níveis de sua estruturação. Essa diversidade consiste numa heterogeneidade estruturada (o domínio por parte do falante de estruturas heterogêneas serve às necessidades discursivas desse falante e é parte de uma competência monolíngüe) e constitui o cerne do modelo (como LABOV, 1972, 1990, 1994, 2001; WEINREICH, LABOV & HERZOG, 1968). A teoria pressupõe que é possível estabelecer regularidades nas variações apresentadas na língua em decorrência de seu uso, seja por um único falante ou por uma determinada comunidade de fala, entendida aqui conforme definiu Labov (1972, p.158), “*a speech community cannot be conceived as a group of speakers who all use the same forms; it is best defined as a group who share the same norms in regard to language*”<sup>39</sup>. Para a teoria, a homogeneidade é que se constitui em um problema para o sistema da língua, já que esta é compreendida como em permanente processo de mudança, portanto, nunca homogênea.

Baseando-se então na possibilidade de sistematizar a heterogeneidade das línguas pela análise em tempo aparente, a sociolingüística leva em conta, além de fatores lingüísticos,

---

<sup>39</sup> Uma comunidade de fala não pode ser concebida como um grupo de falantes que utiliza as mesmas formas; ela é mais bem definida como um grupo que compartilha das mesmas normas em relação à língua. (Nossa tradução).

fatores externos à linguagem que poderiam estar regulando a variação e a mudança lingüística, ou seja, as inter-relações na comunidade lingüística, como sexo, escolaridade, idade, etnia. A sociolingüística contraria a noção de falante ideal e de sistema lingüístico homogêneo da teoria chomskyana (CHOMSKY, 1965), propondo o princípio da variabilidade inerente da língua, que se constitui em objeto suscetível às pressões sociais. O modelo laboviano é dirigido a um falante-ouvinte real (em oposição a ideal) que, em situações de uso da língua em determinada comunidade de fala, apresenta variação – uso distinto da língua que depende da situação - relacionada a fatores lingüísticos e sociais.

A Teoria da Variação postula que tanto a homogeneidade quanto a heterogeneidade lingüísticas não são aleatórias, mas sim reguladas por variáveis lingüísticas e extralingüísticas que, descritas, indicam que a noção de heterogeneidade não é incompatível com a noção de sistema (WEINRICH, LABOV & HERZOG, 1968).

A proposta da Sociolingüística Variacionista para tratar com a mudança lingüística teve, no trabalho de Weinreich, Labov e Herzog (1968), a sistematização de cinco problemas considerados clássicos: *problema das restrições (constraints problem)*; *problema da transição (transition problem)*; *problema do encaixamento (embedding problem)*, problema da avaliação (*evaluation problem*) e problema da implementação (*actuation problem*).

- a) O *problema das restrições* trata da definição das condições que favorecem ou não as mudanças e qual seria o conjunto das mudanças lingüísticas possíveis. As respostas remetem a uma tipologia das mudanças e um conjunto de regras gerais nos processos de mudança, o que é criticado pelo próprio Labov (1982) em razão de que uma restrição universal implica em busca por uma faculdade da linguagem isolada, o que contradiria o desenvolvimento da teoria até então. Labov sugere então que o *problema das restrições* seja fundido com o *problema do encaixamento*.
- b) O *problema da transição* remete à teoria da mudança a definição e análise do percurso pelo qual cada mudança se efetiva. Nesse caso, a questão surgida se refere à forma como a mudança ocorre, se por etapas discretas ou em um *continuum*, o que marca fortemente a diferença entre a concepção sociolingüística e saussureana.
- c) O *problema do encaixamento* focaliza o modo de concepção da mudança dentro da estrutura lingüística e o problema se volta a saber a natureza e extensão do encaixamento. Esse encaixamento de dividiu em dois âmbitos: encaixamento na

estrutura lingüística e o encaixamento na estrutura social, este um dos grandes avanços do modelo sociolingüístico, mas também seu maior desafio: descobrir como e em que medida esses âmbitos se relacionam.

- d) O *problema da avaliação* se refere ao envolvimento do indivíduo na mudança e na língua. O indivíduo tem sim papel fundamental em relação à mudança lingüística, suas reações subjetivas podem interferir no curso de uma mudança, acelerando ou retroagindo o processo. Segundo Labov (1982, p. 80):

[n] Os estágios iniciais da mudança [...] é difícil tomar consciência dela [...] nos estágios posteriores da mudança desvios estilísticos começam a aparecer bem como a estratificação social [...]. Nos estágios finais da mudança, há um reconhecimento social aberto, e os estereótipos podem aparecer. Com extraordinária consistência, essas reações são negativas. A correção é sempre na direção da forma mais conservadora, e os estereótipos são associados com atributos sociais negativos. Parece que, sempre que as pessoas tomam consciência de qualquer mudança sistemática na língua, elas a rejeitam.

Nesse ponto, vale destacar que a sociolingüística se apóia na contextualização da língua por meio de sua funcionalidade na comunidade de fala – e na interação lingüística entre locutor e interlocutor – e se vale de que a heterogeneidade é parte da estrutura e funcionamento de uma língua para resolver o impasse criado pelo problema da avaliação, ou seja, o como as representações subjetivas mudam o funcionamento do sistema sem comprometer o sistema enquanto tal.

- e) O *problema da implementação* se pauta na discussão de “causas e efeitos” da mudança lingüística, ou seja, por que a mudança ocorre de uma forma e não de outra. Essa discussão envolve fatores sociais e lingüísticos e o próprio objeto de estudo da teoria, suscitando a necessidade de integração entre o processo de estruturação da língua e a realidade sócio-histórica.

Tais problemas levantam questionamentos que serão considerados nesta investigação a fim de, na medida em que for possível, serem dadas respostas diante dos fenômenos estudados.

Portanto, no modelo variacionista, contextos estruturais lingüísticos correlacionados a fatores sociais – seriam condicionantes, simultâneos, de unidades e regras *variáveis* que constituem a estrutura da língua. A teoria prega que é possível “prever” a variação em determinados contextos através dessas regras *variáveis* - um princípio desenvolvido inicialmente por Labov (1978) que contestou as regras categóricas da gramática gerativa.



Assim, regras *variáveis* se configurariam a partir da existência de duas ou mais formas em concorrência em um mesmo contexto de uso e cuja escolha depende de fatores internos (lingüísticos ou estruturais) e externos (sociais). O conceito das regras *variáveis* foi, posteriormente, adotado como o princípio do variacionismo laboviano, que compreende a variação como inerente ao sistema da língua. Na definição de GUY (1988, p. 01):

A análise da Regra Variável foi desenvolvida na lingüística como um meio de justificar a variação estruturada no uso da língua, isto é, a variação lingüística que regularmente apresenta maior ou menor grau de ocorrência em ambientes particulares, ou que freqüentemente está presente entre grupos sociais particulares ou em estilos de fala particulares.

As regras variáveis têm sido usadas em trabalhos sociolingüísticos para descrever a extensão da variação sistematizada de um fenômeno de variação. Os dados investigados são submetidos à análise de um programa estatístico especialmente criado para este fim, o VARBRUL, desenvolvido por Sankof (1978) e retomado por Pintzuk (1988). Os resultados então obtidos expressam, numericamente, a probabilidade de uma forma lingüística ocorrer em contextos lingüísticos determinados. Os programas estatísticos que compõem o VARBRUL e que foram utilizados neste estudo para o trato das variáveis consideradas serão explicitados no capítulo 3.

Diante das informações apresentadas sobre a sociolingüística, com destaque para as contribuições de Weinreich, Labov e Herzog (1968), procurou-se dar importância à ruptura epistemológica dessa teoria frente às concepções teóricas e metodológicas do estruturalismo e do gerativismo e, em especial, a elaboração de uma teoria geral da mudança lingüística.

No próximo capítulo, serão abordados os procedimentos observados durante a coleta e análise dos dados sobre *nós* e *a gente* na fala dos curitibanos, procedimentos estes subsidiados pela teoria sociolingüística apresentada, em alguns de seus aspectos, nesta seção do trabalho.

### 3. METODOLOGIA

Neste capítulo, destinou-se espaço considerável para a descrição da unidade de análise, o tópico discursivo, entendendo como importante a explicação e exemplificação dos limites considerados para a análise das formas *nós* e *a gente* e por sentir a falta desse tipo de informação em outros trabalhos analisados. Sem pretensão de fazer uma análise exaustiva sobre o assunto – e sem motivação por ora para isso - é abordado o tema *referenciação* a fim de iniciar uma discussão sobre a problemática da classificação semântica de referentes, conforme visto em trabalhos antecedentes sobre pessoalização de *a gente* e manutenção da referência em seqüência pronominais.

As hipóteses já mencionadas na introdução do trabalho são retomadas a fim de justificar os grupos de fatores lingüísticos e extralingüísticos criados para análise do processo de variação entre *nós* e *a gente* e da gramaticalização de *a gente* nos dados de 32 entrevistas de Curitiba. Alguns desses grupos de fatores terão uma explicação mais extensa, pois foram construídos com base em pressupostos de outras linhas teóricas, abordadas a fim de dar suporte ao trabalho realizado. Não se encontrou forma de tratar dessas outras abordagens na seção de estudos antecedentes ou nos fundamentos teóricos sem causar desconexão e sem perder de vista que a análise desenvolvida nesta pesquisa é essencialmente dirigida pela teoria variacionista laboviana, conforme apresentado no capítulo 2.

Variáveis como *tipo de verbo* (plenos) e *perífrases* tiveram sua construção baseada em levantamentos prévios sobre informações do *corpus* de maneira mais específica do que outras, portanto, na descrição desses grupos de fatores se apresentam resultados de distribuição de dados antes do capítulo de análise de resultados.

Ao final do capítulo, o banco de dados utilizado e o recorte de 32 entrevistas de Curitiba são tratados em detalhe, assim como os procedimentos metodológicos adotados para cálculo de percentuais e pesos relativos com base no pacote de programas estatísticos VARBRUL.

### 3.1 A unidade de análise: o tópico discursivo

Adotando-se uma proposta teórica que toma o texto como objeto de estudo e partindo-se da premissa de que “fatores interacionais se inscrevem na superfície textual” (JUBRAN, 2006, p. 89), utilizou-se o *tópico* como unidade de análise textual-discursiva. O *tópico discursivo* se configura pela convergência para determinado assunto, controlada pelas propriedades de “*centração*, que implica interdependência semântica entre os enunciados constituintes do segmento tópico, marcada linguisticamente por lexemas pertinentes a um mesmo campo conceitual que se relacionam [...] por algum tipo de associação” (JUBRAN, 2006, p. 127) e por “*organicidade*, manifestada por relações de interdependência tópica que se estabelecem simultaneamente” nos planos hierárquico e linear (idem, p. 94).

O tópico pode ser apresentado como uma estrutura organizada que pode operar dentro ou fora dos limites das sentenças. Apesar do uso da expressão *unidade de análise*, entende-se que, por definição, o tópico não é, *a priori* uma unidade, mas resultado de marcação de fronteiras. Koch *et alii* (1992, p.361) alertam para fatores que podem representar obstáculos à fixação de critérios para a apreensão de unidades discursivas, tais como fluidez no desenvolvimento da conversa e suas marcas formais, o que acarreta em delimitação pouco nítida das unidades; a interferência de pressuposições e conhecimentos partilhados pelos falantes, cuja inferência depende, em grande parte, da sensibilidade dos analistas; e a atuação de elementos não-verbais, como gestos, olhares, expressões fisionômicas, aos quais o analista nem sempre tem acesso. Por isso, há necessidade de se definir a categoria “tópico discursivo” com segurança e objetividade. Desse modo, Koch *et alii* tomam a categoria “tópico” no sentido de “acerca de” (*aboutness*), afirmando que ele se manifesta mediante enunciados formulados pelos interlocutores, a respeito de um conjunto de referentes explícitos ou inferíveis, concernentes entre si e em relevância num determinado ponto da mensagem. Assim, as propriedades definidoras da categoria tópico são as de *centração* e *organicidade*.

A discussão de Koch *et alii* (1992) é retomada por Jubran (2006) e esta salienta que, na conversação, um tipo de interação em que a elaboração e a manifestação verbal são quase simultâneas, há processamento e organização do texto falado, pois “a conversação implica uma construção colaborativa, pela qual um turno não é simples sucessor temporal do outro, mas é produzido, de alguma forma, por referência ao anterior. Há, portanto, uma projeção de possibilidades em que um elemento no turno antecedente desencadeia no turno seguinte” (JUBRAN, 2006, p. 90). Diante disso, o *segmento discursivo* se caracteriza como elemento

mais amplo do que o turno, uma unidade transfrástica cujos limites podem ser reconhecidos com alguma segurança e objetividade na composição, da mesma forma operacionalizável, do *tópico discursivo*. A motivação central da constituição de um tópico discursivo é a convergência da conversa predominantemente para um mesmo assunto, “amoldando-se a uma mesma estrutura de relevância tópica”. (DASCAL & KATRIEL *apud* JUBRAN, 2006, p. 91).

Conforme já introduzido, *centração* e *organicidade* são as duas propriedades que particularizam o *tópico discursivo* e é com base nelas que o tópico é caracterizado como categoria abstrata e analítica que permite a abordagem da organização tópica do texto; neste caso, do texto falado. A propriedade da *centração* abrange três traços:

1. *concernência*;
2. *relevância* e
3. *pontualização*.

A *organicidade* compreende relações de interdependência nos planos hierárquico e seqüencial, englobando as dependências de super-ordenação e sub-ordenação entre tópicos que se implicam pelo grau de abrangência do assunto e pelas articulações intertópicas relativas a adjacências ou interposições na linha discursiva (JUBRAN, 2006, p. 92).

Koch *et alii* (1992), ao analisarem textos falados, definem tópico como “aquilo sobre que se fala” e previnem que a noção de tópico discursivo é unidade de análise complexa e abstrata porque não representa uma função simples, discreta, mas um domínio funcional complexo, uma noção escalar que, abrangendo vários aspectos, manifesta-se num *continuum*. Postulam que um texto conversacional é constituído de fragmentos recobertos por um mesmo tópico e cada conjunto de fragmentos constitui uma unidade de nível mais alto, sucessivamente, sendo que cada uma dessas unidades, em seu próprio nível, representa um tópico. Níveis hierárquicos são distinguidos, com a finalidade de classificar o tópico dentro da seguinte forma:

1. Segmento tópico – fragmento de nível mais baixo;
2. Subtópico – conjunto de segmentos tópicos;
3. Quadro tópico – conjunto de subtópicos;
4. Supertópico – um tópico superior.

Sobre a linearidade na organização tópica, Jubran (2006) apresenta dois fenômenos que caracterizam as relações que se estabelecem entre tópicos: *a continuidade*, uma relação de adjacência entre segmentos tópicos que acontece no contexto do esgotamento do tópico

anterior e mudança para um tópico novo; e a *descontinuidade* que “decorre de uma perturbação da sequencialidade linear” (idem, p. 99).

As descontinuidades no seqüenciamento tópico, segundo Koch *et alii* (1992), apresentam-se em dois tipos de processos: *processos de inserção* e *processos de reconstrução*. As inserções são definidas como segmentos discursivos de extensão variável que provocam uma espécie de suspensão temporária do tópico em curso. As funções interativas desempenhadas pelas inserções podem introduzir avaliações ou atitudes do locutor, explicar, ilustrar, atenuar, fazer ressalvas, entre outras possibilidades. Podem ser realizadas por vontade do próprio locutor ou podem acontecer quando o interlocutor assalta o turno e faz uma pergunta e/ou pede um esclarecimento. Nessa circunstância, o locutor é obrigado a interromper sua fala e responder ao interlocutor.

A *digressão* também é considerada como um tipo de inserção por alguns autores, conforme destacam Koch *et alii* (1992), e pode ser introduzida por marcadores de digressão (ex.: *antes que eu me esqueça, abrindo um parêntese, a propósito, por falar nisso, desculpe interromper, entre outros*). O uso desses marcadores revela que o falante tem consciência de que está provocando uma ruptura no desenvolvimento do tópico. As digressões, além de poderem ser introduzidas por marcadores que alertam o interlocutor quanto à suspensão temporária do tópico, podem também ser encerradas por meio de marcadores (ex.: *voltando ao assunto, mas onde é que estávamos mesmo?*), estabelecendo a intenção do enunciador em fazer um parêntese no fluxo do discurso.

Já a *reconstrução* é definida como a reelaboração da seqüência discursiva, são as correções ou reparos, as repetições, os parafraseamentos e adjunções que provocam também uma diminuição de ritmo no fluxo informacional com a volta de conteúdos já enunciados.

A *continuidade* e a *descontinuidade* são fenômenos que se combinam na organização tópica e no estabelecimento de hierarquias no desenvolvimento de tópico. Sua observação permite identificar que a mudança de tópico se dá quando o tópico sob discussão termina quando o assunto da seqüência seguinte não está relacionado à seqüência tópica que imediatamente o precedeu. Outros três fenômenos de passagem de um tópico a outro são destacados por Jubran (2006, p. 106): *a transição, a superposição e o movimento de tópicos*. A *transição* marca contexto de passagem gradual de um tópico a outro e ocorre se há necessidade de mediação entre dois tópicos quando do esvaziamento paulatino do precedente e o desenvolvimento gradual do subsequente. A *superposição* pode acontecer quando “dois tópicos diferentes convivem temporariamente num determinado ponto da conversa” e o

*movimento de tópicos* quando há, na conversação, um “deslizamento” de um para outro aspecto de um mesmo tópico (idem, p. 108).

A análise das entrevistas de Curitiba com uso de *tópicos discursivos* permitiu a delimitação de subtópicos e segmentos tópicos em que *nós* e *a gente* ocorressem (na função de sujeito ou outras funções encontradas no *corpus*). O *segmento discursivo* foi considerado como unidade de processamento que promove o desenvolvimento de um plano temático e na qual a referência a um tópico é preservada. Nesse caso, o segmento pode, inclusive, se restringir a uma frase.

Considerados esses limites, realizou-se, entre outras variáveis consideradas, a identificação de três formas de paralelismos em contextos de uso de *nós* e de *a gente*: 1. *pronominal* (com formas expressas e não expressas); 2. *formal* (referente à concordância verbal) e 3. *estrutural*<sup>40</sup> (os pronomes *nós* e *a gente* expressos em estruturas paralelas entre pronomes pessoais). Quando não houve paralelismo, o dado foi denominado *ocorrência isolada*.

O tópico discursivo está exemplificado abaixo na reprodução de subtópicos da entrevista *CBA 18*, na qual a informante, com escolaridade secundária e da faixa etária mais jovem, narra sobre a vida na infância. A representação dos recortes feitos no exemplo (1-3) com base no princípio da centração foi realizada da seguinte maneira: os parênteses externos ( ) marcam os três subtópicos; os números sinalizam a ocorrência dos tópicos na linha discursiva, as chaves { } delimitam o início e término dos tópicos, os colchetes [ ] indicam a ocorrência de marca(s) lingüístico-discursiva(s) que marcam expansão tópica e o sublinhamento indica *continuidade*, *descontinuidade* ou *transição* entre os tópicos, conforme a identificação sublinhada:

---

<sup>40</sup> Na versão desta pesquisa apresentada para o exame de qualificação, com análise de 24 entrevistas de Curitiba, realizou-se também o levantamento do paralelismo estrutural com pronomes possessivos *a gente/da gente – nós/nosso*, levantamento ao qual não se deu seqüência para a versão final da tese. Destacaram-se freqüentemente, entre os dados do paralelismo com pronomes possessivos (com pronomes pessoais expressos) levantados em 24 entrevistas, o uso de *nós/nosso* - 25 casos -, contra *a gente/da gente*, com 7 casos. Porém, em pesos relativos, o par *nós/nosso* apresentou .56 de probabilidade de uso na faixa etária mais jovem contra .74 favorecendo o uso *a gente/da gente*. Como considerou-se o resultado interessante à investigação do processo de gramaticalização de *a gente*, salienta-se que a análise do paralelismo com pronomes possessivos *a gente/da gente – nós/nosso* será retomado em trabalho complementar à tese assim que possível.

<u>Descontinuidade</u>	<u>continuidade</u>	<u>transição</u>	<u>movimento</u>
perturbação da seqüencialidade linear	relação de adjacência entre segmentos tópicos	passagem gradual de um tópico a outro	deslizamento de um para outro aspecto de um mesmo tópico

(1-3)

(1) **Entrevistador:** Só duas! (falando rindo) { Vocês [com]- com quem que vocês brincavam?

**Informante:** Ah, pois é. Naquela época daí depois que foi tendo morador aí. Veio morar ali a Dona Nina, [essa que faleceu,] veio a mãe da Euleca, que **a gente** também, assim, praticamente criou-se junto. A Euleca, a Ivanete aqui, daí veio morar aqui a Dona Catarina, essa velhinha com velhinho que moram aqui também, são moradores antigos. Daí ela também tinha filhas. A gente passava a estudar com elas.

{(2) inclusive o catecismo, a doutrina, né? catequese que diz, **a gente** fez junto. **Ø Fizemos** a Primeira Comunhão ali na Igreja do Cristo Rei. [Ali as freiras do Colégio Cajuru que preparavam **a gente**, sabe?]  
**A gente** ia aos sábados e aos domingos pra catequese daí no Cristo Rei **a gente** fez a Primeira Comunhão. Na Igreja do Cristo Rei.}

(3) **Entrevistador:** {Aqui a Fátima não tinha ainda.

**Informante:** Não, naquela época não existia a Nossa Senhora de Fátima. Só a Cristo Rei. E era a outra igreja velha. [Que a igreja já reformaram, é a igreja nova, né?] naquela época.}

(4) **Entrevistador:** {E a Fátima quando que foi construída que o colégio que a senhora deu aula?

No exemplo (1-3)<sup>41</sup>, no *supertópico* “Descrição do bairro e da escola”, assunto integrado ao tópico “descrição da infância”, há abertura do *subtópico* “amizades de infância” por meio de ruptura causada pelo entrevistador quando faz pergunta relacionada a “com quem a informante brincava na infância” (o assunto precedente era a escola e o número de casas no bairro) iniciando tópico subordinado (1). Este sofre *movimento de tópico* para, na seqüência, ocorrer *descontinuidade*, pois o assunto muda para os estudos da catequese e a realização da primeira comunhão (2) e em (3) o entrevistador formaliza movimento do *subtópico catequese* para a igreja no bairro e em (4) – fala do entrevistador, que não sofre análise no caso de ocorrências de *nós/ a gente* - mas marca a transição para o *subtópico local de trabalho* da informante, assunto sobre o qual segue a conversa ocorrendo nova *descontinuidade*.

<sup>41</sup> Exemplo 1 do capítulo 3.

É importante destacar que os *delimitadores discursivos* nem sempre se apresentam como delimitadores-padrão (como perguntas, assalto ao turno, marcadores discursivos, enunciados conclusivos, entre outros), mas foram assim considerados porque, de alguma forma, marcam o início e o fim dos subtópicos, o mesmo podendo acontecer em outros níveis da hierarquia tópica.

Neste exemplo, encontra-se um *paralelismo binário* de *a gente* (duas ocorrências de *a gente* em um mesmo segmento) em (1), e em (2) um *paralelismo eneário misto* *a gente* (mais de três ocorrências dos pronomes *nós* e *a gente* no mesmo segmento tópico, sendo que a 1.<sup>a</sup> e a última ocorrência são de *a gente*). Em (3) e (4) não há ocorrências dos pronomes em estudo, portanto não há nenhuma análise. Mesmo não havendo ocorrências dos pronomes de interesse para a pesquisa, o desenvolvimento do assunto precisou ser acompanhado para fins de conhecimento da continuidade da conversa até a próxima ocorrência de *nós* ou de *a gente* no mesmo tópico ou em tópico seguinte.

Nos demais exemplos, caso um *segmento tópico* ou um *subtópico* seja suficiente para ilustrar o que se pretende mostrar, o *tópico* não será integralmente transcrito. Nos casos em que o exemplo (1-3) seja pertinente, este será retomado.

A escolha do tópico discursivo como unidade de análise permitiu a observação do desenrolar do discurso e a marcação da manutenção ou não dos assuntos tratados na entrevista. A forma de identificar elementos para realizar essa marcação discursiva se concretizou por meio da observação dos componentes da superfície textual. Assim sendo, nessa perspectiva a verificação dos fatores estruturais serviu a uma interpretação discursiva e a interpretação discursiva se valeu dos fatores estruturais da superfície textual para nortear a “busca” do que não está explícito.

Dessa forma, a partir do momento em que se parte para a realização de inferências por fatores não-estruturais, parte-se para escolhas que dependem da complexa relação entre *linguagem*, *mundo* e *pensamento*, havendo a necessidade de complementaridade entre o que está explícito na superfície textual e o que é extratextual. Compreende-se que ocorre, na construção do texto, um processo de referenciação, em que os objetos são construídos no discurso, por isso denominados objetos-do-discurso, isto é, “a remissão textual por meio de formas nominais referenciais consiste na construção e reconstrução de objetos-do-discurso [...] no próprio processo de interação” (KOCH *et alii*, 2005, p. 33), porém a complexidade subjacente do texto pode solicitar, na medida do possível, testes de aceitabilidade a fim de se manter a validade científica do método empregado, como alertam Koch & Marcuschi (1998).



Segundo o entendimento aqui assumido, deve-se imprimir aos fatores estruturais o *status* de forte ponto de apoio – porém não exclusivo - para a tomada de decisão na avaliação dos pronomes *nós* e *a gente* e a sua *seqüencialidade* - ou progressão referencial - “introdução, preservação, continuidade, identificação, retomada etc. de referentes textuais, tidas como estratégias de designação de referentes”, pois a análise via tópico discursivo na identificação dos segmentos que apresentam os pronomes *nós* e *a gente* oferece condições para que se perceba essa *seqüencialidade*, mas não garante a explicação de “se” e “como” ela de fato ocorre (KOCH & MARCUSCHI, 1998, p. 170).

Assim, procurou-se mostrar a busca de complementaridade da análise entre discurso e itens lexicais, por exemplo, pelas variáveis sintáticas<sup>42</sup> que testam o paralelismo estrutural em contextos de uso de *nós* e de *a gente*, pois estes paralelismos foram identificados nos limites de sua inserção em tópicos/subtópicos/segmentos discursivos e seus resultados poderão ser cruzados com outras variáveis de cunho discursivo como *discurso reportado* e *tipos de texto*.

### 3.2 Sobre a classificação semântica de referentes

Antes de se apresentar o conjunto de variáveis testado, serão traçadas algumas reflexões sobre a *referenciação*, abordagem encontrada em estudos antecedentes sobre a gramaticalização de *a gente* - conforme explicitado na seção 1.4 – e por opção não adotada nesta tese sob o caráter de gradação semântica de *a gente*, conforme trabalhos de Zilles (2003), Borges (2004) e Silva (2004). Como essa opção interferiu na escolha de variáveis e de fatores que poderiam se utilizar de informações sobre a identidade semântica de referentes, considerou-se relevante dar espaço ao tema e explicitar motivos para essa decisão.

Ao observar a composição de variáveis que trataram da multiplicidade de referentes possíveis no uso do pronome *a gente* nestes autores, verificou-se que todas tiveram por base as proposições de Benveniste (1976) - para quem *pessoa* são os participantes do diálogo, apenas o *eu* (*locutor*) e o *não-eu* (*ouvinte*) sendo que a *não-pessoa* corresponde à chamada terceira pessoa do discurso - visando verificar a trajetória de mudança de *a gente* no percurso

---

<sup>42</sup> Ver explicação na seção 3.3.2.

indeterminação > determinação por meio de seu *status de pessoalização* (de acordo com denominação de variável feita por BORGES, 2004).

Especialmente se tratando do pronome inovador *a gente*, compreendeu-se que a análise fiel da negociação de sentidos entre falante e ouvinte, negociação esta, segundo Görski, Rost e Dal Mago (2004, p.50) “extremamente relevante nos fenômenos de gramaticalização”, traria, sem dúvida, contribuições importantíssimas para a discussão do *continuum* de gramaticalização deste pronome. No entanto, ao percorrer as definições teóricas e estratégias usadas para as análises nos trabalhos antecedentes já citados e aplicando-as em caráter de teste nos dados de Curitiba, percebeu-se uma série de questões problemáticas na interpretação e definição da referencialidade envolvendo os pronomes em estudo a partir, unicamente, do uso dos postulados de Benveniste (1976), conforme exemplo (2-3) explicitado adiante.

Lopes (2003), por exemplo, na análise da variante *a gente* como pronome (já que registrou ocorrências de *a gente* que não eram necessariamente uma forma pronominal), desenvolveu grupo de fatores que denominou “interpretação semântica”. Nesse grupo, estabeleceu três possibilidades para interpretação semântica de *a gente*: a) como sinônimo de “pessoas”; b) como variante de “nós” [+específico] e c) como sujeito indeterminado ou “nós”[+genérico].

A autora estabelece dois critérios básicos para a análise: “1) se o item em questão pode ser substituído por *nós/eu*, considera-se variante de *nós* [+específico]; 2) se o item não pode ser substituído pelas formas pronominais *nós/eu*, mas por se ‘indeterminador’ ou *você* ‘genérico’, considera-se sujeito indeterminado ou *nós* [+genérico]” (idem, p. 60). Lopes diversificou os grupos de controle que pudessem auxiliar a controlar o grau de determinação do referente e desfazer ambigüidades, no entanto, a autora enfatiza a dificuldade em se distinguir *a gente* como variante de *nós* ou como sujeito indeterminado ou genérico, e declara a problemática da classificação informando que:

[...] o critério, no entanto, não se mostrou sempre eficaz, porque a interpretação é, às vezes, ambígua, e o próprio pronome *nós* pode ser empregado como sujeito genérico. O fato de o sujeito impessoal e o sujeito pronominal genérico não serem estritamente referenciais e serem apenas

minimamente diferentes torna a codificação imprecisa (CARDINALETTI & STARKE, 1993)<sup>43</sup>.

No caso do trabalho de Zilles (2002) e de Borges (2004), não se conseguiu compreender claramente - e por extensão aplicar - o mecanismo usado para que os referentes de *a gente* fossem interpretados a fim de serem, então, enquadrados nas categorias de pessoalização. Sentiu-se a falta de métodos consistentes para analisar a interferência de fatores discursivos múltiplos na definição de referências, conforme atestado por abordagens textuais-discursivas, como tratado por Silva (2004). Obviamente que as bases teóricas usadas pelos investigadores - diga-se de passagem, em linhas teóricas também aqui adotadas - lhes devem ter sido adequadas para os propósitos desejados, então se salienta que a percepção da problemática ocorreu pela forma como a análise foi aqui conduzida.

A leitura do trabalho de Silva (2004)<sup>44</sup> foi importante para verificação de resultados da aplicação de variável que tratasse das referências semânticas dos pronomes *nós* e *a gente*. A pesquisa foi subsidiada na discussão da referência na enunciação a partir de Benveniste e ampliada pelas contribuições de autores como Koch & Marcuschi (1998) e Mondada & Dubois (2003). O conhecimento advindo da pesquisa de Silva (2004) serviu para clarificar que este direcionamento não seria concernente com os objetivos até então traçados nesta investigação sem dedicação intensa a uma série de leituras que até então não haviam sido realizadas.

Silva (2004, p. 95) levanta as possibilidades de *multiplicidade referencial* de *a gente* e exemplifica caso em que classificou semanticamente as ocorrências de *eu* e de *a gente* como de igual referência, ou seja, considerou haver *preservação referencial*:

*Jô - é verdade. Ohhh voltando a falar do negócio do DOPs, quer dizer, foi difícil de entrar, apesar de tudo isso /.../ bateu o que, bateu aquela sensação de pânico, vamos dizer assim?*

*Secretária - o meu coração disparou, ahh as mãos ficaram geladas, ahh todos tudo que é conhecido como a síndrome do pânico. E eu pensei que eu tenho que me controlar, eu não posso demonstrar com tanta força o que que tá acontecendo dentro de mim e com o tempo **a gente administra, né?!***

---

<sup>43</sup> Referência citada por Lopes (2003): CARDINALETTI, A & STARKE, M. (1993): *The typology of Structural Deficiency: on the three Grammatical Classes*, Università di Venezia/Université de Genève, mimeo.

<sup>44</sup> Sugestão feita pela Prof.<sup>a</sup> Edair Gorski, quando do exame de qualificação.

*Jô - você chegou a ser torturada, não foi?*  
*Secretária – não, eu cheguei a apanhar, é uma coisa um pouco diferente./.../*  
 (Secretária da Cultura de SP, +/- 55 anos, amostra Programa do Jô). (SILVA, 2004, p. 95)

De acordo com Silva, as três repetições da informante do pronome *eu* autorizam a interpretação de *a gente* que vem na seqüência como *eu/locutor*. Também são elementos considerados pela pesquisadora para essa interpretação o conteúdo da fala, relacionado à experiência pessoal da entrevistada, e o *contexto de interação* dos interlocutores. Sem dúvida os critérios observados são pertinentes à classificação, no entanto outras considerações podem servir a interpretação da referência como, por exemplo, o que Silva (*idem*, p. 98) discute ao apresentar a variável *manutenção ou não do referente*, apontando pesquisas que evidenciaram – entre elas Omena (1996 [1978]) e Borges (2004) - que a manutenção da mesma forma pronominal propicia a preservação referencial. É possível pensar, então, como raciocínio inverso, que a mudança de forma após uma seqüência de formas iguais apontaria para uma mudança na referência. Portanto, ao se observar a seqüenciação dos pronomes apresentados no exemplo dado por Silva (*idem*, p. 95): *eu-eu-eu-a gente*, a troca de *eu* por *a gente* pode sinalizar uma mudança na construção dos referentes, seja para uma referência genérica ou para um *eu* modalizado. Nesse exemplo de Silva (2004), o uso da expressão “com o tempo” – expressão que projeta o acontecimento para um tempo “em suspensão”, portanto não determinado no tempo; o ‘destaque do locutor’ que pode marcar a diferença da referência frase anterior (conforme MENON (1994 e 2006)); o fato da conjunção **e** na verdade ter o sentido de **mas**, ou seja, indicar oposição entre as idéias postas; e o uso do tempo presente (atemporal - *acostuma*) são outros indícios de indeterminação.

Além dessas possibilidades, a informante poderia, com o uso de *a gente*, fazer remissão à categoria específica daqueles que sofrem da síndrome do pânico, na qual ela se inclui, quando diz “*com o tempo a gente administra, né?!*”, já que menciona a síndrome e seus sintomas como o que seria “administrado”.

A análise de aspectos como entonação de voz, sobreposição de vozes, gestos e expressões fisionômicas colhidos no momento da produção discursiva (o Programa do Jô é exibido na televisão), poderia compor resultados ainda mais conclusivos, pois pode ser considerada a possibilidade de *a gente* ter sido marcado com significativa mudança de entonação e expressão facial pela entrevistada, o que, se acontecesse, poderia projetar uma mudança na perspectiva usada sobre o referente sujeito anterior e *a gente* se constituísse como

estratégia para tornar a referência mais indeterminada do que os usos de *eu* anteriormente enunciados.

Também é importante observar que se Silva (2004) toma o tópico discursivo como unidade de análise, então seria correto considerar que *a gente* aparece em segmento que favorece a descontinuidade, pois marca uma espécie de anúncio de *transição de tópico*, um esvaziamento da intensidade das informações em que *eu* foi utilizado, (“e com o tempo *a gente* administra, né?!”), seguido de um marcador discursivo (*né*) que tanto pode indicar o fechamento do tópico quanto sinalizar um valor interacional para com o entrevistador. A expressão “e (*mas*) com o tempo” também indicia esse esvaziamento, pois um novo aspecto é introduzido no contexto. Na dinâmica da conversação, essa transição é percebida pelo entrevistador que, imediatamente, toma o turno com outra pergunta, mantendo o assunto, mas, ao mesmo tempo, modifica o enfoque anterior (outro indício da transição). Essa diferença na significação enunciativa, pois *a gente* é usado na passagem de uma situação informacional para outra, poderia sustentar a interpretação de *a gente* com outro referente.

Há outro momento em que a adoção do tópico discursivo fica obscurecida em Silva (2004). Quando da análise da variável *manutenção ou não da referência*, após apresentação nos fundamentos teóricos da necessidade de inferência de atividades retrospectivas e prospectivas para a interpretação de pronomes de caráter anafórico sem base antecedente explícita, Silva (2004, p. 102) opta pelo *turno de conversa*. Ela informa que por *primeira referência* considerou a primeira vez que o falante enunciou o pronome em dada seqüência discursiva, mas estabelece como limite o *turno*, conforme explica:

a cada **interrupção** (grifo nosso) da jornalista ou do entrevistador de televisão, a introdução da forma *a gente* (ou *nós*) foi considerada como sendo a primeira menção. Por seqüência do discurso, está se entendendo toda a seqüência discursiva que o falante produz até o momento de ser interrompido pelo apresentador ou pela jornalista, ao retomar o discurso o informante começa nova seqüência (SILVA, 2004, p.102)

A perspectiva de análise sai do *tópico*, cujo alinhamento é dado pelo *assunto* e possui delimitadores específicos que nem sempre se configuram pela troca de turno, pois *interrupções* podem ser apenas seqüenciadoras ou interacionais, sem representar redirecionamentos no tema da conversação, ou seja, no *turno* se perde de vista o fato de que os referentes dos pronomes podem estar pré ou pós-projetados, além de o informante poder alternar referentes entre turnos diferentes pelos mesmos pronomes, o que pode descaracterizar

a 1.<sup>a</sup> menção de *a gente* no turno como única fonte das retomadas dentro desse mesmo turno<sup>45</sup>. Silva (idem, p.81) já havia mostrado a consciência da problemática da análise de referentes e dos limites para isso em outro momento, após análise de segmento tópico que serviu de exemplo, ao explicar que:

O segmento discursivo acima mostra que a repetição do mesmo segmento lingüístico (do mesmo pronome) não está atrelado à preservação da identidade referencial. Parece tratar-se, na verdade, de uma estratégia de repetição pronominal que conduz à progressão do tópico discursivo sem, no entanto, manter a identidade dos mesmos referentes iniciais. Outra curiosidade é que nas primeiras vezes em que o pronome *a gente* é mencionado (linhas 4 e 5), no enunciado, não está clara a identidade do referente. Nesse caso, o referente não está explícito no cotexto, diferente das formas pronominais subseqüentes em que a nominalização está expressa no contexto discursivo [as pessoas da família; eu e meus irmãos].

Ao que a autora arremata apontando a premissa do funcionamento discursivo: a interação, pois é “no âmbito das relações interativas instituídas em um evento comunicativo” que se processa “o jogo de ações recíprocas entre os interlocutores” projetado na “materialidade lingüística do texto” (JUBRAN, 2003, p.93):

O mais impressionante é: como os interlocutores identificam os referentes ou pelo menos agem como se soubessem a identidade referencial estabelecida no discurso sem interromper o ato comunicativo? Provavelmente, importantes mecanismos sejam utilizados como pistas contextuais: o tempo e o aspecto verbal, expressões indiciais (dêiticos), a própria nomeação referencial, o conhecimento compartilhado... permitindo a identificação do referente.

Silva (2004, p. 115) é bastante cautelosa no sentido de salientar que há possibilidade de outras interpretações além da que expressa (e assumir controvérsias interpretativas) e ressalta, ao final da análise dos resultados da variável *multiplicidade referencial* – e que por extensão da abordagem afeta a variável *manutenção ou não do referente* - informação que causa preocupação quanto à replicação da análise:

---

<sup>45</sup> Na identificação da primeira referência para o pronome *a gente*, Borges (2004) obedece aos limites da oração, o que é uma escolha metodológica possível, mas que certamente pode se tornar complicada – como discutido até aqui sobre referenciação - quando esse limite não se revela confiável para identificação de referentes.

Cabe lembrar que, como as expressões de sujeito *nós* e *a gente* codificam referentes diferentes ao longo de um evento comunicativo associadas a diversas predicções, essas formas podem veicular várias interpretações referenciais. Assim, cada analista/pesquisador poderá interpretar o referente conforme as impressões que o texto falado poderá provocar.

Jubran (2006, p.29) observa que o objeto de estudo *texto* carrega em si um método de abordagem que se sustenta na materialidade lingüística construída no processo de interação verbal, por meio “das marcas concretas que a situação enunciativa imprime nos enunciados”, mas a observação de Brown & Yule (1983, p. 200) estabelece, conforme defendido neste trabalho, um contraponto sobre retomadas referenciais que pode ser acrescido à conversa sobre o *texto* no caso de análise das referências para *a gente* quando dizem que: “parece mais provável que o processador estabelece um referente em sua representação mental do discurso e relaciona as referências subseqüentes a essa representação mental e não à expressão verbal original empregada no texto”. As palavras de Brown & Yule (1983, p. 200) criam uma interrogação sobre qual a melhor forma de se tratar com a referenciação.

Não se ignora, portanto, que, até certo ponto, a subjetividade do pesquisador é inerente em análises desse gênero; por isso se defende que na construção desse tipo de variável precisa se trabalhar com máximo detalhamento no que se refere à estrutura de tópico discursivo como categoria analítica e realizar descrição detalhada dos componentes interacionais inscritos na superfície textual.

Enfim, pelos dados pragmático-textuais envolvidos no exemplo de Silva é possível afirmar a correferencialidade<sup>46</sup> entre *eu* e *a gente* e, em certo nível, *a preservação referencial*, mas não a co-significação, portanto, nesse caso, é aqui defendido que, sob o ponto de vista semântico-pragmático, *eu* e *a gente* podem não remeter ao mesmo referente. Em nota de rodapé, Silva (2004, p. 95) mostra ter tido essa compreensão e explicita outra possibilidade de interpretação:

Talvez esse *a gente se acostuma [sic]* poderia ser interpretado como genérico, pois o referente seria todas as pessoas que passaram por essa

---

<sup>46</sup> Segundo Van Dijk (1983, p. 33) a principal função da correferencialidade é “relacionar participantes de fatos conectados, principalmente pela relação de identidade. Isso significa que o texto contém o que se poderia chamar intuitivamente uma certa continuidade de foco: continuamos falando da mesma coisa ou pessoa, da qual predicamos propriedades e relações distintas”.

situação durante a ditadura. Entretanto, a minha interpretação permanece como *eu/emissor* como significado referencial de *a gente* nesse trecho de fala.

Assim, mesmo valorizando os trabalhos de Zilles (2002) e Borba (2004) e a abordagem cuidadosa de Silva (2004), não se percebeu nesses trabalhos uma metodologia de análise que pudesse ser utilizada para interpretação dos referentes para *nós* e *a gente* nos dados de Curitiba e que assegurasse resultados confiáveis de acordo com os objetivos aqui propostos.

Algumas das dificuldades sentidas durante as tentativas de identificação de correferencialidade e co-significação entre *nós* e *a gente* estão exemplificadas com o trecho de entrevista transcrito abaixo (exemplo 1-3), já utilizado para identificar a divisão em tópicos no item 3.3. Apesar de estar anteriormente expresso nesta mesma seção, o exemplo é integralmente reproduzido a fim de facilitar a leitura das considerações feitas sobre a referência dessas ocorrências pronominais.

(1-3b)

(1) **Entrevistador:** Só duas! (falando rindo) { Vocês [com]- com quem que vocês brincavam?

**Informante:** Ah, pois é. Naquela época daí depois que foi tendo morador aí. Veio morar ali a Dona Nina, [essa que faleceu,] veio a mãe da Euleca, que **a gente** também, assim, praticamente criou-se junto. A Euleca, a Ivanete aqui, daí veio morar aqui a Dona Catarina, essa velhinha com velhinho que moram aqui também, são moradores antigos. Daí ela também tinha filhas. A gente passava a estudar com elas.

{(2) inclusive o catecismo, a doutrina, né? catequese que diz, **a gente** fez junto. **Ø Fizemos** a Primeira Comunhão ali na Igreja do Cristo Rei. [Ali as freiras do Colégio Cajuru que preparavam **a gente**, sabe?] **A gente** ia aos sábados e aos domingos pra catequese daí no Cristo Rei **a gente** fez a Primeira Comunhão. Na Igreja do Cristo Rei.}

(3) **Entrevistador:** {Aqui a Fátima não tinha ainda.

**Informante:** Não, naquela época não existia a Nossa Senhora de Fátima. Só a Cristo Rei. E era a outra igreja velha. [Que a igreja já reformaram, é a igreja nova, né?] naquela época.}

{(4) **Entrevistador:** { E a Fátima quando que foi construída que o colégio que a senhora deu aula?

Em desenvolvimento do tópico “descrição da infância” e do supertópico “relatos sobre o bairro e escola”, em (1) o entrevistador faz pergunta relacionada à vida da informante na infância, sobre “com quem brincava”, iniciando tópico subordinado. A informante responde indiretamente, citando famílias de moradores antigos (se relacionava com as crianças dessas famílias, cita alguns nomes próprios) e na resposta utiliza duas vezes o pronome *a gente*, cujas referências podem alternar-se entre a informante (*eu*) e a informante



mais as outras crianças do bairro (*eu + não-pessoa*). Um uso para referência genérica pode ser interpretado no momento da instrução (pretérito imperfeito).

Na primeira ocorrência, se poderia interpretar que *a gente* se refere à *informante + Euleca* o que corresponderia à referência semântica, segundo Benveniste (1976), *eu + não-pessoa*, mas não é possível afirmar categoricamente - observe-se forma verbal e o uso de *elas* - na segunda menção “*A gente* passava a estudar com elas”, se *a gente* é usado para referir-se à *informante + Euleca + Ivanete* ou à *informante + Euleca (eu + não pessoa)* ou apenas à própria informante (*eu*). Observou-se que esta informante apresenta uso freqüente de *a gente* em toda a entrevista (se comparado com a freqüência de *a gente* nas demais 31 entrevistas analisadas) e, em especial, no relato de experiências de cunho pessoal, reforçando a tendência de questionar mais fortemente as possibilidades de interpretação semântica de *a gente* entre *eu* e *eu + não-pessoa*.

Essa dúvida permanece no tópico (2), em que outro nível hierárquico do subtópico “com quem brincava na infância” é iniciado pela informante e configura novo segmento tópico, pois a “aulas de catequese e realização da 1.<sup>a</sup> comunhão” são os enfoques. *A gente* é retomado em “catequese que diz, *a gente* fez junto”, em que *junto (todos juntos/todas juntas)* indicia a referência plural definida (*eu + não-pessoa*), que é retomada por *nós* (inferível pela flexão verbal em *fizemos*) com manutenção da referência plural indicada pela repetição do verbo *fazer (fez)* na forma *fizemos* - sem mudança de tempo verbal - pistas textuais consideradas para a interpretação de *a gente* e *nós (Ø fizemos)* como correferentes e co-significativos). Outro *a gente* ocorre em segmento tópico de esclarecimento, porém na posição de objeto, quando a informante diz “Ali as freiras do Colégio Cajuru que preparavam *a gente*, sabe?”. O assunto “catequese” continua a ser desenvolvido e outras ocorrências de *a gente* aparecem “*A gente* ia aos sábados e aos domingos pra catequese daí no Cristo Rei *a gente* fez a Primeira Comunhão”. As referências para *a gente* nas duas ocorrências permanecem duas: somente a própria informante ou a informante + amigos (*eu* ou *eu + não pessoa*). Na continuidade da conversa, abre-se novo segmento tópico desenvolvido em (3) a partir de questionamento do entrevistado sobre outra igreja que existia no bairro no período da entrevista e em (4) inicia-se pelo entrevistador a conversa sobre tópico *local de trabalho*, que é segmento explicitado somente em seu início para mostrar o desenvolvimento do tópico.

O exemplo permite serem percebidas diferentes possibilidades de progressão referencial pelos pronomes, seja por formas recategorizadas (nomes por pronomes) ou reiteradas (*eu – a gente – Ø nós (-mos)*), mas não ser afirmado, em muitos casos, conforme

interpretação aqui explicitada a título de exemplo, qual sua referência semântica (e se há preservação referencial entre as formas ou entre cada forma e um dado referente), mas talvez suas possíveis referências semânticas.

No paralelismo pronominal, conforme abordado, entre outros aspectos se verifica no exemplo (1-3b) que as formas pronominais *a gente* e *nós* estão inter-relacionadas em cadeia tópica, portanto servem da mesma forma à progressão referencial, ambas em contexto de determinação, mas *a gente* se destaca como forma pronominal sujeito mais freqüente no texto do tipo narrativo, ou seja, é a escolha mais recorrente da informante para um relato na perspectiva do tempo (retrospectiva), especificamente quando salienta pontos importantes da história para o interlocutor.

Pela abordagem dos dados nas 32 entrevistas analisadas, certamente os dados de Curitiba apresentam casos em que a multiplicidade referencial de *nós* e de *a gente* e sua significação semântica em diferentes graus ficam evidenciadas, assim como a preservação de referentes na intercambialidade entre os dois pronomes. Os exemplos a seguir<sup>47</sup> ilustram alguns casos.

Em (2-3) é possível interpretar pelo diálogo que *nós* refere-se ao entrevistador mais o informante (*eu + não eu*), porque ocorre quando o informante responde ao questionamento do entrevistador, ao final da entrevista, sobre algo mais que pudessem conversar entre si.

(2-3)

*F - Dentro daquilo que nós falamos, eu acho que está esclarecido porque nada mais em termos de bairro, né? É um bairro comum. (CBA 5, sexo masculino, faixa etária mais jovem, escolaridade secundária)*

No exemplo (3-3) o entrevistador questiona a informante sobre o que significa *footing*, já que ela já havia dito que, depois da matinê, “nós fazíamos o *footing*”. Quando a informante responde, já esclarece a referência informando que fazia o *footing* com *as amigas*, expressão retomada por *nós* (*eu + não- pessoa*).

(3-3)

*E - footing?*  
*F - É, com as amigas. Nós passávamos até um trecho da Rua Quinze.*  
*(CBA 06, sexo feminino, faixa etária mais velha, escolaridade secundária)*

---

<sup>47</sup> F = informante e E = entrevistador nos exemplos que seguem.

O exemplo (4-3) é interessante, pois se pode perceber a estratégia do informante em contrastar/graduar o uso genérico de *a gente/você* com o uso de *eu* como destaque para seu posicionamento, o que marca a diferença semântica entre *eu* e *a gente* (que se alinha com *você*, portanto a interpretação tem toda a característica de ser genérica). As perguntas do entrevistador e a resposta anterior do informante são importantes para se confirmar a interpretação.

(4-3)

*E - [o pessoal] e o pessoal vai vestido à caráter assim ou vai à vontade?*

*F - [Não] vai à vontade. Vai assim, esporte. À caráter não dá, né? Ainda mais com esse calor aí-*

*E - E nem por exemplo os que são coronel, tal, não vão com uniforme?*

*F - Não, não. Vão assim, esporte. **A gente nem sabe** quem é coronel, quem é - Comandante da região vai assim esporte. Tem Comandante da Região aqui **você nem sabe** que ele é comandante. **Eu nem sabia**. (CBA 02 sexo masculino, faixa etária mais velha, escolaridade secundária)*

O exemplo (5-3) deixa clara a referência semântica de *a gente* como *eu + não pessoa* (ele) em razão do informante identificar como forma antecedente um *rapaz* (com quem foi criado).

(5-3)

*F - Muitos saíram [do bairro]. Inclusive nesse prédio aqui do nosso lado morava um rapaz que praticamente **a gente** se criou junto, né? Então ele se mudou por causa de briga de família [...] (CBA 05, sexo masculino, faixa etária mais jovem, escolaridade secundária)*

Há outros casos de identificação menos complexa das possibilidades semânticas de referência, como em (6-3) a identificação das *irmãs* esclarece os referentes de *a gente* (*a gente* = *informante + duas irmãs; informante + irmã mais nova*. Na classificação de Benveniste (1976) essa diferença semântica não ficaria distinta, pois uma única classificação seria feita neste caso (como *eu + não-pessoa*), reforçando a idéia de que um tratamento diferenciado da questão da pessoalização seria necessário para destacar essas nuances que envolvem o *status* de determinação/especificação de *a gente* no PB.

(6-3)

*F - Tenho duas irmãs.*

*E - Mais velhas, [mais novas].*

*F - Tenho uma mais velha e uma mais nova.*

*E - E o que que elas fazem?*

*F - Bom, trabalham e estudam, né? A mais velha está pra ganhar aí um sobrinho daqui uns dias. Ela trabalha com um desembargador no Tribunal de Justiça e faz, não é Ciências Sociais, é Serviço Social na Faculdade Espírita. E a outra trabalha no departamento de pessoal de uma firma aqui na Guilhermina e faz Parapsicologia, também, na Faculdade Espírita.*

*E - E como que é o relacionamento entre vocês?*

*F - Ah! a gente se vê (inf. + irmãs) pouco. Às vezes Ø **briga** (inf. + irmãs), com a mais nova a **gente quase sempre briga** (inf. + irmã 1) porque ela é sagitário e eu sou peixes. Daí ela é esquentadinha, né? Às vezes eu me esquento, às vezes deixo pra lá, mas é um relacionamento bom. E com a mais velha, a Ariodete, já é mais fácil que ela também é de peixes, sabe? e me entende mais e a **gente conversa** (inf. + irmã 2) mais. (CBA 09, sexo masculino, faixa etária mais velha, escolaridade ginásial)*

Há outros casos em que o tópico apresenta temas como namoro e/ou casamento, circunstâncias nas quais o informante é diretamente envolvido e, portanto, *nós* e *a gente* tem como referente identificável *eu + não pessoa*, mas muitas das ocorrências apresentam contextos em que há ambigüidade, pois se consegue interpretar mais de um referente e a busca anterior ou posterior no tópico não apresenta introdução de referentes de forma clara.

Enfim, a intenção foi mostrar que, mesmo que com pouca exemplificação destacada, a questão da multirreferencialidade de *a gente* (e de *nós*) está representada no *corpus* de Curitiba. O que não se oferece por ora é comprovação desse fato *estatisticamente*.

Levando-se em conta as reflexões acima, e crendo na condição de liberdade de escolha do pesquisador mediante a confiança nos resultados da análise, reitera-se a afirmação de que não se entendeu viável neste momento efetivar a identificação de referências semânticas para *nós* e para *a gente* sem uma análise exaustiva sob a ótica da lingüística textual e do estudo da referenciação. Defende-se a criação de parâmetros de classificação combinados para uma variável que trate de referências semântico-discursivas de *nós* e de *a gente* observando o trato de cadeias referenciais ( cf. COSTA, 2000), trabalho que receberá atenção futura nos dados de Curitiba. Por ora, encerramos essa reflexão com as palavras de Monteiro (1994, p. 57):

Há, como se vê, muitas sutilezas na formalização e reconhecimento de uma situação anafórica [...] Nem sempre é fácil decidir quando e de que modo dois termos são correferenciais. Por isso vale aqui a advertência de Stenning

(1978, p. 175)<sup>48</sup> de que o fenômeno lingüístico tem que ser explicado por uma teoria da relação entre texto e contexto, sempre em função dos dados referenciais que são introduzidos no discurso. Se é fato que cabe à anáfora a função de repetir a identificação do objeto já reconhecido através de outra expressão, não é menos verdade que às vezes se produz uma ligação entre termos que a rigor não remetem ao mesmo referente. E aí surge o problema de se saber até que ponto continua válido interpretar a anáfora pela correferencialidade.

As considerações se voltam, na seqüência, às variáveis testadas no *corpus* de Curitiba e às hipóteses que conduziram à análise dos dados.

### 3.3 O envelope de variação

O conjunto de variáveis dependentes e independentes foi organizado com o propósito de possibilitar conhecer e inter-relacionar os dados a fim de permitir, entre outras formas de leitura, efetuar a discussão das hipóteses inicialmente levantadas sobre o *corpus*.

Dessa forma, são apresentadas e descritas as variáveis escolhidas de modo a esclarecer a motivação para sua construção (ou para a não-abordagem de certos tipos de variáveis) na literatura antecedente sobre o tema, assim como é apresentada a codificação que representa suas variantes no programa estatístico. A cada variável tratada retomou-se a hipótese pertinente, conforme previsto na apresentação do trabalho. O capítulo é finalizado com a menção dos casos excluídos ou que receberam tratamento diferenciado durante a análise.

#### 3.3.1 Variáveis lingüísticas em análise: *nós /a gente*

O estudo da alternância entre *nós* e *a gente*, fenômeno de variação que constitui um dos objetos desta investigação, foi verificado em trabalhos como de Borba (1993), Omena (1996 [1978]), Menon (1995), Lopes (1999), Seara (2000), Zilles (2002), Tamanine (2002) e Borges (2004). Todas estas pesquisas mostraram que a alternância entre *nós* e *a gente* se dá

---

<sup>48</sup> STENNING, K. Anaphora as un Approach to Pragmatics. In: HALLE, J. Bresnan & MILLER, G. A. *Linguistic Theory and Psychological Reality*. Cambridge, The MIT Press, p. 162-200, 1978)

em contexto de referência à primeira pessoa do discurso, de maneira determinada ou indeterminada. Os resultados indicam mudança em curso no sentido de substituição de *nós* por *a gente* e do avanço cada vez maior de *a gente* no campo da determinação, antes relacionado apenas ao uso de *nós*. O exemplo (7-3) apresenta esse tipo de alternância.

(7-3)

[...] *Ele sempre dava a volta, trazia a gente até o portão. Nós entramos, e como é, não sei porque que deu na mamãe, ela deu a volta e olhou aqui, nessa janela [...].* (CBA 2, sexo masculino, faixa etária mais velha, escolaridade secundária)

A primeira ocorrência é de *a gente* cuja referência é determinada (é possível identificar que *a gente* se refere à falante e à mãe (*eu* + 3.<sup>a</sup> *pessoa*), porque é possível inferir que o pai (*ele* = *pai*, informação inferível pela entrevista) havia deixado no portão e possivelmente ido estacionar o carro. Quando *nós* é usado, ainda possui referência determinada, mas o texto não deixa claro se *nós* (*eu* + 3.<sup>a</sup> *pessoa*) retoma apenas a falante e a mãe ou o pai também é incluído. No entanto, é possível perceber que, no discurso, os dois pronomes referem-se a um sujeito pluralizado (e determinado), com isso possibilitando a afirmação geral de “mesmo valor de verdade”, condição essencial de variantes em um fenômeno de variação lingüística.

Nos procedimentos de análise, foram encontradas ocorrências no *corpus* em que as formas *nós* e *a gente* foram usadas de maneira alternada pelos falantes não só na função de sujeito, mas também como objeto direto e indireto, adjunto adverbial e adnominal e complemento nominal. Essas situações serão exemplificadas no item 3.4 assim como a variável controlada no âmbito das funções sintáticas de *nós* e *a gente*.

Na seqüência, serão apresentadas as variáveis controladas quando das ocorrências dos dois pronomes na função de sujeito.

### 3.3.1.1 As variáveis dependentes

Foram consideradas duas variáveis dependentes, representantes de dois processos variacionais distintos na posição de sujeito: as ocorrências de *nós* e de *a gente* a as realizações fonéticas de *a gente*, conforme já apontado por Menon (1996) e Zilles (2002).

a) No caso da variação entre *nós* e *a gente*, levou-se em conta a questão de que o português é uma língua que pode apresentar formas pronominais sujeito plenas/expresas ou

*pro*, denominado também de sujeito nulo ou anáfora  $\emptyset$ . Do ponto de vista da gramática gerativa (CHOMSKY, 1981), o PB é considerado língua marcada de forma positiva pelo parâmetro *pro-drop* (ou do sujeito nulo). O termo *pro-drop* é advindo da teoria gerativa e trata da exigência da presença do pronome, haja vista a perda da capacidade da morfologia verbal marcar semanticamente o sujeito do verbo.

O português é considerado uma língua de sujeito nulo, característica essa que, segundo Duarte (1996), está em fase de mudança, pois em especial na referência à primeira e segunda pessoas, o português estaria em evolução para uma marcação *pro-drop* negativa, ou seja, para uma língua de sujeitos plenos ou preenchidos.

Então, a fim de verificar a ocorrência do pronome *nós* e *a gente* junto ao verbo e testar o parâmetro *pro-drop*, considerou-se na identificação dos dados tanto ocorrências fonologicamente plenas quanto nulas dos pronomes. Para formas plenas de *nós* e *a gente* é possível visualizar as ocorrências consideradas, conforme aparecem no exemplo (8-3). No caso das formas nulas, em (8-3) se pode perceber a ocorrência de *a gente* nulo porque *a gente* pleno junto ao verbo *ajudava* permite a interpretação de  $\emptyset/a gente$  com o verbo *trabalhava* e, em (9-3), a desinência verbal *-mos* em *precisamos* possibilita a interpretação de *nós* nulo.

(8-3)

*Bom, eu trabalhei em ótica, era auxiliar de sextavagem, nem sei o que é isso, mas a gente ajudava,  $\emptyset$  trabalhava com as lentes né? (CBA 19, sexo feminino, faixa etária mais jovem, escolaridade ginásial)*

(9-3)

*$\emptyset$  Não precisamos nem falar em criança, quer dizer, senhor de idade aí. Todo mundo leva comida por quê? Ele não precisa trabalhar. (CBA 13, sexo masculino, faixa etária mais velha, escolaridade primária)*

No levantamento feito por Borba (1993), com dados de Curitiba, no fator não-preenchimento do pronome, *a gente* apresentou peso relativo de .37, enquanto *nós*, para o mesmo fator, apresentou peso de .63. Borba justifica este resultado pela ação da marca verbal no uso de *nós*, marcado pela flexão *-mos*, o que favoreceria a ausência do pronome, enquanto a 3.<sup>a</sup> pessoa do singular pode referir-se a outros pronomes além de *a gente*, por isso o preenchimento seria necessário para esclarecer a referência. Nossa hipótese para esta

variável, então, é de que quando se observar *formas nulas*, *nós* será mais freqüente e quando se observar *formas preenchidas a gente* apresentará a maior freqüência no *corpus*. No caso da variação entre as formas plenas, postula-se que a alternância entre *nós* e *a gente* se dará em maior número no sentido de substituição de *nós* por *a gente*, conforme resultados já apontados por Borba (1993), Seara (2000) Tamanine (2002) entre outros. Foram considerados nesta variável os seguintes fatores:

*g* – *a gente pleno*

*G* -  $\emptyset$  - *a gente nulo*

*n* – *nós pleno*

*N* -  $\emptyset$  - *nós nulo*

b) Para construção da variável *realização fonética de a gente*, tomaram-se como base os resultados de Menon (1995; 1996 e 2006), que descreveu o processo de redução fonética de *a gente* indicando-lhe como causa provável a freqüência de uso de *a gente* como pronome pessoal. A freqüência de uso causaria a esse pronome novas modificações (novos processos de gramaticalização, conforme Hopper e Traugott (1993)), incluindo a redução de massa fonética (ver seção 1.2). Zilles (2002), com a proposição de duas variantes fonéticas (mais recorrentes) para a realização de *a gente*, e Borges (2004), com levantamento desse tipo de ocorrência reduzida em Pelotas, são trabalhos apresentados em maiores detalhes nas seções 1.2 (ZILLES, 2002) e 1.4 (ZILLES, 2002 e BORGES, 2004).

Em Zilles (2002), do total de 1.289 dados de *a gente*, 15% (198/1289) foram de *a 'ente* e 85% de *a gente* (1090/1289). Borges (2004) registrou 4% de formas reduzidas (soma de 45 ocorrências de *a 'ente* e 3 de *'ente* em 1.217 ocorrências de *a gente*) o que considerou um sinal de mudança ainda incipiente. De acordo com os resultados desses três pesquisadores sobre a redução fonética de *a gente*, postula-se que a realização plena de *a gente* será mais freqüente do que suas realizações reduzidas e, considerando *a 'ente* como um “avanço” nas etapas da gramaticalização de *a gente*. Discute-se a liderança das mulheres no uso de formas inovadoras com base em Labov (1990)<sup>49</sup> que aponta as mulheres como líderes nos processos

---

<sup>49</sup> Labov (1990) ressalta que ao se tratar de efetiva mudança lingüística, a afirmação categórica de que homens ou mulheres deram início a essa mudança não é possível, mas considera que em casos de variação estável, há



de mudança lingüística; e resultados de Omena (1986), Monteiro (1991) e Lopes (2003), que apontaram as mulheres à frente no uso de *a gente* como pronome inovador de 1ª pessoa; Zilles (2002) e Borges (2004) que acrescentaram a essa liderança o uso das formas reduzidas de *a gente*. Postula-se, com base nos resultados de Zilles (2002) que serão os homens curitibanos que favorecerão a ocorrência de formas foneticamente reduzidas de *a gente*.

Nos dados de Curitiba, foram encontradas oito diferentes realizações de *a gente*, conforme segue:

1. *a gente*
2. *gente*
3. *ge*
4. *a gen*
5. *a hente*
6. *a 'ente*
7. *'ente*
8. *'te*

A partir de levantamento preliminar desses 8 tipos de ocorrências nas entrevistas de Curitiba, pela frequência apresentada decidiu-se manter como foco na análise as seguintes variantes:

1. Com presença de fricativa ou aspirada em todas as realizações

*a gente      gente              agen              gen              a hente*

2. Sem presença de fricativa em todas as realizações

*a 'ente              'ente              'en              'te*

---

uma diferença quantitativa quanto ao comportamento lingüístico entre os sexos, uma vez que ambos utilizam as formas “não-padrão” em escalas diferentes, ou seja, uns mais que os outros. Outro aspecto a ser considerado na visão multivariacionista de Labov são as outras variáveis sociais associadas ao sexo que podem interferir nesse comportamento, como por exemplo, a faixa etária.

Cumpramos esclarecer que, no caso das reduções fonéticas de *a gente*, a proponente deste trabalho efetivou escuta das gravações para registro das ocorrências e estas foram julgadas por mais duas pessoas: um profissional atuante na área de Letras com estudos em fonologia e um profissional experiente da área da música. Nenhum recurso tecnológico específico para a tarefa foi utilizado, portanto se registra a necessidade de análise futura desses resultados com equipamentos que permitam uma observação mais refinada como o espectrógrafo, por exemplo.

### 3.3.2 Variáveis independentes para análise dos pronomes-sujeito

Foram consideradas variáveis independentes de caráter estilístico-discursivo, morfofonológico e sintático. No âmbito do estilo/discurso foram organizadas as variáveis *determinação do referente*; *discurso reportado* e *seqüências textuais*. As variáveis associadas à morfofonologia estão interligadas pela abordagem do **verbo**, são elas a *forma verbal*, esta subdivida em *verbos plenos* e *perífrases*; *tempo verbal*; *concordância verbal* e *tonicidade*. No grupo ligado à sintaxe, as variáveis foram estruturadas sob o eixo do **paralelismo estrutural**, sendo este subdividido em *paralelismo pronominal* (*binário*, *ternário* e *eneário*) e *paralelismo da concordância verbal*. A apresentação das variáveis começará pelo grupo ligado ao discurso

#### 3.3.2.1 Determinação do referente

Tratando então da variável *determinação do referente*, tomou-se por referência para sua aplicação os trabalhos de Menon (1994, 1995, 1996), Setti (1997) e Godoy (1999) e Tamanine (2002), que mostraram resultados relevantes para *a gente* com uso mais geral, indeterminador<sup>50</sup>.

---

<sup>50</sup> Poderia se pensar em uma possibilidade diferenciada de abordagem a ser adaptada para este tipo de análise como a apresentada por Lopes (2003, p. 94-96), baseada no aparato teórico constituído tanto da teoria gerativa como da funcionalista e aplicada em *corpus* de dados escritos. Com base na adaptação de escala da proposta da hierarquia da indefinidade (GIVÓN, 1979 e CROFT, 1993 *apud* LOPES, 2003), a pesquisadora aplica para *gente*

Por outro lado, de acordo com Omena (1996, p. 204), *a gente* estaria “perdendo a marca de indeterminação, como aconteceu com *on* em francês, que na alternância com *nous* é caracterizado por Laberge (1977)<sup>51</sup> como definido”. Resultados de Tamanine (2002) mostraram o uso de *a gente* na determinação em pesos próximos de .50 (.49 nas ocorrências isoladas e .50 nas ocorrências em paralelismo) o que indicou no *corpus* estudado a presença significativa de *a gente* também no campo da determinação, um indício de avanço em seu *status* de gramaticalização. Esses resultados sustentaram, para os dados de Curitiba, a hipótese de que, neste grupo de fatores, entre *nós* e *a gente*, o uso de *a gente* apresentará avanço significativo na *determinação*, enquanto que o uso de *nós* será representativo na *indeterminação*.

Identifica-se um sujeito como de *referência indeterminadora* quando, no contexto, não é possível recuperar a referência extralingüística do sujeito, inclusive quando ela possa

---

*X a gente* uma graduação entre o grau máximo e mínimo definitude/referencialidade considerando os atributos +/- **definido** (pode indicar agente vago e indeterminado); +/-**referencial** (pode ganhar ou perder gradativamente a sua referenciabilidade, tornando-se genérico ou não-referencial no momento em que a entidade física deixa de ser individualmente especificada, referindo-se genericamente a toda uma classe) e +/- **específico** (quando específico há um objeto específico em mente, embora o ouvinte não possa identificá-lo, quando não específico o conjunto está na mente do falante, não há objeto identificável nem pelo ouvinte nem pelo falante, já que se trata de qualquer elemento do conjunto). A soma dos traços [+ definido] [+ referencial] [+ específico] ocorre quando o falante “tem uma pessoa específica em mente contextualmente explicitada”; dos traços [+ definido] [+ referencial] [- específico] ocorre quando o falante “tem um indivíduo ou um grupo em mente, que não é conhecido pelo ouvinte”; a soma dos traços [- definido] [+ referencial] [- específico] “corresponde a um grau de determinação intermediário entre o *referencial não-definido* e o *não-referencial* ou *grau máximo de indeterminação*. Neste caso, a atualização da identidade individual não é essencial para a mensagem”; dos traços [- definido] [- referencial] [- específico] como “grau máximo de indefinitude da hierarquia, é abstrato e genérico. No uso pronominal, o *a gente* estaria num grau máximo de indeterminação quando não há elementos no contexto para explicitar a referência, englobando o “eu + todo mundo” ou “qualquer um”. O pronome, nesses casos, pode ser substituído por “verbo + SE”, o que reforçaria o esvaziamento da referência” (idem, p. 96), conforme o critério da intercambialidade de formas já expresso em Menon (1994).

Sob o viés da análise textual discursiva, além do enfoque de Costa (2000), se poderia trabalhar com o quadro de relações anafóricas da progressão referencial, conforme postulado por Koch & Marcuschi (1999).

<sup>51</sup> LABERGE, S. *Étude de la variation des pronomes sujets définis et indéfinis dans le français parlé à Montréal*. Montréal, Faculté des Études Supérieures, 1977. *Thèse de Doctorat*, inédito.

ser conhecida ou inferida pelo locutor e/ou pelo interlocutor<sup>52</sup>. Assim, a *indeterminação* envolve tanto aspectos relativos à referência quanto relacionados ao contexto em que o uso dos pronomes se insere, e essa soma de informações caracteriza a *generalização do referente extralingüístico*.

A *determinação*, por outro lado, é caracterizada pela recuperação clara do referente lingüístico e/ou extralingüístico ou, ainda, pelo contexto (vide exemplo 7-3).

Nortearam o trabalho de identificação de referências (in)determinadas, além da constituição do tópico discursivo e da identificação de seus limites, conforme já explicitado no item 3.3, os “testes” criados por Menon (1994) e rerepresentados em Menon (2006, p. 134 – 146), conforme reproduzido na seqüência.

Ao realizar a análise de dados do NURC São Paulo em trabalho de tese sobre formas de indeterminação no PB, Menon (1989, 1994 - ver maiores detalhes na seção 1.4) desenvolveu, por meio da observação dos dados que analisou, uma série de testes para conduzir a classificação das variantes em estudo quanto à indeterminação do sujeito, e atestou “que existem muito mais formas de indeterminar o sujeito no português brasileiro que aquelas apontadas pela gramática tradicional [...]” (MENON, 2006, p.126). Para ela, “indeterminação do sujeito concerne os casos em que não se pode ou não se quer nomear o sujeito, na acepção de *referente extralingüístico*. No entanto, o referente é conhecido pelo locutor [...] e se ele quisesse ou se isso lhe fosse conveniente ou interessante, ele poderia nomeá-lo ou descrevê-lo.” (MENON, 2006, p. 129). Os testes desenvolvidos foram:

1. *intercambialidade das formas*. Neste caso, em um mesmo turno, diferentes formas de indeterminação são usadas pelo falante. Essas formas “substitutivas”, quando permutadas por ‘se’ - tratada por Menon como forma prototípica da indeterminação - mantêm o caráter indeterminado do sujeito, portanto além de *se* foram consideradas: *a gente, nós, eu, você(s), eles, formas nominais (com traço + genérico), passiva sintética (VPASSINT), ‘ausência’ do agente da passiva (VPSA), verbo na terceira pessoa do plural sem sujeito/com sujeito*

---

<sup>52</sup> Aquilo que a GT define como não querer/poder identificar o sujeito, como pode ser visto, por exemplo, em Cunha & Cintra (1985, p. 125).

*preenchido (ØV3PP), verbo na terceira pessoa do singular, sem sujeito preenchido (ØV3PS)<sup>53</sup>.*

Nos exemplos (10-3) o informante fala sobre o espaço que as crianças têm para brincar no bairro e alterna *a gente/você* indeterminados e *eu* na determinação; em (11-3) a informante, em conversa sobre troca de emprego, generaliza ao dar as opiniões alternando *você* e *a gente*:

(10-3)

*Mas, eu acho que não, porque se você for ... você não pode largar uma criança sozinha, já não dá. Você não tem confiança de largar aqui na frente e andar de bicicleta também. Eu tenho uma bicicleta e minha sobrinha gosta, né? de andar de bicicleta, mas não dá porque aqui carro passa a todo instante, sabe como é que é criança, né? Se a gente |dá um descuido| e acabou- Pra ir no parquinho você também não vai largar sozinha, tem que atender. (CBA 12, sexo feminino, faixa etária mais jovem, escolaridade secundária)*

(11-3)

*Mas eu sou muito acomodada, eu vou ficando, vou ficando. Mesma coisa lá, às vezes a gente acha que não está bom, mas não tem condições de procurar uma outra coisa. A gente não vai poder faltar no serviço pra ir procurar um outro emprego, na crise que está hoje, né? Então você vai ficando, até um dia que achar que não me querem mais também, daí eu vou procurar outro emprego, sou muito acomodada também. (CBA 12, sexo feminino, faixa etária mais jovem, escolaridade secundária)*

2. *Pares mínimos*. Por analogia ao emprego em fonologia, Menon denomina de *par mínimo* às ocorrências das variantes em contextos exatamente iguais. O exemplo (12-3) ilustra essa situação nos dados de Curitiba com as ocorrências de *a gente*, *você* e *eu*:

(12-3)

*F- Não, não. Vão assim, esporte. A gente nem sabe quem é coronel, quem é - Comandante da região vai assim esporte. Tem Comandante da Região aqui você nem sabe que ele é comandante. Eu nem sabia. (CBA 02, sexo masculino, faixa etária mais velha, escolaridade secundária)*

---

<sup>53</sup> O pronome de 2.<sup>a</sup> pessoa *tu*, segundo levantamento sobre formas de indeterminação realizado por Menon (1994) em dados do NURC e por Setti (1997) nos dados do VARSUL, não aparece nos dados de Curitiba. Verificou-se nas entrevistas dos universitários, pois estas não estavam disponíveis na época do trabalho de Setti, e apenas uma ocorrência de *tu* foi encontrada, porém na fala do entrevistador (CBA 32).

3. *Tempos verbais* – Menon destaca que o uso do presente do indicativo, pelo seu valor aspectual neutro, em muitos casos, pode indicar a indeterminação do sujeito. Isso ocorre porque esse tempo verbal é usado para referência a fatos habituais e denota uma ação sem fazer referência à sua duração, pode significar contexto *atemporal*, *permansivo*, *durativo*, *repetitivo*, (idem, p.138). Ditados, provérbios, verdades eternas usam desse tempo verbal justamente porque devem servir a qualquer um, qualquer tempo e qualquer local.

Os verbos no presente do indicativo representaram a maior freqüência em contextos de indeterminação (4.822/59,1%) na pesquisa de Menon (1994), resultado que reforçou para a pesquisadora a importância da observação do presente do indicativo como uma das maneiras de se identificar contextos de indeterminação. Quanto aos demais verbos relacionados à indeterminação nos dados de Menon, a distribuição se deu da seguinte maneira: “verbos no infinitivo (11,8%), imperfeito (8,7%), do perfeito (8,2%) e do futuro do indicativo; do condicional (2,2%); do presente (2,7%), do futuro e do imperfeito (1,1%) do subjuntivo” compuseram o restante da amostra (MENON, 2006, p. 139).

Exemplifica-se em (13-3) o caso do presente do indicativo como identificador de contexto de indeterminação em passagem relativa ao comentário sobre a qualidade do ensino nas escolas públicas e o interesse das crianças em estudar:

(13-3)

*Agora, em termos de interesse [é]- de aprender [é]- acho que está meio fraco. Eu acho que, pelo que **a gente vê**, não é? a coisa vai cada vez enfraquecendo mais, né? O desinteresse vai ser cada vez maior. (CBA 19, sexo feminino, faixa etária mais jovem, escolaridade ginásial)*

Como o infinitivo foi a segunda forma verbal mais freqüente na indeterminação na pesquisa de Menon, também se exemplificou ocorrência desse tipo na fala dos curitibanos. A substituição de “**a gente poder acompanhar**” por “*se poder acompanhar*” sem alteração de sentido reforça a interpretação da indeterminação em (14-3):

(14-3)

*F - Antigamente as missas eram em latim, né? Hoje já está ...Hoje é em português, né? Inclusive hoje está bem melhor, já, pra **a gente poder acompanhar** a missa, né?*

4. *Ditados, verdades gerais ou eternas, perguntas retóricas* – Menon retoma a consideração sobre o uso do presente atemporal nesse caso, pois a idéia de um ditado, por exemplo, é justamente generalizar a aplicação. A manifestação do conhecimento compartilhado também se apresenta como propícia à indeterminação e ocorre geralmente precedido de *como* e *conforme*. Foram encontrados alguns destes exemplos na amostra estudada, como se pode ver em (15-3), (16-3):

(15-3)

*F - Dá pra viver, dá pra viver. Uma semana mal, outra semana bem, mas dá pra viver. E assim a gente vai tocando o barco. (CBA 07, sexo masculino, faixa etária mais jovem, escolaridade primária)*

(16-3)

*F - Levou quarenta anos para se tornar uma estrada boa essa que sai para Paranaguá. Com uma hora, uma hora e dez por aí, você chega lá. Como nós dizemos, dá pra Ø [comprar o peixe]- tomar o banho, comprar o peixe e voltar pra cá. (CBA 06, sexo feminino, faixa etária mais velha, escolaridade secundária)*

5. *Mudança de tempo verbal* – esta estratégia de indeterminação identificada por Menon ocorre em casos de narrativa geral ou exposição de fatos. A indeterminação ocorre justamente na mudança do presente atemporal para o passado, ou do passado ao imperfeito ou ao presente ou vice-versa. A ocorrência verificada em (17-3) mostra o uso do presente atemporal e a passagem do pretérito perfeito para marcar indeterminação.

(17-3)

*Então, quer dizer, o bairro evoluiu muito, mas não aquela evolução total porque, você vê, hoje nós temos rua aqui sem saída. ØTemos, quer dizer, [pouco]- pouca, (inint) vamos supor assim, pra você sair prum bairro ou pro outro. A população aumentou pouco também. Isso quer dizer- Então você tem que ficar. Então a gente se acostuma, já se habituou naquele parado, né?*

6. *Advérbios, localizadores espaço-temporais, preposições* – este tipo de marcadores de indeterminação são definidos por Menon como pontos de referência para situações de impossibilidade de realização pelo falante ou para localização distanciada desse falante, o que

conferiria a condição de impessoalidade à interpretação do enunciado. Menon destaca que entre os advérbios há aqueles que caracterizam a indeterminação do sujeito, em especial os terminados em *-mente* que remetem a situações costumeiras (*geralmente, normalmente*) ou que sinalizam situações que ocorrem com frequência (*freqüentemente, repetidamente*). *Hoje em dia, agora, amanhã* entre outros que marcam oposições no tempo de maneira contrastiva (*agora, antigamente*) ou que indicam a repetição de um acontecimento (*todo fim de ano, sempre, às vezes*) são outras circunstâncias que marcam a indeterminação do referente, como mostra o exemplo (18-3) com *a gente* precedido de preposição (pode ser substituído por *se*):

(18-3)

*F- E voce não tem muito tempo pra ficar olhando pro relógio, ficar pensando nisso e naquilo. Aí quando você vê já está quase na hora de vir embora. E é melhor, sabe? **É muito melhor para a gente trabalhar** com um movimento assim do que um dia muito parado. (CBA 19, sexo feminino, faixa etária mais jovem, escolaridade ginásial)*

7. **Completivas (subordinadas substantivas reduzidas)** – Os casos de sujeito constituído de uma oração reduzida de infinitivo posposta ao predicado e orações que constituem o complemento foram identificados por Menon como contextos produtivos para a indeterminação do sujeito quando este não é identificado, conforme é possível inferir no exemplo (19-3):

(19-3)

*Com toda a segurança que tem no próprio jardim ali, no caso, já aconteceu de assaltarem residência, aí. Mas é difícil **a gente saber** assim de confusão, assim, assalto. Não tem acontecido, assim. Difícil acontecer. (CBA 13, sexo masculino, faixa etária mais velha, escolaridade primária)*

8. **Destaque do locutor** – Em contexto de fala genérica, voltada a situações de caráter mais geral, marcada pela indeterminação, o falante pode resolver inserir comentário que mostre sua posição pessoal, seja para fazer parte de um grupo ou para distanciar-se dele. Nesses casos, o falante cria um contraste que pode ser representado pelas expressões *pelo menos, ao menos*; pela mudança de tempo verbal ou por verbos de *dizer, sentir e pensar*. Nos exemplos (20-3) o uso do destaque é feito pela informante para mostrar seu posicionamento sobre a segurança com uso de **eu**, frente a um contexto antes indeterminado com o uso de **a gente**:



(20-3)

*F - Segurança a gente não tem em lugar nenhum. Então eu acho que, se a pessoa for [é] preocupar em segurança, medo disso, medo daquilo, a pessoa não vive. A pessoa vejeta, fica com medo, se tranca dentro de casa. Se trancar numa cúpula de vidro e ficar, porque pode aparecer um ladrão e dar um tiro, Ø (EU) posso sair de carro e me esborrachar. E eu acho que isso não está certo. (CBA 11, sexo masculino, faixa etária mais jovem, escolaridade secundária)*

9. **Distanciamento no tempo; construções hipotéticas** – há situações em que o falante apresenta situações que, pelo afastamento no tempo ou impossibilidade espacial nem ele e nem o entrevistador poderiam ter participado, como explica Menon (idem, p. 144). Assim, a indeterminação é a única forma de interpretação, pois não há como acontecer seu envolvimento pessoal, conforme se pode interpretar em (21-3). Neste exemplo, o informante fala sobre sua experiência na escola e expressa contexto determinado pelo uso de verbos no pretérito perfeito (*fui, entrei, sabia, fiquei*), depois muda para o imperfeito e marca a indeterminação (*tirava, ia*), pois se refere a um tempo em que ele não estava inserido no sistema, então esse **a gente** não poderia ter o informante como referente:

(21-3)

*E dali eu fui pro grupo Dezenove de Dezembro, porque terminou, né? Entrei com cinco anos, já sabia ler e ali eu fiquei dois anos, depois fui pro grupo Dezenove de Dezembro. Lá eu fiquei o quarto ano. De lá, eu fui pro Instituto de Educação, onde tinha a escola complementar. Aquele tempo era escola complementar. Lá eu fiquei dois anos. Daí eu fui para o ginásio. Mudou o sistema, [que a gente tirava a complementar e ia para a Escola Normal.(GENÉRICO)] Mas aí mudou o sistema de ensino fui pro ginásio. Fiz um ginásio com cinco anos [...] (CBA 24, sexo feminino, faixa etária mais velha, escolaridade secundária)*

A partir, então, da identificação pautada nos testes de Menon (1994 e 2006), a variável independente *determinação* compreenderá a identificação de:

*d* – pronome determinado

*i* – pronome indeterminado

*p* – ambigüidade (situações em que a classificação entre determinação e indeterminação do referente não pode ser realizada por inexistência de elementos caracterizadores na unidade de análise).

### 3.3.2.2 Discurso relatado

Pesquisas como as de Menon & Loregian-Penkal (2002) sobre a variação de *tu* e *você*, de Amaral (2003) sobre a concordância verbal de segunda pessoa e Borges (2004) – já apresentada na seção 1.4 – abordaram a variável discursiva “discurso relatado/reportado”<sup>54</sup> com o objetivo de verificar se o comportamento das variáveis em estudo quando presentes no discurso relatado direto em narrativas seria diferenciado em outros contextos discursivos, pois “na composição do dizer dos informantes pode estar explicitamente presente a voz de outros e que isso pode motivar o uso diferenciado de variantes” (ZILLES & FARACO, 2002, p. 15).

De acordo com Zilles & Faraco (2002, p. 41) o *discurso reportado* representaria na enunciação uma mudança de foco que pode ser refletida na linguagem:

Se o falante vem empregando um certo registro em sua fala e muda para outro registro no caso de discurso reportado, essa direção deveria aparecer na análise de vários fenômenos simultâneos? Por exemplo, além de empregar mais *nós* do que *a gente*, o falante também empregaria mais concordância verbal e concordância nominal nos enunciados em discurso reportado?

Sobre os resultados alcançados na variável *discurso reportado* quanto ao uso de *a gente*, Borges (2004) afirma que “o uso de *a gente* com referente específico, ao ser favorecido em contextos de discurso reportado, pode estar revelando a força da mudança, uma vez que sua utilização está presente também em contextos mais marcados” (BORGES, 2004, p. 161).

Em Amaral (2003) e Borges (2004), os fatores da variável *discurso reportado* tiveram, na *fala de terceiros*, distinção quanto ao caráter “proximidade ou não do falante”. Nesta pesquisa, o fator *fala de terceiros* não teve divisão da mesma forma porque, em análise preliminar dos dados de Curitiba, até foram observados casos em que a distinção entre *próximos* e *não-próximos* era possível em razão do informante falar do irmão, do pai (no caso de *próximos*), de um estranho com quem conversou em uma viagem de trem, ou a fala reportada era de falante imaginário (no caso de *não-próximos*). No entanto, como considerar a

---

<sup>54</sup> Menon & Loregian-Penkal (2002) usam *discurso relatado*, outros pesquisadores usam *discurso reportado*. Dependendo do trabalho tratado, será utilizada terminologia adotada pelo autor em foco. Na variável utilizada nesta pesquisa, foi utilizada a denominação *discurso relatado*.

relação de simetria ou proximidade se o falante se refere a um vizinho ou colega de trabalho sem expor detalhes que permitam inferir se se trata de alguém com quem mantém grau alto de convivência, se há diferenças significativas de faixa etária, escolaridade ou poder aquisitivo que possam causar assimetria, enfim, variáveis que poderiam interferir no julgamento *próximo* e *não-próximo*. Isso sem contar que as relações familiares nem sempre promovem convivência ou relações simétricas. Enfim, no *corpus* em estudo não se percebeu confiável fazer tal classificação.

Assim, a composição dos fatores centrou-se na questão de saber se haveria diferenças no uso de *nós* e de *a gente* relacionadas aos contextos de ausência de discurso relatado direto (*discurso geral do próprio informante = discurso não-relatado*); e nos contextos considerados mais marcados: discurso relatado do próprio informante (*discurso relatado direto do próprio informante*) e discurso relatado de terceiros (*discurso relatado direto de terceiros*). A forma de classificação pode ser vista nos exemplos abaixo.

### 1. Discurso não-relatado

(22-3)

*E - E como é que era a convivência familiar, assim?*

*F - Bem, né? tinha amizade com todo mundo sempre. Meu pai era meio não esquisito, é que ele também trabalhava muito, né? e tudo daí, então ele não, **a gente não tinha relação de estar toda a semana juntos**. Dava-se bem com todo mundo, mas não era de estar fazendo muitas visitas. (CBA 22, sexo feminino, faixa etária mais velha, escolaridade ginásial)*

### 2. Discurso relatado direto do próprio informante

(23-3)

*F - Então é um berçãõ grande e daí eu pensei: “não, não **Ø vamos comprar** dois berços que **nós não temos** condições, e pra que comprar dois berços se os nenês não vão dar mais do que esse tamanhinho assim... Então põe um pros pés, outro pro pé. Sobra o espaço pra pôr mais um no meio ainda”. Então fizemos isso. (CBA 3, sexo masculino, faixa etária mais jovem, escolaridade ginásial)*

### 3. Discurso direto relatado de terceiros

(24-3)

*F - Então era rádio que tinha os programas de auditório. O que você vê na televisão, aqueles programas, era de rádio. Ai, eu não perdia. Meu pai então, ele gostava de ir. Então pra não dizer que ele queria ir, ele dizia: “**Tilde, você quer ir? ah, vamos lá!**” E nós morávamos*

*lá no Bigorriho, não tinha luz na rua, vinha naqueles escuridão.  
(CBA 20, sexo feminino, faixa etária mais velha, escolaridade primária)*

A codificação da variável foi a seguinte:

*R – Discurso não-relatado*

*S - Discurso relatado do próprio informante*

*T - Discurso relatado de terceiros*

Baseada nos resultados de Borges (2004) sobre *a gente*, a hipótese aqui defendida sobre o *discurso relatado* nos dados de Curitiba é de que haverá influência da variável na escolha entre as variantes no sentido de favorecimento do pronome inovador.

### **3.3.2.3 Tipo de texto**

A variável *tipo de texto* teve sua escolha e organização a partir do trabalho de Travaglia (1991, 2002 e 2003). Travaglia (1991) focaliza seu estudo em aspectos textuais-discursivos do verbo no PB e defende a idéia de que a perspectiva textual e discursiva é fator fundamental para a percepção e/ou explicação de uma série de fatos relativos ao uso de formas e categorias verbais. Este uso contribui para a materialização da *textualidade*, definida por ele como “a própria condição discursiva da seqüência lingüística, fruto do uso significativo da língua”, e sintetiza essa percepção estabelecendo o discurso como condição *sine qua non* à transformação da seqüência lingüística em texto, concluindo que “não há texto(s) sem discurso e não há discurso sem texto(s).” (TRAVAGLIA, 1991, p. 33)

O pesquisador utilizou na composição da amostra analisada sobretudo textos escritos e nessa composição selecionou textos que fossem representativos da tipologia em estudo com as subdivisões em textos *descritivos dinâmicos/estáticos passados/presentes; dissertativos; injuntivos; narrativos passados/presentes*, como receitas, manuais de instrução, reportagens, contos. Entre os textos selecionados no tipo *narrativo passado* encontra-se a transcrição de

entrevista feita por Berlink (1989)<sup>55</sup>, representando o mesmo tipo de texto que compõe o *corpus* desta tese. Sabe-se que não há modo de comparação direta entre os resultados da pesquisa exaustiva de Travaglia sobre verbo com dados sobre verbo/pronome e tipo textual nesta investigação, mas acredita-se que algumas das constatações do pesquisador podem ser levadas em conta como contribuição interessante na análise da variação *nós/a gente* e da gramaticalização de *a gente* nos dados de Curitiba, justificando a adaptação feita para construir a variável *tipo textual*.

Van Dijk (1983), Marcuschi (1983), Fávero & Koch (1983, 1985), Orlandi (1987) Adam (1987) e Guimarães (1987, 1989)<sup>56</sup> e são algumas das referências de estudos do texto e do discurso citadas por Travaglia (1991) na organização de três tipologias de abordagem textual-discursiva do verbo:

1. narração, descrição, dissertação, injunção;
2. discurso da transformação e
3. discurso da cumplicidade; preditivo e não-preditivo.

A primeira tipologia é considerada por Travaglia como fundamental e as duas outras como úteis à explicação de certos recursos lingüísticos usados nos textos. Travaglia (1991) cita Bastos (1985) e Weinrich (1979)<sup>57</sup> como fontes que relacionam 1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup> pessoas e os tempos do comentário e a 3.<sup>a</sup> pessoa com tempos da narrativa, porém nos dados por ele analisados a terceira pessoa verbal apresentou-se como dominante em todos os tipos de textos,

<sup>55</sup> Como é feita apenas menção ao trabalho utilizado por Travaglia (1991), registra-se aqui a referência pertinente a BERLINK, Rosane de Andrade. *Transcrição do inquérito n. 3*, gravado em 11/01/1987.

<sup>56</sup> Idem observação nota 50 para Travaglia (1991), listam-se aqui as referências: ADAM, J.M. *Les Textes: types et prototypes*. Nathan: Paris, 1992; FAVERO, L.L. e KOCH, I. V. *Linguística Textual: uma introdução*. São Paulo, Cortez, 1983; GUIMARÃES, E. R. J. Polifonia e tipologia textual. In: FÁVERO, L.L. e PASCHOAL, M. S. Z. (orgs.). *Linguística textual: texto e leitura*. São Paulo, EDUC-Editora da PUC-SP, 1986; MARCUSCHI, L.A. *Linguística de texto: o que é e como se faz*. Recife, UFPE, 1983; ORLANDI, E. P. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. Campinas/SP, Pontes, 1987; VAN DIJK, T. A. *La ciência Del texto: um enfoque interdisciplinario*. Buenos Aires/Barcelona, Paidós, 1983.

<sup>57</sup> Mesma motivação das notas 50 e 51: BASTOS, L. K. X. *Coesão e coerência em narrativas escolares escritas*. Campinas, Editora da Unicamp, 1985; WEINRICH, E. *Typologie der texte*. Entwurf eines linguistisches Modells zur Grundlegung einer Textgrammatik. Heidelberg (apud KOCH e FÁVERO, 1987 e NEIS, 1984) – cf. Travaglia, 1991.

o que o leva a concluir que a categoria de pessoa não distingue tipos de textos uns dos outros. No entanto, Travaglia ressalta que em textos *dissertativos*, tipo textual caracterizado pelo desejo de manifestação da máxima objetividade, em que o falante busca um afastamento de sua imagem, há uma tendência de uso - além da 3.<sup>a</sup> pessoa - da 1.<sup>a</sup> *pessoa do plural*. Neste caso, o enunciador pode se incluir naquilo que fala ou se utilizar do “plural de modéstia”.

Como a *determinação* é um dos campos férteis na discussão da concorrência entre *nós* e *a gente* e da gramaticalização de *a gente* (ver seção 1.4 e ), se considerou pertinente verificar nos dados de Curitiba o tipo de texto (e do verbo, conforme será explicado na variável *tipo de verbo*) que prevaleceria nessas ocorrências, a fim de saber se haveria preferência pelo uso de um ou de outro pronome quando em contexto de argumentação e se a característica da indeterminação teria presença significativa. Por extensão, também se verificou contextos relativos a *nós* e *a gente* em outros tipos de texto, na mesma linha da tipologia textual-discursiva de Travaglia (1991) - descrição, narração, dissertação, e injunção, conforme características sintetizadas em Travaglia (2002, p. 30):

- a - na **descrição**, o falante se coloca na perspectiva do espaço em seu conhecer, o que o leva a querer caracterizar, dizer como é, escolhendo elementos/informações para este fim, localização, características e elementos constitutivos do objeto da descrição;
- b - na **narração**, o produtor se coloca na perspectiva do fazer ou acontecer inserido no tempo. O que quer é contar o que aconteceu, dizer os fatos, os acontecimentos, constituindo episódios ordenados no tempo do mundo real;
- c - na **dissertação**, o produtor se põe na perspectiva do conhecer, abstraindo do tempo e do espaço. Neste caso busca o refletir, o explicar, o avaliar, o conceituar, o expor idéias para dar a conhecer, para fazer saber, associando-se à análise e a síntese de representações. Assim sendo, o que importa como informações são as entidades, as proposições sobre elas e as relações entre essas proposições sobretudo as de condicionalidade, causa/conseqüência, de oposição (ou contrajunção), as de adição (ou conjunção), de disjunção, de especificação/ampliação/exemplificação/comprovação.
- d - na **injunção**, o produtor fica na perspectiva do fazer posterior ao tempo ou momento da enunciação, o objetivo é incitar à realização de uma situação (ação/fato/fenômeno/estado/evento, etc.), requerendo-a ou desejando-a, ensinando ou não como realizá-la. Neste caso a informação é sempre algo a ser feito e/ou como ser feito.

Salienta-se, então, que a forma de reconhecimento dessa tipologia de textos nos dados de Curitiba seguiu as mesmas indicações feitas por Travaglia (1991) quanto às características dos tipos, dominância dessas características e passagem entre tipos de textos (pelo funcionamento), mas com a particularidade de:

1. tratar a *entrevista* como texto empírico (já considerado como narrativo em estrutura);
2. identificar nas entrevistas, na constituição do tópico discursivo, características dos tipos de texto nos segmentos tópicos em que havia presença dos pronomes *nós* e *a gente*, em forma plena ou nula;
3. observar a **dominância** das relações lógicas e dos aspectos lexicais e sintáticos na classificação do tipo textual nos segmentos tópicos de interesse.

Os exemplos abaixo ilustram a identificação dessa tipologia nos dados. Os destaques são da mesma entrevista para mostrar a condição de ocorrência variada da tipologia em discurso de um mesmo informante. No exemplo (24-3), o entrevistado **descreve** o bairro (situação comum a muitas das entrevistas analisadas), enumerando as praças e oferecendo pontos de referência, de **localização** ao entrevistador, caracterizando o tipo **descrição**.

(24-3)

*F - Eu acredito que está bom, viu? porque **nós temos** aqui eu acredito que umas oito praças esportivas nessa região aqui. **Nós temos** Praça ali de Santa Rita, **nós temos** a praça em frente ao campo do Caxias, **nós temos** no terminal do Vila Hauer, **nós temos** lá na passarela, **nós temos** um próximo do Correio, na Empresa de Correio, **nós temos** ali em cima no Carmo também. Então eu acho que dentro - aqui inclusive, aqui em baixo, perto do rio, também tem mais uma. Eu acho que em termos de praça esportiva está muito bom o bairro. [...] (CBA 05, sexo masculino, faixa etária mais velha, escolaridade secundária)*

Em (24-3) os fatos são apresentados na perspectiva do que o informante **faz**, os fatos são ordenados no **tempo**; em (25-3) a informante narra o que **acontece** em seqüência lógica temporal, ambos os exemplos, portanto, apresentam características presentes na **narração**.

(24-3)

*F - É **a gente ia** pro Centro, **nós íamos** muito pro Centro eu e minha sobrinha, quando eles não tinham as crianças, então **a gente via** uma bolsa, um sapato, alguma coisa, Ø gostava e comprava, levava o dinheiro pra ter um dinheirinho junto com a gente (adj), e dava o dinheiro pra você comprar isso. (CBA 22, sexo feminino, faixa etária mais velha, escolaridade ginasial)*

(25-3)

*F - Mas melhorou muito, porque antigamente **nós trabalhávamos** em torno de uma mesa, né? Então eram telefones diretos e ramais e tocavam. Você pedia pra atender e [eles]- **a gente trabalha** com pasta, (coord.) Ø marcava as consultas por pasta. Então cada médico tinha uma pasta e como **nós éramos** em sete, tinha que entrar na fila e o paciente perdia muito tempo no outro lado esperando, sabe? E aí quando eles fizeram o prédio novo, eles adaptaram os computadores, né? Agora, automaticamente **a gente trabalha** com fone de ouvido, né? e aquela maquininha distribui as ligações, sabe? Então quer dizer, não tem jeito da pessoa matar o serviço como antigamente [a pessoa] fazia de conta que o telefone não estava tocando e ficar conversando, sabe? Tocou, foi no ouvido dela ali, tem que atender obrigatoriamente. (CBA 19, sexo feminino, faixa etária mais jovem, escolaridade ginásial)*

O entrevistado, em (26-3), **explica** ao entrevistador por que não se mudaria para um centro maior, **argumentando** que a relação próxima com a família seria um impedimento, o que configura o segmento como **dissertação**.

(26-3)

*F - Mas em função do hábito, que você já está criado aqui dentro, então família, né? aquele é um esquema muito unido, sempre junto [com]-com os irmãos, com os pais, isso aí influencia muito, né? **A gente é habituado**, criado de um esquema fechado, você não tem muita vontade de se distanciar. (CBA 05, sexo masculino, faixa etária mais jovem, escolaridade secundária)*

O entrevistado, em (27-3), “conclama” o entrevistador a concordar que Curitiba é uma boa cidade para se morar, na seqüência “orienta como fazer”, alertando sobre o cuidado com a segurança. Estas características identificam este exemplo como **injunção**.

(27-3)

*F - Mas, na realidade **a gente tem que [se] gloriar**, né? até certo ponto, porque é uma cidade gostosa de se viver, né? Ainda tem algumas deficiências, porque seria impossível uma cidade como está hoje grande, até certo ponto, né? em termos de segurança **a gente tem que se precaver** de muita coisa.*

Neste caso, a hipótese considerada é de que *a gente* indeterminador será favorecido em textos argumentativos ao invés de *nós*. No caso de *nós*, a hipótese se baseia nos resultados de Tamanine (2002), quando apontaram para a relação entre verbos de estado e o uso do pronome canônico. Os verbos estáticos são relacionados por Travaglia (2002) como muito



recorrentes em textos descritivos, então, postula-se que será no contexto da descrição que o uso de *nós* será favorecido.

Os fatores ficaram assim organizados:

- + *texto narrativo*
- @ *texto descritivo*
- \$ *texto dissertativo*
- & *texto injuntivo*

### 3.3.2.4 Verbo: par de variáveis

Serão apresentadas nesta seção as variáveis relacionadas ao verbo no estudo da variação *nós/a gente* e da gramaticalização de *a gente* aqui proposto. Dessa forma, as variáveis *tipo de verbo*, *tempo verbal*, *concordância verbal* e *tonicidade* estão apresentadas em seqüência<sup>58</sup>. No caso da variável *tonicidade*, esta foi codificada a fim de visualizar o caso de transformação das proparoxítonas em paroxítonas.

Em Tamanine (2002), os resultados da variável *tipo de verbo* mostraram-se relevantes estatisticamente quando submetidos ao programa IVARB, que selecionou a variável em terceiro lugar por ordem de importância. Sem hipóteses norteadoras baseadas em estudos antecedentes, em Tamanine (2002) se classificou os verbos ocorrentes com *nós* e *a gente* sob a ótica da tradicional definição de verbos de *ação* como verbos que caracterizam uma atividade expressa pelo verbo e realizada por um sujeito agente: *jogar, mexer, escrever*; verbos de *estado* como aqueles que representam a expressão de uma propriedade, de uma condição ou de uma situação localizadas no sujeito, situações não dinâmicas: *ser, estar, permanecer*; verbos *epistêmicos* como os “verbos de saber”: *saber, imaginar, lembrar, conhecer, achar, pensar*; verbos *dicendi* como “os verbos de dizer”: *falar, dizer, responder, perguntar, discursar*. Os resultados obtidos entre os tipos de verbos apontaram os verbos de *estado* como de menor probabilidade para uso de *a gente* quando comparado aos resultados dos demais tipos de verbos (.39), retendo o uso de *nós*.

---

<sup>58</sup> A variável *saliência fônica* não foi abordada neste trabalho. Esta variável e suas implicações terão discussão aprofundada no trabalho de tese, em fase de construção, da colega do programa de Doutorado em Letras da UFPR, Lucelene Franceschini, orientada pela Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Odete Menon.

Ao fazer o levantamento sobre quais e quantos seriam os verbos de estado junto do pronome *nós*, em Tamanine (2002) se identificou que o maior número de ocorrências verbais em geral (tanto com *nós* como com *a gente*) foram dos verbos *ser*, *estar* e *ficar*. Entre as explicações possíveis para o uso de *nós* com os verbos *ser*, *estar* e *ficar*, se sugeriu que poderiam inibir o uso de *a gente* por estarem mais associados à forma antiga e não à forma inovadora. No entanto, a discussão não foi além disso, deixando uma proposta de análise futura.

Assim, para efetivar essa proposta de aprofundamento e para obter melhores condições de verificação dos verbos no contexto de uso de *nós* e de *a gente*, a variável *tipo de verbo* foi testada nos dados de Curitiba.

Em primeira abordagem do *corpus*, composto por 24 entrevistas<sup>59</sup>, doravante denominada *análise preliminar*, os verbos foram classificados conforme a definição tradicional para verbos de *ação*, *dicendi*, *epistêmicos* e de *estado*. Na análise preliminar, observou-se peso relativo acima de .50 somente para o uso de *a gente* com verbos de *ação* (.57). A menor probabilidade junto de *a gente* foi para verbos de estado (.32), seguida dos verbos *dicendi* (.36) e dos verbos epistêmicos (.43), resultados semelhantes aos encontrados em Tamanine (2002). Porém, os contextos que relacionam, favorecem e desfavorecem os pronomes junto aos tipos de verbos não ficaram esclarecidos, exigindo forma de verificação mais detalhada dos contextos de ocorrência.

Em busca desse aprofundamento, outras classificações foram verificadas como possibilidades de investigação, como a abordagem sintático-semântica proposta por Borba (1990), em que:

A natureza das relações estabelecidas entre predicado e argumento (s) é responsável pelo estatuto sintático-semântico dos verbos. Todo verbo tem de um a três argumentos. Desses, se o A1 (superficialmente na função de sujeito) for *ativo* (= Ag), o verbo será de *ação*; se for um *afetado*, será de *processo*; se for *ativo* ou *causativo*, implicando um A2 afetado/efetuado, será de *ação-processo*; se for um *inativo*, isto é, não for nem *ativo* nem *afetado*, nem *causativo*, o verbo será de *estado*. (BORBA, 1990, p. XII)

Ao se pensar nessa perspectiva teórica como interessante para análise dos resultados que apontaram os verbos *epistêmicos* e de *estado* como os maiores condicionadores da presença de *nós*, percebeu-se a importância de se considerar uma classificação sintático-

---

<sup>59</sup> 24 entrevistas = trabalho de qualificação. Total de entrevistas analisadas na tese = 32.

semântica dos verbos. Obviamente, a distinção de enfoque entre a gramática tradicional e a semântica apresenta diferenças substanciais, impeditivas de uma análise correlacionada diante da composição da variável aplicada na análise preliminar sobre os dados de Curitiba.

Entre essas diferenças, salienta-se o fato de que na abordagem semântica, como apresentada por Borba (1990), a gama de verbos de estado inclui não só os tradicionais verbos de ligação, mas também muitos dos verbos tradicionalmente classificados pela sintaxe como verbos de ação, portanto atendendo somente a uma pequena parte dos verbos de estado na abordagem tradicional; por outro lado, a classificação dos verbos de ação também é diferenciada, pois estes podem fazer parte do grupo semântico dos verbos de estado quando não apresentam uma ação mas sim um estado permanente. Enfim, a construção da variável *tipos de verbo* conforme definição tradicional certamente abriu caminhos, mas implicou em limitações na observação dos resultados diante dos pronomes em estudo.

Em busca de outra forma de organização da variável, verificou-se a abordagem de Neves (2000, p. 25), também sob o aspecto semântico, que divide os verbos em três grandes grupos: *dinâmicos*, *de processo* e *não-dinâmicos* (ou de estado). Segundo ela, os verbos dinâmicos exprimem uma ação ou atividade e incidem sua ação sobre objetos; já os verbos de processo exprimem uma ação ou atividade que incide sobre os sujeitos e, por fim, os verbos de estado indicam a existência, não implicando uma ação sobre o sujeito ou sobre o objeto.

A classificação de Neves quanto aos verbos dinâmicos pareceu interessante à análise aqui desenvolvida, isso a partir de sua classificação conforme expressão de ação sobre objetos ou sujeitos, pois os verbos de ação (dinâmicos) - conforme identificados na análise preliminar - foram os que apresentaram maior probabilidade de ocorrência com *a gente* entre os demais tipos considerados. Neves (2000) classifica os *verbos dinâmicos* de acordo com a transitividade verbal em: a) *verbos com modificação no objeto* (exemplo: *construir, fazer, quebrar*); b) *verbos factitivos (de atitude sentimental, como por exemplo, lamentar, admirar-se, ter a percepção de, e epistêmicos, como saber, descobrir, observar)*; c) *verbos de elocução (como dizer, cochichar, afirmar)*; d) *verbos causativos (fazer com que, provocar, causar)*, e) verbos modais (*poder, dever*).

Com a leitura de Travaglia (1991), identificou-se uma abordagem ainda mais interessante e foi nela que os caminhos aqui percorridos na composição da variável *tipo de verbo* se embasaram. É claro que não se tem a pretensão de alcançar detalhamento sobre o tema como o fez competentemente Travaglia, haja vista, entre outras coisas, a completa distinção de foco entre as duas propostas; no entanto, como afirmou o pesquisador, os tipos de

verbos e situações e as formas e categorias verbais em sua continuidade ou não continuidade exercem diferentes funções: marcação de relevância, indicação de realidade e irrealidade, ordenação de elementos dentro dos textos e ordenação referencial de situações, organização de situações, estabelecimento de concordâncias diversas, estabelecimento de progressão do texto, além de outras.

Tudo isso revela a importância do verbo, bem como de suas formas e categorias na constituição e funcionamento dos textos e dos tipos de verbos. (idem, p. 197). Dessa forma, adotou-se a percepção de que o verbo aparece como motivador de uma série de circunstâncias que podem ser inibidoras ou favorecedores do uso das formas pronominais em estudo além do tempo e da concordância verbal, como já observado na análise preliminar dos dados de Curitiba.

Diante de abordagens verificadas e da complexidade de análise antevista caso se adotasse aqui uma classificação sintático-semântica para rotular cada verbo – o que mereceria trabalho específico que por ora não seria viável - decidiu-se, sob influência da leitura de Travaglia (1991, 2002, 2006), primeiramente identificar quais os verbos que acompanhariam as formas *nós* e *a gente* no *corpus* para então definir a melhor forma de compor a variável e definir quais seriam os possíveis cruzamentos com outros grupos de fatores. Assim, foram levantadas todas as formas verbais realizadas com os pronomes *nós* e *a gente* por entrevista e registrada sua frequência no *corpus*. A primeira divisão nessa listagem foi devida à identificação de *verbos plenos* e de *verbos auxiliares* na composição de *perífrases*.

Para classificar *verbos plenos* e *verbos auxiliares*, adotou-se o posicionamento de Ilari e Basso (2006). Os autores, na distinção entre *verbos plenos* e *verbos auxiliares*, lançam mão das diferenças entre *léxico* e *gramática*: enquanto aquele é aberto contribuições dia a dia, representa uma série relativamente aberta e constantemente modificada, esta é relativamente mais estável, mais fechada e, por vezes, necessita até de séculos para que uma mudança seja consolidada. De forma semelhante, os verbos plenos corresponderiam ao léxico (itens lexicais) e fariam parte de uma série mais aberta, enquanto que os auxiliares seriam opções limitadas na língua e corresponderiam à gramática (palavras gramaticais), conforme os exemplos fornecidos pelos autores (idem, p. 177):

- a. *João tem casas.*
- b. *João tem viajado.*

Sobre o verbo *tem*, Ilari e Basso (2006) afirmam que em (1) a correlação entre *João* e *casas* fica clara na medida em que aponta conceito “bem estabelecido em nossa cultura”, de que João é proprietário das casas, além disso, o verbo *tem* é intercambiável com série ilimitada de outros verbos (*João pintou casas; comprou casas, visitou casas etc.*), o que o caracterizaria como *verbo pleno*. No exemplo (2), segundo os autores, o verbo *tem* exprime “vaga idéia de repetição” e pode ser comutado com série limitada de palavras, relacionadas “em sua maioria ao próprio verbo *ter* (*João tinha, terá, talvez tenha viajado, João é viajado*), somando-se o fato de não evocar “por si só uma realidade lingüística muito bem definida”, características que levariam à interpretação de *tem*, neste caso, como palavra gramatical ou *verbo auxiliar*.

Dadas as definições de Ilari e Basso (2006, p. 168), consideraram-se *perífrases verbais* “construções em que, além do lexema do verbo e de uma primeira desinência, intervém um outro verbo (com seu próprio radical e sua própria desinência), que assume funções tipicamente gramaticais”. Nestas situações, segundo os autores, se pode encontrar tanto verbos *auxiliares* (*ser, ter, haver e outros*) quanto *auxiliantes*, verbos que têm a função de marcar opções de tempo, modo, aspecto<sup>60</sup> etc. A abordagem vai além das perífrases consideradas na GT, formadas por *ter/haver* + participípio passado e *ser* + participípio passado, tratando como tal outras construções. Alguns exemplos desse tipo de construção encontrados no *corpus* são citados abaixo na forma de apresentação V1 + V2:

**- Ter que (considerado V1) + R (considerado V2)**

(28-3)

*Então quem conseguiu comprar uma coisinha conseguiu, né? E a gente tem ainda que dar graças, ainda que conseguiu, né? (CBA 03, sexo masculino, faixa etária mais jovem, escolaridade ginásial)*

---

<sup>60</sup> Outras expressões além do verbo também podem informar tempo, modo, aspecto, etc. quando ocorre interação com o verbo em contexto sintático próximo. (ILARI E BASSO, 2006, p. 168)

(29-3)

*Eu acho que a gente tem que viver o quanto está vivendo. Viver o mais intensamente possível. Ø **Tem que gostar de viver**, né? (CBA 11, sexo masculino, faixa etária mais jovem, escolaridade secundária)*

**- Estar + NDO**

(30-3)

*É, eles [é]- hoje nós não **estamos mais liberando** nenhum alvará, né? Então, existem muitas empresas aqui, na realidade, de transportes, isso sim, já estabelecidas, né? (CBA 5, sexo masculino, faixa etária mais jovem, escolaridade secundária)*

**- Estar + DO**

(31-3)

*Dizem que agora tem na Tamoios e tem aqui nessa outra rua aqui que passa o Vila Izabel, Santa Helena, Santa Amélia, Fazendinha. Então, pra nós, **estamos muito bem servidos** de ônibus, né? Condução nós **estamos muito bem servidos**, né? (CBA 11, sexo masculino, faixa etária mais jovem, escolaridade secundária)*

**- Passar a + R**

(32-3)

*Daí a gente já **passou a estudar** [no]- aqui no Bacacheri. Tinha um grupo Escolar Bacacheri. (CBA 16, sexo feminino, faixa etária mais velha, escolaridade ginásial)*

Portanto, as **perífrases** analisadas tiveram como fator de cômputo de número de ocorrências a composição de verbos V1 + V2 na forma do infinitivo para V1 (*ter, ir, estar* etc.) + flexão verbal de V2 (R = infinitivo; NDO = gerúndio; DO = particípio passado) a fim de ser permitida a identificação de formas recorrentes diante da diversidade de construções

encontradas. O tempo de referência da perífrase foi considerado pelo momento do evento relacionado ao tempo verbal do auxiliar (V1) e, a partir deste, a ação descrita no verbo pleno (V2) como um momento de evento posterior ou posterior e próximo.

Os **verbos plenos** tiveram sua apresentação feita a partir das formas do infinitivo e sua organização por frequência de ocorrência. Foram identificadas também flexões de tempo com que os verbos se apresentaram nas entrevistas analisadas na composição da variável *tempo verbal*, descrita adiante.

Feito o levantamento geral dos verbos nos moldes acima apresentados, entre as **perífrases** encontradas, 203 casos ocorreram com *a gente* e 190 com *nós*, totalizando 393 ocorrências. Quando comparado apenas ao número de verbos plenos comuns a *nós* e *a gente* registrados (85), o número de verbos *auxiliares/auxilantes* utilizados tanto com *nós* quanto com *a gente* na composição das diferentes perífrases foi praticamente o mesmo: 19 com *a gente* e 17 com *nós*, resultado que resgata a informação de que as perífrases representam uma série relativamente mais estável, mais fechada na língua.

Já o resultado do registro total dos **verbos plenos** foi de 1.691 ocorrências divididas entre 927 com *a gente* e 764 com *nós*. Do total, foram identificados 136 diferentes itens junto ao uso de *nós* e 196 com *a gente* – 85 verbos usados em comum entre os dois pronomes - ou seja, uma série mais aberta do que as perífrases (máximo de 19 casos), conforme citado no parágrafo anterior e já mencionado na explicação dessas definições. Os 85 verbos plenos comuns ao uso de *nós* e *a gente* no *corpus* estão listados no Anexo 4.

Na tabela 1 é apresentada a seleção das perífrases encontradas tanto com *nós* quanto com *a gente* que foram codificadas para leitura no VARBRUL, já que aquelas que não ocorreram junto dos dois pronomes representaram nocaute<sup>61</sup> na rodada estatística e foram retiradas. Por razões práticas, se definiu um “ponto de corte” e se estabeleceu um número mínimo de 10 ocorrências da perífrase junto a pelo menos um dos pronomes para que o verbo tivesse identificação específica na composição da variável. Dessa forma, se decidiu por um número intermediário para testagem da variável<sup>62</sup>, que abrangesse uma quantidade

---

<sup>61</sup> Ver seção 3.2 sobre funcionamento do Varbrul, programa estatístico utilizado para análise dos dados.

<sup>62</sup> Cf. Guy e Zilles (2007, p. 153, nota 7) “O que conta como um número pequeno de dados varia , dependendo de diversas coisas. Em geral, não é possível obter resultados confiáveis para fatores que têm menos de cinco dados, ao passo que os resultados para fatores que têm mais de 30 dados normalmente são razoavelmente

significativa de construções perifrásticas, sendo o restante combinado em fator único. A tabela com todas as *perífrases comuns* encontradas junto aos pronomes no *corpus* pode ser verificada no Anexo 3.

Travaglia (2006), ao tratar sobre relevo no processamento da informação, a saber “o grau de saliência de determinados elementos em um texto, no desenvolvimento de tópicos discursivos desse texto” (idem, p.167), destaca que, na análise feita em Travaglia (1991), as perífrases verbais se destacaram nos textos escritos como indicadores de “*relevância pragmática* de uma situação, de algo no texto (acontecimento, estado, comentário) para a situação presente (o aqui e o agora) ou para um ponto de referência” (idem, 2006, p. 169). No entanto, observa que seria pertinente o registro desses casos em textos orais, já que na amostra investigada não encontrou ocorrências de perífrases (analisou seis inquéritos do *corpus* básico da Gramática do Português Falado), mas percebeu casos “em conversações não pertencentes ao *corpus*”. Essa marcação de relevo ocorreria nos caso de:

- a. *ter* (presente do indicativo) + *particípio* – representa a expressão do tempo “passado até o presente” e marca a relevância pragmática de uma situação para o presente;
- b. *vir* + *gerúndio* – com verbo *vir* no presente do indicativo marca a relevância pragmática de uma situação para o presente e com *vir* em formas do passado marca esse mesmo tipo de relevância para um ponto de referência especificado no texto;
- c. *ir* + *gerúndio* – indica a relevância pragmática de uma situação para um ponto de referência. Se apresenta o verbo *ir* em formas do passado, a relevância é para um ponto de referência anterior ao momento da fala (passado) e com o verbo *ir* no presente do indicativo ou formas do futuro, para um ponto de referência futuro (TRAVAGLIA, 2006, p. 195).

Casos desse tipo de perífrase foram encontrados no *corpus* de Curitiba (destaque em negrito na Tabela 1), assim como outras composições com os mesmos verbos.

---

confiáveis. Para fatores que ficam entre esses extremos, o pesquisador pode decidir se é o caso de mantê-los na análise ou se deve tentar combiná-los com outros fatores para criar fatores mais gerais, com mais dados”.



Na Tabela 1 se apresenta a seleção das perífrases encontradas tanto com *nós* quanto com *a gente* cujo verbo auxiliar apresentou o número mínimo de 10 ocorrências<sup>63</sup> junto a pelo menos um dos pronomes, exceto as perífrases com o verbo *vir*, destacadas em razão das considerações de Travaglia (2006) expostas acima.

Como considerado na introdução deste capítulo, na Tabela 1 é feita a apresentação de resultados da pesquisa, uma situação incomum na apresentação das variáveis, porém considerada necessária neste caso a fim de se justificar a seleção de perífrases que compuseram a variável.

TABELA 1 - Seleção de Perífrases de uso comum entre *nós* e *a gente* no corpus

Composição V1+V2	<i>A gente</i>	<i>Nós</i>	Total grupos de perífrases
Estar + DO	5 casos	1 caso	6
Estar + NDO	19 casos	<b>51 casos</b>	70
<b>Totais gerais</b>	<b>ocorrências/percentual</b>	<b>ocorrências/percentual</b>	<b>ocorrências/percentual</b>
	<b>24/32</b>	<b>52/68</b>	<b>76/100</b>
<b>Vir + NDO</b>	0	1	1
Vir + R	1	3	4
	<b>1/20</b>	<b>4/80</b>	<b>5/100</b>
<b>Ir + NDO</b>	14	3	17
Ir + R	27	<b>64</b>	91
	<b>41/38</b>	<b>67/62</b>	<b>108/100</b>
<b>Ter + DO</b>	5	2	7
Ter + NDO	0	2	2
Ter de + R /Ter que +R	58	27	85
	<b>63/68</b>	<b>31/32</b>	<b>94/100</b>
Poder + R	21	18	39
Outros	54	22	76
<b>Total</b>	<b>75/65</b>	<b>40/35</b>	<b>115/100</b>
<b>Total geral</b>	<b>206/51</b>	<b>194/49</b>	<b>400/100</b>

Na Tabela 1, na soma de cada conjunto de perífrases com o mesmo verbo auxiliar, o percentual se refere ao total de ocorrências destas perífrases junto a *nós* e *a gente*; na última

<sup>63</sup> Ver explicação dada na nota de rodapé 57.

coluna, o percentual do total se refere ao número geral de perífrases encontradas com cada pronome. O que se pode destacar dessa distribuição é a frequência de perífrases com os verbos *ter* e *ir* junto aos dois pronomes, no entanto com significativo número de ocorrências no caso da perífrase *ter que/de +R* com pronome *a gente*. Neste caso, se tem expressão da modalidade da *obrigação* que, segundo Travaglia (1991), é neutra no que se refere à postura anterior do enunciador, apenas há a determinação de quem enuncia de que a situação seja realizada ou não por alguém – que pode ser o próprio enunciador –, assim, não há marcas da atitude do enunciador. Seria então contexto da variação em que *a gente* teria favorecimento?

Foi com *a gente* que ocorreram os únicos casos de *dever + R*, perífrase que expressa a modalidade da *possibilidade*, encontrada em Travaglia (1991) especialmente nos textos injuntivos (por essência caracterizados fortemente pelas modalidades), cujos contextos de ocorrência exemplificados apresentaram verbos auxiliares no presente do indicativo com sujeito indeterminado (*se, você*), com a observação do pesquisador de que “o auxiliar modal ‘dever’ no presente do indicativo” pareceu estar subentendido, “dando a modalidade da prescrição” (idem, p. 229). Neste caso, tal perífrase também seria contexto de retenção de *a gente* indeterminado? Como explicar o fato de as perífrases mais comuns, como *ter de/que*, *poder + R* e *dever + R* terem sua distribuição majoritariamente com *a gente*?

Portanto, ao observar os dados de perífrases no *corpus* de Curitiba, a hipótese a ser investigada corresponde aos resultados da verificação da probabilidade de ocorrência da *função de relevo*, conforme Travaglia (2006), e das perífrases que expressam modalidades junto aos pronomes em variação; assim acredita-se que, nos dois casos, será *a gente* o pronome favorecido, revelando tais contextos como condicionadores da presença do pronome inovador.

Os fatores codificados foram:

- 1 *estar + DO*
- 2 *estar + NDO*
- 3 *ir + NDO*
- 4 *ir + R*
- 5 *ter + DO*
- 6 *ter + NDO*
- 7 *ter que + R*
- 8 *poder + R*

9 *outros*  
/ *não se aplica*

O fator “(/) não se aplica” foi previsto para casos em que não haja perífrase, ou seja, para separar as perífrases dos verbos plenos.

Quanto aos resultados do levantamento de **verbos plenos**, foram encontrados 196 diferentes verbos plenos com *a gente* e 136 com *nós* em um universo de 1.691 ocorrências. Desse total de verbos relativos a cada pronome, apenas 85 foram comuns ao uso de *nós* e de *a gente* (Anexo 4). A fim de visualizar esses resultados de maneira mais objetiva, na Tabela 2 encontram-se os resultados - por número de ocorrência e percentual - dos 10 verbos que foram comuns aos dois pronomes e que tiveram, junto a pelo menos um deles, o número mínimo de 20 ocorrências, “ponto de corte” decidido com base no mesmo procedimento que já foi explicado com relação à seleção das perífrases. A lista dos 85 verbos comuns pode ser vista no Anexo 3.

TABELA 2 – Os 10 verbos mais recorrentes de uso comum entre *nós e a gente* no *corpus*

<b>Verbos plenos</b>	<i>A gente</i>	<i>Nós</i>	<b>Total</b>
	<i>N/%</i>	<i>N/%</i>	<b>N</b>
outros	480/63	277/37	757
ter	<b>98/33</b>	<b>198/67</b>	296
ir	94/56	75/44	169
ser	23/30	53/70	76
fazer	43/54	37/46	80
estar	27/37	46/63	73
ver	55/86	9/14	64
ficar	29/48	32/52	61
sair	39/76	12/24	51
morar	10/29	25/71	35
saber	28/97	1/3	29
<b>Total</b>	<b>926/55</b>	<b>765/45</b>	<b>1.691</b>

Entre os verbos plenos, o verbo **ter** apresentou o maior número de ocorrências no âmbito dos verbos utilizados junto ao pronome *nós*, percentualmente sendo o verbo mais freqüente da amostra (31%). O verbo *ter*, de acordo com Borba (1990) pode indicar estado, relação (relação possuidor/possuído); processo; ação com sujeito agente, e é verbalizador, ou

seja, sua versatilidade na língua, de certa forma, justificaria um grande número de ocorrências no *corpus*. No entanto, por que essa distribuição concentra, na comparação entre o número de ocorrências junto a *nós* e *a gente*, quase que o dobro de casos com o pronome canônico? Como não se procedeu aqui a uma análise semântica de cada ocorrência do verbo *ter* a fim de identificar as circunstâncias semânticas conforme indicadas por Borba, a princípio buscou-se na leitura das entrevistas algum tipo de relação entre *ter* e *nós*. Percebeu-se, então, em análise preliminar, que o verbo *ter* está presente em segmentos descritivos, usado com frequência com o pronome *nós*, este como indeterminador. Neste caso, se de fato essa seria uma tendência confirmada nos dados de Curitiba, seria a descrição um contexto de “despessoalização” de *nós* em contraponto à pessoalização de *a gente*? O verbo *ter* teria papel essencial nessa situação? As respostas positivas a estes questionamentos são as hipóteses testadas a partir dessa variável, considerando-se a necessidade de cruzamento com a variável *tipo de texto*.

Travaglia (1991), ao apresentar conclusões sobre a relação entre tipos de verbos, situações, formas e categorias verbais e superestruturas textuais, explica não ter encontrado relação entre formas e categorias da descrição (cf. NEIS, 1986, p. 50 *apud* TRAVAGLIA, 1991, p. 232), mas entre “as categorias da superestruturas e os tipos de verbos e situações”, e lista um rol de verbos que servem à “a introdução do objeto ou tema-título ou a introdução de subtemas (elementos ou partes)” (idem, p. 232-233), tais como verbos existências (*ter, haver, existir*) ou de posse (*ter, possuir*); pelo verbo *ser* e por verbos localizadores, em que novamente o verbo *ter* pode ser utilizado, assim como verbos como *conhecer* e *lembrar*. A informação de Travaglia vai ao encontro de nossa hipótese, que prevê ser o pronome *nós* favorecido no *texto descritivo* com o verbo *ter*.

O verbo *ir* foi mais recorrente junto ao pronome *a gente* (94/52%), com apenas uma leve diferença para o número de casos de *ir* com *nós* (86/48%) Segundo Fuchs (1987) *apud* Travaglia (1991, p. 94), *ir/vir, chegar, levar/trazer* são tipos de verbos que lexicalizam uma indicação dêitica, ou seja, “faz com que sua utilização e interpretação se ligue diretamente à situação, dando inclusive dados, por exemplo, sobre a posição relativa dos interlocutores no espaço”.

Como na classificação dos dados preliminares de Curitiba se verificou a tendência favorável do uso de *a gente* junto a verbos de ação, tais como *ir/vir, chegar, levar/trazer*, resultado já visto em Tamanine (2002), a hipótese levantada é que os verbos *ir* e *sair* apresentarão maior tendência de uso para o pronome *a gente*.

Para os demais verbos não foram levantadas hipóteses específicas, mas como hipótese geral acredita-se que os verbos estativos, segundo a literatura tradicional mais ligados à descrição, apresentarão maior probabilidade de ocorrência com o pronome *nós* e que, para *a gente*, a maior probabilidade de ocorrência será junto a verbos dinâmicos, como também é dito pela literatura tradicional, mais ligados à narrativa.

Os fatores considerados e sua codificação são os seguintes:

*x ter*

*! ir*

*@ sair*

*# ser*

*\$ estar*

*& fazer*

*\* morar*

*+ ficar*

*= saber*

*? ver*

*O outros*

*/ não se aplica*

O fator “não se aplica” foi introduzido para casos em que não haja verbo pleno, ou seja, para separar verbos plenos das perífrases.

### 3.3.2.5 Tempo verbal

Os tempos verbais podem indicar muitas circunstâncias importantes à análise textual-discursiva conforme aqui planejada. No caso da investigação da variação *nós/ a gente* trabalhos como de Fernandes & Gorski (1986), Menon (1994), Omena (1996) destacaram a significância dos tempos presente e pretérito imperfeito com o pronome *a gente*. Lopes (1999, p. 175-8) também registrou que os tempos verbais com frequências mais altas junto de *a gente* foram o presente e o pretérito imperfeito. Em Seara (2001, p. 183), *a gente* foi acompanhado em maior frequência de verbos no pretérito imperfeito. Borges, ao perceber relação entre a variável *tempo verbal* e *tipologia semântica do sujeito*, realizou cruzamento

entre os resultados de *a gente* nos fatores *referência específica do sujeito* e *tempo verbal* e constatou que o *pretérito perfeito* e *imperfeito* apresentaram os percentuais mais altos para *a gente* específico. As ocorrências desses tempos verbais foram identificadas por Borges em contextos verbais próprios da narrativa, no que considerou como momentos de *focalização* mais intensa, em que os contextos verbais são mais “‘pontuais’ em termos semânticos e sintáticos” (BORGES, 2006, p. 162).

Sobre o uso de *nós* e *a gente* e tempos verbais se hipotetiza que:

1. entendendo que o uso de verbos no *presente* e no *pretérito perfeito* na 1.<sup>a</sup> pessoa do plural apresentam formas iguais, o que cria ambigüidade na interpretação temporal (*nós caminhamos* = presente e *nós caminhamos* = pretérito perfeito), o uso de *a gente* será mais produtivo do que *nós* junto a verbos no *presente do indicativo* porque este uso proporciona ao falante desambigüizar a referência temporal pelo uso das formas (*caminha* = presente/*caminhou* = pretérito perfeito);
2. com base na observação de Travaglia (1991 [1987], p. 225), de que o *pretérito imperfeito* pode ser usado para apresentar a situação como irreal, ou seja, “na descrição passada com pretérito imperfeito do indicativo, o produtor do texto apresenta características sem se comprometer com sua validade no momento da enunciação, ou seja, com sua realidade neste momento”, entre *nós* e *a gente* será o pronome *a gente*, por sua característica indeterminadora, que apresentará a maior probabilidade de uso junto a verbos no *pretérito imperfeito*.

Os tempos verbais registrados foram<sup>64</sup>:

*A Presente do subjuntivo*

*B Presente do indicativo*

*C Pretérito perfeito do indicativo*

*D Pretérito imperfeito do indicativo*

*E Pretérito mais-que-perfeito do indicativo*

---

<sup>64</sup> Nas perífrases foi considerado o tempo verbal da forma auxiliar.

*F Futuro do presente do indicativo*

*G Presente do subjuntivo*

*H Pretérito imperfeito do subjuntivo*

*I Futuro do subjuntivo*

*J Infinitivo*

*L Gerúndio*

*M Futuro do pretérito*

### 3.3.2.6 Concordância verbal

Conforme resultados de trabalhos como de Omena (1996), Borba (1993), Seara (2000) e Lopes (2003), em relação à concordância verbal, na concordância com *a gente*, postula-se haver uma tendência ao uso categórico de *a gente* com  $\emptyset$  (*a gente vai*) entendido como concordância neutra, não-marcada, isto é, combinatória com o singular e com o plural, não ocorrendo casos de *a gente* com *-mos* (*a gente vamos*) entre os informantes curitibanos analisados. Para o uso de *nós*, a hipótese é de que ocorra majoritariamente a concordância *nós* com *-mos* (*nós estamos*).

Nesta variável foi incluída a possibilidade de ocorrência de *nós* com formas reduzidas de proparoxítonas (paroxítonas), consideradas como tal apenas quando o verbo está flexionado em tempos verbais no imperfeito do subjuntivo e do indicativo, tempos em que ocorrem as proparoxítonas com *-mos*. Neste caso, o fenômeno não é considerado como falta de concordância, mas um mecanismo da própria língua para adaptar as exceções às regras, entendendo-se que a regra seria o padrão métrico das paroxítonas, que são maioria no PB (MASSINI-CAGLIARI, 1999). Assim, ocorrências como “*nós vai*” serão consideradas falta de concordância e casos como “*nós ia*” serão tratados como *redução de proparoxítona*.

De acordo com Menon (2010, comunicação verbal), os resultados da variável concordância verbal obtidos em estudos da variação *nós/a gente* no PB apontam como recorrente o fenômeno de redução das formas proparoxítonas entre os seus resultados. No entanto, Menon (texto inédito, p.2) ressalta que:

[...] a partir da constatação de que todos os casos da chamada “não-concordância” verbal com o pronome *nós* se encaixam nessa situação [redução de proparoxítonas], podemos postular que, na produção, ou seja, no

processamento da fala pelo usuário nativo da língua, este emita a forma verbal sem o morfema característico de primeira pessoa do plural, porque a regra de redução das proparoxítonas estaria agindo em primeiro lugar. Bom, e se a regra fonológica se aplica antes da sintática – a da concordância verbal – como é que podemos falar em não-aplicação da regra de concordância? Acredito que deveríamos abordar essa questão do ponto de vista de que a regra fonológica bloqueia a aplicação da regra sintática e, assim, o falante não pode variar, uma vez que está na base da produção uma regra categórica. Assim, um caso que é tratado como sendo de variação entre os falantes, não o seria, pois independe da ação dos indivíduos sobre a língua; trata-se de um fenômeno estrutural, previsto no sistema ou na norma (no sentido que lhes atribui Coseriu (1952)), não passível de variação pelos indivíduos.

Sob essas considerações, os fatores controlados na variável concordância verbal na amostra de Curitiba foram:

1 – *a gente...3 pessoa sing.*

2 – *a gente...-mos*

4 – *nós...-mos*

5 – *nós – 3ª pessoa do singular*

3 – *nós...redução de proparoxítona*

### 3.3.2.7 Tonicidade

A fim de verificar, conforme Borges (2004), se o uso de *a gente* é favorecido com formas monossílabas e oxítonas e desfavorecido com formas verbais proparoxítonas, foi controlada a variável *tonicidade*. De acordo com Borges (2004), em rodada com fator de aplicação *a gente*, as formas monossílabas e oxítonas, amalgamadas em fator único, apresentaram os pesos relativos de .89 em Jaguarão e .79 em Pelotas, enquanto formas proparoxítonas (relacionadas pelo autor aos casos de redução das proparoxítonas) apresentaram, para *a gente*, os pesos de .22 para Jaguarão e .24 para Pelotas, ou seja, favoreceram o uso de *nós*.

A hipótese defendida neste trabalho segue os resultados de Borges (2004) para considerar que *a gente* terá especialização de uso favorecida junto a formas verbais monossílabas e oxítonas, estando *nós* apenas com proparoxítonas e proparoxítonas.

Os fatores considerados e sua codificação foram os seguintes:



*m* - monossílabos tônicos e átonos

*o* - oxítono

*p* - paroxítono

*r* - proparoxítono

### 3.3.2.8 Paralelismos

Em Tamanine (2002), considerou-se *seqüência* o paralelismo dos pronomes *nós* e *a gente* (*paralelismo pronominal*) quando em uma sucessão mista ou igual de duas formas pronominais (*seqüência binária*), três formas (*seqüência ternária*) ou mais de três pronomes (*seqüência eneária*), da mesma forma sendo considerado paralelismo das flexões verbais dos verbos que ocorreram junto aos pronomes em paralelismo, o que se convencionou chamar de *paralelismo formal*. Após as primeiras rodadas no programa estatístico, verificou-se a necessidade de amalgamação de fatores, somando-se então as ocorrências eneárias às ternárias e trabalhando-se com a codificação até o limite de três ocorrências (no paralelismo pronominal e no formal). Naquela investigação, não se atendeu ao escopo do *tópico discursivo*, mas a *turnos de fala*, ou seja, a troca de turnos entre entrevistador e entrevistado marcava o limite de uma seqüência.

A análise dos resultados obtidos em Tamanine (2002) não ultrapassou a observação da recorrência dos tipos de paralelismo entre as formas, ou seja, de quais pronomes, quantos vezes e em que ordem ocorreram em um *turno*, portanto havia uma relação com o plano discursivo, mas não com força suficiente para a explicação discursiva.

Então, na pesquisa realizada por Tamanine (2002) em dados do VARSUL de Santa Catarina, nas rodadas que envolveram somente os dados de *pronomes em seqüência* (como foram chamados os *paralelismos*) foi possível verificar que, se o falante usa a forma inovadora *a gente*, tende a manter essa mesma forma e continua usando *a gente*; se usa o pronome *nós*, apresenta forte tendência a continuar usando *nós*. As informações trazidas pela variável foram importantes para se verificar, no *corpus*, a força da repetição, talvez uma variação inerente da língua em que “marcas levam a marcas e zeros levam a zeros [...]” como já testado por Scherre e Naro (1997).

No entanto, se percebeu que deve haver uma preocupação que transcenda a explicação de “mera repetição” para o fenômeno do paralelismo, conforme levantado por

Amaral (2006). Em razão disso, na busca de uma forma de resolver o que constituiria uma “seqüência de pronomes”, ou seja, como se estabeleceriam limites para definir uma seqüência, foi identificada a metodologia de trabalho com o *tópico discursivo* como unidade de análise, como já apresentado no item 3.1.

A utilização dos princípios de identificação e segmentação do tópico discursivo possibilitou uma forma sistematizada de relacionar os pronomes *nós* e *a gente* no discurso, dando aos paralelismos um caráter não só sintático, mas também discursivo, afinal existe um plano de fala, articulado na interação, que promove o uso seqüencial dos pronomes *nós/ a gente* conforme a segmentação aplicada.

A preocupação com variáveis *paralelismo* também é originada da leitura de Amaral (2006), que discute os resultados do paralelismo em trabalhos variacionistas, em especial pela inerente falta de ortogonalidade (cf. GUY & ZILLES, 2007) dos fatores<sup>65</sup>. Segundo ele, o primeiro conceito que precisa ser mais bem definido para construção da variável é o que se entende por “seqüência”; depois a interação entre os fatores precisa ser mais bem observada, pois apresentam forte sobreposição que acaba por fazer com que a variável seja selecionada de maneira sistemática pelos programas estatísticos. Amaral enfatiza que “antes de se acreditar no resultado das rodadas estatísticas que teimam em selecionar o Paralelismo Formal como a variável mais significativa da análise, é fundamental que se verifique se o efeito causado pelo paralelismo é real. De fato.” (AMARAL, 2006, p. 26).

Nesta investigação, se defende que há importância no paralelismo além do aspecto da mera repetição de pronomes para a explicação da variação entre *nós* e *a gente* e que, tomados os cuidados necessários à análise, conforme levantou Amaral (2006), e considerados aspectos discursivos e estilísticos, por exemplo, a variável deveria ser testada nos dados de Curitiba. Construiu-se, dessa forma, grupos de fatores semelhantes aqueles utilizados em Tamanine (2002), porém agora a análise se baseia nos limites do *tópico discursivo* e prevê o cruzamento com a variável *tipo de texto* e *tipo de verbo* a fim de aumentar o poder de explicação.

No ambiente dos paralelismos, a variável independente *paralelismo pronominal binário* teve os seguintes fatores e codificação:

---

<sup>65</sup> “Para fazer [o tipo de] comparações controladas [antes descritas], os grupos de fatores devem ser “ortogonais”, ou “quase ortogonais”. Isto é, eles devem co-ocorrer livremente, e não ser sub- ou supercategorias uns dos outros” (GUY & ZILLES, 2007, p. 52).

*x* nós/nós  
*#* nós/ a gente  
*\** a gente/nós  
*k* a gente/a gente  
*/* não se aplica

O fator “não se aplica” foi introduzido para casos em que não haja paralelismo binário e controlar a separação entre os demais paralelismos codificados.

O *paralelismo pronominal ternário* considerou:

= nós/nós/nós  
 { nós/nós/a gente  
 \$ nós/ a gente/ a gente  
 % a gente/? / nós  
 C a gente/a gente/a gente  
 A a gente/ nós/ a gente  
 B nós/ a gente/ nós  
 / não se aplica

O fator “não se aplica” foi introduzido para casos em que não haja paralelismo ternário e controlar a separação entre os demais paralelismos codificados.

No caso do *paralelismo pronominal eneário* (foram encontradas seqüências de até 9 formas expressas em um segmento tópico) foram consideradas:

*E* formas iguais: manutenção do pronome nós....  
*G* formas iguais: manutenção do pronome a gente.....  
*F* formas mistas: alternância nós.. / a gente../nós../a gente..  
*J* formas mistas: alternância a gente.../nós.../a gente../nós...  
*H* formas mistas: alternância nós...a gente  
*I* formas mistas: alternância a gente...nós  
 / não se aplica

O fator “não se aplica” foi introduzido para casos em que não haja paralelismo enérgico e controlar a separação entre os demais paralelismos codificados.

No *paralelismo formal binário*, foram consideradas as seqüências de marcas verbais com *nós* e *a gente* sob a seguinte codificação:

- a  $\emptyset/\emptyset$
- b  $\emptyset/\emptyset$  (redução proparoxítona 1x)
- c  $-\text{mos}/-\text{mos}$
- g  $-\text{mos}/\emptyset$  (redução proparoxítona 1x)
- e  $\emptyset/-\text{mos}$
- f  $\emptyset/\emptyset$  (redução proparoxítona 2x)
- h  $-\text{mos}/\emptyset$
- i  $-\text{mos}/\emptyset$  (redução proparoxítona 1x)
- / não se aplica

O fator “não se aplica” foi introduzido para casos em que não haja *paralelismo formal binário* e controlar a separação entre os demais paralelismos codificados.

O *paralelismo formal ternário* considerou:

- $\emptyset/\emptyset/\emptyset$  (3.ª)
- $\emptyset/\emptyset/\emptyset$  (redução proparox.)
- $\emptyset/\emptyset$  (redução proparox.)/ $-\emptyset$
- $-\text{mos}/-\text{mos}/-\text{mos}$
- $\emptyset/-\text{mos}/-\text{mos}$
- $\emptyset/\emptyset$  (redução proparox.)/ $-\text{mos}$
- $\emptyset$  (redução proparox.)/ $\emptyset/\emptyset$
- $\emptyset/\emptyset/-\text{mos}$
- $-\text{mos}/\text{mos}/\emptyset$
- $-\text{mos}/\emptyset/\emptyset$
- $-\text{mos}/\emptyset-\text{mos}$

$\emptyset$ / -mos/  $\emptyset$   
/ não se aplica

O fator “não se aplica” foi introduzido para casos em que não haja *paralelismo formal ternário* e controlar a separação entre os demais paralelismos codificados.

O *paralelismo formal eneário* levou em conta os seguintes fatores:

- e formas iguais: manutenção de -mos....
- g formas iguais: manutenção de  $\emptyset$ ....
- f formas mistas: alternância mos.../  $\emptyset$
- j formas mistas: alternância  $\emptyset$ .../ mos...
- h formas mistas: alternância -mos.../ $\emptyset$ ...
- i formas mistas: alternância  $\emptyset$ .../-mos
- / não se aplica

O fator “não se aplica” foi introduzido para casos em que não haja *paralelismo formal eneário* e controlar a separação entre os demais paralelismos codificados.

### 3.4 Variáveis lingüísticas envolvendo *nós/ a gente* em funções sintáticas não-sujeito

Conforme resultados de Omena (1996), *nós* e *a gente* ocorrem em diferentes funções além da de sujeito. Na análise da distribuição dos dados por função, Omena (1996) relata que, para *a gente* “no âmbito geral, a entrada de *a gente* é maior na função de adjunto adverbial (84%), depois na de sujeito (73%) e de complemento (72%), que se equivalem. Está começando, porém, a atingir o uso do possessivo na função adnominal (14%), onde ainda predomina o uso de *nosso*” (idem, p. 191). Menon (1994), Seara (2000), Zilles (2002) e Borges (2004) verificaram maior número de ocorrência de *a gente* na função de sujeito. A fim de verificar as ocorrências das funções sintáticas de *nós* e *a gente* nas entrevistas de Curitiba, consideraram-se os fatores conforme dispostos no Quadro 5.

QUADRO 5 – Codificação geral das ocorrências de *nós* e de *a gente* no *corpus*

CODIFICAÇÃO FUNÇÕES <i>NÓS</i> / <i>A GENTE</i>			
Função	<i>Nós</i>	<i>A gente</i>	
Sujeito	N ,n, O	G ,g A	(1) <i>Quando se fervia a água, mas a água pra beber, a gente ia buscar lá na Sanepar.</i> (CTBA 02) (2) <i>Ontem inclusive nós tínhamos ensaio no Bom Pastor, reunião de liderança e reunião do apostolado.</i> (CTBA 20).
Objeto direto	B	b	(1) <i>Tinha lancha que atravessava a gente.</i> (CTBA 14) (2) <i>E ficou muito tempo, ainda criou nós todos os filhos aí, né?</i> (CTBA 08)
Objeto preposicionado	C	c	(1) <i>Então ela programa pra nós.</i> (CTBA 01) (2) <i>Hoje dizem assim pra gente “Ah!”.</i> (CTBA 23)
Adjunto adverbial	E	e	(1) <i>Chegou a se aposentar com a gente lá</i> (CTBA 10) (2) <i>E a minha sobrinha mora com nós né?</i> (CTBA 12)
Adjunto adnominal	h	z	(1) <i>Eles tiram o dinheiro da gente que nem aquele selo pedágio lá.</i> (CTBA 10) (2) <i>Diziam na época que tinha uma – a Irma Maria José que era uma diretora nossa, daí ela gostava que a gente fosse ao sábado assim, sabe?</i> (CTBA 18).
Complemento nominal	D	d	(1) <i>[...] quando ela morreu, a minha cunhada, foi um baque muito grande pra nós.</i> (CTBA22) (2) <i>Então a gente vê que ele sabe, ele presta atenção e depois tudo que ele escutou ela vai fazer ali perto da gente.</i> (CTBA 19)

A hipótese considerada neste caso é de que tanto *nós* quanto *a gente* terão maior ocorrência no *corpus* na função de sujeito, conforme Omena (1996), Zilles (2002) e Borges (2004).

### 3.5 Variáveis sociais

As variáveis sociais tratadas na análise estão diretamente relacionadas às aquelas previstas no projeto VARSUL, conforme será apresentado nesta seção, no item 3.6, *faixa etária, escolaridade e sexo* dos informantes. A variação entre o uso dos pronomes *nós* e *a gente* na fala dos curitibanos será, portanto, analisada sob estes contextos extralingüísticos.

Tratando-se do fator *faixa etária*, Andrade *et alii.* (1991), através de investigação feita em amostra do *corpus* do Projeto NURC/Salvador sobre a indeterminação do sujeito, examinaram a variável e, em relação à frequência de uso de *a gente*, afirmaram que a forma ocorre predominantemente entre os informantes da faixa 1 – 25 a 35 anos - com índice de 81,13%, enquanto que na faixa 3 – 56 anos em diante – o índice de ocorrências de *a gente* cai para 18,87%. Em relação ao uso de *nós*, a forma aparece equilibradamente entre as duas

faixas etárias, 51,47% na faixa 1 e 48,53% na faixa 3. Ferreira *et al.* (1989) concluem que *a gente* aparece 6 vezes mais no discurso de informantes de faixa etária 1 (25 a 35 anos) do que na faixa etária 3 (maiores de 55 anos) nos seis inquéritos do NURC/Salvador avaliados.

Albán e Freitas (1991), na verificação de seus dados, concluíram que o uso de *a gente* foi maior na faixa etária mais jovem. Em probabilidades e com dados do VARSUL, no trabalho de Seara (2000), o uso de *a gente* por informantes mais jovens (15 a 24 anos) em Florianópolis teve peso relativo de .69 e, em Porto Alegre, os resultados de Zilles também foram favoráveis ao uso de *a gente* pela faixa etária mais jovem (25 a 50 anos) com .66 de probabilidade de uso. Consideraram-se, nos dados de Curitiba, as variantes:

*a* 25 a 45 anos (no texto: faixa etária mais jovem, ou os mais jovens)

*b* mais de 50 anos (no texto: faixa etária mais velha, ou os mais velhos)

No estudo da alternância das formas *nós/ a gente* a partir da variável *sexo*, nos resultados de Omena (1996) a influência do sexo do falante não foi significativa. Por outro lado, os resultados da pesquisa de Setti (1997), realizada sobre a indeterminação do sujeito com dados do VARSUL, abordando Florianópolis, Curitiba e Porto Alegre, revelaram que as mulheres apresentam mais probabilidade de uso do pronome *a gente* (.63), enquanto que os homens tendem a usar mais *nós* (.62). Ou seja, as tendências apresentaram preferências opostas. Os dados analisados em Menon (1994), Zilles (2002) e em Tamanine (2002) apontaram, de forma geral, a vanguarda das mulheres no uso da forma inovadora, expectativa que será mantida para os dados de Curitiba. A variável ficou assim determinada:

*f* feminino

*m* masculino

Omena (1996), que trabalhou com dados de informantes cariocas do final dos anos setenta, atestou ser a escolaridade ginasial que apresentou a maior tendência para o uso de *nós*, com .78 de probabilidade de uso. Omena sugere que o alto índice de *nós* nesse nível de escolaridade possa ser atribuído ao fato de que é nesta fase que se dá o ensino das conjugações, o que não é considerado como hipótese aqui, haja vista não ser unicamente neste momento em que se usam os pronomes canônicos e não ser a escola a única forma de exposição do falante à norma culta.

Além disso, há a diversidade de situações de vida dos informantes que interferem no uso da linguagem, pois a intensidade do contato com a língua-padrão e, por consequência, o uso ou não dessa norma, depende também da profissão e/ou dos hábitos sociais.

Votre (2004) chama a atenção para implicações relativas à discussão da variável escolaridade quando se trata de variação, continuidade e mudança lingüística. Segundo ele, a “dinâmica social que interage na escola” (idem, p.51) implica em: a) distinção entre forma de prestígio e forma relativamente neutra; b) distinção entre um fenômeno socialmente estigmatizado e fenômeno social imune à estigmatização; c) fenômenos que são e não são objeto de ensino escolar; d) fenômenos situados no nível do discurso e que se inseriram no interior da gramática; e) distinção entre fala e escrita.

Ainda Votre (2004) salienta que, mesmo na fala coletada nos bancos de dados que utilizam gravação, o grau de formalismo é um efeito secundário e indireto da escolaridade, assim como o fato de o entrevistador representar uma pessoa culta, a tensão causada pela presença do gravador ou o próprio tema da conversa se constituírem como fatores intervenientes no resultado final. O autor destaca que “O nível de escolaridade, entretanto, continua a desempenhar um papel crítico na configuração geral do domínio da língua padrão pelos informantes.” (idem, p. 56), portanto merece atenta observação.

Dessa forma, a *escolaridade* é considerada como um dos fatores problemáticos na análise do uso dos pronomes *nós* e *a gente* e, para discutir se ocorre influência da escola ou não, se tomou como hipótese os resultados alcançados por Zilles (2002).

No trabalho de Zilles (2002) com dados de Porto Alegre, foi apresentada uma tendência de aumento de *a gente* quando posta em contraste a escolaridade primária com as demais escolaridades, com peso relativo de .31 para o primário e resultados muito próximos entre os demais níveis: .55 para o ginásio, .54 para o 2º. grau e .53 para universitários. Com base nesses dados, em Curitiba a suposição feita é, portanto, de que o primário apresentará tendência de uso favorável ao uso de *nós* enquanto as demais escolaridades favorecerão *a gente*.

### ***Escolaridade***

*p primário*

*g ginásio*

*c secundário*

*u superior*



Apresentadas as variáveis lingüísticas e sociais estruturadas para utilização do pacote VARBRUL, são expostos a seguir os casos desconsiderados na análise.

### 3.6 Dados desconsiderados na análise estatística

Entre os dados desconsiderados na análise estatística, ressalta-se que a observação das intervenções do entrevistador foi importante para compreensão e avaliação do tópico discursivo, no entanto essas falas não foram levadas em conta como dados de *nós* e de *a gente* no *corpus*.

Também não foram tratados na amostra para análise da variação *nós/a gente* os seguintes tipos de dados:

1. pronome *nós* ou *a gente* não acompanhado de forma verbal;
2. pronomes *nós* ou *a gente* não expressos em orações coordenadas.

Segundo Lira (1998), as orações coordenadas são contextos inibidores da presença de sujeitos pronominais. No *corpus* analisado por Lira, o apagamento do pronome em seqüência de orações coordenadas foi quase categórico a partir da segunda coordenada. Dessa forma, as orações coordenadas nesse ambiente não teriam ocorrência de sujeito explícito, não havendo variação entre as formas pronominais.

3. ocorrências de pronome *nós* nulo ou preenchido com verbos plenos ou perífrases com função de marcadores conversacionais, tais como “digamos”, “vejamos” e “vamos dizer”, “vamos supor”, entendidos como formas cristalizadas.

4. ocorrências repetidas e contíguas de *nós* e de *a gente* (acompanhadas de forma verbal) cujas marcações referentes às normas de transcrição do projeto VARSUL indicavam tratar-se de gaguejo ou repetição decorrente da hesitação pelo falante na emissão do enunciado;

5. situações de ambigüidade/ ou dúvida na classificação de contextos determinados e indeterminados no uso de *nós* e de *a gente* e de realizações fonéticas de *a gente*. Estas situações foram consideradas na análise lingüística, mas não na estatística.

### 3.7 O VARSUL e a amostra utilizada

O Banco de Dados utilizado para a pesquisa foi o VARSUL - Variação Lingüística Urbana da Região Sul do Brasil, em específico os dados referentes à cidade de Curitiba, capital do estado do Paraná, localidade ainda não investigada no tema específico desta tese, exceto pelo estudo inicial de Borba (1993) com 04 entrevistas, e pela abordagem de Setti (1997), conforme exposto no item 1.4.1.

O projeto VARSUL teve sua elaboração efetivada em razão do trabalho conjunto de pesquisadores (professores e alunos) das universidades federais do Paraná (UFPR), Santa Catarina (UFSC) e Rio Grande do Sul (UFRGS) e, a partir de 1992, também pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). O objetivo do Projeto VARSUL foi organizar um banco de dados orais que possibilitasse o estudo das variações lingüísticas da região sul do Brasil e constitui-se de dados informatizado de entrevistas realizadas em quatro cidades de cada estado do sul do país, a capital e três cidades do interior, escolhidas para representação de algumas das diferentes etnias que povoaram a região sul. Inicialmente foram coletadas 24 entrevistas em cada cidade; em momento posterior, as três capitais do sul tiveram o acréscimo de mais 16 entrevistas. Esta coleta teve por objetivo acrescentar ao banco entrevistas de informantes com escolaridade universitária e de informantes na faixa etária de 16 a 24 anos.

No Paraná, a escolha das cidades que compuseram o VARSUL foi originada, essencialmente, dos seguintes indicativos:

- a) a variedade predominante no Norte, que por suas características se aproxima basicamente de falas mineiras e paulistas, trazidas pela população que povoou a região durante a expansão da agricultura cafeeira;
- b) a variedade predominante no Sudoeste e Oeste, trazida pelos colonos gaúchos e catarinenses descendentes de gaúchos, responsáveis pela ocupação agrícola daquela parte do Estado;
- c) a variedade falada no Centro-Sul, que mais individualiza o Estado do ponto de vista lingüístico (KNIES & COSTA, 1996, p. 10).

Assim, além da capital Curitiba, as escolhas incidiram sobre Londrina, cidade de maior destaque na região norte do estado; Pato Branco, uma das cidades mais importantes da

região sudoeste, e Irati, município localizado na região de colonização eslava, área urbana plurilíngüe mais representativa do estado do Paraná.

As entrevistas, do tipo informal entre informante e documentador, foram realizadas por estudantes universitários e contam com uma cópia em áudio e transcrição de cada entrevista. A transcrição foi realizada em ortografia corrente; indicação de pausas, hesitações, velocidade e ênfase; indicação de características fonéticas relevantes e classificação morfológica de cada item lexical.

O *corpus* analisado foi formado por um conjunto de 32 (trinta e duas) entrevistas da cidade de Curitiba, divididas entre informantes de quatro escolaridades: primário, ginásio, secundário (equivalentes, em ordem, à nomenclatura atual de Ensino Fundamental nível I e nível II e Ensino Médio) e ensino superior (universitários); duas faixas etárias – 25 a 49 anos e mais de 50 anos – e sexo, masculino e feminino.

### 3.8 O pacote estatístico VARBRUL

A fim de analisar os contextos favorecedores da alternância das formas pronominais *nós/ a gente* e processos de gramaticalização correlacionados, empregamos o pacote de programas estatísticos VARBRUL (PINTZUK, 1988), um modelo matemático aplicado à sociolinguística quantitativa que fornece o peso relativo dos fatores de cada variável independente, ou de cada grupo de fatores condicionadores em relação à variável dependente, indicando a influência de cada um desses fatores sobre o uso de cada uma das variantes (SCHERRE, 1993, p.1). Além disso, o programa binário efetua a seleção estatística dos grupos de fatores por ordem e relevância e estabelece, em termos de probabilidades, os níveis de interatividade dos grupos de fatores. Essas probabilidades são calculadas em níveis:

1º nível - é calculada a probabilidade de cada grupo de fatores separadamente e o grupo mais significativo para a escolha das variantes é selecionado (*step-up*);

2º nível – o grupo significativo selecionado no primeiro nível é cruzado com os demais grupos para testar-lhes a significância. Cada um deles é selecionado por ordem de relevância até que nenhum outro grupo seja selecionado (*step-down*).

Assim, o programa seleciona, em seqüência estabelecida pela maior importância entre os fatores significativos, quais os grupos de fatores que mais favorecem a aplicação da regra em teste.

Utilizamos para chegar à análise da regra variável os seguintes programas:

a. CHECKTOK; READTOK e MAKECELL – esses programas têm a função básica preparar os dados a fim de que pudessem ser submetidos ao programa IVARB. Segundo Scherre (1992, p. 05), “o CHECKTOK corrige os dados de entrada e gera os dados corrigidos. O READTOK efetua leves transformações nos dados corrigidos pelo CHECKTOK e gera novos dados com ligeiras modificações, agrupando, opcionalmente, em um só arquivo diversos arquivos corrigidos. O MAKECELL recebe os dados gerados pelo READTOK e os prepara para serem executados”, no nosso caso, pelo IVARB. Durante essa preparação, podem surgir *knockouts* (doravante *nocautes*). Se houver *nocaute*, isso significa que há fator (es) categórico(s) em alguma(s) das variáveis, ou seja, não ocorreu variação nos dados no que se refere ao fator apontado (todos estão relacionados ao “0” ou ao “1” da variável dependente).

b. IVARB - consiste no programa de regra variável que realiza a análise probabilística na forma binária. Seus resultados são apresentados através de cálculos estatísticos que atribuem pesos relativos aos fatores das variáveis independentes correlacionados às duas variantes do fenômeno lingüístico estudado.

c. CROSSTAB – através do programa CROSSTAB é possível ao pesquisador fazer cruzamento das porcentagens atribuídas a dois grupos de fatores. Sua principal função é mostrar com mais clareza possíveis interferências entre dois ou mais grupos de fatores, sendo que a cada etapa de execução os cruzamentos podem ser realizados entre apenas dois grupos.

Após a apresentação dos procedimentos metodológicos adotados, será dada seqüência à exposição da pesquisa, no capítulo 4, por meio da apresentação e análise dos resultados obtidos a partir das variáveis organizadas e das hipóteses levantadas sobre a variação *nós/a gente* e a gramaticalização de *a gente* na fala dos curitibanos.

#### 4. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Neste capítulo serão apresentados e discutidos os resultados referentes à variação *nós/ a gente* e à variação entre as formas de realização fonética de *a gente* em dados de 32 entrevistas da cidade de Curitiba, PR. A Tabela 3, no Anexo 2, apresenta a distribuição freqüencial encontrada em todas as variáveis testadas.

Primeiramente serão tratados os resultados em números absolutos e freqüenciais relativos à variação pronominal *nós/ a gente* para visualização da distribuição geral das variáveis na amostra. Após, serão apresentados e analisados os resultados probabilísticos obtidos através do uso do programa estatístico IVARB. Dados freqüenciais serão levantados durante as explicações dos pesos relativos quando forem necessários para auxiliar na interpretação dos resultados.

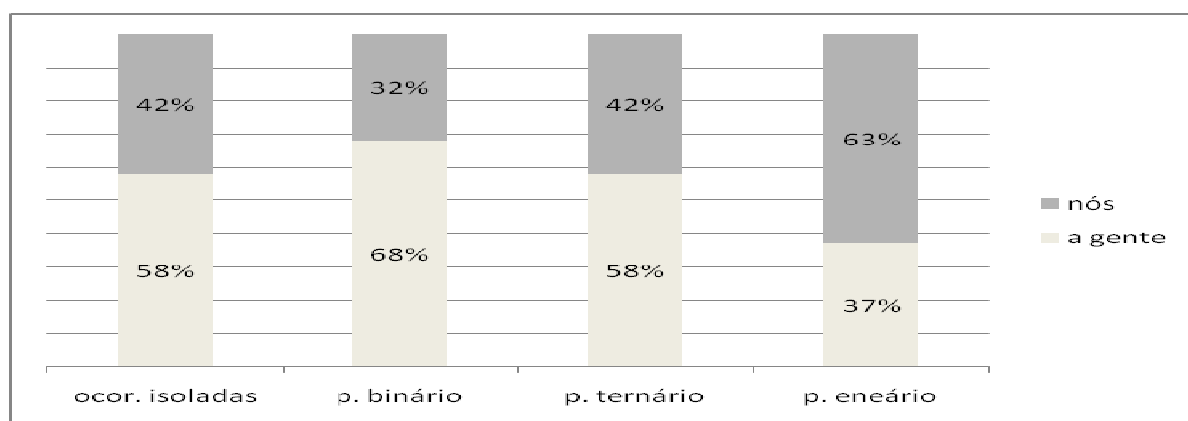
Serão observadas, além das hipóteses levantadas, especialmente as contribuições das pesquisas de Setti (1997), Seara (2000), Zilles (2002), pois permitirão cotejo capaz de oferecer visualização do cenário da variação nas capitais do três estados do sul do país. Os dados de Tamanine (2002) também serão abordados de forma mais freqüente, haja vista terem sido obtidos via variáveis bastante semelhantes àquelas utilizadas neste trabalho, assim como Zilles (2002) e Borges (2004) serão trabalhos que auxiliarão na discussão das realizações fonéticas de *a gente*, foco no estudo da gramaticalização de *a gente* aqui proposto.

Finaliza-se a apresentação de resultados com a discussão sobre dados freqüenciais de *nós* e de *a gente* nas ocorrências em diferentes funções sintáticas encontradas para as formas no *corpus*.

##### 4.1 Resultados percentuais relativos à variação pronominal *nós/ a gente*

No registro geral de ocorrências de *nós* e de *a gente* no cômputo dos 2.084 dados encontrados na função de sujeito em Curitiba, em 32 entrevistas analisadas, 54% dos pronomes, entre formas expressas e não-expressas, foram de *a gente* (1.130/2.084/54%) e 46% foram de *nós* (954/2.084/46%). O Gráfico 1 apresenta a distribuição entre os dados sob a ótica da divisão entre *ocorrências isoladas* e *paralelismos binário, ternário e eneário*.

GRÁFICO 1 – Distribuição geral dos dados de *nós* e *a gente* em Curitiba, na posição de sujeito, entre *ocorrência isolada*, *paralelismo binário*, *paralelismo ternário* e *paralelismo eneário*



A distribuição dos 2.084 dados apresenta diferenças percentuais, algumas mais significativas do que outras, entre os tipos de agrupamento de dados. As *ocorrências isoladas*, com 777 casos, representam a maior parte da amostra, 37%. Em seguida aparece o *paralelismo binário*, com 558 dados, representando o percentual de 28%. O *paralelismo eneário* teve 392 dados e percentual de 19%, e o *paralelismo ternário* teve o menor número de ocorrências, com 357 dados e percentual de 17%. Ao serem agrupadas, as ocorrências em paralelismo representam 67% do *corpus* (1.307 ocorrências), ou seja, na distribuição, quase chegam ao dobro do número de ocorrências isoladas. Quando da análise geral dos resultados, esse número merece atenção, já que os agrupamentos, além de se apresentarem significativos na distribuição, poderão ter significação diferenciada na leitura das probabilidades para uso de *nós* e *a gente* no *corpus*.

Nos casos de paralelismo pronominal entende-se que, entre outras formas possíveis de identificação do sujeito, os pronomes *nós* e *a gente* tiveram “preferência”<sup>66</sup> e foram repetidos pelo falante, ou seja, há um contexto de uso dos pronomes em que estes estão

<sup>66</sup> *Preferência* será o termo usado no sentido de “escolha não consciente de um dos pronomes entre uma série de outras formas de representação do sujeito”.

relacionados pelo discurso e que é observável de maneira diferenciada das situações de *ocorrência isolada*.

Nas *ocorrências isoladas*, a presença de *a gente* foi superior ao uso de *nós* em 16 pontos percentuais (58% de *a gente* e 42% de *nós*), número pouco significativo se observados os 121 casos de diferença a mais para *a gente* em 777 dados.

O *paralelismo binário* se apresentou com o maior percentual de ocorrências de *a gente* entre as divisões apresentadas, ou seja, nos segmentos tópicos em que há apenas dois pronomes, *a gente* é o pronome mais freqüente. Nos *paralelismos de formas iguais*, os casos com *a gente* foram mais recorrentes (141/233/61%) do que os casos de *paralelismos de formas iguais* com *nós* (92/233/39%). Em situações de *paralelismo binário* com alternância dos pronomes *nós* e *a gente*, os números foram praticamente iguais (*nós/a gente* com 23 ocorrências contra 24 de *a gente/nós*).

As ocorrências encontradas em *paralelismo ternário* tiveram diferença menor em número absoluto de dados na divisão entre seqüência de *a gente* e de *nós* do que as *isoladas*, apesar dos percentuais serem iguais. Nos casos de *paralelismo ternário*, foram encontradas 207 ocorrências de *a gente* e 150 de *nós*, apenas 57 casos a mais para *a gente*. As ocorrências de *paralelismo ternário* de formas iguais com *a gente* foram 51, contra 33 de *nós*. Nas formas mistas, quando o primeiro pronome foi *a gente*, a alternância para *nós* ocorreu 20 vezes, e quando o primeiro pronome foi *nós*, a mudança para *a gente* aconteceu em 16 casos, apresentando distribuição equilibrada.

O que se pode perceber é uma aproximação numérica nos paralelismos de formas mistas entre o *paralelismo binário* e *ternário*, pois a diferença de casos na alternância de formas foi mínima, estando os números bem distribuídos entre as duas formas, ou seja, a troca entre as duas formas quando em seqüência de dois ou três pronomes não apresentou número significativo que destacasse alguma das formas.

Nos *paralelismos eneários* - entre os paralelismos o ambiente de maior freqüência do pronome canônico - o número mínimo de pronomes *nós* e *a gente* “paralelos” foi 4 (o agrupamento mais freqüente) e o máximo chegou a 9 pronomes expressos em um único segmento tópico e, neste caso de maior número de pronomes, a freqüência foi maior para o uso de *nós*.

Um motivo identificado para o alto percentual de *nós* nesse contexto (63%) - se comparado com os demais resultados - foi a entrevista de uma das informantes do nível de escolaridade superior, que apresentou 111 ocorrências de *nós*, 71 delas em *paralelismos*

*eneários*, quando os demais informantes não apresentaram nem mesmo a metade desse valor, com esse pronome, no mesmo paralelismo. Neste caso, a entrevista “foge” do padrão das demais analisadas, pois além da informante ser a única entrevistada com título de mestre no *corpus* e existir um tom mais formal de tratamento entre si por parte de entrevistadora e entrevistada, grande parte da entrevista trata do relato da implantação de um novo método de ensino no ambiente de trabalho de uma universidade, há mínimas inserções de relatos da vida pessoal da entrevistada<sup>67</sup>.

Na contagem geral de ocorrências no *corpus* de Curitiba, a maior frequência foi de *a gente* - 54% - em relação ao pronome *nós* - 46% - frequências que representam uma distribuição equilibrada entre os pronomes, com leve vantagem numérica de *a gente* na fala dos curitibanos (1.130 de *a gente* contra 954 de *nós* – diferença de 176 casos). Os resultados da amostra são diferentes, porque o uso de *a gente* apresenta percentual menor, daqueles encontrados por Zilles (2004) em Porto Alegre - 69% de *a gente* e 31% de *nós* - , em 39 entrevistas do VARSUL, com os mesmos fatores sociais aqui estudados; e 72% de *a gente* e 28% de *nós* levantados por Seara (2000) em doze entrevistas do VARSUL de Florianópolis, com três faixas etárias e duas escolaridades (primário e secundário - ou colegial).

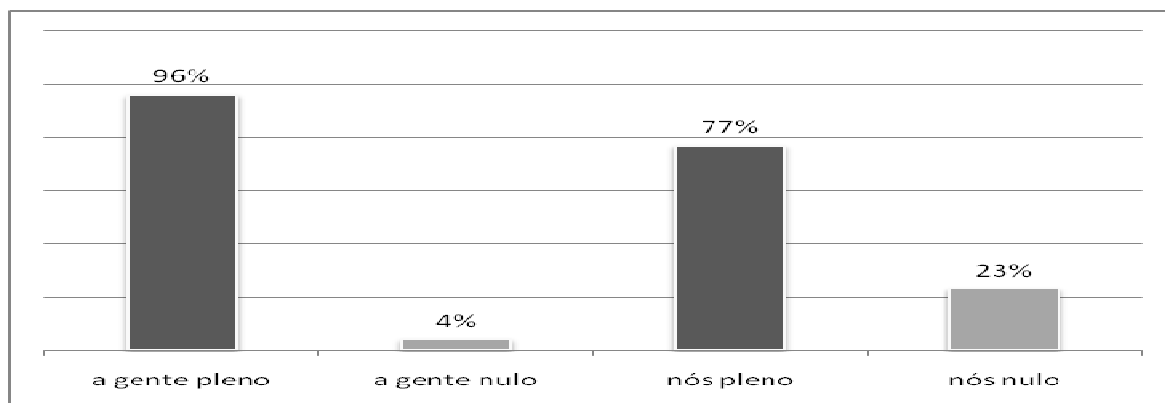
No Gráfico 2, é possível verificar a distribuição dos pronomes *nós* e *a gente* entre preenchimento e não-preenchimento das formas. No geral, entre formas expressas e nulas, os dados apontam para maior ocorrência de formas expressas, mostrando a preferência dos informantes pelo preenchimento das formas em relação ao dois pronomes.

---

<sup>67</sup> No rol dos 32 informantes, dois casos chamam a atenção: em entrevista com informante de escolaridade secundária, entre 127 ocorrências dos pronomes *nós* e *a gente*, 122 são de *a gente*; com informante de escolaridade superior, de 130 ocorrências dos pronomes *nós* e *a gente*, 111 são de *nós*. Esse alto número de ocorrências entre os dois pronomes, cada qual em uma entrevista diferente, chamara a atenção durante a análise. Os dados ocorreram entre duas informantes do sexo feminino, a primeira da faixa etária mais jovem e a segunda da faixa mais velha e, nas rodadas estatísticas, os números acabaram aparentemente por “anular o impacto” entre si, pois em rodadas com e sem as informantes a seleção das variáveis pelo programa não foi alterada.



GRÁFICO 2 – Distribuição geral dos dados de *nós* e de *a gente* na posição de sujeito preenchido e não-preenchido



Na análise dos dados de Curitiba, quando dos casos classificados como formas nulas/não-preenchidas de *a gente*, considerou-se como forma nula casos em que orações não-coordenadas apresentavam *a gente* como sujeito explícito na oração antecedente e que se mantinham no mesmo segmento tópico, ou seja, havia uma “amarração discursiva” que permitia a omissão, além das motivações similares àquelas já relacionadas por Lira (1988) para orações coordenadas.

O baixo percentual de *a gente* não-preenchido em relação a formas expressas pode estar relacionado ao fato de que sujeitos com verbos flexionados na 3.<sup>a</sup> pessoa podem exigir a realização desse sujeito para estabelecer clareza semântica, porque ocorre a perda da capacidade da morfologia verbal marcar semanticamente o sujeito do verbo. No caso de *nós* a baixa frequência de formas não-preenchidas também ocorre de maneira significativa.

Porém, no uso de *nós*, a baixa frequência encontrada de formas não-preenchidas em contraposição às ocorrências preenchidas de *nós* (221/954/23%) também aponta uma presença significativa do preenchimento do pronome, o que vai em direção contrária à idéia de que a presença da marca de concordância seria suficiente para impedir a realização do pronome, pois mesmo com a marca da flexão verbal de 1.<sup>a</sup> pessoa do plural, o pronome é realizado.

Os resultados do Gráfico 2 vão ao encontro do que, como já dito, afirmou Duarte (2003) sobre o fato de o português – considerado uma língua de sujeito nulo - estar em uma fase de mudança, na qual, em especial na referência à primeira e segunda pessoas, ocorre uma evolução para uma marcação *pro-drop* negativa, ou seja, para uma língua de sujeitos *plenos* ou *preenchidos*.

Porém, outras considerações podem ser feitas sobre os resultados do Gráfico 2, pois se trabalhou com dados da oralidade e, nesse tipo de dado, há situações diferenciadas da escrita que merecem atenção. Para isso, retoma-se a discussão de Menon (2000) sobre o preenchimento do pronome de 1.<sup>a</sup> pessoa no PB - com foco especial na oralidade, na qual a autora aponta duas questões problemáticas sobre a manutenção da idéia da redundância do sujeito pleno junto morfologia verbal - entendida como representativa da noção de pessoa: 1. há realmente noção de pessoa no morfema verbal número-pessoal ou essa noção vem da informação metalingüística aprendida na escola; 2. “[...] o pronome sujeito contém *fortemente* o significado de pessoas do discurso [...] ou o falante não se daria conta de que o está empregando, porque ele se esvaziou de sentido?” (idem, p. 163). Esse esvaziamento, segundo Menon (2000), seria fruto da repetição mecânica de pronome + conjugação, da *ladainha* em que o sentido do que se está dizendo não é o mais importante.

Menon (2000, p. 174) conclui que a morfologia verbal, nos dados analisados e nas comparações feitas com outros estudos, não se constitui “garantia nem justificativa” para que se considere, em especial na oralidade, o PB como língua de sujeitos nulos (cf. também alertou MONTEIRO, 1994, citado por MENON (2000), mas, segundo a autora, o oposto também não é verdadeiro, ou seja, que o PB já tenha perdido o parâmetro do sujeito nulo. Duas novas perguntas são lançadas por Menon (2000, p. 174): estaria havendo um deriva românica na utilização dos pronomes sujeito? [...] O português estaria com o processo em curso (de mudança de língua de sujeitos nulos para língua de sujeitos plenos)? As questões levantadas por Menon são importantes e deverão ser pensadas para aplicação em trabalho futuro com os dados de Curitiba, a fim de ser testado o peso da morfologia verbal na realização/não-realização dos sujeitos *nós* e *a gente*.

#### **4.2 Resultados relativos à variação pronominal *nós/ a gente* em rodada geral no VARBRUL**

Os resultados da rodada estatística geral das variáveis organizadas no *corpus*, após eliminação dos dados categóricos apontados pelo VARBRUL, serão apresentados em três blocos diferentes a fim de facilitar a apresentação e discussão dos resultados. Primeiramente, são tratados resultados das variáveis associadas à **morfologia**: a *tonicidade*; o *tempo verbal*, as *perífrases* e os *verbos plenos*. Depois, os resultados das variáveis relacionadas ao

**estilo/discurso:** *determinação do referente; discurso reportado e sequências textuais* e, por fim, as **variáveis sociais** *faixa etária, escolaridade e sexo*, selecionadas como significativas pelo programa estatístico. Assim, a ordem de apresentação dos resultados é a ordem que agrupa as variáveis associadas conforme definido no capítulo de apresentação da metodologia, não a ordem de seleção registrada pelo programa, apesar de essa ordem ser especificada durante a discussão.

É importante destacar que, na rodada estatística geral, as variáveis relacionadas aos paralelismos tiveram uma série de nocautes, resultado de uma distribuição polarizada entre as variáveis dependentes em grande número de fatores. Como a distribuição dos fatores dos paralelismos concentrou-se na variedade de situações de alternância entre *nós* e *a gente*, amalgamar os fatores não seria a solução correta para verificar os resultados desse tipo de variável. Portanto, no arquivo de condições desta rodada, fez-se a exclusão dos paralelismos, o que não permitiu a análise do grupo de fatores, mas não excluiu os dados do cálculo feito pelo programa. Por outro lado, a exclusão dos *paralelismos* nesta rodada manterá os dados comparáveis com estudos que não trataram dessa variável ou a analisaram de forma especial.

No caso dos resultados por informante, nesta rodada especificamente, o procedimento de exclusão da variável *informantes* também ocorreu - porém sem alteração no número de dados na rodada. Essa retirada impediu resultados probabilísticos desse grupo, já que a exclusão foi necessária pelo alto número de fatores se apresentar como impeditivo da rodada, mas distribuição entre *nós* e *a gente* por informante pode ser vista na Tabela 3 (Anexo 2). Nas tabelas 4, 5 e 6, relacionadas aos conjuntos de variáveis, os fatores estão organizados em cada grupo pela ordem do maior peso relativo para aplicação de *a gente*. A ordem geral de seleção dos grupos foi: 1°. *tonicidade*; 2°. *tempo verbal*; 3°. *faixa etária*, 4°. *tipo de texto*; 5°. *perífrases*; 6°. *verbos plenos*; 7°. *sexo*; 8°. *determinação*; 9°. *discurso reportado* e 10°. *escolaridade*.

TABELA 4 – Resultados probabilísticos de *nós* e de *a gente* na posição de sujeito – aplicação *a gente - morfofonologia - input .64*

GRUPOS DE FATORES	Aplic.	Ocor.	%	P.R.
tonicidade				
oxítonas	173	177	98	<b>.99</b>
Monos. tonic/átono	270	277	97	<b>.97</b>
paroxítonas	687	1.465	47	.23
Tempo verbal	Aplic.	Ocor.	%	P.R.
Gerúndio	11	12	92	.94
Pret. imp. subj.	5	7	71	.82
Pret. imp. indic.	430	801	54	<b>.75</b>
Fut. do pretérito	5	11	45	.58
Presente do indic.	517	927	56	<b>.40</b>
Pretérito perf. indic.	112	259	43	<b>.18</b>
infinitivo	45	57	79	.05
Pret. mais-q- perf.	2	3	67	.00
Tipo de verbo - perífrases	Aplic.	Ocor.	%	P.R.
ir + NDO	14	17	82	<b>.90</b>
outras perífrases	76	54	71	<b>.78</b>
ter que + R	58	85	68	<b>.66</b>
poder + R	21	39	54	.63
estar + DO	5	6	83	.51
ter + DO	5	7	71	<b>.33</b>
ir + R	27	91	30	<b>.26</b>
estar + NDO	19	70	27	<b>.16</b>
Tipo de verbo -plenos	Aplic.	Ocor.	%	P.R.
saber	28	29	97	<b>.96</b>
outros verbos	480	757	63	<b>.65</b>
ver	55	64	86	<b>.58</b>
sair	39	51	76	<b>.56</b>
ficar	29	61	48	.49
ir	94	169	56	.44
fazer	44	80	55	.43
morar	10	35	29	<b>.28</b>
ter	98	296	33	<b>.28</b>
ser	23	76	30	<b>.23</b>
estar	27	73	37	<b>.17</b>

Conforme a Tabela 4, o grupo *tonicidade* foi estatisticamente o mais relevante na rodada, selecionado em 1º. lugar. Os resultados dos fatores apontam uma divisão polarizada entre o uso de *nós* e de *a gente*, este altamente favorecido com *monossílabos tônicos e átonos* (amalgamados) com peso relativo de .97; e *oxítonos*, com peso de .99; ou seja, com verbos de menor saliência fônica. Nas *paroxítonas*, o resultado de .23 desfavorece *a gente*, portanto favorecendo o uso de *nós* em .77. Os pesos relativos contemplam a hipótese defendida de que os verbos de menor material fônico condicionariam a presença de *a gente*.

Ressalta-se que o fator *proparoxítono* não fez parte da rodada estatística porque o uso de *proparoxítonas* foi categórico com *nós* (165/955/17%), o que exigiu a retirada do fator da

variável *tonicidade*. Os casos de *proparoxítonas* reduzidas para *paroxítonas* representaram 20% das ocorrências de formas verbais com o pronome *nós* (193/956/20%).<sup>68</sup>

Os resultados obtidos em Curitiba que indicam o favorecimento de *a gente* com verbos monossílabos e oxítonos e de *nós* favorecido com paroxítonos, se aproximam daqueles obtidos por Borges (2004). Borges (2004, p. 140) controlou a variável *saliência fônica* e cruzou os resultados com a variável *tonicidade* identificando que, quanto menor for a diferença de tonicidade entre as formas verbais usadas com *nós* e *a gente*, maior será o uso de *a gente*.

Como não foi controlada a variável *saliência fônica* neste trabalho, utilizou-se o CROSSTAB para fazer o cruzamento entre os grupos *tempo verbal* e *tonicidade* a fim de buscar maiores explicações sobre as flexões das formas verbais relacionadas a *nós* e *a gente* e o resultado de probabilidade apresentado na rodada para o grupo *tonicidade*. Nesse cruzamento verificou-se, em dados freqüenciais, que as formas *paroxítonas* são mais freqüentes junto a *nós* no *presente* (606/361/60%) e no *pretérito perfeito* (173/146/84%), estando a maioria das *paroxítonas* com *a gente* no *pretérito imperfeito* (589/379/64%). Nos *monossílabos* e *oxítonos*, todas as freqüências são mais altas para o uso de *a gente* (acima de 90%), e o tempo verbal mais freqüente é o *presente*.

Foram cruzados também os dados de *tipo de verbo* e *tonicidade* e, nas *paroxítonas*, os *tipos de verbos* controlados apareceram em maior freqüência com *nós*, exceto *sair* (16 casos no *presente* - *sai* - 27 casos no *pretérito imperfeito* - *saía* - e 4 casos no *pretérito perfeito* - *saiu*) registrados com *a gente* e *saber* (21 casos no *presente* - *sabe* - e 6 casos no *pretérito imperfeito* - *sabia*). No caso dos verbos *ter* e *ir*, os mais recorrentes do *corpus*, o verbo *ter* apresenta a maioria dos casos com *nós* (155/208/75%), assim como o verbo *ir* (59/111/53%), porém este com diferença percentual mais baixa do que *ter* em relação ao pronome *a gente*.

Pelos cruzamentos, os resultados de distribuição permitem visualizar no *corpus* que *a gente* está relacionado às formas verbais *monossílabos* e *oxítonos*, em especial no *presente*, *ir*, *ver*, *saber* e *fazer*; e *nós* com formas *paroxítonas*, em especial o verbo *ter* no *presente* e no *pretérito imperfeito* com formas reduzidas de *proparoxítona*.

---

<sup>68</sup> Os resultados em termo de número de ocorrências, a *freqüência*, e/ou *percentuais* apresentados servem para a verificação da *distribuição* dos fatores no *corpus* e não são considerados jamais como *aplicação da regra*, esta indicada por *pesos relativos*. A *distribuição* será informação utilizada durante a explicação da *aplicação da regra* como coadjuvante da análise.

Apesar da necessidade de outros testes para afirmações mais precisas, é possível que o resultado dos pesos relativos na variável *tonicidade*, expostos na Tabela 4, aponte para o fato de que a prosódia da língua – lembrando que os dados analisados são oriundos da oralidade - é fator relevante na seleção dos dois pronomes; ou seja, o ritmo da língua pode ser condicionante no uso entre os pronomes em razão da escolha dos verbos pelo falante, atuando antes da concordância.

Sobre esta questão, Menon (inédito, p. 3) afirma que a tonicidade deve ser tratada sob a ótica de que “a regra fonológica bloqueia a aplicação da regra sintática e, assim, o falante não pode variar, uma vez que está na base da produção uma regra categórica”, ou seja, não se trata de um fenômeno em variação entre os falantes, mas um fenômeno estrutural da língua. Essa idéia levanta a preocupação com uma explicação lingüística com averiguação mais cuidadosa sob o ponto de vista do ritmo da fala e do material fônico desses verbos junto aos pronomes.

Se a análise estatística apontou a relevância da *tonicidade* como a primeira selecionada na rodada geral dos dados de Curitiba, a provável razão está na boa distribuição dos fatores na variação, mas para oferecer resultados mais efetivos é preciso observar a situação com atenção direcionada para a análise lingüística, esta centrada nos contextos prosódicos que envolvem os dados, pois pode estar no ritmo da fala o condicionante para a realização de um ou de outro pronome, assim como, no caso de formas reduzidas de *a gente*, um fator condicionante ou não para a redução fonética.

Retomando os resultados da Tabela 4, o *tempo verbal* foi o 2º. grupo selecionado na rodada e os maiores pesos relativos são de tempos verbais - o *gerúndio* (.94) e o *pretérito imperfeito* do subjuntivo (.82) - com número de ocorrências escasso e praticamente categórico com *a gente*, o que explica a alta probabilidade de aplicação do pronome inovador com esses tempos verbais.

Entre os resultados do grupo *tempo verbal*, o *pretérito imperfeito do indicativo* destacou-se com .75 a favor de *a gente*, diferentemente da hipótese levantada para Curitiba, na qual se projetou que o uso de *a gente* seria mais favorecido no *presente* tendo por base resultados alcançados por pesquisas como de Lopes (1999), Fernandes & Gorski (1986), Menon (1994) e Omena (1996), cujos tempos de significância para *a gente* incluíram o *presente*.

Uma das razões para se tomar o *presente* como um tempo em que *a gente* seria favorecido é a possibilidade de o falante desambigüizar a referência temporal

*presente/pretérito perfeito* quando do uso de *nós* (*nós falamos/a gente falou*). Essa razão não se confirmou, porque o *presente do indicativo* desfavoreceu *a gente*, com .40.

O resultado desfavorecedor para *a gente* no *presente* nos dados de Curitiba pode reforçar que não é somente a desambigüidade entre os tempos *presente/pretérito perfeito* que influencia a escolha do falante entre as formas e acaba por favorecer o uso de *nós*, mas que outras circunstâncias são mais relevantes, como, por exemplo, a prosódia.

No que se refere à hipótese sobre o *pretérito imperfeito* do indicativo favorecer o uso de *a gente*, o resultado de .75 foi ao encontro do previsto. O *pretérito imperfeito* é o tempo de menor saliência fônica entre o uso dos pronomes e, ao favorecer *a gente*, poderia se tomar como razão o fato de esse tempo verbal não representar para o falante contexto de extremo controle para evitar o “erro” no que se refere à concordância com *-mos*, mas como Menon (inédito) alertou, a prosódia pode atuar antes da concordância nesse tipo de caso e outros fatores – que não a concordância – estariam em jogo.

A hipótese levantada nesta pesquisa relacionou o uso de *a gente* com verbos no *pretérito imperfeito* ao traço de *indeterminação do sujeito*, já que se projetou que o *pretérito imperfeito* seria o tempo do *texto dissertativo* e, nesse tipo de texto, *a gente* seria preferência por sua característica de indeterminação. Para a verificação se o favorecimento de *a gente* no *pretérito imperfeito* (.75) teria relação com a *indeterminação*, e se esta relação estaria presente nos *tipos de texto*, em especial no *texto dissertativo*, recorreu-se ao uso do CROSSTAB e aos dados de distribuição para busca de respostas.

Feito o CROSSTAB – que trabalha com números absolutos e freqüenciais - entre os grupos *determinação* e *tempos verbais*, no *pretérito imperfeito* a distribuição entre *nós* e *a gente* em contextos de *determinação* foi percentualmente igual (655/326/50% para *a gente* e 655/329/50% para *nós*); na *indeterminação*, o percentual sobe para *a gente* (140/102/73%), ou seja, há sim um destaque nas freqüências para o uso de *a gente* com verbos no *pretérito imperfeito* e desse uso com a *indeterminação do sujeito*.

No entanto, fazendo novo cruzamento, agora entre a *variável determinação* e *tipo de texto* para dar conta de visualizar a relação entre *a gente* + *pretérito imperfeito* + *texto dissertativo*, verificou-se em dados freqüenciais que, no *texto dissertativo*, o uso de *a gente* ocorreu no *corpus* de maneira mais intensa na *determinação*, com 72% de freqüência (252/349/72%), apesar de que na *indeterminação* o resultado é superior a 50% para *a gente* (219/340/64%) comparado ao uso de *nós*.

A maior frequência de *a gente indeterminado* se deu nos textos *narrativos*, tipo de texto em que *a gente* usado na indeterminação apresentou 72% de frequência (112/155/72%) contra 47% na *determinação* (451/951/47%), apesar de o número de ocorrências de *a gente* ser muito mais expressivo na *determinação*, no *texto narrativo*.

Assim, em dados frequenciais, o destaque de uso de *a gente indeterminado* se deu na *narração*, e não na *dissertação*. Esse resultado não entra em desacordo com o uso do *pretérito imperfeito do indicativo*, pois este é um tempo verbal característico (assim como o *pretérito perfeito* e *presente*) das entrevistas analisadas, pois apresentam muitos relatos de fatos ou experiências pessoais ocorridos no passado.

A informação dada pelos resultados de distribuição, portanto, permite relacionar, mesmo que sem efeito conclusivo porque não em tendência de aplicação de regra, ao resultado em peso relativo que favoreceu o uso de *a gente* com verbos no *pretérito imperfeito*, o uso indeterminado de *a gente* em textos *narrativos*. Salienta-se que os dados em pesos relativos são mais importantes para a análise, porém os dados de frequência são interessantes para visualização dos dados em questão no *corpus* e estabelecimento do relações entre os fatores.

Na Tabela 4, nos resultados dos pesos relativos, ainda na variável *tempo verbal*, destaca-se o resultado em probabilidade para o *pretérito perfeito* como tempo verbal desfavorecedor do uso de *a gente*, com .18, ou seja, favorecedor do uso de *nós* em .82. Tendência na mesma direção foi encontrada por Seara (2000), em Florianópolis, com .23 para *a gente* no *pretérito perfeito* (então, .77 a favor de *nós*).

Voltando a falar sobre o resultado desfavorecedor obtido para o uso de *a gente* no *presente* (.40), o resultado obtido em Curitiba, onde o *presente* favorece o uso de *nós* em .60, pode se dever ao fato de o *presente* ser um tempo em que a flexão verbal de 1.<sup>a</sup> pessoa do plural levaria o falante à manutenção da flexão e, junto a forma verbal *paroxítona*, o uso de *nós* (*temos, fomos*) por questões prosódicas, conforme visto na discussão dos resultados sobre *tonicidade* no *corpus*.

Após a análise dos pesos relativos de *tonicidade* e *tempo verbal*, suspeitou-se de uma certa sobreposição entre resultados dessas variáveis, 1.<sup>o</sup> e 2.<sup>o</sup> grupo de fatores selecionados nos resultados expostos na Tabela 4. Para verificação, foram feitas duas diferentes rodadas para testar como os resultados seriam analisados pelo programa: uma **sem** a variável *tonicidade* e **com** a variável *tempo verbal* e outra **com** *tempo verbal* e **sem** *tonicidade*. A ordem de seleção das duas rodadas foi constituída conforme apresentado no Quadro 6.



QUADRO 6 - Resultado das rodadas para testagem da interferência dos grupos de fatores *tonicidade* e *tempo verbal* na rodada geral dos dados de Curitiba

Resultados da Rodada Geral
1°. <i>tonicidade</i> ; 2°. <i>tempo verbal</i> ; 3°. <i>faixa etária</i> ; 4°. <i>tipo de texto</i> ; 5°. <i>perífrases</i> ; 6°. <i>verbos plenos</i> ; 7°. <i>sexo</i> ; 8°. <i>determinação</i> ; 9°. <i>discurso reportado</i> e 10°. <i>escolaridade</i>
<b>1.ª Rodada com <i>tonicidade</i> e sem <i>tempo verbal</i> - grupos selecionados e ordenação</b>
1°. <i>tonicidade</i> ; 2°. <i>faixa etária</i> ; 3°. <i>tipo de texto</i> ; 4°. <i>perífrases</i> ; 5°. <i>discurso relatado</i> ; 6°. <i>verbos plenos</i> ; 7°. <i>sexo</i> ; 8°. <i>determinação</i> ; 9°. <i>escolaridade</i>
<b>2.ª Rodada com <i>tempo verbal</i> e sem <i>tonicidade</i> - grupos selecionados e ordenação</b>
1°. <i>faixa etária</i> ; 2°. <i>tipo de texto</i> ; 3°. <i>discurso relatado</i> ; 4°. <i>perífrases</i> ; 5°. <i>verbos plenos</i> ; 6°. <i>tempo verbal</i> ; 7°. <i>sexo</i> ; 8°. <i>determinação</i> ; 9°. <i>escolaridade</i>

O que se pode perceber pelo exposto no Quadro 6 é que, na rodada com *tonicidade* e sem *tempo verbal*, *tonicidade* novamente é selecionada como variável quantitativamente mais relevante e *discurso reportado* sobre de 9°. para 5°. grupo de fatores selecionado - os demais grupos de fatores ocupam as mesmas posições da rodada geral tratada na Tabela 4.

No entanto, quando a rodada é feita sem a variável *tonicidade* e apenas *tempo verbal* permanece, este grupo não é mais selecionado em segundo lugar conforme rodada geral, mas sim passa a 5.º selecionado pelo programa. Nesse movimento, uma variável social, a *faixa etária*, ocupa o espaço como grupo estatisticamente mais relevante, seguida de uma variável ligada ao estilo/discurso, o *tipo de texto*. Apesar de permanecer na rodada, o *tempo verbal* cai para a 6.ª. variável selecionada pelo programa.

Essa mudança de ordenação, quando da retirada do grupo *tonicidade*, apontou uma certa sobreposição entre *tonicidade* e *tempo verbal*, uma interação compreensível, e reforça a idéia de que a prosódia é mais importante do que a concordância verbal para a seleção do pronome *a gente* nos dados analisados.

Voltando aos resultados da Tabela 4, relativos à rodada geral de variáveis, o 5°. grupo selecionado foi das *perífrases*. A maior probabilidade de aplicação de *a gente* entre as *perífrases* foi de .90 para *IR + NDO*. Uma explicação para o alto peso relativo pode estar na distribuição de dados, pois no caso de *ir + NDO*, o fato de 13 das 16 ocorrências do verbo *ir* apresentarem o tempo verbal em forma *monossilábica* (*ir*) e apenas 2 casos de *paroxítonas*

ocorrerem com *nós*, pode explicar a alta probabilidade para *a gente* (.90). Por outro lado, a explicação pode vir da *função de relevo* tratada por Travaglia (1991) no caso de *a gente* atuar com a perífrase para indicar a relevância pragmática de uma situação para um ponto de referência, caso a ser mais bem analisado.

Com os resultados das perífrases controladas é respondido ao questionamento feito se seria a perífrase *ter que + R* um contexto de favorecimento de *a gente*, sendo a resposta positiva diante do resultado de .66 de aplicação. A perífrase *ter que + R*, de acordo com Travaglia (1991), é neutra no que se refere à postura anterior do enunciador, apenas há a determinação de quem enuncia de que a situação seja realizada ou não por alguém – que pode ser o próprio enunciador -, assim, não há marcas da atitude do enunciador, o que pode ser o motivo da “escolha” pelo falante do uso de *a gente*, pois este pronome possui o traço da indeterminação.

A expressão das modalidades favorece a presença *a gente* também com a perífrase *poder + R*, o que torna importante lembrar que a perífrase *dever + R* só teve ocorrências com *a gente*, ou seja, não só *ter que + R*, mas outras perífrases de modalização se constituem contextos favorecedores de *a gente no corpus*.

O uso de *nós* é favorecido com *ir + R* e *estar + NDO* e, nesses dois casos, buscou-se maiores detalhes com o uso do CROSSTAB, que oferece o cruzamento de dados freqüenciais, para identificar contextos que poderiam dar base a esse resultado. Com o cruzamento, verificou-se que, na perífrase *ir + R* e *estar + NDO*, em ordem, 81% e 87% das formas verbais são *paroxítonos*, o que pode estar condicionando a presença de *nós*. Além disso, as ocorrências de *estar + NDO* concentram-se no *presente* (33/46/72%) , tempo verbal que não favoreceu *a gente*, conforme apresentado na mesma rodada.

A variável *verbos plenos*, selecionada como 6º. grupo mais relevante entre os dez testados na rodada geral, pelas considerações já feitas até aqui, interage linguisticamente com *tempo verbal* e *tonicidade*, mas é possível também verificar que, no Quadro 6, a retirada de *tonicidade* e *tempo verbal* não aumentaram a significatividade estatística da variável *verbos plenos*, indicando uma certa independência do grupo de fatores em relação à *tonicidade* e *tempo verbal*. O que se pode verificar nos resultados desse grupo quanto ao favorecimento de *a gente* é que o verbo *saber*, o mais relevante para a aplicação de *a gente* (.90), apresenta uso quase categórico com o pronome inovador, o que justificaria o alto peso relativo. O resultado para o fator *outros* (.65) - necessário para a codificação em razão do limite para o número de

fatores dentro do grupo - envolveu uma gama diversa de verbos e não permite observações mais objetivas.

O que se destaca nos resultados é que *morar, ter, ser e estar*, verbos *estativos*, não favoreceram *a gente*, mas sim o uso de *nós*, conforme observação inicial lançada em Tamanine (2002), porém sem informações que pudessem revelar tendência de uso junto aos dois pronomes.

Ao observar os pesos relativos entre os verbos que mais desfavoreceram *a gente*, o verbo *ter* revela contexto interessante, pois aparece com .28, ou seja, favorável ao uso de *nós* em .72, indicando uma possível divisão entre o uso dos pronomes *nós* e *a gente*: o verbo pleno *ter* é favorecido para o uso com *nós* e o uso de *a gente* é favorecido no uso das perífrases com *ter* (modais). A análise desse grupo de fatores será retomada na discussão da variável *tipo de texto*, conforme hipóteses levantadas, a partir dos resultados da Tabela 5.

Par finalizar as considerações sobre as variáveis ligadas *morfologia*, salienta-se que a *concordância verbal não foi grupo selecionado na rodada estatística*, mas a hipótese levantada para essa variável, baseada em trabalhos como de Omena (1996), Borba (1993), Seara (2000) e Lopes (2003), foi confirmada no *corpus*, haja vista a concordância com *a gente* ter sido categórica como não-marcada (*a gente vai*), não ocorrendo casos de *a gente* com *-mos* (*a gente vamos*) entre os curitibanos. No caso de *nós*, a concordância esperada (com *-mos*) foi categórica. Ressalta-se a ocorrência de um (1) caso de *nós imos*, uma forma pouco usada, até estigmatizada, mas com a presença da marca de plural, portanto com concordância<sup>69</sup>.

As ocorrências de *nós* com formas reduzidas de *proparoxítonas* para *paroxítonas* foi fenômeno não considerado como falta de concordância quando nos tempos do imperfeito do subjuntivo e do indicativo, mas como um mecanismo da própria língua para adaptar as exceções às regras - entendendo-se que a regra seria o padrão métrico das *paroxítonas*. Neste caso, o fenômeno não é considerado como falta de concordância, mas um mecanismo da própria língua para adaptar as exceções às regras, entendendo-se que a regra seria o padrão métrico das *paroxítonas*, que são maioria no PB (MASSINI-CAGLIARI, 1999). Neste

---

<sup>69</sup> Um caso de *a gente* com *-mos* e um de *nós* + 3<sup>a</sup>. *pessoa* foram encontrados, mas como havia interrupções - como pausa longa, gaguejos ou risada - entre a realização do pronome e a forma verbal, os dados não foram considerados confiáveis para a classificação.

aspecto, o *corpus* de Curitiba apresentou, entre as 954 ocorrências de *nós* como sujeito, 758 casos com a concordância esperada e 192 de redução de *proparoxítona*.

Nos casos de redução de *proparoxítona*, com verbos usados com *nós*, o que se observou nas ocorrências constatadas no ambiente dos *paralelismos binários* é que, quando o falante reduziu a *proparoxítona* na primeira ocorrência do pronome, a frequência de casos em que manteve no segmento tópico, na segunda ocorrência, o pronome *nós* e a redução foi menor (6 casos) do que quando alterou o pronome para *a gente* e manteve realização igual da forma verbal, na 3.<sup>a</sup> pessoa (24 casos). Se teria aí mais uma pista para a importância do ritmo da língua na escolha entre os pronomes e da influência da forma verbal nesse contexto? Esta questão merecerá abordagem mais detalhada no futuro, junto ao estudo detalhado dos verbos envolvidos na variação *nós/a gente* na cidade de Curitiba.

Serão tratados na Tabela 5 os resultados da rodada geral relativos aos grupos que controlaram fatores ligados ao caráter *estilo-discurso*.

TABELA 5 – Resultados probabilísticos de *nós* e de *a gente* na posição de sujeito – aplicação *a gente - agrupamento estilo-discurso - input* .64

GRUPOS DE FATORES	Aplic.	Ocor.	%	P.R.
Tipo de texto	Aplic.	Ocor.	%	P.R.
dissertação	471	689	68	.58
narração	563	1.106	51	.50
injunção	53	105	50	.40
descrição	43	184	23	.25
Determinação				
Indeterminado	368	596	62	.60
determinado	762	1.488	51	.46
Discurso reportado	Aplic.	Ocor.	%	P.R.
Discurso não-reportado	1.127	2.033	55	.51
Discurso report. inf.	1	14	7	.16
Discurso report. terceiros	2	37	5	.07

Na tabela 5, o grupo de fatores *tipo de texto* foi o 4.<sup>o</sup> selecionado na rodada estatística geral e o 1.<sup>o</sup> entre as variáveis relacionadas ao *estilo-discurso*. No grupo, o destaque para o favorecimento de *a gente* foi para o *texto dissertativo*, com peso relativo de .58. Confirmou-se a hipótese de que seria o ambiente da argumentação, nos momentos em que o falante expõe suas idéias, sua avaliação sobre coisas, pessoas e fatos, o contexto em que *a gente* seria favorecido. Acredita-se que isso se deva ao traço semântico de *indeterminação* presente em *a gente*, o que permitiria ao falante um certo “afastamento” de sua imagem pessoal ao emitir opinião, ampliando a força da idéia e influenciando a busca de maior convencimento do

interlocutor. Parece que a *dissertação* é um tipo de texto que favorece *a gente* como um pronome *menos pessoalizado* do que o uso de *a gente* em outros tipos de texto estudados na amostra.

Na busca de maiores informações sobre os resultados para *a gente* no *texto dissertativo*, foram observados alguns dados frequenciais. No caso da presença de *a gente* no *texto dissertativo*, este pronome é mais freqüente do que *nós*, seja *determinado* (72%) ou *indeterminado* (64%) e, no CROSSTAB, no cruzamento de dados entre *tipo de texto* e *verbos plenos*, se verificou que, nos *textos dissertativos*, as ocorrências com *a gente* são mais freqüentes do que com *nós* em 9 dos 11 verbos controlados, o que pode estar relacionado ao favorecimento de *a gente* na *dissertação*.

No cruzamento entre *tipo de texto* e *tempos verbais*, o *presente* e o *pretérito imperfeito* se destacaram na *dissertação*, assim como *gerúndio* e *infinitivo*, tempos verbais já apontados nos pesos relativos como favorecedores de *a gente*, exceto o *presente* (.40), outro aspecto a se considerar na interpretação dos resultados de *a gente* na *dissertação*.

Voltando aos pesos relativos da Tabela 5, o desfavorecimento de *a gente* ocorreu no *texto injuntivo* (.40) e, em maior intensidade, no *descritivo* (.25). O alto favorecimento do uso de *nós* no *texto descritivo* (se .25 para *a gente* então .75 para *nós*) pode estar relacionado ao uso de *verbos estativos*, freqüentes nesse tipo de texto e já identificados na rodada como contextos de favorecimento do uso de *nós*. No caso da *injunção*, esta parece ter maior relação com as entrevistas dos universitários e será mais bem analisada adiante.

O ponto neutro como resultado para a *narração* indicou, nesse tipo de texto, um ambiente de plena variação entre os dois pronomes na fala dos curitibanos. A *narração* foi o único *tipo de texto* que não apresentou maior especialização de uso entre os pronomes, sendo ambos de igual relevância.

É importante lembrar que, na classificação dos *tipos de texto*, se trabalhou com a *dominância* e se buscou aplicar sempre os mesmos princípios de identificação, citados agora resumidamente: o falante *narra* (situa o fazer ou o acontecer no tempo e no espaço), *descreve* (dá características do espaço, caracteriza o objeto de descrição), *disserta* (opina, reflete, faz saber abstraindo do tempo e do espaço), *injunção* (estabelece perspectiva de algo a ser feito/ou como deverá ser feito). No entanto, sabe-se da complexidade da tipologia e de suas subdivisões (descrição narradora e descrição comentadora, por exemplo) e de que o material analisado, a entrevista, constitui-se, estruturalmente, em *texto narrativo*, tipo de texto mais freqüente encontrado nos tópicos discursivos analisados (1.106 casos).

No cruzamento de dados freqüenciais – obtido via CROSSTAB – resultados próximos de 50% aparecem no cruzamento entre *tipo de texto* e os *tempos verbais* de maior freqüência no *corpus*, os tempos da narrativa: *presente*, *pretérito imperfeito* e *pretérito perfeito*.

Entre *verbos plenos e narração*, os percentuais dos 11 verbos controlados (um dos fatores é *outros*, ou seja, contemplou uma variedade de itens verbais além dos 10 mais freqüentes codificados, conforme explicado na apresentação da variável) apresentam distribuição equilibrada (não menos do que 40% e não mais do que 60% ) entre o uso de *nós* e de *a gente*.

Segundo Fuchs (1987) *apud* Travaglia (1991, p. 94), verbos como *ir/vir*, *chegar*, *levar/trazer* seriam verbos que lexicalizam uma indicação dêitica, ou seja, “faz com que sua utilização e interpretação se ligue diretamente à situação<sup>70</sup>, por exemplo, dando informações sobre a posição relativa dos interlocutores no espaço”, características que levam à relação especial com contextos narrativos. A partir do levantamento de verbos apresentado na construção da variável *tipo de verbo*, a hipótese tratada foi a de que os verbos *ir* e *sair* apresentariam maior uso com o pronome *a gente* e que estariam mais relacionados à narrativa. Isso se confirma no cruzamento da distribuição desses verbos com *tipo de texto* em relação ao pronome *a gente*, pois os dois são mais freqüentes junto à forma inovadora (*ir* – 79/138/57%; *sair* 26/38/68%).

Na *determinação* as freqüências apontam contribuições diferentes à análise dos resultados de *tipo de texto*, pois *a gente* aparece na *narração* com 72% dos casos na *indeterminação* (o percentual mais alto para *a gente indeterminador* entre os tipos de textos analisados), e na *determinação* é superado por *nós* (53%). Diferentemente do que se havia pensado, na freqüência não é na *dissertação* que *a gente* aparece na *indeterminação* com maior freqüência, mas sim na *narração*.

*Injunção* e *descrição* foram favorecedoras de *nós* na rodada nos resultados em pesos relativos, conforme anteriormente destacado na Tabela 5. Para melhor avaliar o resultado, realizou-se cruzamento entre freqüências de *tipos de texto* e *determinação*.

Nas freqüências, verificou-se que, na *descrição* - tanto na *determinação* quanto na *indeterminação do sujeito* - a distribuição foi maior para *nós* (73% na *determinação* e 83% na *indeterminação*). Nesse caso, os resultados freqüenciais permitiram uma comparação

---

<sup>70</sup> Grifo nosso.

interessante entre uso de *a gente* na *narração* e *nós* na *descrição*: na *narração* há uso freqüente de *a gente determinado* e, na *descrição*, uso de *nós indeterminado*.

Os resultados sobre o uso de *nós* na *descrição* vão ao encontro do que se postulou para os dados de Curitiba: os verbos *estativos* estariam mais relacionados ao uso de *nós* (com base em TAMANINE, 2002), e que seria no contexto da *descrição* que o uso *nós* estaria favorecido, pois, de acordo com Travaglia (2002), é o tipo de texto em que o uso de verbos *estativos* é muito recorrente.

O verbo *ter*, conforme questionamento levantado no capítulo 3, parece sim, em olhar sobre freqüência de uso, ter papel importante no uso de *nós* e na *descrição*, pois aparece com 87% de ocorrências com *nós* nesse tipo de texto em um total de 91 casos.

Todas essas informações sobre distribuição poderiam indicar uma disposição no *corpus* que indicaria um movimento para assegurar a permanência das duas formas no sistema: *a gente* avançando na *determinação* e *nós* na *indeterminação*? Seriam os *tipos de texto* condicionadores importantes para essa movimentação?

Para verificar as probabilidades de usos dos *tipos de texto* sob a ótica da *indeterminação*, realizou-se rodada com o arquivo geral de dados (cuja regra de aplicação foi a *indeterminação*). Nessa rodada, foram selecionadas 7 variáveis, apresentadas por ordem de seleção no Quadro 7.

QUADRO 7 - Resultado da rodada probabilística com dados de *nós* e de *a gente* em Curitiba – aplicação *indeterminação*

Rodada indeterminação – aplicação: indeterminação
1°. Tipo de texto; 2°. Escolaridade; 3°. Sexo; 4°. Tempo verbal; 5°. Faixa etária; 6°. Verbos plenos; 7°. Concordância verbal

Entre os resultados obtidos na rodada apresentada no quadro 7, foram destacados na Tabela 6 apenas os resultados para *tipo de texto*, a mais significativa entre as variáveis selecionadas de acordo com o programa estatístico. Entendeu-se que os resultados da variável *tipo de texto*, neste caso, seriam de interesse para levar adiante a discussão e o questionamento feitos nos parágrafos anteriores.

TABELA 6 – Resultado da rodada probabilística com dados de *nós* e de *a gente* em Curitiba aplicação *indeterminação* – variável *tipo de texto* – input .22

GRUPOS DE FATORES	Aplic.	Ocor.	%	P.R.
Tipo de texto	Aplic.	Ocor.	%	P.R.
dissertação	340	689	49	.72
descrição	64	184	35	.65
injunção	37	105	35	.57
narração	155	1.106	14	.33

Os resultados da Tabela 6 apontam a *dissertação* como tipo de texto com maior tendência à *indeterminação* do sujeito (.72), enquanto a menor probabilidade de *indeterminação* ocorre na *narração* (.33), o que confirma a hipótese de que a *dissertação* seria o *tipo de texto* em que a *indeterminação* teria maior favorecimento, e segue direção do que se discutiu sobre *a gente determinador* na *narração* e a presença de *nós indeterminador* na *descrição*, conforme anteriormente explicitado, pois a *descrição* também é favorecida pela *indeterminação* (.65).

No caso da *injunção* (.57), o peso relativo ficou pouco distante do ponto neutro, apontando este tipo de texto, na amostra, como um contexto de livre variação entre os pronomes, tanto com sentido determinador quanto indeterminador.

Portanto, confirma-se, entre os *tipos de texto*, a tendência favorável à *indeterminação* nos *textos descritivos* – maior tendência ao uso de *nós* (Tabela 5 - .25 - desfavorecedor para *a gente*, portanto .75 para *nós*) - e *determinação* no contexto dos *textos narrativos* (Tabela 6 - .33 para a *indeterminação*, portanto .67 para a *determinação*). Esses resultados precisam ser levados em conta na análise sobre a variação entre os pronomes *nós* e *a gente* como uma especialização que poderia representar um dos meios de cada pronome assegurar a sua permanência no sistema.

A fim de verificar a interferência da *descrição* nos resultados da variável *tipo de texto*, foram feitas três diferentes rodadas: uma com todos os fatores do grupo *tipo de texto*, outra somente com *narração* e *dissertação* e a terceira com *narração*, *argumentação* e *descrição* e observada a seleção e a ordem dessa seleção dos grupos de fatores. O resultado foi o seguinte, conforme Quadro 8:



QUADRO 8 - Resultado das rodadas para testagem da interferência do fator *descrição* na rodada geral dos dados de Curitiba

<b>1.<sup>a</sup> Rodada com descrição, narração, argumentação e injunção - grupos selecionados e ordenação</b>
<i>tonicidade; tempo verbal; faixa etária; tipo de texto; perífrases; tipo de verbo; sexo; determinação; discurso relatado; escolaridade</i>
<b>2.<sup>a</sup> Rodada com narração e argumentação - grupos selecionados e ordenação</b>
<i>tonicidade; tempo verbal; faixa etária; perífrases; tipo de verbo; determinação; sexo; escolaridade, discurso relatado</i>
<b>3.<sup>a</sup> Rodada com narração, descrição e argumentação - grupos selecionados e ordenação</b>
<i>tonicidade; tempo verbal; faixa etária; tipo de texto; perífrases; tipo de verbo; escolaridade, sexo; determinação; discurso relatado</i>

O que se pode perceber entre as rodadas do Quadro 8 é que em todas as rodadas as variáveis *tonicidade*, *tempo verbal* e *faixa etária* permanecem como os três grupos mais importantes. Na 1.<sup>a</sup> rodada, quando todos os tipos de texto são incluídos na rodada, a variável *tipo de texto* é selecionada na rodada. Quando retiradas *descrição* e *injunção*, na 2.<sup>a</sup> rodada, o *tipo de texto* é variável excluída pelo programa. Na 3.<sup>a</sup> rodada, incluída a *descrição* junto à *narração* e *descrição*, novamente *tipo de texto* é variável selecionada. Essa verificação permitiu que se atestasse a importância da *descrição* entre os dados analisados.

Ainda na 3.<sup>a</sup> rodada, chamou a atenção o fato de que, quando o *texto injuntivo* é o único tipo de texto excluído, a *escolaridade* “sobe” posições, ou seja, aumenta sua significância estatística.

Na verificação da relação entre *escolaridade* e *texto injuntivo*, o CROSSTAB permitiu visualizar a maior frequência de casos de *texto injuntivo* na escolaridade *secundária* (35/105/33%) e *primária* (32/105/30%), mas o número de casos é baixo quando comparado aos demais *tipos de texto*. A distribuição de ocorrências de *texto injuntivo* entre os níveis de escolaridade não apresenta grandes polarizações, a não ser a baixa frequência entre os universitários (17/105/17%). No resultado entre o cruzamento de *escolaridade* com *texto descritivo*, os destaques são para o uso de *descrição* no *secundário* (66/184/37%) e no *superior*, nível em que *descrições* não foram registradas.

Nos resultados obtidos no grupo de fatores *determinação*, verificou-se que, no fator *indeterminação*, a *gente* aparece com .60 de probabilidade de ser *indeterminado*, o que corrobora *em parte* a hipótese aqui levantada de que a forma preferida pelos falantes para uma referência mais geral, indeterminadora, seria a *gente*, já que a entrada de a *gente* na determinação também foi considerada. O interesse na verificação da *indeterminação* é reforçado por conclusão alcançada por Setti (1997), pois ao analisar formas de *indeterminação* do sujeito nas três capitais do sul, verificou que Curitiba “invaria” menos entre as 13 formas

estudadas (entre elas *nós* e *a gente*). No entanto, Setti afirma que as mulheres curitibanas apresentaram desempenho lingüístico menos conservador do que as mulheres de Porto Alegre e Florianópolis, referindo-se ao uso indeterminador de formas nominais e de *a gente*. Esse uso é confirmado nos dados ora apresentados, já que as mulheres lideram o uso de *a gente* indeterminado, conforme dados obtidos pelo cruzamento dos dados de *nós* e *a gente*, em Curitiba, na *indeterminação*, com *sexo*, *faixa etária* e *escolaridade*.

Neste cruzamento, os resultados nas frequências indicaram como maiores os índices de *a gente*, estes concentrados nas mulheres (72%), na faixa etária mais jovem (72%) e na escolaridade ginásial (75%), portanto confirmam parte do resultado de Setti, relativo ao fato de as mulheres curitibanas usarem com mais frequência *a gente*, uma forma inovadora se comparada ao uso de *nós*, como recurso de *indeterminação*.

Nos resultados sobre o uso de *a gente* na *determinação*, os resultados de Curitiba estão próximos de .50 (.46), indicando uma situação de neutralidade para o uso do pronome *a gente* no campo da *determinação*. Na amostra de Curitiba, a entrada de *a gente* na *determinação* (.46) acontece ao mesmo tempo em que a probabilidade do uso de *nós* na *indeterminação* também se aproxima do ponto neutro (.40). Resultados com a tendência do uso de *a gente* na *determinação* permitiram que, em Tamanine (2002), fosse hipotetizado que, ao ganhar espaço como referência à 1.<sup>a</sup> pessoa do plural, *a gente* poderia assumir mais características de *determinação* e, com isso, perder terreno na indicação de um agente indeterminado para outra forma, neste caso, *nós*. Em contrapartida, se o pronome *nós* apresentasse favorecimento de ocorrência em contextos indeterminadores, isso poderia sinalizar um deslocamento a fim de assegurar a sua sobrevivência no sistema. Essa situação poderia ser relacionada ao conceito de “transição” conforme Weinreich, Labov e Herzog (1968) e Labov (1994), que estabelece que a generalização de uma mudança lingüística não é uniforme e instantânea, mas implica a covariação de mudanças associadas num largo período de tempo.

A fim de verificar de maneira diferenciada o comportamento estatístico de *nós* e de *a gente* no fator *determinação*, foram realizadas duas novas rodadas: uma contou apenas com arquivo de dados de *nós* e de *a gente* com uso na *determinação* e a outra, com casos dos pronomes quando com referência *indeterminada*. A ordem de seleção dos grupos de fatores está destacada no quadro 9 e os resultados dos grupos de fatores das duas rodadas encontram-se na Tabela 14, no anexo 7.

QUADRO 9 - Resultado comparativo entre as rodadas com casos de *nós* e de *a gente* exclusivamente em contextos de *determinação* e exclusivamente de *indeterminação* nos dados de Curitiba

<b>Rodada com dados de indeterminação – aplicação <i>a gente</i> - grupos selecionados e ordenação</b>
<i>tonicidade; tipo de verbo; perífrases; tempo verbal; faixa etária; sexo; tipo de texto; discurso relatado; escolaridade</i>
<b>Rodada com dados de determinação – aplicação <i>a gente</i> - grupos selecionados e ordenação</b>
<i>tonicidade; tempo verbal; faixa etária; tipo de texto; perífrases; escolaridade; discurso relatado; tipo de verbo; sexo</i>

Quando comparados os resultados das duas rodadas, a ordem de seleção dos grupos de fatores pelo VARBRUL mostrou como resultado comum apenas a variável *tonicidade* em primeiro lugar. Nas demais variáveis selecionadas, os pesos relativos apresentaram valores interessantes, formando uma espécie de “inversão” entre os resultados dessas rodadas.

*Tipo de verbo* aparece como grupo de fatores problemático, com significância em ordem quase que oposta (2.º selecionado na *indeterminação* e 8.º na *determinação*). É possível se ter, neste resultado, uma nova pista para a relação entre os *tipos de verbo* e o uso de *nós* e de *a gente*? Essa relação residiria na questão da *determinação*, além da *questão prosódica*?

Nas variáveis sociais, chamaram a atenção para o uso de *a gente* os resultados das variáveis *sexo*, mais importante na *indeterminação* (mulheres à frente do uso da forma inovadora); e da *escolaridade*, mais significativa na *determinação* com o uso de *nós* pelo primário (.62 de favorecimento de *nós*) e o uso de *a gente* pelo secundário (.64 para uso de *a gente*).

Nos dados de *determinação*, o peso relativo para o uso de *a gente* no texto dissertativo foi maior (.65) do que o uso de *nós*, ou seja, mesmo na *determinação* o uso de *a gente* é favorecido no texto dissertativo, que a princípio se considerou contexto favorecedor do uso de pronomes indeterminadores. Na rodada com dados de *indeterminação* o favorecimento para *a gente* é mais leve (.53), indicando probabilidade significativa da presença de *nós* na *indeterminação*, neste tipo de texto.

Na *indeterminação*, entre *nós* e *a gente*, o peso é maior para uso de *a gente* na narração, com peso relativo de .64 e *nós* avança no *texto descritivo*, com favorecimento de .86.

Nesse comparativo, também se pode verificar que os verbos *sair*, *saber* e *morar* não tiveram ocorrências na indeterminação, ou seja, caracterizaram-se no *corpus* como verbos utilizados apenas em contextos determinados, o mesmo ocorrendo com as perífrases *ir + NDO* e *ter + NDO*. *Ter que + R* aparece na *determinação*, com .78 de favorecimento para uso de *a gente*, confirmando a especialização do pronome inovador com essa perífrase na amostra analisada.

O que se pode hipotetizar é que, a partir do contraste dessas rodadas, o comportamento entre as duas variáveis tem nuances ainda mais interessantes a partir da verificação distinta da concorrência dentro dos contextos de *determinação* e de *indeterminação*. Reforça-se, então, que a afirmação de que *nós* se movimentou com maior intensidade para o campo da indeterminação em razão da concorrência provocada pela entrada de *a gente* no sistema pronominal dependeria de um estudo diacrônico sobre o uso do pronome *nós* para verificar, através do tempo, suas características determinadoras ou indeterminadoras, o que forneceria subsídios para avaliar a real dimensão desse deslocamento.

Retorna-se agora aos resultados da Tabela 5. Na variável *discurso relatado*, 9.º grupo selecionado, o *discurso não-relatado* apresentou peso relativo de .51, ou seja, no ponto neutro, o que significa que o uso está em livre variação com relação aos pronomes *nós* e *a gente*.

No caso do *discurso relatado do próprio informante* (.16) e *de terceiros* (.07) os resultados favoreceram de maneira acentuada o uso de *nós*, mostrando a importância dessa variável neste estudo, pois em contextos mais marcados, quando o falante curitibano monitora a fala, é o uso de *nós* que prevalece. Assim, o *discurso relatado* é contexto de especialização do uso de *nós* no *corpus*.

O resultado da variável *discurso relatado* aponta direcionamento oposto, por exemplo, ao encontrado por Borges (2004), em que *a gente* com referente específico foi o pronome favorecido nos momentos de discurso reportado, base de nossa hipótese que, nos dados de Curitiba, foi refutada.

A Tabela 7 apresenta os resultados da rodada geral, na ordem de importância, das variáveis sociais selecionadas. Na análise dos resultados expostos na Tabela 7, se considerou interessante fazer menção dos resultados de Setti (1997), Seara (2000) e Zilles (2002), em razão de serem trabalhos que envolveram dados do VARSUL das três capitais: Curitiba, Florianópolis e Porto Alegre. No entanto, salienta-se que as análises desses trabalhos ou diferem em número de entrevistas; ou, no caso de Setti (1997), no foco da abordagem de *nós*

e de *a gente*; ou nos fatores incluídos na *faixa etária*; ou nas escolaridades envolvidas quando se trata da comparação às variáveis sociais consideradas nesta investigação, portanto não há condição para cotejos integrais.

TABELA 7 – Resultados probabilísticos de *nós* e de *a gente* na posição de sujeito – aplicação *a gente* - *variáveis sociais* - *input* .64

GRUPOS DE FATORES	Aplic.	Ocor.	%	P.R.
Faixa etária				
Mais jovens	666	946	70	<b>.70</b>
Mais velhos	464	1138	41	.33
Sexo	Aplic.	Ocor.	%	P.R.
Fem	735	1266	58	.55
Masc.	395	818	48	.42
Escolaridade				
Secundário	364	578	63	.57
Superior	224	489	46	.49
Ginásio	294	538	55	.49
Primário	248	479	52	.43

Em relação à *faixa etária*, é possível observar que a probabilidade de aplicação do pronome *a gente* favoreceu a faixa etária mais jovem, um possível indício da mudança em tempo aparente. Uma das hipóteses levantadas nesta pesquisa foi de que, entre os fatores sociais previstos, seria a *faixa etária* o que mais condicionaria a alternância de formas. Essa hipótese foi corroborada ao observar a atuação da faixa etária como grupo de fatores mais importante para o condicionamento da alternância, selecionado em 3º lugar e no peso relativo apresentado (.70), maior do que duas vezes o resultado para os mais velhos (.33).

Em Seara (2000), com dados de Florianópolis o resultado foi de .51 para o uso de *a gente* entre os *mais jovens* e .40 para *mais velhos*. Em Porto Alegre, na pesquisa de Zilles (2002), o resultado foi de .65 para *a gente* entre os *mais jovens* e .40 para os *mais velhos*. Esses resultados na variável *faixa etária* apontam para o favorecimento da mudança para *a gente* nas capitais citadas. Tal configuração de dados também foi encontrada em Curitiba, com os *mais jovens* à frente da mudança.

O 7º. grupo selecionado foi *sexo*, com as mulheres favorecendo o uso de *a gente* em apenas 5 pontos acima do ponto neutro (.55). Porém, quando comparados os pesos entre os sexos, a diferença entre homens e mulheres é de 13 pontos a favor do uso de *a gente* pelas mulheres, resultado importante para atestar a liderança das mulheres no uso da forma inovadora.

A probabilidade mais alta de uso da forma inovadora pelas mulheres vem ao encontro da hipótese formulada sobre o fator *sexo*: seriam as mulheres curitibanas que apresentariam a maior probabilidade de uso de *a gente*. Se for adotada como verdadeira a afirmação de que as mulheres têm uma tendência mais conservadora em relação ao uso de formas lingüísticas estigmatizadas (LABOV, 1990), os resultados apontam para *a gente* como forma não marcada socialmente na fala dos curitibanos, atestando no *corpus* que “as mulheres aceitam mais a inovação do que os homens” e que, se as mulheres estão à frente da mudança, a forma é prestigiada socialmente (MONTEIRO, 1994, p. 50).

Os resultados de Seara (2000), com .66 de probabilidade do uso de *a gente* em Florianópolis pelas mulheres; Zilles (2002) em Porto Alegre, onde as mulheres lideram a mudança com .56; e Setti (1997), em dados das três capitais do sul do país, com .63 para uso de *a gente* pelas mulheres, possibilitam concluir, grosso modo, que as mulheres apresentam-se à frente da mudança nas três capitais do sul do país.

Ao serem cruzadas as freqüências *sexo* e *faixa etária*, se verificou que as mulheres mais jovens apresentam o maior uso de *a gente* (81%); entre *sexo* e *determinação*, as mulheres são as que mais usam *a gente* indeterminado (72%).

A seleção do fator *escolaridade* se deu em 10º lugar, o último grupo de variáveis significativo na rodada que envolveu os dados do arquivo geral de Curitiba. Os pesos entre os fatores apresentaram diferença pouco significativa, não ultrapassando 8 pontos, mas é a escolaridade *secundária* (o “colegial”) que apresenta peso acima de .50 (.57) a favor do pronome inovador, e o *primário* como escolaridade que mais favorece o uso de *nós* (.43).

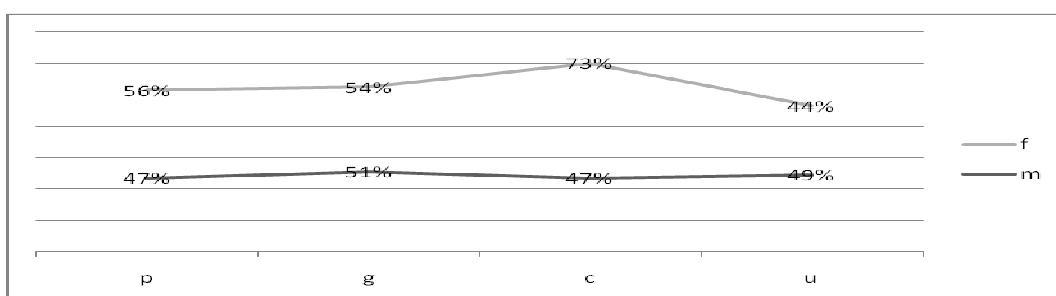
Esse resultado contraria uma expectativa lógica de que, à medida que a escolaridade do falante aumentasse, aumentaria também o uso de *nós* – forma reforçada pelo ensino formal dos pronomes pessoais - e não aumentaria o uso de *a gente* que, como visto na seção 1.3, não consta da lista dos pronomes da maioria das gramáticas e dicionários verificados.

No entanto, os pesos relativos alcançados não evidenciaram diferenças - de forma mais significativa - que pudessem atestar que a maior escolaridade implicaria em menor uso de *a gente*. O que se pode ver é o oposto: os falantes de menor escolaridade usam menos *a gente* do que os falantes mais escolarizados da amostra.

Novamente com o auxílio do CROSSTAB, realizou-se cruzamento entre fatores sociais para dar mais informações sobre a distribuição (em freqüência) das variáveis sociais no *corpus*. Cruzando as variáveis *sexo* e *escolaridade*, destacou-se o uso de *a gente* (73%) no *secundário* pelas mulheres, com queda acentuada entre esta escolaridade e a *superior*, no

mesmo *sexo*, com 44%. Entre os homens, a distribuição de *a gente* é regular entre todas as escolaridades, conforme mostra o Gráfico 3.

GRÁFICO 3 – Percentuais da distribuição de *nós* e de *a gente* na posição de sujeito entre *sexo* e *escolaridade*



O resultado de 44% para *a gente* na escolaridade *superior* pode se dever à entrevista de informante do sexo feminino que apresenta alto número de ocorrências de *nós* quando em contraste com os demais informantes da mesma escolaridade. Se este fato não ocorresse, o percentual de uso de *a gente* no *superior* não decresceria tanto, pois ao diminuir as ocorrências de *nós* dessa informante de 110 para 50, uma média entre as ocorrências de *nós* na escolaridade *superior*, os percentuais de distribuição seriam diferentes (51% *a gente* e 49% *nós*), o que interferiria no cruzamento com o fator *sexo*, aumentando o percentual de 44%. Mesmo assim, a maior frequência para *a gente* no *secundário* permaneceria.

O que poderia ser fator interveniente neste caso que, como já dito, não apresenta relação direta com o ensino escolar? A gíria, conforme supôs Omena (1996)? Acredita-se que não, haja vista os entrevistados não estarem mais na adolescência, época em que frequentaram o “colegial” (secundário). Seria então o ingresso no mercado de trabalho? Se fosse mercado de trabalho, o uso de *nós* não deveria ser o mais favorecido por “marcar” um perfil mais educado, polido? Ou seria a característica mais colaborativa, de sentimento de grupo - que se apregoa existir entre as mulheres - que as levariam a usar um pronome menos individualizador, como *a gente*? São perguntas que, para serem respondidas adequadamente, mereceriam estudos em áreas como a etnografia da fala e a sociologia, aqui não contemplados.

Em cruzamento entre as freqüências apresentadas em *escolaridade* e *tipo de verbo*, entre *ter* e *ir*, os mais freqüentes da amostra, o verbo *ter* foi o que mais ocorreu com *nós* em todas as escolaridades (acima de 58%), mas destaca-se o alto número de freqüência de ocorrências entre os universitários (83%). O verbo *ir* só é mais freqüente com *nós* no *primário* (62%). Destacam-se, ainda, o verbo *ver*, com maior número de casos de *a gente* em todas as escolaridades (acima de 79%) e, da mesma forma, o verbo *saber* (acima de 88%).

Com as *perífrases*, as escolaridades *primária* (74%) e *superior* (75%) se destacam no uso de *nós* nas perífrases de futuro *ir* + *R*, um dos redutos do uso de *nós* na escolaridade mais baixa da amostra. Na perífrase de modalização *ter que* + *R*, as escolaridades *primário*, *ginásio* e *secundário* se destacaram no uso com *a gente* (acima de 64%), reforçando a perspectiva da especialização de *a gente* na modalização. A escolaridade *superior* usa mais a perífrase com *nós* (62%), mas, como já salientado, há entrevistas entre os universitários com padrão diferenciado das demais entrevistas do *corpus* em razão dos assuntos tratados entre informante e entrevistador; portanto este “desvio” deve merecer atenção quando da análise de resultados deste nível de escolarização<sup>71</sup>.

Entre *escolaridade* e *tipo de texto*, no *primário* se destaca a *narração* com *a gente* (64%); todas as escolaridades, exceto a *superior* (48%), usam *a gente* na *dissertação* com maior freqüência (acima de 67%); e, na *descrição*, é o uso de *nós* que sobressai em todas as escolaridades, exceto na *superior*, em que não ocorrem casos de *descrição*, conforme já relatado.

Em Seara (2000), os resultados do grupo de fatores *escolaridade* indicaram resultado muito próximo ao obtido em Curitiba, com a maior probabilidade de aplicação de *a gente*, .56, para o *colegial* (tratado aqui como *secundário*), contraposto pela autora ao *primário*, com .46.

Nos resultados apresentados por Zilles (2002) na variável *escolaridade*, há tendência de aumento de *a gente* quando posta em contraste a escolaridade *primária* contra as demais escolaridades nos dados de Porto Alegre: .31 para *a gente* no *primário* e resultados muito próximos entre os demais níveis; .55 para o *ginásio*, .54 para o 2º. grau e .53 para universitários.

---

<sup>71</sup> Ver discussão de Menon (1996a) sobre problemática de desvio de padrão ou falta de padrão no controle da coleta de dados orais que acaba por prejudicar a análise de regras variáveis.



No panorama da indeterminação do sujeito nas três capitais do sul feito por Setti (1997), sob a ótica da variável *escolarização*, a autora obteve em rodada com o programa TVARB (porque Setti tem como variável dependente as três capitais do Sul), envolvendo as variantes de *indeterminação* por ela estudadas, no caso de *a gente*, os pesos relativos: .434 no primário, .269 no ginásio e .297 no secundário. No entanto, *nós* apareceu com os pesos relativos mais altos no ginásio (.419) e no secundário (.379), ou seja, as tendências apontadas sobre o uso dos dois pronomes apresentaram-se bastante dessemelhantes aos demais resultados sobre escolaridade nos estudos feitos com dados das capitais, como de Seara (2000) e de Zilles (2002).

Diante dos resultados obtidos em Curitiba, da aparente pouca interferência da escolaridade entre o uso de *nós* e de *a gente* e, por outro lado, do entendimento já comentado de que a exposição à língua culta não se faz somente na escola, se poderia concluir que *a gente* já pertence à fala culta e, por essa identificação (mostrada nas EF do NURC, por Menon (1994), por exemplo), não sofre estigma social, mesmo que não conste dos livros didáticos, das gramáticas e até dos dicionários, conforme verificado na seção 1.3.

A discussão da Tabela 7 se encerra aqui, assim como a apresentação e discussão de dados relativos à rodada geral dos dados de Curitiba. Na seqüência, o trabalho tratará de dados em paralelismos, excluídos da rodada geral, mas com os quais se realizaram rodadas específicas, conforme será tratado na seção 4.3.

#### **4.3 Resultados da rodada com os pronomes *nós* e *a gente* em paralelismo**

Com o objetivo de testar as ocorrências de *nós* e de *a gente* exclusivamente em contexto de paralelismos - como apresentado no Gráfico 1, o maior contexto de ocorrência dos pronomes no *corpus* (67%) quando comparado às ocorrências isoladas (33%) - foram efetuadas rodadas diferenciadas, conforme será explicado nesta seção. Os dados registrados em ambiente de paralelismos *binário*, *ternário* e *eneário* somaram 1.306 ocorrências, divididas em 680 ocorrências de *a gente* e 626 de *nós*. Cabe lembrar que a codificação feita para os paralelismos deve ser lida da seguinte maneira: em ocorrências *binárias*, 1 caso corresponde a dois pronomes (dois dados na soma geral de *nós* e de *a gente*); em *ternárias*, 1 caso corresponde a três pronomes. Nos paralelismos *eneários*, um caso pode contemplar 4 ou mais pronomes.

Entre as formas *nós* e *a gente* ocorridas em *paralelismo*, conforme apresentado no Gráfico 1, os casos de *paralelismo pronominal binário* foram os mais recorrentes, e, dentre os fatores controlados neste *paralelismo*, foi o *paralelismo de formas iguais* que apresentou o maior número de ocorrências com *a gente* - foram 141 ocorrências em 280 casos (50%) - e com *nós* foram 92 casos em 280 (33%).

A mesma recorrência de formas iguais em *paralelismo* aconteceu nos *paralelismos ternários* e *eneários*: nos *ternários* foram 51 ocorrências em 119 casos para *a gente* (43%) e 33 em 119 para *nós* (28%); nos *eneários* foi encontrado o total de 84 ocorrências, destas 30 foram de *paralelismo de pronomes iguais* com *nós* (36%), e 12 ocorreram com *a gente* (14%).

Para a rodada estatística, o *paralelismo eneário* foi amalgamado ao *paralelismo ternário* em razão da pulverização de codificações ocasionada pela diversidade de número de pronomes em *paralelismo* quando além de três (de quatro até nove pronomes em *paralelismo* em um segmento discursivo). Também contribuiu para o problema o controle do tipo de *seqüência mista* (se começa com *a gente*, muda para *nós*, permanece com *nós*, muda para *a gente* ou vice-versa), pois essa pulverização de possibilidades na codificação resultou em muitos nocautes e dificultou o controle do grupo, conforme o padrão escolhido para *paralelismos binários* e *ternários*. Mesmo com a junção dos dados em *paralelismo eneário* aos casos de *paralelismo ternário*, foi possível identificar os *eneários* (quatro ou mais pronomes em seqüência) porque foi estipulada uma codificação diferenciada que permitiu distingui-los, exceto pela *concordância formal*, outro fator controlado em *paralelismos* conforme apresentado na metodologia.

Como já explicado, em relação à variável dependente *nós/a gente*, os *paralelismos* apresentaram muitos nocautes, o que impossibilitou a rodada sem amalgamar fatores; então se considerou nas rodadas a distinção entre *pronomes paralelos iguais* e *pronomes paralelos diferentes*. A amalgamação foi feita dessa forma para se avaliar qual a probabilidade de o informante manter ou alternar formas a partir da primeira escolha em um segmento tópico, saber qual seria o pronome com maior tendência de realização nesse contexto e quais outras variáveis apareceriam como relevantes para o uso de *nós* e de *a gente* nos *paralelismos*.

Entre as rodadas feitas, serão destacados os resultados de três delas, consideradas como as mais interessantes em relação às hipóteses levantadas: a 1.<sup>a</sup> teve como variável dependente *nós* e *a gente*; a 2.<sup>a</sup> rodada teve como variável dependente os *paralelismos binários*; e na 3.<sup>a</sup> rodada foram tratados como variável dependente os *paralelismos ternários* e *eneários* (amalgamados).

Na 1.<sup>a</sup> rodada, em que só os dados dos paralelismos foram envolvidos, a ordem de seleção dos fatores foi um pouco diferente da rodada geral (Tabelas 4, 5 e 7), na qual os paralelismos não foram incluídos, conforme é possível verificar no Quadro 10.

QUADRO 10 - Resultado da rodada geral sem paralelismos X resultado da 1.<sup>a</sup> rodada geral com paralelismos nos dados de Curitiba

<b>Rodada geral sem paralelismos Tabelas 4, 5 e 7) - grupos selecionados e ordenação - input .64 – aplicação a gente</b>
<i>tonicidade; tempo verbal; faixa etária; tipo de texto; perífrases; tipo de verbo; sexo; determinação; discurso relatado; escolaridade</i>
<b>Rodada geral com paralelismos - grupos selecionados e ordenação – input .48 - aplicação a gente</b>
<i>tonicidade; tempo verbal; tipo de verbo; faixa etária; perífrases; tipo de texto; sexo; escolaridade; determinação</i>

Entre as duas rodadas, como os resultados de seleção e ordem de fatores foram praticamente iguais, o destaque será feito apenas para os resultados que se apresentaram diferentes da rodada com os paralelismos.

Com a inclusão dos paralelismos, *tipo de verbo* “subiu” de 6.<sup>o</sup> para 3.<sup>o</sup> terceiro lugar na seleção matemática, marcando a importância dessa variável lingüística sobre a variável social *faixa etária* (sem paralelismos, a variável selecionada em 3.<sup>o</sup> lugar na rodada foi *faixa etária*).

Entre os verbos controlados, favoreceram *a gente* o rol de verbos, codificado como *outros*, com .68 e o verbo *sair*, com .62. *Outros* é um fator que recebeu diferentes tipos de verbo (todos além dos outros 10 controlados ) e, considerando que passam de 100 verbos diferentes (conforme Tabela 12, no Anexo 5), o fator não oferece condições de interpretação clara desse resultado de tendência. Será preciso análise mais detalhada dos verbos que compõem o fator para oferecer maiores explicações.

Nas *perífrases*, novamente é o rol de casos, fator codificado como *outros*, que aparece com maior probabilidade de aplicação com *a gente* (.80), reforçando então a necessidade de melhor averiguação dos casos de perífrases que constituíram o fator para esclarecimento das motivações relacionadas. Com a menor probabilidade de aplicação se apresentou a *perífrase de futuro ir + R*, com .23.

Quanto à *escolaridade*, esta passou à frente da *determinação* na ordem de seleção, mas os resultados dos pesos relativos são apenas levemente superiores aos valores apresentados na rodada sem paralelismos, alterando a ordem para *secundário* (.60), *ginásio* (.51), *superior* (.47) e *primário* (.40), ou seja, *superior* e *ginásio* trocam de posição.

Portanto, é nos *verbos* e *perífrases* que a diferença entre as rodadas com e sem paralelismos se destaca, pois na rodada com paralelismos, essas variáveis são consideradas mais relevantes pelo programa estatístico, indicando, talvez, o que Scherre (1992), Amaral (2003) e Borges (2004) observam sobre esse tipo de contexto: há mais do que repetição mecânica de formas, há uma continuidade apoiada no discurso, uma busca de coesão e de harmonia discursiva e, aparentemente uma busca de harmonia prosódica que aproxima este ou aquele pronome deste ou daquele verbo de maneira não-aleatória.

Na 2.<sup>a</sup> rodada, que considerou como variável dependente o *paralelismo binário*, o resultado foi interessante: entre 11 variáveis, apenas a *faixa etária* foi selecionada pelo programa como significativa. No *paralelismo de formas iguais*, o peso relativo de .62 favoreceu a aplicação de *a gente* na *faixa etária mais jovem*, o que atesta a tendência já apontada na rodada geral para o uso da forma inovadora. No ambiente do paralelismo, esta tendência é evidenciada em contexto de uso ainda mais intenso, já que o pronome *a gente* é repetido duas vezes no mesmo segmento tópico, reforçando a hipótese de possível mudança em curso a favor de *a gente*.

O peso relativo de .37 para *formas iguais* entre os *mais velhos* equivale ao peso relativo de .63 a favor da aplicação em *paralelismos de formas diferentes*, ou seja, os informantes da *faixa etária mais velha* são os que mais alternam *nós* e *a gente* quando em *paralelismo binário*, resultado que pode ser relacionado ao que já se verificou na rodada geral, no que se refere às variáveis sociais. Naquele resultado, foram os homens da *faixa etária mais velha* e com *escolaridade primária* que apresentaram maior tendência para o uso de *nós* e poderiam ser motivadores desse resultado de tendência favorável à alternância entre *nós* e *a gente* - na questão da presença de *nós* (cabe lembrar que, na rodada geral, os *paralelismos* não foram incluídos, mas os dados que compõem os *paralelismos* permaneceram na análise).

A fim de verificar se as freqüências seguiriam na mesma direção do resultado sobre a *faixa etária* na 2.<sup>a</sup> rodada, foi realizado cruzamento entre as freqüências de *paralelismo binário de formas iguais* X *paralelismos de formas diferentes* e *faixa etária*. Os resultados foram, na *faixa etária mais jovem*, de 74% para *a gente* em *paralelismos iguais* (uso de *a gente*) e de 67% para *a gente* nos *paralelismos de formas diferentes*. Na *faixa etária mais velha*, nas duas formas de paralelismo, o percentual é maior para *nós*: 57% para *paralelismo de formas iguais* (uso de *nós*) e 56% para *paralelismo de formas diferentes*.

No cruzamento dos paralelismos com *sexo*, foram as *mulheres* que usam mais *a gente* nos *paralelismo de formas iguais* (68%) e os *homens* usaram mais *a gente* no *paralelismo de formas diferentes*.

Diante desses resultados, o que se pode atestar de forma mais segura é que os resultados no ambiente dos *paralelismos binários* se alinham aos resultados de tendência já apresentados que apontaram o uso de *a gente* pelos *mais jovens* e pelas *mulheres* nos dados de Curitiba.

A 3.<sup>a</sup> rodada feita com dados de paralelismo teve como variável dependente o *paralelismo ternário e eneário (amalgamados) de formas iguais X paralelismo ternário e eneário (amalgamados) de formas diferentes* e a aplicação foi o *paralelismo ternário e eneário de formas iguais*. Novamente o resultado foi inesperado, pois no *step-up* (nível da análise que calcula a probabilidade de cada grupo de fatores separadamente - adicionando-os um a um – até que o grupo mais significativo para a escolha das variantes seja selecionado) o grupo selecionado foi *tipo de texto*, com .84 para textos *injuntivos*, .66 para *dissertação*, .59 para *descrição* e .39 para *narração*; e, no *step down* (faz o processo contrário do *step-up*, retirando um a um os grupos da análise), *tipo de texto* foi o grupo excluído e apenas *tempo verbal* permaneceu como significativo, com .65 para o *presente*, .50 para o *infinitivo*, .43 para o *pretérito imperfeito do indicativo* e .33 para o *pretérito perfeito do indicativo*.

Esse tipo de problema em uma rodada, segundo Guy e Zilles (2007), deve ser tratado pelo pesquisador “como indicação da significância marginal dos grupos em questão” (idem, p. 167), sugerindo a realização de cruzamentos entre os grupos que se destacaram e/ou “investigar resoluções da sobreposição”, pela combinação em um único fator dos dois grupos.

Seguindo essa orientação, foi realizado o cruzamento entre *tipos de texto* e *tempos verbais* e se verificou que, no tempo *presente*, se destacou o *paralelismo de formas iguais* com 86% na *dissertação* e com 60% na *descrição*; no *infinitivo* também são maiores os percentuais para *formas iguais*, com 78% na *descrição* e 57% na *dissertação*; no *pretérito imperfeito*, o maior percentual ocorre na *dissertação* para *formas diferentes* (57%); para *formas iguais*, o maior percentual no *pretérito imperfeito* ocorre na *descrição* (78%) e, por fim, no *pretérito perfeito*, o destaque foi para *formas iguais* na *dissertação* (67%).

Em geral, nas frequências observadas, é a manutenção das mesmas formas pronominais nos paralelismos *ternário* e *eneário* que se apresenta como mais freqüente, assim, se o falante começa o segmento discursivo usando *a gente*, é mais recorrente a situação em que é mantida a mesma forma pronominal.

Percebeu-se, pelo contato com as entrevistas de Curitiba e por meio da análise dos dados, que a maior frequência da manutenção da mesma forma pronominal nos paralelismos investigados se dá pela atuação de vários elementos: a) o assunto; b) os referentes; c) o estilo; d) o tipo de texto e, em especial; e) a harmonia prosódica.

Entre fatores que se destacaram nos paralelismos, a *dissertação* é o tipo de texto que mais apresenta paralelismos de formas iguais entre os condicionantes testados, com destaque desse paralelismo em todos os tempos verbais selecionados, exceto no *pretérito imperfeito*, único tempo verbal em que se destaca o paralelismo de formas diferentes (pela maior frequência). O *pretérito imperfeito* está relacionado, no *corpus*, com o uso de *nós*, assim como o fenômeno de redução das *proparoxítonas*, que poderia ser um “facilitador” da alternância entre *nós* e *a gente* na fala do informante por não causar “perda” da harmonia prosódica (sem desconsiderar todos os outros fatores que podem operar nos paralelismos para a manutenção de pronomes).

A *descrição* foi outro fator de destaque nos *paralelismos ternários* e *eneários*. Em razão de ter sido verificada a relação desse *tipo de texto* com o uso de *nós*, retoma-se o questionamento sobre a razão da forte presença de *nós* nos *paralelismos eneários* feito na apresentação do Gráfico 1. Como motivador dessa relação, sugere-se existir uma soma de resultados de distribuição no *corpus* para compor uma possível resposta.

Defende-se que *os paralelismos eneários* apresentaram maior frequência do uso de *nós* (63%) em grande parte por causa da ocorrência de *textos descritivos*. Essa resposta pode chance de ser verdadeira porque: a) o *texto descritivo* teve percentuais mais altos para *formas paralelas iguais*, no *presente*, nos resultados que só envolveram os dados de *paralelismos ternários + eneários*; b) o *presente* favoreceu o uso de *nós* no *corpus* (ver Tabela 4) e o *texto descritivo* apresentou o maior número de ocorrências no *presente* (99); c) em *textos descritivos*, o verbo de maior frequência foi *ter*, usado no *corpus* majoritariamente com *nós* (87%) e com percentual de 71% no *presente* e, finalmente, d) dentre o verbos controlados nos *paralelismos eneários*, o verbo *ter* foi o mais frequente (73 casos).

Assim, a apresentação dos dados no *corpus* permite concluir que o alto número de ocorrências de *nós* esteja nos *paralelismos eneários*, concentrado em *textos descritivos* que apresentam, entre outros verbos estativos, ocorrências mais frequentes do verbo *ter*. A relação existe, será preciso investigar melhor se causam efeito em resultados de aplicação da regra.

Sobre a apresentação dos resultados das rodadas com paralelismos, torna-se importante frisar – novamente – que, na apresentação geral do *corpus*, os pronomes em

*paralelismo* representaram 67% (1.307/2084) das ocorrências dos pronomes *nós/a gente*, ou seja, na distribuição quase chegam ao dobro das ocorrências isoladas; portanto, possuem importância como contexto diferenciado na análise dos pronomes em estudo.

O que se pode ver nos dados é que o *paralelismo* se configura em contexto importante para o estudo da variação por uma série de razões (relações) que vão além da presença duplicada ou triplicada do mesmo pronome, no mesmo segmento tópico, pois há uma “cadeia” estrutural e tópica (assunto) atuando no *paralelismo*.

Conforme postulado, verificou-se que há valor explicativo no *paralelismo*, além do aspecto da mera repetição de pronomes, para o estudo da variação entre *nós* e *a gente* e se destaca que a variável deve merecer refinamento em sua constituição a fim de melhor captar o sentido de *seqüência* (cf. AMARAL, 2003) e otimizar, dessa forma, análises futuras.

Finaliza-se a apresentação dos dados de *nós* e de *a gente* em *paralelismos* para tratar de outra variável considerada nesta investigação; a redução fonética de *a gente*, um processo de gramaticalização em andamento, conforme discutido por Menon (1995, 1996), Zilles (2002) e Borges (2004), cujos resultados serão apresentados no subtítulo 4.4.

#### **4.4 Resultados da distribuição entre as variantes da realização fonética de *a gente* no corpus de Curitiba**

Conforme estudo proposto nos dados de Curitiba sobre a gramaticalização de *a gente*, em específico no que tange à variação entre realizações fonéticas do pronome inovador, nesta seção serão tratados os resultados da realização de *a gente* na *forma plena* e nas *formas reduzidas* encontrados na amostra. Todos os casos analisados estavam na função sintática de sujeito, de acordo com Zilles (2002), a posição sintática preferencial neste estágio da mudança.

As realizações reduzidas encontradas nos dados de *a gente* foram sete: *gente/ a gen/ gen/ a hente/ a ‘ente/ ‘ente/ ‘te*. Para o levantamento, conforme já tratado na seção 1.2, levou-se em conta a divisão feita por Zilles (2002, p. 305) para duas variantes, conforme exposto no Quadro 11.

QUADRO 11 – Variantes consideradas na rodada com dados de redução fonética de *a gente* nos dados de Curitiba

<b>Variante 1 = <i>a gente</i> - com fricativa ou aspirada em todas as realizações</b>				
<i>a gente</i>	<i>gente</i>	<i>agen</i>	<i>gen</i>	<i>a hente</i>
<b>Variante 2 = <i>a 'ente</i> – sem a fricativa em todas as realizações</b>				
<i>a 'ente</i>	<i>'ente</i>	<i>'en</i>	<i>'te</i>	

Do total de 1.289 dados analisados por Zilles (2002) sobre realização fonética de *a gente* na posição de sujeito, 15% (198/1.289) foram *formas reduzidas* e 85% da *forma plena* (1.090/1.289). Houve apenas um caso de *a hente*.

Nos 1.085 dados de *a gente* (expressos) analisados em Curitiba, 85% (923/1.085) foram formas da *variante 1*, conforme definido por Zilles (2002): *a gente /gente /a gen /gen/ a hente*. Entre as realizações da *variante 1*, as ocorrências da realização plena *a gente* constituíram expressiva maioria, representando 80% (863/1.085) dos dados. Quanto às formas reduzidas da *variante 2*, nenhum caso de *'en* foi encontrado e apenas 3 casos de *a hente* ocorreram. A distribuição geral, em número de ocorrências encontradas em cada tipo de realização analisada, pode ser vista na Tabela 3, no Anexo 2. Na Tabela 8, as realizações de *a gente* são apresentadas na distribuição entre as variáveis sociais.

TABELA 8 – Resultados absolutos e freqüenciais das realizações de *a gente* no corpus de Curitiba entre as *variáveis sociais* – total 1.085

REALIZAÇÕES DE A GENTE	a gente	gente	a gen	ge	a hente	a 'ente	'ente	'te	TOTAL
<b>GRUPOS DE FATORES</b>									
Faixa etária	N/%	N/%	N/%	N/%	N/%	N/%	N/%	N/%	N
mais jovens	496/78	30/5	5/0	1/0	3/0	75/12	27/4	4/1	641
mais velhos	367/83	18/4	2/0	1/0	0/0	32/7	20/5	4/1	444
Sexo									
Fem	587/83	31/4	5/0	2/0	0/0	58/8	22/3	6/1	711
masc.	276/74	17/5	2/1	0/0	3/1	49/13	25/7	2/1	374
Escolaridade									
primário	181/77	19/8	2/1	2/1	0/0	14/6	15/6	2/1	235
Ginásio	241/85	10/4	2/0	0/0	0/0	22/8	8/3	3/1	286
Secundário	253/74	14/4	3/1	0/0	0/0	48/14	19/6	3/1	340
Superior	188/84	5/2	0/0	0/0	3/1	23/10	5/2	0/0	224
Total reduzidas		48	7	2	3	107	47	8	1.085
Total geral	863/80	222/20							
Total por variante	Variante 1 = 923/85%				Variante 2 = 162/15%				



Destacou-se freqüencialmente, no agrupamento das *formas reduzidas*, a realização *a 'ente*, com 10% do total das 1.085 ocorrências (107/1.085/10%). Dos 107 casos de *a 'ente*, se agrupadas as escolaridades *primário* e *ginásio* como uma categoria e *secundário* e *superior* como outra, verifica-se que a freqüência de ocorrências dobra conforme aumenta a escolaridade: 36 casos para *primário* e *ginásio* e 71 casos para *secundário* e *superior*, ou seja, o uso de *a 'ente* aumenta conforme aumenta o nível de escolaridade.

Entre *mulheres e homens*, a distribuição é aproximada (58 casos entre *mulheres* e 49 entre os *homens*). Já na *faixa etária*, são os mais jovens que apresentam o maior número de realizações de *a 'ente* (75 casos).

Ao se pensar sob a perspectiva de que a redução é um avanço na gramaticalização de *a gente*, ou seja, uma inovação nesse processo, os resultados para *a 'ente* como (nova) forma inovadora são importantes, pois é a realização reduzida com freqüência mais expressiva na Variante 2, à frente do uso de *a 'ente* estão as mulheres, os mais jovens e aqueles com maior escolaridade.

Essa distribuição segue a mesma linha da forma plena *a gente* no *corpus*, e pode ser discutida na seguinte direção: se as mulheres, consideradas como mais conscientes em relação ao crivo social sobre as formas lingüísticas, usam mais *a 'ente*; se o uso de *a 'ente* como forma inovadora ocorre entre os mais jovens e esse fato (uso pelos mais jovens) é elemento fortemente caracterizador de mudança em progresso e, finalmente; se o fato de falantes com escolaridade mais alta (neste caso *secundário* e *superior*) usarem a forma inovadora significar “não-resistência” a esse uso, estes podem ser sinais de que *a 'ente* apresenta “condições” de avanço no *corpus* de Curitiba, apesar do baixo número de ocorrências se comparado do ao uso da forma plena.

Os dados de formas reduzidas realmente são poucos para sustentar uma generalização das afirmativas feitas, mas o fenômeno se revela merecedor de maior atenção em novos estudos, em especial, um estudo em tempo real para explorar melhor tais projeções.

No caso de *'ente*, o número de ocorrências é bastante baixo, além disso há uma concentração de 12 ocorrências (entre as 47) na fala de um mesmo informante do *sexo masculino*, com *primário* e da *faixa etária mais velha*, o que limita ainda mais a análise sobre a presença dessa redução na amostra entre os diferentes grupos de variáveis testadas.

Quanto à realização *'te*, o número de ocorrências é quase insignificante (0,7% do total de ocorrências de *a gente* na amostra). Os casos de *'te* apresentaram divisão igual entre

faixas etárias, mas estão mais presentes na fala de mulheres (6 dos 8 casos produzidos). Entre as *escolaridades*, destaca-se que não foi registrado nenhum caso de ‘*te* entre universitários.

Quanto ao cômputo geral de ocorrências, os resultados entre os informantes de Curitiba foi semelhante aos resultados de Zilles (2002) com informantes de Porto Alegre, pois os dados encontrados para formas da variante 2, em ambos trabalhos, apresentaram percentual pouco expressivo se comparados às formas da Variante 1 registradas. No entanto, a variação é constatada e essa presença não pode ser ignorada como parte do processo de gramaticalização de *a gente* já reconhecível nos dados de Curitiba.

#### **4.5 Resultados probabilísticos entre as variantes da realização fonética de *a gente* no corpus de Curitiba**

Conforme já explicitado, nos resultados da análise de 32 entrevistas de Curitiba, foram codificadas 1.085 realizações fonéticas de *a gente* cuja distribuição, em frequências, apontou os contextos de maior presença (ou de ausência) dos fatores controlados. No entanto, para o alcance de resultados quantitativos mais relevantes, realizou-se rodada estatística com a utilização do Varb2000, programa estatístico do VARBRUL.

Os resultados de probabilidade de ocorrência, alcançados nos grupos de fatores selecionados na rodada com as realizações de *a gente*, estão dispostos na Tabela 9. A ordem de apresentação dos grupos de variáveis reproduz a ordenação por importância dada pelo programa estatístico. A rodada – que não incluiu os paralelismos, mas incluiu os dados dessas variáveis - considerou como variável dependente a contraposição entre as duas variantes propostas por Zilles (2002). A aplicação foi das *formas não-reduzidas*, ou seja, da *Variante 1*.

TABELA 9 – Realizações fonéticas de *a gente* em Curitiba – aplicação *Variante 1 - input .90*

GRUPOS DE FATORES	Aplic.	Ocor.	%	P.R.
Sexo				
feminino	623	710	88	.57
masculino	298	375	80	.38
Escolaridade				
superior	196	225	88	.59
ginásio	251	285	88	.54
primário	204	235	87	.54
secundário	270	340	79	.37
Tipo de verbo - perífrases				
ter que + R	52	53	98	.88
ir + R	21	23	87	.47
estar + NDO	15	19	79	.35
ter + DO	4	5	80	.33
outras perífrases	41	52	77	.31
poder + R	16	21	76	.29
ir + NDO	10	14	71	.21
estar + DO	3	5	60	.15

Nos resultados apresentados na Tabela 9, entre as 10 variáveis que fizeram parte da rodada, apenas três foram selecionadas como significativas para a realização não-reduzida de *a gente*: *sexo*, *escolaridade* e *perífrases verbais*.

Na variável *sexo*, são os homens que apresentaram maior tendência de uso de formas reduzidas, pois o peso relativo foi de apenas .38 para a realização do pronome com a presença de fricativa. Já o resultado para as mulheres não favoreceu a redução (100% para formas plenas no *superior*), com .57 para a *variante 1*, apesar da diferença de apenas 7 pontos para o ponto neutro. Esses resultados são semelhantes aos alcançados por Zilles (2002), nos quais os homens lideraram o uso de *a 'ente*; no estudo de Borges (2004) o foco se deu sobre a redução *a 'ente ~ 'ente*, processo de redução no qual os homens mais jovens se mostraram à frente da mudança.

O resultado encontrado na variável *sexo* nos dados de Curitiba vai ao encontro da hipótese levantada – baseada em Zilles (2002) – que seriam os homens que apresentariam a maior probabilidade de uso do pronome *a gente* reduzido foneticamente. Para Zilles (2002), um motivo possível de a redução apresentar maior tendência entre os homens é a necessidade deles em marcar – neste caso lingüisticamente – a diferenciação entre *sexos*, mas admite não identificar razões mais conclusivas e ressalta a necessidade de outros estudos para esclarecimento da questão. Entende-se, nesta investigação, que o fato das formas reduzidas

serem mais marcadas pode sim promover seu uso entre os homens para distinção do uso pelas mulheres, promovendo o que Labov (1972) denominou de *prestígio encoberto*, ou seja, a forma é estigmatizada mas serve para garantir ao falante ser aceito em dado grupo social ou ter sua atitude ou valores reconhecidos.

Em segundo lugar foi selecionada a *escolaridade*, cujo destaque para não-redução é o *superior*, com .59 a favor das realizações da *variante 1*. A maior tendência para uso de formas reduzidas é verificada junto aos informantes com nível *secundário*, escolaridade com maior probabilidade de uso de *a gente* da amostra (ver Tabela 6).

Outro fator que poderia ser relacionado como importante para o avanço da gramaticalização de *a gente* é a frequência de uso, conforme defendido por Borges (2004).

A hipótese de Borges (2004) para a redução de *a gente* trata da questão da *frequência de uso aliada à velocidade da fala*:

*a gente* é uma palavra fonológica originada de duas palavras morfológicas (vocábulos formais): artigo *a* + substantivo *gente* que tende a especializar-se em direção à identidade entre uma palavra morfológica e uma palavra fonológica. Essa identidade ocorreria, principalmente, em função de dois fatores principais: (a) da sua elevada taxa de aplicação no PB, principalmente na posição de sujeito e (b) da velocidade da fala, justamente nos casos em que sua pronúncia é dita com maior velocidade. Estaria ocorrendo, de certa forma, uma relação inversa que poderia ser entendida da seguinte maneira: quanto maior sua frequência de uso, menor o tamanho do vocábulo (p. 174).

Não se trabalhou aqui com a variável *velocidade da fala*, mas se considera a hipótese de Borges (2004) relevante e, portanto, entende-se pertinente a verificação futura desta condição (a relação frequência de uso e velocidade da fala) no contexto das realizações fonéticas de *a gente* em Curitiba.

A única variável lingüística selecionada na rodada das realizações fonéticas de *a gente* foi *perífrase verbal*. O destaque para o não-favorecimento da redução no grupo de fatores está na perífrase de modalização *ter que + R*, com .88 de probabilidade de ocorrência junto a formas com presença de fricativa (plenas). As demais perífrases favoreceram a redução, especialmente poder + R; ir + NDO e estar + DO.

Na rodada geral dos dados do *corpus*, se percebeu que as perífrases de modalização despontaram como contextos de uso especializado de *a gente* (*ter que + R* e *poder + R*) e *a*

*perífrase ir + NDO* aparece com o maior peso relativo favorecedor de ocorrência com *a gente* (.90) – ver Tabela 4.

Portanto, as perífrases, em Curitiba, despontaram como contexto de especialização do uso de *a gente*, portanto merecem ser mais bem averiguadas quanto aos efeitos na variação *nós/a gente*. Com os resultados apresentados na Tabela 9, também parecem ser importantes no processo de variação representado pela redução fonética de *a gente*. Assim como dito anteriormente, o olhar sobre a prosódia precisará de estudos diferenciados ainda a serem feitos.

Ainda com relação às reduções fonéticas, verificou-se que Vitral e Ramos (1991) averiguaram se haveria alguma relação condicionante entre o fator *referência* e redução de *você*. Segundo os autores, na defesa da hipótese de um processo de clitização, o pronome *você* partiria do uso com um sentido mais específico para um sentido mais indeterminado, usado pelos mais jovens - o que indicaria mudança em curso -, representado pela forma reduzida (*cê*). Dessa forma, essa especialização no uso de *cê* sustentaria a afirmação de que o processo de gramaticalização do pronome *você* estaria em um novo estágio.

No caso de *a gente*, seria possível, também, levantar a hipótese, conforme Zilles (2002) e Borges (2004), de que poderia ocorrer processo semelhante ao descrito por Vitral e Ramos em relação a mudança *você > cê* no que se refere a especialização da forma reduzida na posição de sujeito, com referência *indeterminada*; porém, no processo morfossintático de redução *a gente > 'te*, a especialização ocorreria no sentido da referência [- específica] para [+ específica]. Então, para verificação, foram controlados os fatores *determinado/indeterminado* em relação às realizações fonéticas de *a gente* e, apesar de não ter sido grupo de fatores selecionado na rodada estatística, pode oferecer informações interessantes a partir da distribuição dos dados. Os dados freqüenciais dessa variável serão apresentados na Tabela 10.

TABELA 10 – Distribuição das realizações fonéticas de *a gente* nos fatores *determinação/indeterminação* – total 1.085 ocorrências

GRUPO DE FATORES	<i>a gente</i>	<i>gente</i>	<i>a gen</i>	<i>ge</i>	<i>a hente</i>	<i>a 'ente</i>	<i>'ente</i>	<i>'te</i>
determinação	n/%	n/%	n/%	n/%	n/%	n/%	n/%	n/%
determinado	569/66	36/75	3/60	2/100	1/33	<b>74/69</b>	<b>34/72</b>	<b>6/75</b>
indeterminado	296/34	12/25	2/40	0/0	2/67	<b>33/31</b>	<b>13/28</b>	<b>2/25</b>
<b>Total</b>	865/100	48/100	5/100	2/100	3/100	<b>107/100</b>	<b>47/100</b>	<b>8/100</b>

Por frequência de dados, a Tabela 10 mostra que, em se tratando das formas reduzidas *a 'ente*, *'ente e 'te*, a maioria dos casos ocorreu em contextos de *determinação do sujeito*. No caso de *a 'ente*, dos 107 casos encontrados, 69% são de *referência determinada*; na realização *'ente*, das 47 ocorrências registradas, 34 (72%) também foram *determinadas* e, quanto à realização fonética *'te*, 75% dos casos foram para referência usada em *contexto de determinação*. Dessa forma, é possível verificar que as formas reduzidas do pronome *a gente* envolvidas, apesar da baixa frequência se comparadas à forma plena, tiveram a característica semântica de referência *determinada* como traço predominante, na apresentação do *corpus* (cf. OMENA, 1996), aparentemente um contexto de especialização da redução.

O último aspecto a ser tratado sobre a análise dos dados de Curitiba, na seção 4.6, se refere às funções sintáticas de *nós* e de *a gente* encontradas no *corpus*.

#### 4.6 Resultados da distribuição de *nós* e de *a gente* em diferentes funções sintáticas em Curitiba

A distribuição entre os 2.432 dados encontrados de *nós* e de *a gente* em diferentes funções sintáticas no *corpus* estudado, por ordem decrescente de frequência, foram: na posição de sujeito, 2.084 ocorrências que corresponderam ao maior percentual da amostra, com 86%; como adjuntos adnominais foram 258 ocorrências que representaram 10,5% do total de dados; na função de objeto preposicionado foram 35 (1,4%); como complemento 24 casos, 0,9% do *corpus* e, como objeto direto, registraram-se 20 dados, perfazendo 0,8% e 11 casos de adjuntos adverbiais (0,4%). Na Tabela 11 são descritos os resultados de distribuição das variáveis consideradas.

TABELA 11 – Distribuição de ocorrências de *nós* e de *a gente* quanto à função sintática na frase – total 2.432 dados

GRUPOS DE FATORES	Aplic./ocor./%	Aplic./ocor./%	Aplic./ocor./%
Função sintática	A gente	nós	Geral
Sujeito	1.130/2.084/54	954/2.084/ 46	2.084/2.407/86
Adjunto adnominal	29/258/39	229/258/61	258/2.407/10,5
Objeto preposicionado	18/35/51	17/35/49	35/2.407/1,4
Complemento	17/24/71	7/24/29	24/2.407/0,9
Objeto direto	13/20/65	7/20/35	20/2.407/0,8
Adjunto adverbial	7/11/63	4/11/37	11/2.407/0,4
Totais	1.214/50	1.218/50	2.432

Entre os dados de distribuição de *nós* e de *a gente* em diferentes funções, a posição de sujeito se mostra destacadamente como mais produtiva no *corpus*, conforme resultados de Omena (1996), Tamanine (2002), Zilles (2002) e Borges (2004). A hipótese considerada neste caso foi confirmada, pois tanto *nós* quanto *a gente* apresentaram maior ocorrência no *corpus* na função de sujeito. Entre as demais funções, destacaram-se em número de ocorrências os adjuntos adnominais, sendo que no caso, os possessivos, as ocorrências de *nosso* (e suas flexões) são muito mais frequentes - quase 8 vezes mais ocorrências - do que a forma *da gente*. Apesar do pequeno número de dados, a presença da forma *da gente* atesta a entrada de *a gente* em um dos fortes redutos do uso de *nós* no *corpus*, o possessivo.

O capítulo da apresentação e discussão dos resultados é encerrado a fim de se tecer as considerações finais sobre a investigação realizada envolvendo a variação *nós/a gente* e a gramaticalização de *a gente* no *corpus* de Curitiba.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do levantamento dos dados sobre a variação *nós/a gente* e a gramaticalização de *a gente* expostos no capítulo 4, assim como da análise efetuada sobre os resultados estatísticos fornecidos pelo VARBRUL, serão destacados os aspectos considerados mais relevantes para este estudo.

Sobre os dois objetivos centrais definidos, os caminhos da investigação sob a ótica do tópico discursivo permitiram afirmar que foram atingidos em amplitude satisfatória, pois (1) se analisou diferentes contextos da variação *nós/a gente* na posição de sujeito; e (2) foi investigado o processo de redução fonética de *a gente*.

Em se tratando das três capitais presentes no VARSUL, com base nos trabalhos realizados sobre a variação pronominal *nós/a gente* conforme Seara (2000) e Zilles (2002) - e guardadas as diferenças entre os *corpus* analisados - Curitiba segue a direção das tendências apresentadas nas duas outras capitais do sul no que se refere à probabilidade favorecedora do uso de *a gente* pelos mais jovens.

Ainda no âmbito do fator social *faixa etária*, esta se apresentou como fator mais relevante na variação quando da rodada geral dos dados de Curitiba com fator de aplicação *a gente*, apresentando novamente a maior probabilidade de uso de *a gente* entre os informantes mais jovens (.70), possível indício da mudança favorável ao pronome inovador.

Entre os jovens, foram as mulheres que se apresentaram na vanguarda da mudança para *a gente*, mas isso na *forma plena* (.55), pois nas *formas reduzidas* de *a gente*, a liderança no uso ficou entre os homens (.62), contrariando a hipótese levantada de que seriam as mulheres que estariam à frente dessa (nova) mudança.

A escolaridade não se mostrou significativa entre os informantes de Curitiba no que se refere à uma tendência favorável significativamente para a seleção entre os pronomes *nós* e *a gente*, já que as probabilidades pouco se afastaram do ponto neutro e pouco se afastaram entre si. A probabilidade mais alta para o uso de *a gente* foi apresentada na *escolaridade secundária* (o colegial), com .57; e a mais baixa para o *primário*, com .43. Em geral, o que pode verificar é que a escolaridade mais baixa da amostra mais favorece uso o pronome canônico, enquanto uma das escolaridades mais altas, o secundário, favorece *a gente* (a mais alta escolaridade da amostra corresponde aos universitários).



Em princípio, na análise da escolaridade se poderia esperar o contrário: o falante mais escolarizado usaria mais *nós* justamente pela alta exposição ao tratamento formal da língua praticado pela escola, o que acaba por não ser validado nos dados de Curitiba.

Pela discussão feita sobre o tratamento de *a gente* nas gramáticas e dicionários, não seria por via do ensino formal ou de fontes padronizadoras de informação sobre a língua que o uso de *a gente* se apresentaria dessa forma no *corpus*. Então, outros fatores ou outras formas de manutenção do uso de *a gente* no discurso do informante são as que realmente importam quando se trata de língua falada. Há uma rede complexa de circunstâncias que atuam como forças de controle no emprego de *nós* e de *a gente* na fala dos informantes, mas entre elas o ensino formal parece ser uma das que tiveram menor importância nos dados investigados.

A análise dos *tipos de texto*, variável inovadora se em contraste com trabalhos antecedentes sobre *nós/a gente*, trouxe resultados significativos à investigação, pois permitiu relacionar – entre outros fatores – os pronomes aos verbos e perífrases, aos tempos verbais e às características semânticas da (in)determinação, sob a condição de identificação do tipo de interação entre os interlocutores: se para narração, argumentação, injunção ou descrição, constituindo, talvez, a “ligação” adequada para o que se deva caracterizar como “seqüência” quando da análise de paralelismos, como um tipo de organização textual-discursiva que promova “continuidade” porque está aliada à segmentação tópica e a um estudo cuidadoso da referenciação. Este é um dos focos de trabalho que merecerá atenção em novos estudos que se pretende fazer com os dados de Curitiba, incluindo na amostra a *faixa etária mais jovem* tratada no VARSUL, a saber entre 16 e 25 anos.

A análise possível sobre *verbos plenos* e *perífrases* certamente será revisitada, pois ainda há muito para ser explorado no levantamento realizado. O resultado favorecedor do uso de *nós* com o verbo *ter* (.72), e os resultados favoráveis ao uso de *nós* com outros verbos estativos, permitiu encontrar uma resposta mais consistente - e positiva - para o questionamento feito em Tamanine (2002) sobre existir relação entre o uso de verbos estativos e a “retenção” do uso de *nós*. Ampliando a perspectiva sobre esses resultados, os dados apontaram os *textos descritivos* como ambiente favorável para a relação entre *nós* e *verbos estativos*, na qual o verbo *ter* e o verbo *ir* apresentaram-se como destaques. Questões surgidas dessa linha de observação certamente poderão ser abertas para novas abordagens.

A presença de *a gente* na *determinação* (.50) e de *nós* na *indeterminação* (.40), promoveu discussão importante sobre uma situação que pode apontar para uma nova fase da mudança envolvendo o contexto da variação entre os dois pronomes, pois *a gente* avança na

*determinação* e, enquanto isso, *nós* parece dar sinais de que pode se especializar no uso com *sentido indeterminado* e assim permanecer no sistema. Essa situação pode estar relacionada ao *tipo de texto* e este ao tipo de *verbo pleno* e *perífrase* envolvidos, mas, para respostas mais conclusivas, acredita-se que os dados deverão ser retomados.

Em rodadas de *paralelismos*, os resultados chamaram a atenção para o conjunto de fatores que atuam nos paralelismos e, nos dados analisados, confirmaram a tendência favorecedora do uso de *a gente* nesse ambiente. Isso aconteceu, somado a outros motivos, em grande parte porque, no paralelismo *binário*, o mais representativo da amostra em número de ocorrências, se constatou peso relativo de .67 de favorecimento para *a gente* pelos informantes *mais jovens*.

Destacou-se, na rodada especial com paralelismos, a importância do refinamento dessa variável a fim de buscar mais informações sobre os fatores que interferem no uso paralelo de formas iguais ou de pronomes *nós* e *a gente* em alternância.

As perífrases representaram contexto lingüístico significativo na variação. As perífrases de modalização apareceram como favoráveis ao uso de *a gente* (*ter que* + *R*, por exemplo, apresentou peso relativo de .66 a favor de *a gente*); e perífrases de futuro ao uso de *nós* (como *ir* + *R*, que apresentou peso relativo de .74 a favor de *nós*).

Quanto ao estudo da gramaticalização de *a gente* e do fenômeno de variação representado pelo processo de redução fonética de *a gente*, constatou-se que a realização plena de *a gente* foi mais freqüente do que as realizações reduzidas; e que, entre as formas reduzidas de *a gente*, o uso do pronome com referência determinada foi o mais freqüente, o que poderia se constituir de uma pista para o início de uma nova fase da mudança em curso.

O uso de *a gente* em formas foneticamente reduzidas foi favorecido junto às perífrases, único contexto lingüístico controlado que foi matematicamente significativo para a análise (por exemplo, *poder* + *R* com probabilidade de .71 e *ir* + *NDO* com .79 para aplicação junto às *formas reduzidas de a gente*). Esse contexto merecerá avaliação mais detalhada futuramente sob outros enfoques que possam complementar a análise. Cita-se como exemplo a análise do contexto fonológico – haja vista a questão da tonicidade - a prosódia da língua - que se apresentou como muito relevante nos resultados alcançados.

Na análise entre as ocorrências de *nós* e de *a gente* em diferentes funções sintáticas no *corpus*, os resultados foram ao encontro da perspectiva de que haveria maior ocorrência de *nós* e de *a gente* na função sintática de *sujeito*, sendo que, nesta função, *a gente* foi o pronome mais recorrente (vale lembrar que os resultados são só em freqüências nesta questão).

Com relação às outras funções sintáticas encontradas, não se confirmou a hipótese de que *nós* e *a gente* seriam mais frequentes na função de *adjunto adverbial*, conforme Omena (1996), sendo esta justamente a função *menos* frequente no *corpus*.

Foram os adjuntos adnominais que se apresentaram como contexto de variação mais significativo em número de ocorrências, depois da função de sujeito. As combinações dos possessivos *nosso/da gente* apontadas por Monteiro (1994, p. 210): *nós/nosso*; *nós/da gente*; *a gente/nosso* e *a gente/da gente* foram inicialmente levantadas e analisadas em 24 das 32 entrevistas, mas constatou-se que tal variável precisa ser reorganizada quanto aos fatores discursivos, pois a identificação de referentes se torna fator fundamental para que a análise promova resultados significativos.

Retoma-se o título desta tese como tema da última parte das considerações finais. No Anexo 1, sob o título “A casa da gente”, encontra-se texto de um ex-prefeito da cidade de Curitiba que teve, em sua gestão, o seguinte slogan: *Curitiba a cidade da gente*. O slogan foi usado até outubro de 2008, quando foi adotada a frase “Prefeitura da Cidade”. Bem, como mote do título deste trabalho de pesquisa, o slogan *Curitiba a cidade da gente* ganhou aqui conotação de pergunta: Curitiba é de *nós* ou é de *a gente*? Mostrou-se que, pelos dados encontrados, Curitiba é “de *a gente*”.

Enfim, acredita-se que as contribuições pretendidas tenham sido grande parte alcançadas. No entanto, ressalta-se que sempre se imaginou como principal intenção de um estudo não o esgotamento das possibilidades de análise ou o oferecimento de todas as respostas, mas a promoção de reflexão sobre novas respostas, novos caminhos de investigação que, neste caso, agora estão submetidos à apreciação e contribuição dos leitores.

## REFERÊNCIAS

- ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa. 5. ed. Academia Brasileira de Letras. Rio de Janeiro: Bloch, 2009.
- ADAM, J. M. *Les Textes: types et prototypes*. Nathan: Paris, 1992.
- ALBÁN, M. del R. e FREITAS, J. *Eu, você et alia em três diálogos*. Estudos Lingüísticos e Literários. N. 11. Salvador: UFBA – Instituto de Letras, 1991. p. 25 – 38.
- \_\_\_\_\_. *Nós ou a gente? In: Estudos lingüísticos e literários*. N. 11, Salvador, UFBA, 1991a. p. 75-89.
- \_\_\_\_\_. *Nós e a gente em elocuições formais*. In: *Estudos lingüísticos e literários*. N. 11. Salvador, UFBA/IL, ago. 1991b. p. 91-102.
- ALMEIDA, N. M. de. *Gramática metódica da Língua Portuguesa*. 44<sup>a</sup>. ed. São Paulo: Saraiva, 1999.
- AMARAL, L. I. C. *A concordância verbal de segunda pessoa do singular em Pelotas e suas implicações lingüísticas e sociais*. Porto Alegre: Rio Grande do Sul – UFRGS, 2003. Tese. (Doutorado em Letras). Porto Alegre, 2003.
- \_\_\_\_\_. O Paralelismo Formal reconsiderado. In: Paulino Vandresen. (Org.). *Variação, Mudança e Contato Lingüístico no Português da Região Sul*. Pelotas: EDUCAT - Editora da Universidade Católica de Pelotas, 2006, v. 1, p. 15 – 27.
- AMARAL, A. *O dialeto caipira: gramática e vocabulário*. São Paulo: O livro, 227 p., 1920.
- ANDRADE, C. et al. Os pronomes pessoais e a indeterminação do sujeito na norma culta de Salvador. In: *Estudos lingüísticos e literários*. n. 11, Salvador, UFBA, 1991. p.53 – 74.
- AZEREDO, J. C. de. *Gramática Houaiss da Língua Portuguesa*. 2. ed. São Paulo: Publifolha, 2008.
- BASTOS, L. K. X. *Coesão e coerência em narrativas escolares escritas*. Campinas, Editora da Unicamp, 1985.
- BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 37. Ed. (revis. e ampl.). Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.
- BENVENISTE, E. *Problemas de lingüística geral*. (tradução portuguesa). São Paulo: Nacional, 1976.
- \_\_\_\_\_. *Problemas de lingüística geral I*. 2. ed. Campinas, São Paulo: Pontes, 1988.

- BERLINK, R. de A. *Transcrição do inquérito n. 3*, gravado em 11/01/1987. In: TRAVAGLIA, L. C. *Um estudo textual discursivo do verbo no português do Brasil*. (Tese de doutorado). UNICAMP: Campinas, 1991.
- BORBA, F. da S. *et al. Dicionário gramatical de verbos do português contemporâneo do Brasil*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1990.
- BORBA, L. R. Alguns aspectos sobre o uso de 'nós' e 'a gente' em Curitiba. *Fragmenta*, Curitiba, n. 10. Editora da UFPR, 1993. p. 65-76.
- BORGES, P. R..S. *A gramaticalização de a gente no português brasileiro: análise histórico-social-lingüística da fala das comunidades gaúchas de Jaguarão e Pelotas*. (Tese de doutorado em língua portuguesa). Porto Alegre: Rio Grande do Sul - UFRGS, 2004. 208 fl.
- BROWN, G. & YULE, G. *Discourse analysis*. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.
- CALDAS, A. *Dicionário da Língua Portuguesa*. 4. ed. RJ: Delta, 1958.
- \_\_\_\_\_. *Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Delta, 1964.
- CAMACHO, R. G. Motivações discursivas da indeterminação do sujeito. In: I Simpósio Nacional de Estudos Lingüísticos, 1997, João Pessoa, PB. *Anais do I Simpósio Nacional de Estudos Lingüísticos*. João Pessoa: Idéia Editora, 1997. v. I. p. 188-209.
- CAMARA, J. M. Jr. *Estrutura da Língua Portuguesa*. 30. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1999.
- CASTILHO, A. T. de. A gramaticalização. *Estudos Lingüísticos e Literários*, Salvador, n. 19, p. 25-63, mar.1997.
- CEGALLA, D. P. *Novíssima gramática da língua portuguesa*. 41. ed. Editora Nacional, São Paulo, 1998.
- CHOMSKY, N. *Lectures on Government and Binding*. Dordrech: Foris Publications, 1981.
- COSTA, I. B. Cadeias referenciais no português falado. *Organon* (UFRGS), Porto Alegre - RS, v. 28/29, p. 33-54, 2000.
- \_\_\_\_\_. *O verbo na fala de camponeses – um estudo de variação*. Tese de Doutorado, Campinas, SP. UNICAMP, 224 p., 1990.
- CHOMSKY, N. *Aspects of the Theory of Syntax*. Cambridge, Mass.: M.I.T. Press, 1965.
- CROFT, W. *Typology and universals*. Cambridge: Cambridge University Press, p. 230-244, 1990.
- CUNHA, C. & CINTRA, L. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

- CURITIBA-PARANA. *História de Curitiba*. Disponível em: <http://www.curitiba-parana.net>. Acesso em: 29 de mar. 2009.
- DIÓRIO JR, E.; TAMANINE, A. M. B.; SILVA, M. F. da. *A alternância da forma pronominal nós/a gente na fala da cidade de Londrina*. In: XLVIII Seminário do GEL, 2000, Assis - SP. Programação e resumos do XLVIII Seminário do GEL, 2000. p. 217-218.
- DUARTE, M. E. L. Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil. In: ROBERTS, I.; KATO, M. A. (org.). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica: homenagem a Fernando Tarallo*. 2.ed. Campinas – SP: Editora da Unicamp, 1996.
- FARACO, Carlos Alberto. Norma-padrão brasileira: desembaraçando alguns nós. In: BAGNO, Marcos (org.) *Linguística da Norma*. São Paulo: Ed. Loyola, 2002.
- FARACO & MOURA. *Gramática*. 12. ed. São Paulo: Ática, 2000.
- FAVERO, L. L. e KOCH, I. V. *Linguística Textual: uma introdução*. São Paulo, Cortez, 1983.
- FERREIRA, A. B. de H. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- \_\_\_\_\_. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.
- FERREIRA *et al.* A pessoa e a não-pessoa em discursos de informantes do Projeto NURC/Salvador. In: *Congresso Internacional da Faculdade de Letras da UFRJ: Discurso e Ideologia*, 1, 1987, Rio de Janeiro. *Anais...*Rio de Janeiro: UFRJ/ Faculdade de Letras, 1989. p. 359-360.
- FONSECA, M. S. V. & NEVES M. F. (orgs.) *Sociolinguística*. Rio de Janeiro: Eldorado, 1974.p.49 – 85.
- FREITAS, J. Nós ou a gente? In: *Estudos lingüísticos e literários*. N. 11, Salvador, UFBA, 1991. p. 75-89.
- GODOY, M. A. M. de. *A indeterminação do sujeito no interior paranaense: uma abordagem sociolinguística*. (Dissertação de Mestrado em Linguística). UFPR, 1999.
- GORSKI, E.; ROST, C. A.; DAL MAGO, D. Aspectos pragmáticos da mudança via gramaticalização. In: CRHISTIANO, E. A.; SILVA, C. R.; HORA, D. *Funcionalismo e gramaticalização: teoria, análise, ensino*. (orgs.). João Pessoa: Idéia, 2004.
- GUY, Gregory R. *VARBRUL: análise avançada*. Traduzido por Ana Maria Stahl Zilles. North York, (Canadá): York University, 1988. p.27-49.
- \_\_\_\_\_. & ZILLES, A. *Sociolinguística quantitativa: instrumental de análise*. São Paulo: Parábola Editorial: 2007.

- GUIMARÃES, E. R. J. Polifonia e tipologia textual. In: FÁVERO, L.L. e PASCHOAL, M. S. Z. (orgs.). *Linguística textual: texto e leitura*. São Paulo, EDUC-Editora da PUC-SP, 1986.
- HEINE, B. *et alii*. *Grammaticalization: a conceptual framework*. Chicago: University of Chicago Press, 1991.
- \_\_\_\_\_. *Grammaticalization*. In: Joseph, B. & Janda, R. D. (eds.) *The Handbook of Historical Linguistics*. Oxford: Blackwell, 2003. p.575-601.
- HOPPER, P. J. General properties of foregrounding. In: GIVÓN, T. (ed.) *Syntax and semantics*. V. 12: Discourse and syntax, New York: Academic Press, 1979.
- \_\_\_\_\_. *Emergent grammar*. Berkeley Linguistics Society, 13., 1987. p. 139-157.
- \_\_\_\_\_. On some principles of gramaticalization. In: TRAUGOTT, E.; HEINE, B. (eds.) *Approaches to Grammaticalization*. Amsterdam: J. Benjamins,v. 1, p. 17-35, 1991.
- \_\_\_\_\_;TRAUGOTT, E. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.
- HOUAISS A.; VILLAR, M. S. *Dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva: 2001
- ILARI, R.; BASSO, R. M. O verbo. In.: CASTILHO, A. de. (coord.). ILARI, R. ; MOURA NEVES, M. H. DE. *Gramática do português culto falado no Brasil*. Campinas, SP: UNICAMP, 2008. v. II.
- JUBRAN, C.C.A.S.; KOCH, I. G. V.(orgs.). *Gramática do português culto falado no Brasil*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2006. v. 1.
- \_\_\_\_\_. Organização tópica da conversação. In: ILARI, R. (org). *Gramática do português falado*. Campinas. Editora da UNICAMP, 1992. v.2.
- KNIES, C. B.; COSTA, I. B. (org. e redação final). Manual do usuário – Banco de Dados Lingüísticos VARSUL. UFPR,UFSC, UFRGS, PUC-RGS, 1996.
- KOCH, I. V.; MARCUSHI, L. A. Processos de referenciação na produção discursiva. D.E.L.T.A., v. 14, n. especial, 1998.
- KOCH, I. V. *et al*. *Referenciação e discurso*.São Paulo: Contexto, 2005.
- LABOV, W. *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania, 1972.
- \_\_\_\_\_. Contraction, deletion, and inherent variability of the English copula – Studies in the black English vernacular. In: *Language in the inner city*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972a.

- \_\_\_\_\_. Building on Empirical Foundations. In: LEHMANN, W. P. e MALKIEL, Y. (eds.). *Perspectives on Historical Linguistics*. Amsterdam-Philadelphia: John Benjamins Publishing Company. P. 17-92, 1982.
- \_\_\_\_\_. *Principles of linguistic change: internal factors*. Oxford: Blackwell, 1994.
- \_\_\_\_\_. The intersection of sex and social class in the course of linguist change. In: LAVANDERA, B. Where does the sociolinguistic variable stop? In: *Language in Society*, 7, Great Britain, 1978. p.171-182.
- LEHMANN, C. Grammaticalization: Synchronic Variation and Diachronic Change. *Lingua e Stile*, XX, 3, p:303-318, 1985.
- LICHTENBERK , F. *On the Gradualness of Grammaticalization*. In: TRAUGOTT, E. e HEINE B. *Approaches to Grammaticalization*. s.l.: Jonh Benjamins Publishing Company, vol. I, A, 1991.
- LOPES, C. R. dos S. *Nós e a gente no português falado culto do Brasil*. Dissertação de mestrado em língua portuguesa. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras, UFRJ, 1993.
- \_\_\_\_\_. *A inserção de 'a gente' no quadro pronominal do português: percurso histórico*. Rio de Janeiro, Tese (Doutorado em Letras), Faculdade de Letras, UFRJ, 1999.
- \_\_\_\_\_. *A inserção de a gente no quadro pronominal do português*. Frankfurt am Main/Madrid: Vervuert/Iberoamericana, v.18, 2003.
- \_\_\_\_\_. *A gramaticalização de a gente em português de tempo real de longa e curta duração: retenção e mudança na especificação dos traços intrínsecos*. In: *Fórum Lingüístico*, Florianópolis, v. 4, n.1 (47-80), jul. 2004.
- MARCUSCHI, L.A. *Lingüística de texto: o que é e como se faz*. Recife, UFPE, 1983.
- \_\_\_\_\_ & KOCH. Referenciação. In: JUBRAN, C.C.A.S.; KOCH, I. G. V. (orgs.). *Gramática do português culto falado no Brasil*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2006. v. I.
- MEILLET, A. L'évolution dès formes grammaticales. [1912] *Scientia* 12 (26) (Milan). (Reprinted: *Linguistique historique et linguistique générale*. Paris: C. Klincksieck, p. 130-148, 1965 [1912]).
- MENON, O. P. S. *Analyse sociolinguistique de indétermination du sujet dans le portugais parlé au Brésil à partir des données du NURC - SP*. Tese de Doutorado, Universidade Paris 7, 1994. (Inédito)



\_\_\_\_\_. *A gente, eu e nós: sintomas de uma mudança em curso no português do Brasil?* In.: MOURA, M. D. (org.) *Anais do II ENCONTRO NACIONAL SOBRE LÍNGUA FALADA E ESCRITA - ELFE*. UFAL, Maceió, p. 397-403, 1995.

\_\_\_\_\_. *A gente : um processo de gramaticalização*. Estudos lingüísticos, Taubaté. (Anais do Seminário do GEL), XXV: 622-628. 1996.

\_\_\_\_\_. *A questão das afirmações generalizantes sobre o português do Brasil e os dados do projeto NURC*. In.: *Diversidade lingüística e ensino*. Anais do Sem. Nacional da diversidade lingüística e o ensino de língua materna. Salvador: EDUFBA, p. 207-214, 2006b.

\_\_\_\_\_. *A indeterminação do sujeito no português do Brasil: NURC-SP e VARSUL*. In: Paulino Vandresen. (Org.). *Variação, Mudança e Contato Lingüístico no Português da Região Sul*. Pelotas: EDUCAT - Editora da Universidade Católica de Pelotas, v. 1, p. 125-167, 2006.

\_\_\_\_\_. *A história de você*. In: GUEDES, M., BERLINK, R. de A.; MURAKAWA, C. de A. A. (Org.). *Teoria e análise lingüísticas: novas trilhas*. Araraquara: Laboratório Editorial FCL/UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica Editora, 2006a.

\_\_\_\_\_ & LOREGIAN-PENKAL L. *Variação no indivíduo e na comunidade: tu/você no sul do Brasil*. In: VANDRESEN, Paulino (org.). *Variação e mudança no português falado da região sul*. Pelotas: EDUCAT, 2002.

MONDADA, L. & DUBOIS, D. *Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação*. In: CAVALCANTE, M. M.; RODRIGUES, B. B.; CIULLA, A. *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003.

MONTEIRO, J. L. *Pronomes pessoais: subsídios para uma gramática do português do Brasil*. Fortaleza: Edições UFC, 1994.

NARO, A.; GORSKI, E.; FERNANDES. *Uma mudança lingüística em curso: a concordância com sujeito nós/ a gente*. I Seminário Lingüístico da UERJ. UERJ, Rio de Janeiro, 1983. 25 p. (mimeo)

NEVES, M. H. M. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

\_\_\_\_\_. *Uma introdução ao funcionalismo: proposições, escolas, temas e rumos*. In: CRHISTIANO, E. A.; SILVA, C. R.; HORA, D. *Funcionalismo e gramaticalização: teoria, análise, ensino*. (orgs.). João Pessoa: Idéia, 2004.

\_\_\_\_\_. *Os pronomes*. In.: CASTILHO, A. de. (coord.). ILARI, R. ; MOURA NEVES, M. H. DE. *Gramática do português culto falado no Brasil*. Campinas, SP: UNICAMP, 2008. V. II.

- OMENA, N. P. de. A referência à primeira pessoa do discurso no plural. In: SILVA, G. M. de O. e SCHERRE, M. M. P. (org.) *Padrões Sociolingüísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: Departamento de Lingüística e Filologia, UFRJ, 1996. p. 185 – 215.
- \_\_\_\_\_; BRAGA, M. L. *A gente* está se gramaticalizando? In: MACEDO, A. T.; RONCARATI, C.; MOLICA, M. C. (org.) *Variação e discurso*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996a.
- \_\_\_\_\_. As influências sociais a variação entre *nós e a gente* na função de sujeito. In: SILVA, G. M. de O. e SCHERRE, M. M. P. (org.) *Padrões Sociolingüísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: Departamento de Lingüística e Filologia, UFRJ, 1996. p. 310 – 323.
- ORLANDI, E. P. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. Campinas/SP, Pontes, 1987.
- PEREIRA, Eduardo C. *Gramática expositiva: curso superior*. 61. ed. São Paulo: Editora Nacional, 1943.
- \_\_\_\_\_. *Grammatica histórica*. 8. ed. São Paulo: Editora Nacional, 1935.
- PHILIPS, Susan Urmston. Algumas fontes de variabilidade cultural na ordenação da fala. In: PINTZUK, S. *VARBRUL Program*. Philadelphia: University of Pennsylvania. Mimeo, 1988.
- PRDAGENTE. *História de Curitiba*. Disponível em: <http://www.prdagente.pr.gov.br>. Acesso em: 10 de abr. 2009.
- RIBEIRO, Branca Telles R.; GARCEZ, Pedro M.(org.) *Sociolingüística Interacional: Antropologia, Lingüística e Sociologia em Análise do Discurso*. Porto Alegre AGE, 1998.
- ROCHA LIMA, C. H. da. *Gramática normativa da Língua Portuguesa*. 40ª. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2001.
- ROORYCK, J. *On two types of underspecification: towards a feature theory shared by syntax and phonology*. *Probus*, 6, 1994. p. 207 – 233.
- SAID ALI, M. *Gramática histórica da língua portuguesa*. 7. ed. Rio de Janeiro: Melhoramentos, 1971.
- SANKOFF, D. et alii (eds.): *Language Variation and change*, Cambridge: Cambridge University Press, 1990. 2 (2) p. 135–56.
- \_\_\_\_\_. *Principles of linguistic change: social factors*. Oxford: Blackwell, 2001.
- SCHERRE, M. M. P. *Introdução ao pacote VARBRUL para microcomputadores*. Rio de Janeiro, RJ:Universidade Federal do Rio de Janeiro/Faculdade de Letras/Departamento de

- Linguística e Filologia/Programa de Estudos sobre o uso da língua (PEUL); Brasília, DF:Universidade de Brasília/Instituto de Letras/Departamento de Linguística, Letras Clássicas e Vernáculas. 1992-1993.
- SEARA, I. C. A variação do sujeito *nós* e *a gente* na fala florianopolitana. *Organon*, v. 14, n. 28/29, p. 179-194, 2000.
- SETTI, A. C. R. *A indeterminação do sujeito nas três capitais do sul do Brasil*. (Dissertação de Mestrado). UFPR: Curitiba, 1997.
- SILVA, I. da. *De quem nós/ a gente está(mos) falando afinal?: uma investigação sincrônica da variação entre nós e a gente como estratégias de designação referencial*. (Dissertação de Mestrado). UFSC: Florianópolis, 2004.
- TAMANINE, A. M. B. *A alternância nós/ a gente no interior de Santa Catarina*. (Dissertação de mestrado). UFPR: Curitiba, 2002.
- TARALLO, F. *A pesquisa sociolinguística*. São Paulo, Ática, 1986.
- TRAUGOTT, E. e HEINE B. *Approaches to Grammaticalization*. s.l.: John Benjamins Publishing Company, vol. I, A, 1991.
- TRAVAGLIA, L. C. *Um estudo textual discursivo do verbo no português do Brasil*. (Tese de doutorado). UNICAMP: Campinas, 1991.
- \_\_\_\_\_. O relevo no processamento da informação. In.: JUBRAN, C.C.A.S.; KOCH, I. G. V. (orgs.). *Gramática do português culto falado no Brasil*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2006. v. I.
- \_\_\_\_\_. Composição tipológica de textos como atividade de formulação textual. In: *Revista do GELNE*, v. 4, n. 1 /2, 2002.
- \_\_\_\_\_. Continuidades de tipos de verbos e situações e de formas e categorias verbais e tipos de texto. In: *Cadernos de Estudos Linguísticos*. n. 44, jan./jun. 2003. p. 183 - 197.
- TRUDGILL, P. *Sociolinguistics: a introduction to language society*. London: Penguin Books, 1983.
- VAN DIJK, T. A. *La ciência del texto: um enfoque interdisciplinar*. Buenos Aires/Barcelona, Paidós, 1983.
- VILELA, M.; KOCH, I. V. *Gramática da língua portuguesa: gramática da palavra, gramática da frase, gramática do texto/discurso*. Coimbra: Almedina, 2001.
- VITRAL, L.; RAMOS, J. A forma e a noção de gramaticalização. In.: *Gramaticalização: uma abordagem formal*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2006.

VOTRE, S. J. Relevância da variável escolaridade. In.: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

WEINER, J. & LABOV, W. Constrains on the agentless passive. *Journal of Linguistics*. 1983. (Apresentado originalmente no encontro de verão da Linguistic Society of America em 1977.)

WEINREICH, U.; LABOV, W.;HERZOG, M. *Empirical foundations for a theory of language change*, in W. Lehmann & Y. Malkiel (eds.), *Directions for historical linguistics*, Austin, University of Texas Press, 1968.

ZILLES, A. M. S. Grammaticalization of *a gente* in Brazilian Portuguese. In: JOHNSON, D. E.; SANCHES, T. (eds.) *University of Pennsylvania Working Papers in Linguistics (papers from NWAV 30)*, v.8, n. 3, p. 297-310, 2002.

\_\_\_\_\_. The linguistic and social embedding of ‘*a gente*’ in Brazilian Portuguese. *NYU Linguistics Colloquium*, sept. 20<sup>th</sup>, 2002a.

\_\_\_\_\_. *Real, apparent, or both?* Three types of evidence for a grammaticalization change in progress in Brazilian Portuguese. Philadelphia: VWAV 32, University of Pennsylvania, oct. 2003.

\_\_\_\_\_ & FARACO, C. A. Considerações sobre o discurso reportado em “corpus” de língua oral. In: VANDRESEN, P. (org.) *Variação e mudança no português falado na região sul*. Pelotas: EDUCAT, 2002.

## ANEXO 1

"A casa da gente", publicado na Gazeta do Povo, em abril de 2005, por Beto Richa

## GAZETA DO POVO

### *A casa da gente*

BETO RICHA

O homem inventou a cidade quando descobriu que a melhor maneira de viver era em sociedade. E logo percebeu que a cidade, a grande casa do homem, precisa ser protegida porque ela não é apenas um ponto geográfico, um mapa, uma estatística. A cidade inventada pelo homem é o cenário da existência humana.

É assim que devemos pensar uma cidade, o lugar onde vive gente com gente, e não um lugar frio, de prédios e veículos. O homem faz a cidade para que a cidade sirva ao homem. Prédios e veículos devem ser úteis ao homem e não um obstáculo. A cidade que serve ao homem é a cidade que o homem cuida e, muito mais do que isto, é a cidade para a qual se declara amor.

Curitiba chegou aos 312 anos como um lugar bom para se viver, mas ela precisa de atenção porque urgências surgem cotidianamente. O cidadão está mais próximo da porta da prefeitura do que do governo do estado ou da Presidência da República. Quando o cidadão bate na porta da prefeitura e diz o que falta na cidade, o prefeito passa a ter mais uma agenda de trabalho.

Portanto, resolver questões municipais é resolver questões do país.

Nós faremos um Brasil melhor sempre que fizermos nossas cidades melhores. O Brasil começa em cada uma das prefeituras porque o Brasil começa na rua onde moramos.

Nos primeiros três meses do ano, começamos a implantar em Curitiba um projeto para ampliar os serviços públicos e, portanto, permitir a mais gente o acesso a melhores condições de vida.

Sabemos que o jeito mais curitibano de ir e vir é o ônibus, por isso algumas medidas que já saíram do papel mostram a disposição de Curitiba em preservar a qualidade do sistema e ao mesmo tempo operar com uma tarifa justa. A tarifa domingueira criou novos hábitos na população, no lazer e nas visitas familiares. A comissão para a redução da tarifa já está trabalhando e Curitiba sediou um encontro nacional de prefeitos para abrir o caminho que permita diminuir o gasto das pessoas com transporte.

Começamos também a corrigir um paradoxo.

As empresas da Cidade Industrial de Curitiba recolhem 25% do ICMS industrial do Paraná. Ao mesmo tempo, é naquela região onde estão os maiores problemas sociais de Curitiba. A criação da Administração Regional da CIC vai abrir perspectivas para os 160 mil moradores da região, pois com ela a prefeitura estará mais perto dos problemas, e os moradores mais próximos da solução.

Curitiba tem bons serviços de saúde, mas a atual demanda exige providências. A cidade está ganhando novas unidades de saúde e a prefeitura já iniciou o concurso para contratar mais médicos.

A educação em Curitiba ganhou reforços com a contratação de professores e educadores, e também com a construção de escolas. E logo as escolas assumirão uma nova função na vida dos bairros. Com a implantação do programa Comunidade Escola, elas serão transformadas em elo entre a comunidade e o município. O espaço físico das escolas será utilizado para funções sociais, com atividade para todas as faixas etárias, de oficinas e esportes.

Evidentemente, tornou-se impossível pensar em Curitiba sem pensar nos municípios vizinhos. O programa Cinturão da Boa Vizinhança já está sendo discutido para que Curitiba e região metropolitana implantem ações conjuntas nas áreas da educação, do transporte, do meio ambiente e da segurança pública.

Um dia foi construída uma rodovia federal que, evidentemente, passava longe do meio urbano. Curitiba cresceu e trouxe a rodovia para dentro da cidade. A rodovia, que hoje corta e divide a cidade, vai unir ao ser transformada numa avenida urbana, o Eixo Metropolitano de Integração.

As questões do dia-a-dia estão sendo resolvidas, as questões do dia-a-dia do futuro estão sendo previstas.

As cidades do passado eram cercadas por muros. O homem conseguiu derrubar os muros, mas permaneceram muros internos entre uma pessoa e outra. Muros entre a família e os serviços públicos, muros entre a pessoa e uma vida justa. A nossa missão é derrubar estes muros internos.

Fazer com que a cidade seja o lugar onde vive gente com gente, sem muros no meio do caminho.

É assim que os curitibanos fazem Curitiba, para que Curitiba sirva aos curitibanos.

— BETO RICHA É PREFEITO DE CURITIBA.

## ANEXO 2

TABELA 3 – Distribuição geral de ocorrências nos grupos de fatores testados em Curitiba

<b>GRUPOS DE FATORES</b>	<b>N/%</b>	<b>N/%</b>	<b>total</b>
<b>Variável dependente - pronomes plenos</b>	<i>a gente</i>	<i>nós</i>	
	1.085/60	733/40	<b>1.818</b>
<b>Variável dependente - pronomes nulos</b>	+ Ø ( <i>a gente</i> )	+ Ø ( <i>nós</i> )	+
	45/17%	221/83	<b>266</b>
<i>A gente / nós</i> – total de ocorrências	1.130/54	954/46	2.084
<b>Realizações de <i>a gente</i></b>			
<i>a gente</i>	860	/	860
<i>Gente</i>	48	/	48
<i>a gen</i>	8	/	8
<i>Ge</i>	2	/	2
<i>a hente</i>	5	/	5
<i>a 'ente</i>	107	/	107
<i>'ente</i>	47	/	47
<i>'te</i>	8	/	8
		/	<b>Total – 1.130</b>
<b>Determinação</b>			
<i>Indeterminado</i>	368/62	228/38	596
<i>determinado</i>	762/51	726/49	1.488
<b>Tipo de verbo - plenos</b>			
<i>outros verbos</i>	480/63	277/37	757
<i>Saber</i>	28/97	1/3	29
<i>Ver</i>	55/86	9/14	64
<i>Sair</i>	39/76	12/24	51
<i>ficar</i>	29/48	32/52	61
<i>ir</i>	94/56	75/44	169
<i>fazer</i>	44/55	36/45	80
<i>morar</i>	10/29	25/71	35
<i>ter</i>	98/33	198/67	296
<i>ser</i>	23/30	53/70	76
<i>estar</i>	27/37	46/63	73
<b>Tipo de verbo - perífrases</b>			
<i>outras perífrases</i>	54/71	22/29	76
<i>ir + NDO</i>	14/82	3/18	17
<i>ter que + R</i>	58/68	27/32	85
<i>poder + R</i>	21/54	18/46	39
<i>estar + DO</i>	5/83	1/17	6
<i>ter + DO</i>	5/71	2/29	7
<i>ir + R</i>	27/30	64/70	91
<i>estar + NDO</i>	19/27	51/73	70
<i>Ter + NDO</i>	0/0	2/100	2
<b>Tempo verbal</b>			
<i>gerúndio</i>	11/92	1/8	12
<i>infinitivo</i>	45/79	12/21	57
<i>pret. imp. subj.</i>	5/71	2/29	7
<i>pret. imp. indic.</i>	430/54	371/46	801
<i>fut. do pretérito</i>	5/45	6/55	11
<i>presente do indic.</i>	517/56	410/44	927
<i>presente do subjuntivo</i>	2/100	0/0	2
<i>pretérito perf. indic.</i>	112/43	147/57	259
<i>pret. mais-q- perf.</i>	2/67	1/33	3
<i>futuro do presente do indic.</i>	0/0	2/100	2
<i>Presente do subjuntivo</i>	1/100	0/0	1
<i>Futuro do presente</i>	0/0	2/100	2

<b>tonicidade</b>			
<i>monos. tonic/átonas</i>	270/97	7/3	277
<i>oxítonas</i>	173/98	4/2	177
<i>paroxítonas</i>	687/47	778/53	1.465
<i>proparoxítonas</i>	0/0	165/100	165
<i>discurso reportado</i>			
<i>discurso não-reportado</i>	1.127/55	906/45	2.033
<i>discurso report. inf.</i>	1/7	13/93	14
<i>discurso report. terceiros</i>	2/5	35/95	37
<b>Tipo de texto</b>			
<i>dissertação</i>	471/68	218/32	689
<i>narração</i>	563/51	543/49	1.106
<i>descrição</i>	43/23	141/77	184
<i>injunção</i>	53/50	52/50	105
<b>Seqüências binárias</b>			
<i>nós/nós</i>	0/0	92/100	92
<i>nós/ a gente</i>	0/0	23/100	23
<i>a gente/ nós</i>	24/100	0/0	24
<i>a gente/ a gente</i>	141/100	0/0	141
<b>Seqüências ternárias</b>			
<i>nós/nós/nós</i>	0/0	33/100	33
<i>nós/nós/ a gente</i>	0/0	6/100	6
<i>nós/a gente/a gente</i>	0/0	7/100	7
<i>a gente/a gente/ a gente</i>	51/100	0/0	51
<i>a gente/nós/ a gente</i>	5/100	0/0	5
<i>nós/a gente/nós</i>	0/0	3/100	3
<i>a gente/ a gente/ nós</i>	9/100	0/0	9
<i>a gente/nós/nós</i>	6/100	0/0	6
<b>Seqüências eneárias</b>			
<i>manutenção nós</i>	0/0	30/100	30
<i>alternância nós.. / a gente../nós../a gente..</i>	3/23	10/77	13
<i>manutenção a gente</i>	12/100	0/0	12
<i>mista nós/nós/nós...a gente</i>			
<i>Mista a gente/ a gente/ a gente...nós</i>	7/70	3/30	10
<b>Concordância verbal</b>			
<i>A gente / 3.ª pessoa singular</i>	1.130/100	0/0	1.130
<i>A gente / -mos</i>	0/0	0/0	0
<i>Nós/-mos</i>	0/0	758/100	758
<i>Nós/ 3.ª pessoa do singular</i>	0/0	4/100	4
<i>Redução das proparoxítonas/nós</i>	0/0	192/100	192
<b>Paralelismo formal binário</b>			
<i>Ø/Ø</i>	141/100	0/0	141
<i>Ø/Ø (redução proparoxítonas)</i>	7/29	17/71	24
<i>-mos/-mos</i>	0/0	69/100	69
<i>-mos/Ø (proparox)</i>	0/0	7/100	7
<i>Ø/ -mos</i>	17/100	0/0	17
<i>Ø/Ø (proparox. 2x)</i>	0/0	6/100	6
<i>-mos/ Ø</i>	0/0	13/100	13
<i>-mos/ Ø (proparox.)</i>	0/0	3/100	3
<b>Paralelismo formal ternário</b>			
<i>Ø/Ø/Ø (3.ª)</i>	50/100	0/0	50
<i>Ø/Ø/Ø (redução proparox.)</i>	0/0	3/100	3
<i>Ø /Ø (proparox.)/ Ø</i>	5/63	3/38	8
<i>-mos/ -mos/ -mos</i>	0/0	22/100	22
<i>Ø / -mos/ -mos</i>	6/86	1/14	7
<i>Ø/ Ø(redução proparox.)/-mos</i>	0/0	1/100	1
<i>Ø (proparox)/ Ø/ Ø</i>	0/0	2/100	2
<i>Ø/ Ø/-mos</i>	6/86	1/14	7
<i>-mos/ mos / Ø</i>	0/0	6/100	6

-mos/ Ø/ Ø	0/0	7/100	7
-mos/ Ø -mos	0/0	3/100	3
Ø/ -mos/ Ø	4/100	0/0	4
<b>Escolaridade</b>			
<i>Primário</i>	248/52	231/48	479
<i>Ginásio</i>	294/55	244/45	538
<i>Secundário</i>	364/63	214/37	578
<i>superior</i>	224/46	265/54	489
<b>sexo</b>			
<i>feminino</i>	735/58	531/42	1.266
<i>masculino</i>	395/48	423/52	818
<b>Faixa etária</b>			
<i>25 - 49</i>	666/70	280/30	946
<i>Mais de 50 anos</i>	464/41	674/59	1.138
<b>Informantes*</b>			
<i>pmaa</i>	27/34	53/66	80
<i>cmbb</i>	19/38	31/62	50
<i>gmac</i>	36/63	21/37	57
<i>gfbd</i>	37/46	43/54	80
<i>cmae</i>	32/49	33/51	65
<i>cfbf</i>	6/8	68/92	74
<i>pmag</i>	38/86	6/14	44
<i>pfah</i>	40/95	2/5	42
<i>gmai</i>	8/50	8/50	16
<i>pfajj</i>	70/69	31/31	101
<i>cmak</i>	32/54	27/46	59
<i>cfal</i>	122/96	5/4	127
<i>pmbm</i>	5/22	18/78	23
<i>pfbn</i>	17/24	53/76	70
<i>gmbo</i>	19/79	5/21	24
<i>gfbp</i>	70/56	56/44	126
<i>cmbq</i>	14/39	22/61	36
<i>cfar</i>	86/90	10/10	96
<i>gfas</i>	57/71	23/29	80
<i>pfbt</i>	15/34	29/66	44
<i>gmbu</i>	12/28	31/72	43
<i>gfbv</i>	55/52	51/48	106
<i>pmbx</i>	38/46	45/54	83
<i>cfbz</i>	53/74	19/26	72
<i>umaw</i>	33/57	25/43	58
<i>umay</i>	40/83	8/17	48
<i>ufaS</i>	32/56	25/44	57
<i>ufaT</i>	13/81	3/19	16
<i>umbU</i>	37/44	48/56	85
<i>umbV</i>	7/14	42/86	49
<i>ufbX</i>	41/95	2/5	43
<i>ufbZ</i>	19/15	111/85	130
*p = primário/g = ginásio/c = secundário/u = superior/a = 25 a 49 anos/b = + de 50 anos/f = sexo feminino/m = sexo			



## ANEXO 3

TABELA 15 - Perífrases verbais comuns a *nós* e a *gente* nos dados de Curitiba

PERÍFRASES	
A GENTE	NÓS
<i>perífrase</i>	<i>perífrase</i>
1. Acabar + NDO	1. Acabar + NDO
2. Conseguir + R	2. Começar a + R
3. Dever + R	3. Conseguir + R
4. Estar + DO	4. Costumar + R
5. Estar + NDO	5. Deixar de + R
6. Ficar + NDO	6. Dever + R
7. Ir + NDO	7. Estar + DO
8. Ir + R	8. Estar + NDO
9. Ouvir + R	9. Ir + NDO
10. Passar a + R	10. Ir + R
11. Poder + R	11. Passar a + R
12. Precisar + R	12. Poder + R
13. Preferir + R	13. Por a + R
14. Pretender + R	14. Precisar + R
15. Procurar + R	15. Pretender +R
16. Querer + R	16. Procurar + R
17. Resolver + R	17. Ser + DO
18. Sair + R	18. Ser + R
19. Ser + DO	19. Ter + DO
20. Ter + DO	20. Ter + NDO
21. Ter que + R	21. Ter que + R3
22. Vir + R	22. Vir + NDO
	23. Vir + R

## ANEXO 4

TABELA 16 - Verbos comuns a *nós* e *a gente* nos dados de Curitiba

VERBOS PLENOS	
<i>A GENTE</i>	<i>NÓS</i>
<i>verbo</i>	<i>verbo</i>
1. Achar	1. Achar
2. Acostumar	2. Acompanhar
3. Ajudar	3. Ajudar
4. amarrar	4. Amarrar
5. Andar	5. Andar
6. Aprender	6. Aprender
7. assistir	7. Assistir
8. Atender	8. Atender
9. cansar	9. cansar
10. Casar	10. casar
11. Chamar	11. Chamar
12. Chegar	12. Chegar
13. colocar	13. Colocar
14. Começar	14. Começar
15. Comer	15. Comer
16. Comprar	16. Comprar
17. Conhecer	17. Conhecer
18. conseguir	18. Conseguir
19. continuar	19. Continuar
20. Conversar	20. Conversar
21. Correr	21. Correr
22. Cuidar	22. Cuidar
23. Dançar	23. Dançar
24. dar	24. Dar
25. discutir	25. Discutir
26. dividir	26. Dividir
27. Dizer	27. Dizer
28. Dormir	28. dormir
29. encontrar	29. Encontrar
30. escrever	30. Escrever
31. Escutar	31. Escutar
32. Esperar	32. Esperar
33. esquecer	33. Esquecer
34. Estar	34. Estar
35. Estudar	35. estudar

---

36. evoluir	36. Evoluir
37. Falar	37. falar
38. fazer	38. Fazer
39. Fechar	39. Fechar
40. Ficar	40. Ficar
41. formar	41. Formar
42. gastar	42. gastar
43. Gostar	43. Gostar
44. Guardar	44. Guardar
45. ir	45. ir
46. Jogar	46. Jogar
47. Juntar	47. Juntar
48. Lembrar	48. Lembrar
49. Ler	49. Ler
50. Levar	50. Levar
51. Mandar	51. Mandar
52. Morar	52. Morar
53. Mudar	53. Mudar
54. Olhar	54. Olhar
55. Ouvir	55. Ouvir
56. Pagar	56. Pagar
57. participar	57. Participar
58. passar	58. Passar
59. Pedir	59. pedir
60. Pagar	60. Pagar
61. Pensar	61. Pensar
62. Perceber	62. Perceber
63. Perder	63. Perder
64. Plantar	64. Plantar
65. Poder	65. Poder
66. Pôr	66. Pôr
67. Precisar	67. Precisar
68. Querer	68. Querer
69. reunir	69. Reunir
70. Saber	70. Saber
71. Sair	71. Sair
72. Sentir	72. Sentir
73. separar	73. Separar
74. ser	74. ser
75. Subir	75. Subir
76. Ter	76. Ter
77. Tirar	77. Tirar
78. tomar	78. Tomar

---

---

79. Trabalhar	79. Trabalhar
80. Trazer	80. Trazer
81. Usar	81. usar
82. ver	82. Ver
83. Vir	83. Vir
84. Viver	84. Viver
85. Voltar	85. Voltar

---

## ANEXO 5

TABELA 12 - Levantamento geral de verbos junto a *nós* e *a gente* nos dados de Curitiba

A GENTE	NÓS
1. Acender	1. Abrir
2. Achar	2. Achar
3. Aconselhar	3. Acompanhar
4. Acostumar	4. acostumar
5. Acreditar	5. Agregar
6. afogar	6. Ajudar
7. Agasalhar	7. Alugar
8. Agüentar	8. Amarrar
9. Ajudar	9. Andar
10. amarrar	10. Aprender
11. Andar	11. aprontar
12. Aprender	12. Assistir
13. aprovar	13. Associar
14. aproveitar	14. Atender
15. arrastar	15. Atravessar
16. arrepende	16. Bailar
17. assistir	17. Botar
18. Atender	18. brincar
19. Avisar	19. Buscar
20. Bagunçar	20. cansar
21. baixar	21. Carcar
22. bater	22. casar
23. Beber	23. Chamar
24. beijar	24. Chegar
25. Bordar	25. Colar
26. Brigar	26. Colocar
27. Brincar	27. Combinar
28. Cair	28. Começar
29. Caminhar	29. Comer
30. cansar	30. Comprar
31. Casar	31. Conhecer
32. Chamar	32. conscientizar
33. Chegar	33. Conseguir
34. chorar	34. Continuar
35. colocar	35. Conversar
36. Começar	36. Correr
37. Comer	37. Cortar

---

38. comportar	38. Cuidar
39. Comprar	39. Dançar
40. Confirmar	40. Dar
41. Conhecer	41. Defender
42. conseguir	42. Dever
43. considerar	43. Discutir
44. Construir	44. Dividir
45. Contar	45. Dizer
46. contentar	46. dormir
47. continuar	47. Encontrar
48. Conversar	48. Enfrentar
49. convidar	49. Enrodar
50. copiar	50. Enrolar
51. Correr	51. Ensaiar
52. crescer	52. Entrar
53. Criar	53. Enviar
54. Cuidar	54. Escrever
55. Cursar	55. Escutar
56. Dançar	56. Esperar
57. dar	57. Esquecer
58. dedicar	58. Estar
59. Deixar	59. estudar
60. Dependere	60. Evoluir
61. Derrubar	61. Existir
62. descarregar	62. explodir
63. Descer	63. falar
64. Descuidar	64. Fazer
65. Desfiar	65. Fechar
66. desligar	66. Festejar
67. Desmanchar	67. Ficar
68. Determinar	68. Formar
69. direcionar	69. Ganhar
70. discutir	70. gastar
71. distanciar	71. Gostar
72. divertir	72. Guardar
73. dividir	73. ir
74. Dizer	74. Jogar
75. Dominar	75. Juntar
76. Dormir	76. Lanchar
77. Embarcar	77. Lembrar
78. encontrar	78. Ler
79. enfronhar	79. Levantar
80. enganar	80. Levar

---

---

81. Engraxar	81. lutar
82. Ensinar	82. Mandar
83. Entender	83. Marcar
84. Entrar	84. Modificar
85. Entregar	85. Morar
86. Errar	86. Mudar
87. Escapar	87. Olhar
88. esclarecer	88. Organizar
89. Escolher	89. Ouvir
90. escorrer	90. Pagar
91. escrever	91. Participar
92. Escutar	92. Passar
93. Esfregar	93. pedir
94. Esperar	94. Pegar
95. esquecer	95. Pensar
96. esquematizar	96. Pentear
97. Estar	97. Perceber
98. Estremecer	98. Perder
99. Estudar	99. Permanecer
100. evoluir	100. Pescar
101. exercitar	101. Pisar
102. Fabricar	102. Plantar
103. Facilitar	103. Poder
104. Falar	104. Pôr
105. fazer	105. Precisar
106. Fechar	106. Propor
107. Ficar	107. Querer
108. formar	108. Residir
109. Frequentar	109. Resolver
110. Friccionar	110. Retornar
111. Fugir	111. reunir
112. gastar	112. Rodar
113. Gostar	113. Saber
114. Gravar	114. Sair
115. Guardar	115. Sensibilizar
116. habituar	116. Sentir
117. Imaginar	117. Separar
118. incomodar	118. ser
119. Inventar	119. Soltar
120. ir	120. Sonhar
121. Jogar	121. Subir
122. Juntar	122. suspender
123. Lavar	123. Tacar

---

---

124. Lembrar	124. Ter
125. Ler	125. terminar
126. Levar	126. Tirar
127. Lidar	127. Tomar
128. Ligar	128. Trabalhar
129. Mandar	129. Trazer
130. Mentir	130. Unir
131. Mexer	131. Usar
132. molhar	132. Ver
133. montar	133. Vir
134. Morar	134. Virar
135. Morrer	135. Viver
136. Mudar	136. Voltar
137. Nota	
138. ocupar	
139. Olhar	
140. Ouvir	
141. Pagar	
142. participar	
143. passar	
144. Pedir	
145. Pegar	
146. Pensar	
147. Perceber	
148. Perder	
149. perguntar	
150. Pintar	
151. Plantar	
152. Poder	
153. Pôr	
154. Precisar	
155. Pregar	
156. preocupar	
157. procurar	
158. Programar	
159. Publicar	
160. Puxar	
161. quebrar	
162. Querer	
163. Reclamar	
164. reproduzir	
165. reunir	
166. reunir	

---



---

167. Riscar	
168. Romper	
169. Saber	
170. Sair	
171. Seguir	
172. Sentar	
173. Sentir	
174. separar	
175. ser	
176. Servir	
177. Subir	
178. Suportar	
179. Telefonar	
180. Ter	
181. Tirar	
182. tocar	
183. Tomar	
184. torcer	
185. Trabalhar	
186. Trazer	
187. Trocar	
188. Usar	
189. Vender	
190. ver	
191. Viajar	
192. Vir	
193. Visitar	
194. Vivenciar	
195. Viver	
196. Voltar	

---

## ANEXO 6

TABELA 13 - Levantamento de formas verbais e perífrases não-comuns a *nós* e *a gente* nos dados de Curitiba

VERBOS PLENOS	PERÍFRASES	VERBOS PLENOS	PERÍFRASES
<i>A GENTE</i>		<i>NÓS</i>	
Acender	Ficar + NDO	Abrir	Começar a + R
Aconselhar	Ouvir + R	Acompanhar	Costumar + R
Acreditar	Preferir + R	Agregar	Deixar de + R
afogar	Sair + R	Alugar	Estar + DO
Agasalhar		Amarrar	Por a + R
Agüentar		aprontar	
amarrar		Associar	
aprovar		Atravessar	
aproveitar		Bailar	
arrastar		Botar	
arrepender		Buscar	
Avisar		Cargar	
Bagunçar		Colar	
baixar		Combinar	
bater		Conhecer	
Beber		conscientizar	
beijar		Cortar	
Bordar		Defender	
Brigar		Dever	
Brincar		Discutir	
Cair		Dividir	
Caminha		Dizer	
chorar		dormir	
comportar		Encontrar	
Confirmar		Enfrentar	
conseguir		Enrodar	
considerar		Enrolar	
Construir		Ensaiar	
Contar		Enviar	
contentar		Existir	
convidar		explodir	
copiar		Festejar	
crescer		Ganhar	
Criar		Lanchar	

Cursar		Levantar	
dedicar		lutar	
Deixar		Marcar	
Depender		Modificar	
Derrubar		Organizar	
descarregar		Pentear	
Descer		Permanecer	
Descuidar		Pescar	
Desfiar		Pisar	
desligar		Propor	
Desmanchar		Residir	
Determinar		resolver	
direcionar		Retornar	
discutir		Rodar	
distanciar		Sensibilizar	
divertir		Soltar	
dividir		Sonhar	
Dizer		suspender	
Dominar		Tacar	
Dormir		Unir	
Embarcar		Virar	
encontrar			
enfronhar			
enganar			
Engraxar			
Ensinar			
Entender			
Entregar			
Errar			
Escapar			
esclarecer			
Escolher			
escorrer			
Esfregar			
esquematizar			
Estremecer			
exercitar			
Fabricar			
Facilitar			
Freqüentar			
Friccionar			
Fugir			
Gravar			

habituar			
incomodar			
Inventar			
Lavar			
Lidar			
Ligar			
Mentir			
Mexer			
molhar			
montar			
Morrer			
Notar			
Imaginar			
ocupar			
perguntar			
Pintar			
Pregar			
preocupar			
procurar			
Programar			
Publicar			
Puxar			
quebrar			
Reclamar			
reproduzir			
Riscar			
Romper			
Seguir			
Sentar			
Servir			
Suportar			
Telefonar			
tocar			
torcer			
Trocar			
Vender			
Viajar			
Visitar			
Vivenciar			

## ANEXO 7

Tabela 14 - Rodadas com casos de *nós* e de *a gente* exclusivamente em contextos de *determinação* e exclusivamente de *indeterminação* nos dados de Curitiba – aplicação *a gente*

INDETERMINAÇÃO					DETERMINAÇÃO				
Grupo fatores	Aplic.	Ocor.	%	P.R.	Grupo fatores	Aplic.	Ocor.	%	P.R.
<b>1 Tonicidade</b>					<b>1 Tonicidade</b>				
oxítono	44	47	94	.98	oxítono	128	129	99	1.0
monossílabo	103	107	96	.97	monossílabo	167	170	98	.98
paroxítono	221	419	53	.22	paroxítono	464	1047	45	.21
<b>2 Verbo pleno</b>					<b>8 Verbo pleno</b>				
Outros	162	217	75	.73	Outros	316	537	59	.62
Ver	35	39	90	.51	Ver	20	25	80	.66
Ir	10	15	67	.46	Ir	84	159	55	.46
Ter	40	107	37	.29	Ter	58	189	31	.30
Ficar	3	19	16	.17	Ficar	26	42	62	.66
Estar	7	22	32	.15	Estar	20	51	39	.21
Ser	4	13	31	.10	Ser	19	63	30	.29
Fazer	4	9	44	.05	Fazer	40	71	56	.51
					Sair	35	47	74	.54
					morar	9	34	26	.29
					saber	12	13	92	.90
<b>3 Perífrase</b>					<b>5 Perífrase</b>				
Outros	22	23	96	.96	Outros	32	53	60	.71
Poder + R	11	24	46	.60	Poder + R	10	15	67	.71
Estar + NDO	9	20	45	.42	Estar + NDO	10	49	20	.13
Ter que + R	24	32	75	.28	Ter que + R	34	53	54	.78
Ir + R	6	24	25	.09	Ir + R	21	67	31	.33
					Ir + NDO	6	9	67	.78
					Ter + DO	3	5	60	.38
<b>4 Tempo verbal</b>					<b>2 Tempo verbal</b>				
Pret. imp. indic.	102	140	73	.85	Pret. imp. indic. D	328	666	50	.73
Presente do indic.	227	393	58	.41	Presente do indic. B	289	532	54	.42
Pretérito perf. Indic.	11	28	39	.34	Pretérito perf. Indic. C	99	228	43	.14
Pretérito imperf. subj.	1	2	50	.11	Pret. imperf. subj. H	4	5	80	.96
Infinitivo	20	24	83	.09	Infinitivo	25	33	76	.04
Pret. mais-q- perf.	1	2	50	.00	Pret. mais-q- perf. E				
					Gerúndio	8	9	89	.92
					Futuro do pretérito	3	9	33	.03
<b>5 Faixa etária</b>					<b>3 Faixa etária</b>				
Mais jovens	184	254	72	.73	Mais jovens	487	692	70	.70
Mais velhos	184	342	54	.33	Mais velhos	277	791	35	.33
<b>6 Sexo</b>					<b>9 Sexo</b>				
Feminino	192	267	72	.63	Feminino	540	454	54	.53

Masculino	176	329	53	.39	Masculino	219	489	45	.44
7 Tipo de texto					4 Tipo de texto				
Narração	101	138	73	.64	Narração	397	853	47	.55
Injunção	26	37	70	.55	Injunção	27	68	40	.35
Dissertação	219	340	64	.53	Dissertação	252	349	72	.65
Descrição	11	64	17	.14	Descrição	32	120	27	.30
8 Discurso relatado					7 Discurso relatado				
Discurso geral do inf.	367	587	63	.52	Discurso geral do inf.	757	1441		.51
Disc. re terceiros	1	9	11	.01	Disc. rel terceiros	1	28	4	.12
					Disc. Próprio inf.	1	14	7	.11
9 Escolaridade					6 Escolaridade				
Ginásio	98	128	77	<b>.67</b>	Ginásio	196	415	48	.45
Primário	71	106	67	<b>.57</b>	Primário	177	373	47	.38
Superior	115	195	59	.45	Superior	106	289	37	.51
Secundário	84	167	50	.38	Secundário	280	411	68	.64